



ODAIR APARECIDO LOURENÇO FAVARI

FHC E LULA: *A construção do político ideal através das crônicas de Fausto Wolff no jornal O Pasquim 21*

CAMPINAS
2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO – LABJOR

ODAIR APARECIDO LOURENÇO FAVARI

FHC E LULA: *A construção do político ideal através das crônicas de Fausto Wolff no jornal O Pasquim 21*

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi Fontana

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

CAMPINAS
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Haroldo Batista da Silva - CRB 5470

F277f Favari, Odair Aparecido Lourenço, 1977-
FHC e LULA : a construção do político ideal através das crônicas de Fausto Wolff no jornal O Pasquim 21 / Odair Aparecido Lourenço Favari. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Mônica Graciela Zoppi Fontana.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. O Pasquim 21 (Jornal). 2. Análise do discurso. 3. Wolff, Fausto, 1940-2008 - Crítica e interpretação. 4. Silva, Luiz Inácio Lula da, 1945-. 5. Cardoso, Fernando Henrique, 1931-. I. Zoppi-Fontana, Mônica, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: FHC e LULA : The construction of the ideal politician through the articles of Fausto Wolff on the O Pasquim 21 newspaper

Palavras-chave em inglês:

O Pasquim 21(Newspaper)

Discourse Analysis

Wolff, Fausto, 1940-2008 - Criticism and interpretation

Silva, Luiz Inácio Lula da, 1945-

Cardoso, Fernando Henrique, 1931-

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Mônica Graciela Zoppi Fontana [Orientador]

Susana Oliveira Dias

Lauro José Siqueira Baldini

Giovanna Gertrudes Benedetto Flores

Data de defesa: 24-09-2014

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

Susana Oliveira Dias

Lauro José Siqueira Baldini

Giovanna Gertrudes Benedetto Flores



Cristiane Pereira Dias

Silmara Cristina Dela da Silva

IEL/UNICAMP
2014

Para Vivian, com amor e uma tarde de sol.

AGRADECIMENTOS

À professora Mónica Graciela Zoppi-Fontana pela orientação.

À professora Susana Oliveira Dias por aceitar presidir a banca de defesa.

Aos professores e amigos do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor).

Aos professores José Horta Nunes e Lauro José Siqueira Baldini pela leitura atenciosa e pelos comentários essenciais na banca de qualificação.

Aos professores Lauro José Siqueira Baldini, Giovanna Benedetto Flores, Cristiane Pereira Dias e Silmara Cristina Dela da Silva por aceitarem compor a banca de defesa.

À minha esposa Vivian por compreender a ausência que se fez presente durante o trajeto e pelo carinho com que acompanhou todo o processo.

À minha mãe Maria por acreditar e me incentivar a seguir.

À minha avó Jacira pelas orações.

Ao meu irmão Lourenço pelas madrugadas em que planejamos conquistar o mundo.

Ao meu sobrinho Pedro por trazer no sorriso a poesia.

Ao meu pai Odair por tentar entender ainda que não tenha sido fácil.

Aos meus tios Gil e Gandóla pelo exemplo.

A toda a família que torceu por mim mesmo estando distante.

Ao seu Luiz pela carona e também por ensinar o caminho.

À dona Val pela ajuda na reta final.

Aos meus cunhados Gu, Leo, Michelle e Vanessa pelos momentos de alegria.

À amiga Alba Regina por ser a bússola.

Ao amigo Fabio Cigagna pela constante parceria.

Ao amigo Thiago Buoro por apontar o caminho.

Ao amigo Ricardo Leão pela leitura do pré-projeto e pelo incentivo.

À Luana Menezes por ser meus olhos na tevê quando precisei sair para assistir às aulas.

As professoras Maria Helena e Maria Inês por cruzarem meu caminho.

Aos amigos da Fundação Casa: Cristina, Danilo, Emira, Jardim, Juliana, Leslie, Marcos, Mário, Mateus, Paulo, Rodolfo, Telma, Vânia e, em especial, ao Glaucio pela compreensão.

Aos amigos Alexandre B., Alexandre P., Anselmo LC, Bruno, Dennis, Dirceu, Eliana e Lucas, Fábio Monteiro, Gigio, Iara e Everaldo, J. Costa Jr., Johnny, Ju e Fabiana, Marcela B., Marcela e Gleison, Marcio G., Marcio M., Mari, Michele e Juliano, Patrícia, Pavão, Rafa e Thais, Maicol e Helenice, Renan, Rodrigo, Rogério, Sarah, Sechi, Tassi e Zé pelo calor da fogueira.

In memoriam à vó Tonha, vó Nenê, vó Zé e tio Zé Teta.

Palavras

*Precisamos evitá-las
Sempre que pudermos.
Quando não são
Traidoras,
Delas nos enamoramos.
O homem sério
Não se transforma
Na palavra que escuta.
O homem sério
Inventa a palavra
Que refuta.*

(Fausto Wolff)

RESUMO

Este trabalho de mestrado tem por finalidade mostrar as diferenças encontradas na formação discursiva – por meio da análise de discurso – da produção textual do jornalista e escritor Fausto Wolff durante a sua colaboração no jornal O Pasquim 21. Dividida em dois momentos, a análise terá início com as crônicas produzidas no ano de 2002 e, em seguida, com as de 2003 e 2004 – divididas igualmente em um montante de 13 textos para cada período. As crônicas serão analisadas de acordo com suas condições de produção levando em conta os preceitos da Análise de Discurso Francesa. Por se tratar de um momento histórico, devido a uma sucessão presidencial disputada por dois grandes partidos (PSDB e PT) que se opunham e tentavam demarcar um lugar nas urnas, o que se pretende com os textos analisados, além de definir o lugar da fala do autor e caracterizar a posição de seu discurso, é revelar através das imagens construídas no discurso de FW o político ideal.

Palavras-chave: O Pasquim 21, Fausto Wolff, Análise de Discurso, Lula, FHC

ABSTRACT

This paper of Master's Degree aims to show the differences found at the discursive formation – through the analysis of discourse – of the textual production by the journalist and writer Fausto Wolff during his collaboration on the O Pasquim 21 newspaper. Split in two moments, the analysis will begin with the chronicles produced in 2002 and then with those from 2003 and 2004 – equally split in an amount of 13 texts for each period. The chronicles will be analyzed according to their conditions of production taking into consideration the precepts of the French Analysis of Discourse. As it is a historical moment, due to a presidential succession disputed by two major parties (PSDB and PT) that were antagonists and tried to take their place at the ballot box, the analyzed texts intend, besides defining the place of the author's speech and characterizing the position of his discourse, to reveal the ideal politician through the images built in Fausto Wolff's discourse.

Keys words: O Pasquim 21, Fausto Wolff, Discourse Analysis, Lula, FHC

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1. O Pasquim.....	1
1.2. O Pasquim 21.....	4
1.3. Organização do Corpus.....	6
1.4. O Pasquim 21 na academia.....	7
1.5. A crônica nos Pasquins.....	10
1.6. Fausto Wolff.....	11

2. A CRÔNICA

2.1. A origem do gênero.....	13
2.2. O autor e a crônica política.....	15

3. AD: INTRODUÇÃO ÀS ANÁLISES

3.1. Abordagem AD.....	17
3.2. Condições de produção.....	19
3.3. Formações imaginárias.....	20
3.4. Memória discursiva.....	21
3.5. Texto e discurso.....	23
3.6. Constituição, formulação e circulação.....	26
3.7. Acontecimento discursivo.....	27

4. O CAMINHO DA CONSTRUÇÃO

4.1. Primeira parte: A esperança que venceu o medo.....	29
4.1.1. Prefiro os Outros!.....	29
4.1.2. Os assassinos da esperança.....	35
4.1.3. A terra prometida.....	37
4.1.4. Malditas coincidências.....	40
4.1.5. Como dói a proteção ambiental de FHC!.....	43

4.1.6. Cadeia para FHC!.....	45
4.1.7. País dos trouxas: vende-se, aluga-se, arrenda-se com ou sem povo.....	47
4.1.8. O menino e seu herói.....	48
4.1.9. É preciso restaurar a vergonha ou o ventre livre.....	50
4.1.10. A vida como ela é.....	53
4.3.11. Olha o Brasil aí, minha gente!.....	54
4.1.12. Nós é que bebemos e eles que ficam tontos!.....	58
4.1.13. Tome nota senhor presidente!.....	60
4.2. Segunda parte: Mentira. Foi tanta mentira que você contou!.....	63
4.2.1. Nem tudo que brilha é ouro ou balança que cai!.....	63
4.2.2. Tua estrela solitária nos conduz!.....	65
4.2.3. A fome e o papel das forças armadas.....	70
4.2.4. LULA confia no povo!.....	72
4.2.5. Esperança que vence o medo pode vencer o me(rca)do.....	73
4.2.6. Os quatro cavaleiros do apocalipse.....	75
4.2.7. O Lula ainda está lá?.....	77
4.2.8. A vida abominável do homem honrado.....	78
4.2.9. O inferno é na esquina.....	80
4.2.10. Cronaca familiare.....	83
4.2.11. Volta ao lar.....	85
4.2.12. Brecht, Silva e Backes.....	87
4.2.13. Mentira. Foi tanta mentira que você contou!.....	90
5. A CONSTRUÇÃO DO POLÍTICO IDEAL	
5.1. Primeira parte.....	93
5.2. Segunda parte.....	100
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....109

9. ANEXOS.....115

1. INTRODUÇÃO

1.1. O Pasquim

Se esta revista for mesmo independente não dura três meses. Se durar três meses não é independente.¹

O Pasquim foi um jornal alternativo que nasceu em um dos períodos mais complicados no que diz respeito à liberdade de expressão no Brasil. A ideia de criar um jornal de humor surgiu em setembro de 1968 – logo após a morte do jornalista Sérgio Porto, também conhecido como Stanislaw Ponte Preta, que era responsável por um periódico de humor que tinha bastante sucesso chamado Carapuça – e partiu do cartunista Jaguar que junto de Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Carlos Prósperi e Claudius iniciaram o que posteriormente ficaria conhecido como a grande revolução da imprensa brasileira².

Com enorme repercussão já no primeiro número, lançado em 26 de junho de 1969 com tiragem inicial de vinte mil exemplares, os temas abordados pelo jornal eram inicialmente cotidianos. Entretanto, O Pasquim se tornava mais politizado à medida que aumentava a repressão do Regime Militar através do Ato Institucional Número Cinco ou simplesmente AI-5, que cerceava toda e qualquer liberdade dos brasileiros se tornando uma das maiores arbitrariedades da época. A medida foi responsável pelo recesso dos órgãos legislativos de todas as esferas, pela cassação de mandatos e suspensão de direitos políticos e pela censura prévia que se estendia à imprensa, à música, ao teatro e ao cinema.

A primeira composição do expediente contou com as presenças de: “Tarso de Castro (editor), Jaguar (editor de humor), Sérgio Cabral (editor de texto), Carlos Pósperi (editor gráfico) e Claudius (sem função específica)” (BRAGA, 1991, p.25). A publicação contava também com a colaboração de nomes como Henfil, Paulo Francis, Ivan Lessa, Carlos Leonam, Sérgio Augusto, Ruy Castro e Fausto Wolff. Durante os primeiros anos de

¹ FERNANDES, MILLÔR. Independência, é? Vocês me matam de rir. In: AUGUSTO, Sérgio; Jaguar (Org.). **O Pasquim Antologia Vol.1**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006. 17 p.

² O PASQUIM - A subversão do humor. Direção: Roberto Stefanelli. Brasília: TV Câmara, 2004.

existência, os colaboradores tinham seus materiais vistoriados pela censura e por esse motivo, pouco a pouco, foram encontrando formas de driblar os possíveis cortes e passar uma mensagem, ainda que subliminar, aos seus leitores ávidos por informações. Um jornal para ser alternativo depende de alguns fatores como quem o produz, para que público, em que condições econômicas e também suas propostas. De acordo com Klein (2006, p.67) uma conformidade é estabelecida quando se trata do termo.

Em geral, o consenso se estabelece em torno da definição de algumas características: engloba jornais feitos por grupos de esquerda (ligados a várias tendências políticas), impressos em formato tabloide (e até mini tabloide), contra o padrão standard da imprensa de referência – e daí a alcunha nanica –, em geral com circulação limitada, organização empresarial deficitária, poucos anúncios e tempo de circulação muito curto.

Ainda segundo Klein (2006, p.68), Kucinski dividiu os jornais alternativos em duas classes: os políticos com características pedagógicas baseadas no marxismo e os existenciais, que fazem um discurso ideológico com foco na contracultura e na crítica aos costumes, porém ambos têm um profundo teor político. Neste sentido, “o autor observa que os jornais se conectam à intenção das esquerdas de protagonizar as mudanças desejadas e constituem um espaço para a produção jornalística e intelectual alternativa àquela que trazia a marca do controle autoritário”.

Desse modo, podemos definir conforme aponta Lampoglia et Romão (2011, p.38), que:

Esse tipo de imprensa não tinha a pretensão de substituir os grandes jornais, dada a falta de estrutura administrativa e financeira para concorrer com a grande imprensa. Mas visava ser um espaço de contestação frente a censura e as arbitrariedades do governo, dizendo o contrário, completando ou preenchendo as lacunas do não-dito das matérias publicadas na imprensa majoritária.

Durante o período mais intenso da ditadura, O Pasquim serviu como uma válvula de escape para aqueles tempos difíceis, pois usava o humor para protestar contra as agruras da ditadura. Através do seu conteúdo criou uma cultura de resistência que se estendeu para todos os gêneros publicados, principalmente para a crônica, que ficou sendo uma de suas marcas mais intrínsecas.

Entretanto, o jornal não tinha somente humor e política como tema de suas edições. Conforme aponta Braga (1991, p.26):

Ele fala de futebol, do sucesso de Glauber Rocha em Cannes, de música, de teatro. Marta Alencar defende o direito de a mulher tomar cafezinho no balcão sem ser incomodada (eram esses tempos!). Luiz Carlos Maciel discute psicanálise e Canabis sativa. Critica-se a cobertura que a tevê brasileira fez da chegada na Lua da Apollo 11. [...] Paulo Francis e seus artigos sobre a guerra do Vietnã ou as eleições na Inglaterra. Tarso de Castro brinca sobre a convivência de perder livros marxistas. Mas o forte são os temas de costumes. [...] A forma gráfica do jornal é uma de suas características marcantes. Embora com uma presença importante de texto escrito (...), é bem um jornal de desenhistas e grafistas. A página é construída de um modo visual, tomada como um objeto composto, equilibradamente, de texto, ilustrações, eventuais fotografias. [...] As entrevistas (são matérias longas) vêm acompanhadas de fotos do entrevistado.

Desde a sua fundação, a direção do hebdomadário não se enxerga de modo “cotidiano, fútil e tributável”³ e “não se pretende uma empresa, mas uma patota, um grupo de amigos. [...] Os do Pasquim se comprazem em sublinhar as relações pessoais” (Ibid., p.27).

A tiragem de O Pasquim, que no número 16 já estava por volta de oitenta mil, na edição de número 22 chega à marca dos 140 mil, e se estabiliza em torno de 200 mil exemplares semanais. O número de páginas também varia na sua composição até que se estabiliza em 32 a partir do número 55 (BRAGA).

³ PESSOA, Fernando. Lisbon Revisited. In: **Ficções de Interlúdio**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. 165p.

Esta que vamos denominar de primeira fase do jornal durou pouco mais de vinte e dois anos, mais precisamente até a edição de número 1072, datada do dia 11 de novembro de 1991. Muitas foram as contribuições de O Pasquim para a imprensa nacional e alguns estudos foram realizados acerca da inovação que proporcionou ao mercado editorial a partir de sua existência, conforme será apontado mais adiante.

1.2. O Pasquim 21

*Somos a favor do contrário de tudo que está aí*⁴

No ano de 2002, pouco mais de dez anos após o fim do jornal, uma nova edição de O Pasquim foi lançada pelos irmãos Ziraldo e Zélio Alves Pinto, que o rebatizaram com o nome de O Pasquim 21. Apesar de contar com diversos colaboradores que também pertenceram à antiga publicação, o hebdomadário teve vida curta e deixou de ser publicado em 2004.

Igualmente ao seu antecessor, O Pasquim 21 era um jornal alternativo que nasceu em uma época na qual o mundo passava por significativas transformações e, desde a edição de número Zero, lançada em dezembro de 2001, como apresentação do que viria a ser a nova publicação, é evidente a sua proposta de fazer oposição às mazelas vividas pela sociedade contemporânea.

A frase “Somos a favor do contrário de tudo que está aí” – em letras garrafais na capa da edição de número zero – está sendo dirigida para um público específico, ou seja, o leitor de jornal, porém não um leitor qualquer porque não se tratava de um jornal qualquer. A marca “pasquim” carrega um sentido intrínseco que remete ao combate, pois em sua primeira versão se destacou como um dos principais inimigos do Regime Militar. Por isso, logo de início a frase tenta influenciar chamando a atenção dos que estão descontentes com o panorama que se apresentava naquele início de novo milênio.

⁴ Frase da capa da edição nº Zero de O Pasquim 21. Dez/2001.

Em formato standard, com 32 páginas, tiragem de 100 mil exemplares e distribuição em todo o país, O Pasquim 21 publicou as maiores charges já vistas, ocupando em alguns casos duas páginas inteiras, fato que jamais havia acontecido em qualquer outro jornal do país. Os assuntos tratados nos mais diversos tipos de texto variam e é possível encontrar abordagens sobre temas cotidianos bem como um tratado sobre a condição dos EUA após os atentados de 11 de setembro.

Constam do expediente da publicação na função de diretores Zélio Alves Pinto (que acumula os cargos de editor-chefe e responsável pelo projeto gráfico) e Claudio Baena Iusi. Ziraldo é o editor-geral e Luís Pimentel assina como editor-adjunto até o número 100, substituído a partir do número 101 por Fernando de Castro.

No número de estreia, na seção ‘Conversa com o Leitor’⁵, Ziraldo fala um pouco sobre a relação entre os dois jornais e o rumo que pretende dar a publicação recém lançada. Também no número Zero, o editorial é assinado por Luis Fernando Veríssimo, que tenta explicitar em um texto muito bem humorado os objetivos do jornal.

Segundo Veríssimo⁶, a ambição do semanário era modesta, ou seja, pretendia somente reinventar a imprensa e ser o Gutenberg do pós-setembro de 2001. Porém, a causa maior d’O Pasquim 21 era o humor e desde que “todos os rabugentos e ranzinzas colaboradores respeitassem Dona Ruth⁷, a intenção era ser o contraste”.

No dia 19 de fevereiro de 2002 chegava às bancas de todo o Brasil pelo valor de R\$ 2,90 a edição de número 1 d’O Pasquim 21, que entrou para o rol de publicações alternativas daquele início de um novo milênio, tratando com humor e irreverência assuntos sérios de âmbito nacional e mundial marcando uma posição crítica com relação às condições político-sociais do país.

⁵ “Já vivi o bastante para constatar que a História só se repete como farsa. Constatei porque vi. Este jornal não pretende ser o renascimento do velho e heróico Pasquim, ao qual servi de corpo, alma e coração. Não há aqui uma intenção de reviver nada; aos setenta anos nós aprendemos que não se reconstrói o passado e, em compensação, não se pode abrir mão do futuro. No comando deste barco que botará este jornal na rua a partir do ano que vem, o que vamos fazer é um jornal que herda do Pasquim, além do nome, apenas uma outra coisa: a indignação social e política. Está precisando – e cada vez mais – de um espaço amplo para se exercer.” – p.2.

⁶ Editorial de Luis Fernando Veríssimo, na edição nº zero de O Pasquim 21. Dez/2001.

⁷ Na época, esposa do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Bem como seu antecessor, a publicação foi um marco editorial tanto com relação ao conteúdo quanto a sua estética. Dividido em três cadernos seguindo sempre um mesmo padrão de colunas e charges dispostas nas mesmas páginas – talvez para cativar o leitor – o segundo caderno trazia como abertura o ‘Entrevistão’, que a cada semana recebia uma personalidade. Outro destaque era a seção ‘Os perfis d’O Pasquim 21’ sempre com algum notável sendo descrito. A segunda fase do jornal durou pouco mais de dois anos e meio, mais precisamente até a edição de número 120 datada de agosto de 2004.

1.3. Organização do corpus

*É no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia.*⁸

Para o desenvolvimento do trabalho, que pretende analisar as diversas falas e formações discursivas existentes nas crônicas de Fausto Wolff, a divisão do corpus será compreendida em dois momentos temporais equidistantes: os anos de 2002 e 2003-2004.

O período compreende as edições de número 3, 4, 8, 14, 23, 25, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 39, 43, 46, 47, 50, 51, 60, 62, 74, 79, 84, 90, 99 e 115 e esse recorte se deve ao fato de que o autor desenvolve como tema de seus textos, em muitos momentos, uma crítica ao último ano do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso e ao primeiro e segundo do governo Luiz Inácio Lula da Silva.

A intenção é analisar como um mesmo autor percorre caminhos diferentes no discorrer de seus textos. O sentido, obtido através das crônicas, transita por formações ideológicas distintas porque está intimamente ligado à posição que o autor ocupa em um processo que envolve outros fatores externos.

⁸ ORLANDI, Eni. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. In: Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

Na condição mais de humanista que de comunista – alcunha que defendeu durante a vida toda – Fausto tentava falar e construir sua visão do lugar do povo e dos mais necessitados. A análise será realizada em um total de 26 crônicas divididas em dois períodos de acordo com o recorte apresentado.

A primeira parte do trabalho dará conta de introduzir as análises das 13 primeiras crônicas e evidenciar, a partir das condições de produção apresentadas naquele período de final de mandato do governo FHC, o clima de disputa eleitoral para a sucessão presidencial.

Em seguida, as 13 seguintes – que compreendem os anos de 2003 e 2004 – também serão introduzidas no intuito de contemplar o momento histórico levando em conta a vitória de Lula nas urnas e o que viria a ser o primeiro governo de “esquerda” no Brasil.

Por fim, na terceira e última parte, serão evidenciadas as imagens construídas através do discurso de Fausto Wolff que projetam para a construção do político ideal, que transita entre a desolação do último ano de governo de FHC e a euforia do primeiro ano de Lula à frente da presidência.

1.4. O Pasquim 21 na academia

A gente briga como dois irmãos brigam. Somos amigos há mais de 50 anos. Só que eu não concordava com essa história de Bundas, de Pasquim 21, de tentar resgatar os tempos do Pasquim. O jornal já está na história. Não há mais clima para resgatá-lo.⁹

Ainda que O Pasquim 21 estivesse sendo produzido e circulasse durante governos que foram eleitos democraticamente (FHC e Lula), como aponta Adriana Almeida (2006) em sua dissertação acerca de O Pasquim e O Pasquim 21, e que, portanto,

⁹ Jaguar sobre Ziraldo e O Pasquim 21, em entrevista. CARDOSO, TOM. **Fígado de Jaguar**. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/39/figado-de-jaguar>. Acesso: 08 julho 2013.

isso faria com que o seu potencial de contestação herdado de O Pasquim ficasse perdido e inexpressivo diante desse novo cenário, as diferenças entre esquerda e direita sempre existiram e se mostram latentes no período que será analisado. A autora pontua que:

No primeiro momento, n'O pasquim, a discursividade pasquiniana que é instaurada visa a tentar falar no silêncio, no equivoco da linguagem. Trata-se de ocupar um lugar em um espaço de memória buscando ecoar sentidos. Por outro lado, n'O Pasquim 21, a resistência neste outro século, é uma busca de se fazer ouvir entre todas as vozes permitidas. (Ibid., p. 28)

Partindo dos estudos desenvolvidos por Pêcheux a partir da passagem da AD1 para a AD2 e se apoiando nos conceitos de formação discursiva emprestado de Foucault, o trabalho busca explorar a construção do discurso, os lugares de enunciação e os efeitos de resistência do objeto analisado a partir de três gêneros textuais: as capas, os editoriais e a seção de cartas.

O argumento acerca da busca de se fazer ouvir entre outras vozes, defendido por Almeida, talvez tenha sido mesmo um dos maiores desafios de O Pasquim 21. Isso ficou marcado no seu discurso como um todo, tanto que a diferença histórica entre os dois maiores partidos que concorriam as eleições (PSDB e PT) e que, naquele momento eram latentes, foram representadas pela equipe d'O Pasquim 21, que demarcou um lugar para a sua fala e com a vitória de Lula, deixou transbordar a sensação de que finalmente a figura que representava o “povo” havia chegado ao poder.

Assim como uma parte significativa da população brasileira acreditou neste chiste (haja vista a postura política tomada por Lula e seu governo ao longo dos oito anos que esteve à frente do Palácio do Planalto, fato que, será explicitado nas crônicas analisadas a seguir), os integrantes de O Pasquim 21 também acreditaram. Fausto Wolff talvez tenha sido o mais “doce ou atroz, manso ou feroz”¹⁰ de todos e, a partir das condições de

¹⁰ MAGRÃO, Sérgio et SÁ, Luiz Carlos. Caçador de mim. Intérprete: Milton Nascimento. In: **Caçador de mim**. [S.I.]: Philips, p.1981. 1CD. Faixa 6.

produção em que se realizavam os seus textos, demonstrava variações em suas formações discursivas.

Portanto, o sentido naquilo que dizia através do texto dependia de fatores externos porque não estava no texto, mas sim em um processo que envolve vários fatores.

As formações ideológicas [...] comportam necessariamente como um de seus componentes uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também (e, sobretudo) das construções nas quais essas palavras se combinam, na medida onde elas determinam a significação que tomam essas palavras: [...] as palavras mudam de sentido conforme as posições ocupadas por aqueles que as empregam; se pode precisar agora: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra. (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 2007, p. 13 - 32)

Assim como no trabalho de Almeida, que caracteriza as diferenças entre O Pasquim e O Pasquim 21 através da discursividade de resistência, o escopo do presente projeto é apresentar através das diferenças discursivas, encontradas nas crônicas de um mesmo autor, a construção do político ideal.

Com isso, verificar também o contexto histórico no qual se produziu esses textos e o que influenciou direta e indiretamente em sua escrita, causando efeitos de sentido distintos.

1.5. A crônica nos Pasquins

*Pois eu vou-me embora / vou ler o meu
Pasquim / se ela chega e não me vê / sai
correndo atrás de mim¹¹*

Desde sua criação O Pasquim foi um jornal diferenciado com textos interpretativos, analíticos ou opinativos, fugindo, de certa forma, do padrão do jornalismo que até então, com raras exceções, apenas descrevia os fatos. De acordo com Braga (1991), O Pasquim poderia ser visto como uma revista cultural, pois sua abordagem estava para além dos temas gerais tratando de assuntos sociais concretos com acentuada perspectiva política.

Os textos publicados pelos articulistas d'O Pasquim se diferenciam dos outros jornais tanto na forma como no conteúdo, pois os comentários dos autores contemplam as áreas de política, economia, costumes, problemas sociais, artes e espetáculos e não havia, “porém uma estrutura redacional”. (BRAGA, 1991, p. 127)

O lugar da crônica e dos artigos de opinião n'O Pasquim foi ocupado por importantes jornalistas e escritores brasileiros em uma época que pensar demais atraía sérios problemas. Alberto Dines, Sérgio Augusto, Millôr Fernandes, Aldir Blanc, Ivan Lessa, Paulo Francis, Carlos Drummond de Andrade, Fausto Wolff, entre outros, foram os baluartes de “um tempo, pagina infeliz da nossa história, passagem desbotada na memória das nossas novas gerações”¹².

N'O Pasquim 21, a crônica igualmente contava com um espaço grande e com a participação de, entre outros, Sérgio Augusto, Mauro Santayana, Fritz Utzeri, Sérgio Rodrigues, Aldir Blanc e também Fausto Wolff, que terá os seus textos desta segunda fase do jornal analisados discursivamente no intuito de demarcar a posição de sua escrita em um Brasil que passava por grandes transformações.

¹¹ CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. Coqueiro Verde. Intérprete: Erasmo Carlos. In: **Erasmo Carlos e os Tremendões**. [S.I.]: RGE, p.1970. 1 CD. Faixa 7.

¹² BUARQUE, Chico. Vai Passar. Intérprete: Chico Buarque. In: **Chico ao vivo**. [S.I.]: BMG, p.1999. 2 CD. Faixa 13.

1.6. Fausto Wolff

*Não mostramos a ditadura como um poodle,
mostramos como um dobermann que ela era*¹³

Fausto Wolff era o pseudônimo usado por um dos maiores escritores do Brasil que tem sua história confundida com a d'O Pasquim e a d'O Pasquim 21. Editor de ambas as publicações, sempre deixou transparecer através de seus textos a revolta que sentia com todo e qualquer tipo de desigualdade. Um verdadeiro humanista que deixou através da palavra um legado para as próximas gerações.

Apaixonado pelo jornalismo e um forte combatente do autoritarismo, Faustin von Wolffbüttel nasceu em Santo Ângelo, no estado do Rio Grande do Sul, no dia 8 de julho de 1940. Iniciou a carreira aos quatorze anos pelas mãos do jornalista Glênio Peres, que na época era repórter do Diário de Notícias¹⁴ em Porto Alegre e servia o exército com o irmão mais velho de Fausto.

Autodidata e dono de uma cultura ímpar¹⁵, Fausto Wolff era fluente em seis línguas. Aos dezoito anos se mudou para o Rio de Janeiro e trabalhou em quase todos os jornais e estações de tevê da cidade. Participou como ator de alguns filmes – inclusive na comédia intitulada ‘Tanga (Deu no New York Times?)’, dirigida por Henfil em 1987, na qual atuou como um militar americano – escreveu dezenas de peças de teatro e foi diretor teatral no Rio de Janeiro e na Europa, onde passou um período de dez anos exilado

¹³ Frase de Fausto Wolff no programa “Encontro Marcado com a Arte”, do Canal Brasil, exibido em 1998.

¹⁴ “O dia que eu cheguei ao Diário de Notícias, que era na Rua da Praia em Porto Alegre, foi o dia em que o Getúlio havia se suicidado e houve um quebra-quebra danado porque era o jornal do Chateaubriand. E eu via aquelas pessoas jogarem tudo – era um primeiro andar – o povo enfurecido jogando tudo para fora. Eu vi uma máquina de escrever e me tranquei no banheiro com a máquina de escrever e quando o quebra-quebra passou levei a máquina para casa. Foi assim que comecei a escrever com máquina de escrever, no dia 24 de agosto de 1954.”, em entrevista no programa “Encontro Marcado com a Arte”.

¹⁵ “Eu sou uma pessoa extremamente culta. E sou uma pessoa extremamente culta por ser autodidata. Eu não tenho diploma para me proteger. Então eu tive que provar isso. Eu parei os estudos na segunda série do ginásial para ser jornalista e a primeira vez que entrei em uma universidade foi para ensinar jornalismo e depois para ensinar literatura. Então o autodidata tem que se precaver muito mais.”, em entrevista no programa “Encontro Marcado com a Arte”.

ministrando aulas de literatura brasileira nas Universidades de Copenhague (Dinamarca) e Nápoles (Itália) e escrevendo para alguns periódicos europeus.

Autor de mais de vinte livros, ganhou o prêmio Jabuti com o romance intitulado *À Mão Esquerda* no ano de 1997. Foi um dos editores da também grandiosa revista *Bundas*, publicação lançada em 1999 pela equipe d'O Pasquim e que seria o ensaio para a volta do hebdomadário com maior força de resistência do Brasil, porém sob o nome de *O Pasquim 21*.

Intenso lutador contra qualquer modo de repressão e coibição se dizia um dos últimos comunistas. Chegou a apoiar Brizola¹⁶ – político brasileiro por quem tinha muita estima – nas eleições para governador do Rio de Janeiro em 1982 e, a partir dessa experiência, organizou em 1985 o livro intitulado *Rio de Janeiro, um Retrato: a Cidade Contada por seus Habitantes*, considerado um dos mais completos retratos sociológicos da cidade.

Durante os últimos anos de vida, manteve coluna diária no Caderno B do *Jornal do Brasil* onde tratava de assuntos relacionados à política, cultura, educação e injustiças sociais, além de outras mazelas que assolam a humanidade, com a mesma tenacidade e vigor que sempre acompanharam a sua pena.

Contudo, no dia 31 de agosto de 2008, Fausto Wolff foi internado com hemorragia digestiva e cinco dias depois morreu¹⁷ por disfunção múltipla dos órgãos.

¹⁶ Leonel de Moura Brizola foi o único político brasileiro eleito pelo povo para governar dois estados diferentes (Rio Grande do Sul - 1959 a 1963 - e Rio de Janeiro - 1983 a 1987 e 1991 a 1994 -) em toda a história do Brasil. Por duas vezes foi candidato a presidente pelo PDT, partido que fundou em 1980. Morreu em junho de 2004 aos 82 anos de idade devido a problemas cardíacos.

¹⁷ “Fui ao Rio onde por ocasião do velório, fiquei admirada, embora soubesse ser meu irmão possuidor de muitos leitores, admiradores e amigos, com a comoção tão grande ali presente. Fausto foi velado na Capela 1 do Cemitério São João Batista, onde muitas coroas gigantes, acho que proporcionais a ele, com seus quase dois metros, enchiam toda sala. Integrantes do Partido Comunista e do PDT trouxeram as respectivas bandeiras e as colocaram ao lado do caixão. Um religioso fez a encomendação do corpo, onde todos participaram das orações. Foi estranho ver a bandeira do PC junto ao religioso fazendo a pregação. Sabe Cacau, Fausto sempre foi comunista, e eu muito cristã, no passado o condenava, até que um dia ele me disse: ‘Sabe quem foi o mais perfeito comunista que existiu sobre a terra até hoje? Jesus Cristo’”, trecho da carta da irmã de Fausto, Sára Wolfenbüttel Vêras, publicada no blog do Cacau Menezes no site Clic RBS, em 09 set. 2008.

2. A CRÔNICA

2.1. A origem do gênero

*Antes de ser um leitor, o consumidor de jornal é um ser humano tornado carente pela solidão, pelo egoísmo (próprio e alheio), pelo nenhum sentido da sociedade como um todo. Quando um cara tem coragem de gritar que está sofrendo, fatalmente encontra alguém que o compreende e, algumas vezes, o ama. Isso não dá apenas samba. Dá crônica também.*¹⁸

A crônica da maneira como conhecemos atualmente começou a ser empregada no século XIX, no Journal de Débats, na França, tendo como benefício da época a ampla difusão da imprensa. A partir de então passa a registrar o dia-a-dia através das páginas dos jornais.

No Brasil, esse gênero de texto chega em 1836 ainda com o nome de folhetim, termo traduzido do francês, porém já na segunda metade do século se populariza como crônica e começa a ser usada amplamente por vários escritores da época (MOISÉS, 1967, p.101-102).

A crônica é um texto que se aproxima do leitor devido a dois fatores quase que antagônicos: a brevidade e a profundidade dos assuntos abordados.

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. (...) Na sua despreensão sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (...) Lembrar, por exemplo, o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age

¹⁸ CONY, Carlos Heitor. A crônica como gênero e como antijornalismo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 out. 1998. Opinião. p.A-2.

como quebra do monumental e da ênfase. (...) A crônica está sempre ajudando a estabelecer e restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. (CÂNDIDO, 1992, p. 13-14)

Como o suporte para a crônica sempre tem sido o jornal, ou seja, um veículo transitório, muitas são as dúvidas sobre a sua perenidade. Entretanto, uma grande parte das crônicas permanece na lembrança e na admiração dos leitores. Conforme aponta Eduardo F. Coutinho (2006, p. 49):

Não há dúvida de que a crônica é ao mesmo tempo um gênero híbrido, um misto de jornalismo e literatura, anfíbio, uma vez que tanto vive no jornal e nas revistas quanto nas páginas de um livro, e camaleônico, porque desafia as limitações dos gêneros literários e muda facilmente de feição, mas isso não a torna um gênero secundário ou menos expressivo.

De acordo com Antonio Candido (1992, p.14), os cronistas escrevem do rés-do-chão e devido a crônica estar abrigada em um veículo que se pode pensar breve “conseguem quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava”. Nas palavras de Afrânio Coutinho (1999, p. 121) é um:

gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. São pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais ou revistas.

Logo que se consolidou no Brasil, a crônica ficou definida como um gênero propriamente brasileiro cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas. Entre os grandes mestres que propagaram o gênero durante o século passado estão Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga.

Ao contrário do conteúdo geral do jornal, a crônica aproxima o leitor da força dos valores impressos no texto que conforme apontou Carlos Drummond de Andrade

(1989, p.199) pode ser “um pé de chinelo; uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia”.

Com o passar do tempo a crônica foi ganhando mais adeptos e se tornando um gênero tipicamente brasileiro e o “seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo” (CANDIDO, 1992, p. 16).

Falar de coisas importantes ainda que de maneira corriqueira. As crônicas mantêm esse ar de quem fala sem maiores consequências, porém se aprofundam no significado das coisas levando muitas vezes à crítica social. Muitos são os exemplos ao longo de sua trajetória e maior ainda o número de cronistas que a usaram para fazer críticas a governos, pessoas, ideias e o que mais os indignassem. Mesmo porque, “a crônica pode dizer coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada” (Ibid., p. 20).

2.2. O autor e a crônica política

*Quando Executivo, Legislativo, Judiciário e Imprensa são sócios, temos uma Ditadura.*¹⁹

Fausto Wolff explora em suas crônicas diversos temas, entretanto, neste trabalho serão abordadas as que discorrem sobre política, mais precisamente as que tratam das figuras de FHC e Lula que concorreram às eleições em 2002.

Durante o processo de releitura e organização do material pesquisado foi percebido que o tema era bastante frequente mesmo quando o assunto principal não tinha relações diretas. Mesmo quando tratando de política, as crônicas não deixam de ser crônicas, “pois diferem completamente do editorial, da coluna especializada em política, ou

¹⁹ Fausto Wolff em entrevista ao blog Fazendo Media em 15 de fevereiro de 2006. Disponível em <http://www.fazendomedia.com/novas/entrevista150206.htm>.

qualquer outro tipo de prática jornalista que privilegie o fornecimento de informação [...] [A crônica] funciona como uma espécie de iceberg, onde um pequeno território significa a existência de âmbito mais vasto” (RESENDE. In: CANDIDO et al., 1992, p.422).

As questões políticas, principalmente no Brasil, perpassam quase que cem por cento das crônicas de Fausto Wolff n’O Pasquim 21. O autor divaga, conjetura, presume, supõe acerca de informações já conhecidas pelo público leitor de jornal, entretanto, o que fazia de maneira magistral era exercer um dos fundamentos básicos da filosofia: a crítica. Conforme afirma Marilena Chauí (2005, p.18):

A primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não aos ‘pré-conceitos’, aos pré-juízos’, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que ‘todo mundo diz e pensa’, ao estabelecido. Numa palavra, é colocar entre parênteses nossas crenças para poder interrogar quais são suas causas e qual é o seu sentido. A segunda característica da atitude filosófica é positiva, isto é, uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situação, os comportamentos, os valores, nós mesmos. É também uma interrogação sobre o porquê e como disso tudo e de nós próprios.

A crítica política que Wolff exercia em suas crônicas naquele período de existência do jornal O Pasquim 21 – que, entre outras coisas, presenciou e noticiou um momento histórico e significativo do Brasil – foram de suma importância. O último ano de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, a sucessão presidencial e o primeiro e segundo ano da gestão de Luiz Inácio Lula da Silva demarcam uma posição na fala do autor.

Nesse sentido, fica claro que a mensagem transmitida pelo cronista tenta criar através da antecipação um efeito de reflexão, ou seja, o lugar de onde fala o autor provoca um resultado em quem lê e a partir disso “temos de um lado, a função-autor como unidade de sentido formulado, em função de uma imagem de leitor virtual, e, de outro, o efeito-leitor como unidade (imaginária) de um sentido lido” (ORLANDI, 2001, p.65).

3. AD: INTRODUÇÃO ÀS ANÁLISES

*O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.*²⁰

3.1. Abordagem AD

O presente projeto tem como base para as análises que seguem a teoria da Análise de Discurso Francesa, que teve início nos anos 1960 a partir de questões criadas através da relação de três regiões de conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Essas relações colocam a AD como herdeira dessas três vertentes de conhecimento, porém vale ressaltar que isso não ocorre de modo subserviente. A AD “interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele” (ORLANDI, 2013, p. 20).

O estudo do discurso para a AD não é tratado apenas como simples forma de transmissão de informação em que há um emissor, um receptor e uma mensagem formulada que se refere a algo real, ou seja, o referente. Para a AD não há lógica na separação entre emissor e receptor e nem mesmo uma sequência ordenada para a troca de mensagens entre duas pessoas, por exemplo. “Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso” (ORLANDI, 2013, p.21).

Desse modo, conforme aponta Orlandi (2013, p.19), para a AD:

²⁰ FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 25p.

- a. A língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação da linguagem);
- b. A história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. O sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

A AD não deve ser vista apenas como um estudo sobre interpretação, pois trabalha os mecanismos e os processos de significação do discurso e também não há uma fórmula predefinida e fechada em si mesma para isso, “há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (Ibid, p.26). Assim, de acordo com Orlandi (2013, p.27):

Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais.

No caso deste trabalho, os conceitos usados direcionam para a pergunta que, talvez, seja a definitiva: há uma continuidade discursiva nos textos de Fausto Wolff no que diz respeito a sua ideologia durante os dois períodos de governo analisadas e como se constrói a imagem do político ideal?

Nesse sentido, nosso intuito é trazer à luz a imagem do político ideal através da continuidade marcada por determinados fatores que podem ser revelados durante a análise e que, seguindo os preceitos da AD, acreditamos estar intrínsecos no corpus selecionado.

3.2. Condições de produção

As análises que serão realizadas a seguir também levarão em conta as condições de produção, que por sua vez “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2013, p. 30). De acordo com Orlandi (2010, p.15):

As condições de produção incluem pois os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. Se separamos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro, ou seja, em toda a situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente.

Dessa forma, em nossa análise, podemos considerar que o contexto imediato é a crônica que foi escrita em um determinado ano, para um jornal específico, por um determinado autor; já o contexto amplo são as considerações alcançadas a partir dos efeitos de sentidos que revelam elementos e formas instituídas e intrínsecas na sociedade, bem como marcas ideológicas específicas que revelam suas posições políticas, como veremos a seguir.

Entendendo que todo o discurso se relaciona constitutivamente com outros para significar, vale lembrar que as condições de produção também envolvem o contexto sócio-histórico mais amplo, no qual o discurso é produzido.

Dessa forma, cabe ressaltar que os sentidos mudam de acordo com que são mudadas as condições de produção. O lugar ocupado pelos interlocutores e o modo como esses lugares se projetam devem também ser considerados na análise.

3.3 Formações imaginárias

Como é sabido na AD o sujeito não é o sujeito empírico, ou seja, o ser físico da situação e sim a posição sujeito projetada no discurso. O enunciador e o destinatário demarcam pontos de interlocução apontando para diferentes posições sujeito (ORLANDI, 2013).

Todo esse processo se dá devido ao jogo das formações imaginárias existentes em todo o discurso. “A imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto de discurso. Assim como também se tem a imagem que interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala, e do objeto de discurso” (ORLANDI, 2010, p.15).

Ou seja, uma representação na qual *i* é a imagem, *a* é o locutor e *b* os interlocutores e *r* o referente do discurso.

I a (a)	I a (b)	I a (r)
I b (b)	I b (a)	I b (r)

Ainda no que se refere às formações imaginárias, temos a possibilidade de antecipação que é a capacidade que o locutor tem de experimentar a posição do interlocutor e antecipar a resposta. Dessa modo, teríamos, conforme aponta Orlandi (2010, p.16):

Ia(Ib(a)): imagem que o locutor faz da imagem que o interlocutor tem dele. E isso pode acontecer com todos os elementos dessa situação discursiva: Ib(Ia(a)), Ib(Ia(Ib(b))) etc. O mecanismo de antecipação é em grande parte o responsável pela argumentação. E a troca da linguagem, por esse mecanismo, se assemelha a um grande jogo de xadrez, em que, aquele que consegue melhor antecipar-se a seu interlocutor é melhor orador, mas eficiente com a palavra. E, não esqueçamos trata-se de um jogo que se assenta no imaginário.

Cabe ressaltar também que o que conta nessa relação imaginária é a projeção da posição social no discurso, ou seja, no nosso caso não é propriamente de Fausto Wolff que estamos falando, mas do lugar em que ele fala em sua condição de cronista e a imagem que a sociedade faz de um cronista de jornal. Também a imagem que Fausto Wolff tem dos dois presidentes em questão e a imagem que a sociedade tem deles.

Há também as relações de força, de modo que o lugar de onde é constituído o discurso marca a força da locução que este lugar representa: no caso de FW o de cronista, já no caso de FHC e Lula o de presidentes.

3.4. Memória discursiva

A memória discursiva, de acordo com os preceitos de J. J. Courtine (1985), pode ser entendida por dois eixos distintos: o eixo da constituição do dizer e o eixo da formulação do dizer. Ambos os eixos se cruzam no ato do dizer sendo que o primeiro pode ser entendido como um eixo vertical e o segundo um eixo horizontal.

A memória está situada no eixo vertical e se estratifica “de tal maneira que qualquer formulação se dá determinada pelo conjunto de formulações já feitas” (ORLANDI, 2010, p.21).

Nas crônicas que seguem é possível perceber a frequência com que o discurso se pauta em ideias e ideais comunistas, no sentido marxista do termo. Entendemos que inúmeras vezes esses mesmos preceitos foram usados por outros inúmeros autores nos mais variados discursos, entretanto, a palavra comunista, por exemplo, carrega uma carga que significa não somente o que está claro no discurso, mas também memória da qual ela está impregnada. Para Orlandi (2010, p.21), no entanto:

Há uma particularidade que define a memória discursiva: trata-se do fato que quando enunciamos há essa estratificação de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo da constituição do nosso dizer. Mas são formulações já feitas e

esquecidas. Por isso é que podemos afirmar que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento.

A memória quando pensada em relação ao discurso tem características que em uma perspectiva discursiva é tratada como interdiscurso, que por sua vez, pode ser definido como aquilo que fala antes, em outro lugar. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2013, p. 31). Ainda conforme Orlandi (2013, p.32):

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” (ilusão da entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados.

Ao observarmos o interdiscurso nas crônicas a seguir, nos é permitido remeter o discurso de FW a uma filiação de dizeres, ou seja, há uma memória que revela suas preocupações políticas e ideológicas.

Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição dos sentidos e sua formulação. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representam o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (Ibid., p.32)

Vale lembrar que o interdiscurso “é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (Ibid, p.33). Quando falamos, automaticamente nos filiamos a redes de sentidos, porém não conseguimos aprender como realizar esse processo e ficamos às contas da ideologia e do inconsciente, por isso nos cabe a pergunta:

Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente, o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. Por isso a Análise de Discurso se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende, não se ensina mas que produz seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. (Ibid, p.34)

Quais sentidos afetam os dizeres em questão? As falas de FW nos levam por um caminho de compreensão do discurso.

3.5. Texto e discurso

Ainda pensando sobre a análise, o texto é o principal objeto da AD e para que seja texto é preciso que tenha textualidade, pois é pensando na sua relação com a exterioridade que “podemos pensar não a função do texto mas seu funcionamento”. (ORLANDI, 2010, p. 22)

Assim, podemos entender que não são as palavras que significam em si mesmas mas sim o texto, ou seja, quando uma palavra significa sozinha é porque está textualizada em um discurso que a sustenta. De acordo com Orlandi (2010 p.22):

Do ponto de vista de sua representação empírica um texto é um objeto com começo, meio e fim; mas se o considerarmos discurso reinstala-se imediatamente sua incompletude. Isto porque nem o sujeito, nem o discurso, nem os sentidos são completos. Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso, a memória do dizer).

Considerando a historicidade do texto com a história em uma análise certamente haverá uma relação ainda que não seja direta, automática ou de causa e efeito. “Esta é uma relação complexa e que necessita, para ser trabalhada, que se compreenda o funcionamento do texto” (Idem, 2010, p.23).

O que chamamos historicidade do texto não tem relação com a noção de história relacionada à linguagem do século XIX.

Quando falamos em historicidade não pensamos a história refletida no texto mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito. (Idem, 2013, p.68)

O texto não é definido por sua extensão: “ele pode ter desde uma só letra até muitas frases, enunciados, páginas etc. [...] não é a extensão que delimita o que é um texto. Como dissemos, é o fato de, ao ser referido a discursividade, constituir uma unidade em relação à situação” (Ibid, p.69).

“Um texto é texto porque significa” (Ibid, p.69) e o que importa para a AD não é organização linguística do texto mas a sua relação com a história na significação do texto e sua relação com o mundo.

Consideramos o texto não apenas como um “dado” lingüístico (com suas marcas, organização etc) mas como “fato” discursivo, trazendo a memória para a consideração dos elementos submetidos à análise. São os fatos que nos permitem chegar à memória da língua: desse modo podemos compreender como o texto funciona, enquanto objeto simbólico. (Ibid, p.69)

Para que a análise seja satisfatória é necessário relacionar os diferentes processos de significação que acometem o texto. “Esses processos, por sua vez, são função da historicidade. Compreender como um texto funciona como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto lingüístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui” (Ibid, p.70).

Um texto pode conter mais de uma formação discursiva que se organiza em função de uma dominante. “Segundo o que pensamos, o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito. O sujeito se subjetiva de maneiras diferentes ao longo de um texto. Há pontos de subjetivação ao longo de toda textualidade” (Ibid, p.70).

A AD não se interessa pelo texto como objeto final mas como uma unidade que permite o acesso ao discurso. Conforme Orlandi (2013, p.72):

O texto como dissemos, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar da relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. Mas é também, e sobretudo, espaço significante: lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico ele é objeto de interpretação. O analista tem que compreender como ele produz sentidos, o que implica em saber tanto como ele pode ser lido, quanto como os sentidos estão nele. Na análise de discurso não se toma o texto como ponto de partida absoluto (dadas as relações de sentido) nem de chegada. Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso.

O que se pretende é que os textos deixem de ser objetos e que se encontre as indicações através do processo discursivo que levam à produção de sentidos. No caso deste trabalho, os sentidos existentes nas crônicas de Fausto Wolff.

3.6. Constituição, formulação e circulação

Por uma relação com tudo que já foi dito sobre o tema através do interdiscurso, o discurso analisado e os seus sentidos estão sendo construídos de posições diferentes, significando diferentemente a cada semana com uma nova crônica.

A maneira como as crônicas são formuladas e dispostas no jornal também influencia na criação do discurso. As posições que ocupa com relação aos fatos que trata semanalmente também são inéditas resultando assim em um texto com diversas materialidades discursivas.

Já a circulação, em se tratando de um jornal como O Pasquim, remete à uma memória ideológica de lutas e isso não pode ser deixado de lado na análise de uma crônica política, pois são as memórias existentes e impregnadas no texto que revelam o que está por trás do discurso.

Os processos descritos acima são de suma importância para a realização de uma análise do funcionamento do texto como discurso e constitutivos de toda interpretação.

Conforme aponta Zoppi Fontana²¹ (p.23) tais processos podem ser melhor definidos da seguinte forma:

1. Constituição, que consiste na relação do texto com os sentidos já-ditos, que nele ressoam, significando pela sua presença (como retomadas, paráfrases, reformulações) ou pela sua ausência (por elipses, silenciamentos, negações), o que nos permite pensar sua

²¹ ZOPPI FONTANA, Mónica Graciela. **Autoria, Efeito-Leitor e Gêneros do Discurso**. Função-Autor e Efeito-Leitor/ Autoria e Função-Autor. Campinas, SP: UNICAMP/REDEFOR, 2012. Material digital para o Curso de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural LABJOR/UNICAMP.

relação com o interdiscurso, enquanto contexto histórico-ideológico mais amplo;

2. Formulação, que consiste em analisar e descrever o funcionamento das diversas materialidades discursivas, que dão forma ao texto (os signos linguísticos, a sua disposição na frase, as imagens, os sons), sua organização em relação aos gêneros discursivos, em condições históricas de produção específica; e

3. Circulação, que consiste em descrever os trajetos percorridos pelos sentidos na sociedade, submetidos às relações desiguais que determinam quem pode dizer o quê e como, a partir de uma determinada posição ideologicamente marcada.

Esses processos são de muita importância para a construção de um dispositivo de análise e vamos nos valer deles para que possamos chegar a um resultado satisfatório e compreender a discursividade existente nas crônicas de FW.

3.7. Acontecimento discursivo

No presente trabalho veremos também alguns aspectos que remetem ao acontecimento discursivo, ou seja, a resignificação de um acontecimento a partir de outro.

As eleições presidenciais de 2002, concorridas pelos candidatos FHC e Lula, e vencida por Lula iniciou um processo de resignificação de vários fatores existentes no discurso analisado de Fausto Wolff.

A referência para isso se dá a partir do número 39 de O Pasquim 21, no qual, as condições de produção vão desenhando algo diferente do que havia na memória discursiva acerca do então candidato petista.

De acordo com Pecheux (1997, p.160), “as palavras, as expressões, as proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. A partir desse acontecimento discursivo a imagem que FW tem de Lula vai se desfiliando da memória discursiva e das redes de filiações históricas, a qual estava atrelada, e o discurso analisado do cronista vai se construindo contrário àquelas novas posições. Conforme aponta Orlandi (2013b, p.14):

O acontecimento discursivo dá-se justamente no ponto de encontro do interdiscurso (memória) e a atualidade. E, como sabemos, é o acontecimento discursivo que nos ensina que há sempre (outros) sentidos possíveis, ou, dito em outras palavras, que um acontecimento não para de produzir sentidos. Mais ainda, que não há separação justa entre o que é sujeito a equívoco e o que é estabilizado quando se pensam os processos de significação discursivamente.

Desse modo, vale ressaltar que o acontecimento discursivo em questão são as eleições presidenciais concorridas entre FHC e Lula, fato que afetou o discurso de FW devido a sua mudança de posição com relação a Lula. Em um primeiro momento (antes da eleição) FW se mostrava um entusiasta e adepto à ideologia do petista e contrário a de FHC, porém, de repente se viu diante do avesso, ou seja, a imagem que tinha de Lula presidente foi se mostrando diferente da de Lula candidato e se igualando, assim, a imagem que tinha de FHC presidente, projetando uma terceira via que denominaremos como o político ideal.

4. O CAMINHO DA CONSTRUÇÃO

4.1. Primeira parte: A esperança venceu o medo²²

*Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.*²³

4.1.1. Prefiro os Outros!²⁴



O material escolhido para dar início às análises nas crônicas de Fausto Wolff em O Pasquim 21 é datado do dia 5 de março de 2002, ano muito importante para os brasileiros, pois haveria eleições logo no mês de outubro e a corrida presidencial estava a todo o vapor.

Os candidatos à eleição daquele ano representavam diversas agremiações políticas e entre os presidenciaíveis estavam: Luiz Inácio Lula da Silva (PT/PCdoB/PL/PMN/PCB), José Serra (PSDB/PMDB), Anthony William Matheus Garotinho (PSB/PTC/PG), Ciro Ferreira Gomes (PPS/PTB/PDT), José Maria de Almeida (PSTU) e Rui Costa Pimenta (PCO).

Fernando Henrique Cardoso estava à frente do governo do Brasil desde 1995 e seu partido, o PSDB, apostava todas as fichas em José Serra, visto que FHC já havia sido reeleito uma vez e não poderia mais concorrer às eleições.

²² Afirmação de Lula em sua primeira entrevista depois de confirmada a sua vitória nas urnas.

²³ Orlandi, Eni P. Discurso e Texto – Formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 63.

²⁴ WOLFF, F. Prefiro os Outros! O Pasquim 21, p.5, 5 mar. 2002.

Com o título “Prefiro os outros!” em caixa alta com fundo vermelho e ocupando meia página na edição de número três do jornal, o texto de Fausto deixa vestígios sobre a posição que o autor seguirá durante a trajetória de sua escrita e que pretendemos demarcar ao longo do trabalho.

Como é de amplo conhecimento, a cor vermelha está ligada diretamente aos movimentos revolucionários que marcaram a história. Conforme aponta Guimarães (2000, p.121):

Como cor da revolução, o vermelho surgiu em 1871 com a Comuna de Paris. Tornou-se a cor dos comunistas e da esquerda. É a cor do materialismo, do fogo que transforma e, portanto, a cor da transformação, da revolução. É também a cor da ação e imposição, marcas dos processos revolucionários. Na política, se opõe ao branco, da direita, tanto na Revolução Francesa quanto na Revolução Russa e em outros movimentos políticos posteriores. Como observou o cineasta russo Eisenstein, o vermelho é a cor favorita de Marx e Zola. [...] É a cor da extinta União Soviética, do Exército Vermelho, da China e da cartinha de Mao-Tse-Tung (o livro vermelho). [...] No Brasil, o vermelho é a cor do Partido dos Trabalhadores (PT); do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST); do Partido Comunista Brasileiro (PCB); e do Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Como é possível observar, o discurso do autor remete a um local de resistência que carece ser destacado. Dividido em oito subtítulos, todos também com fundo vermelho, o autor inicia o primeiro assunto afirmando: “Sou marxista”. Ao alegar ser marxista o discurso de Fausto se posiciona em um lugar que remete a uma ideologia, ou seja, a uma memória discursiva que direciona para o marxismo.

Firmando sua posição, logo no primeiro parágrafo sentencia: “(...) se o mundo não quiser se suicidar terá que marchar inevitavelmente para o socialismo; terá que adaptar o humanismo da filosofia marxista, que vê no homem um fim e não um objeto”.

Nesse momento, sua fala é direcionada para o público leitor do jornal, porém como dito anteriormente, não se trata de um leitor qualquer, mesmo porque não se trata de

um jornal qualquer; O Pasquim 21 traz uma carga de contestações em sua história e a maioria dos seus leitores tinha conhecimento sobre sua posição enquanto imprensa alternativa.

Por isso, é possível atentar para o fato de que o efeito de sentido pretendido aponta para a indignação com o sistema político da época. Da posição que ocupa, o autor faz um movimento de antecipação com o leitor esperando uma reflexão acerca de sua ideologia. Lembrando que como aponta Althusser (1985, p.85), “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência”.

Na sequência, revela estar convicto de que “tanto o nazismo como o neoliberalismo são filhos do capitalismo”. Ou seja, o curso de sua fala vai de encontro com o momento político vivido, criando assim uma força contrária. Ao comparar o nazismo ao neoliberalismo e afirmar que ambos são filhos do capitalismo, está silenciando outros sentidos que estão implícitos.

Fica silenciado, por exemplo, todo o discurso comunista que em tese, ao contrário do capitalismo, se preocuparia mais com as condições do ser humano. Ao dizer “tanto o nazismo como o neoliberalismo são filhos do capitalismo” está silenciando a frase “tanto o humanismo como socialismo são filhos do comunismo”.

No seguinte tópico intitulado “Jornalista pobre” se auto-intitula um homem de esquerda que se olha no espelho aos quase 62 anos e se pergunta em quem vai votar. É possível notar que sua vida pessoal e principalmente a sua profissão começam a aparecer em seu discurso se tornando uma constante. Depois, revela que não concordou com Henfil²⁵ “quando ele disse que o povo não sabia votar. Sempre achei que o povo estava certo”.

²⁵ Henrique de Sousa Filho, mais conhecido como Henfil, foi um famoso cartunista brasileiro. Iniciou sua carreira em 1964 na revista Alterosa. Colaborou com o jornal Diário de Minas, Jornal dos Sports, com as revistas Realidade, Visão, Placar e O Cruzeiro. Em 1969 passou a trabalhar no Jornal do Brasil e posteriormente no O Pasquim. Escreveu diversos livros entre eles os inesquecíveis ‘Diário de um cucaracha’ e ‘Diretas Já’, além de dirigir o longametragem ‘Tanga: Deu no New York Times?’. Henfil que era hemofílico como seus dois irmãos, o sociólogo Herbert de Souza (Betinho) e o músico Chico Mário, morreu no dia 4 de janeiro de 1988 vítima da AIDS, após contrair o vírus em uma transfusão de sangue.

Quando dá razão para o povo, de certa forma, o autor realiza outro gesto de antecipação, pois a seguir vai demonstrar os “erros” do povo – aparentes em seu discurso – através dos seus “acertos” nas urnas. Aqui é possível perceber que o discurso do autor vai se fundamentando no tema política.

A seguir discorre sobre a campanha das “Diretas Já”²⁶ e sobre a eleição indireta que levou José Sarney²⁷ a presidência depois da morte de Tancredo Neves²⁸. Fala sobre o caçador de marajás²⁹ para, por fim, chegar ao que podemos encarar como o cerne da questão que irá nos nortear ao longo do trabalho: a construção do político ideal.

Com o subtítulo “Depois veio o FHC”, o discurso de Fausto permanece dando razão ao povo, pois quem que mesmo “roubado na sua cultura, condenado à ignorância e estratificado no crime e na miséria, não votaria nele? As multinacionais o queriam, a grande imprensa o queria e todos chamavam ‘el gran burlador’ de salvador da pátria”.

Remontando a trajetória presidencial desde a abertura política no Brasil, o discurso de Fausto apresenta uma memória que está diretamente ligada a sua posição ideológica. O fato do autor se dizer comunista e nenhum dos presidentes citados serem sequer de centro-esquerda evidenciam o “seu lado” no texto.

Do lugar em que fala – na posição de cronista de um jornal alternativo com uma história de lutas – Fausto estabelece uma ordem de julgamento implícita entre os três presidentes citados, porém denomina FHC como “o grande enganador”.

Ao silenciar a respeito dos presidentes anteriores, o discurso reforça a sua posição com relação a FHC e a sua política. Com isso, evidencia também os dizeres que podem ser lidos nas entrelinhas, pois afirmando uma posição contra está também afirmando existir uma posição a favor.

²⁶ Movimento popular que aconteceu no Brasil entre os anos de 1983 e 1984 durante o período de abertura política no Brasil e contou com a participação de políticos e artistas.

²⁷ José Sarney foi o 31º presidente do Brasil no período de 1985 a 1990, substituindo o presidente Tancredo Neves. O político é também escritor e membro da Academia Brasileira de Letras.

²⁸ Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil pelo voto indireto de um colégio eleitoral em 15 de janeiro de 1985, mas adoeceu gravemente e em 14 de março do mesmo ano, véspera da posse, morre sem ter sido empossado.

²⁹ Alcinha remetida ao ex-presidente Fernando Collor que se dizia “o caçador de marajás” durante a campanha eleitoral de 1989.

Essa posição a favor, nesse caso, pode ser entendida como o oposto ao que representa a ideologia seguida pelo presidente e seu partido. A posição apresentada no discurso do cronista vai agora ao encontro das teorias marxistas acerca do comunismo na sua relação com o homem.

Em “O Brasil” relata como seria a decisão para as eleições que aconteceriam ainda naquele ano. “De modo que vai acontecer o que sempre aconteceu: o dr. Coiso (o capital internacional) decidirá em Washington qual o melhor candidato”. Afirma ainda que “caso o candidato escolhido pelo sistema perca, as eleições serão fraudadas. Se isso aconteceu nos Estados Unidos, porque não aconteceria aqui?”

Ao atribuir a decisão da eleição brasileira ao capital internacional o discurso percorre outra memória que remete ao poder econômico dos EUA e a sua influência sobre o resto do mundo. Dessa forma, podemos pensar que as decisões importantes são tomadas em Washington e todo o restante do globo acata as suas ordens.

A memória que nos é evidenciada, entretanto, é a de dominação, ou seja, dizendo sem dizer, o discurso nos remonta, pela reformulação, a uma longa história de dominação dos EUA sobre os demais países do mundo.

Em “A bela atriz” se refere à Fernanda Montenegro³⁰ que teria dito:

[...] que para o Brasil era um luxo ter Fernando Henrique Cardoso como presidente. Hoje deve estar arrependida, mas ainda concordo com ela. Fernando Henrique Cardoso, este vaidoso genocida que há muito tempo deveria ter sido examinado por uma equipe de psiquiatras, é um luxo ao qual o Brasil não poderia ter se dado.

Aqui fica marcada definitivamente a posição do discurso analisado. Ao criticar o comentário da atriz completa o dito popular “é um luxo” – o qual a invenção é atribuída ao colunista social Ataíde de Melo Patreze³¹ – com a frase “ao qual o Brasil não poderia ter

³⁰ Fernanda Montenegro é atriz e atua no cinema, no teatro e na televisão. É considerada tanto pelo público quanto pela crítica brasileira uma das maiores atrizes de todos os tempos.

³¹ Iniciou na televisão nos anos 1970 como auxiliar de Silvio Santos. Na década de 1990 alcançou o auge com o programa Athayde Patreze Repórter e, em seguida, com Ricos e Famosos, ambos exibidos no SBT.

se dado”. Com essa afirmação, sua fala toma proporções imaginárias ainda maiores, pois nos coloca a pensar em como seria o Brasil se não tivesse se dado a esse “luxo”.

Quando diz que FHC deveria ser analisado por uma equipe de psiquiatras está afirmando se tratar de um louco, logo está desqualificando as atitudes do ex-presidente, inclusive o seu (dele) discurso, porque as atitudes de um louco costumam não ser consideradas pela sociedade.

Por fim, no tópico “Claro que votarei” finaliza da seguinte forma:

Votarei no candidato mais à esquerda mesmo que ele, depois de ganhar, permaneça nesta posição por uns quinze, vinte minutos. Tudo que o seu Coiso mandar. Há criminosos que dão certo e há criminosos que não dão certo. Os primeiros estão no planalto. Os outros na cadeia. Prefiro os outros.

O candidato mais a esquerda naquela conjuntura, até pela sua história de lutas em movimentos sociais e sindicais, era Lula. Desse modo, o discurso aponta para uma opinião declarada para o leitor, antecipando a visão que o leitor fará do autor com relação ao seu voto, juntando assim, em um átimo de reflexão, mais um voto no candidato mais vermelho.

As eleições presidenciais são uma das marcas que permeiam uma parte das crônicas analisadas e a maneira cética como o autor tenta tratar o tema revela dissonâncias em seu discurso como veremos mais a frente.

A crítica a FHC, a posição favorável a Lula, a comemoração da vitória do candidato petista e a decepção com o seu governo vão demarcar o discurso de Fausto Wolff através de suas crônicas ao longo deste trabalho na construção do político ideal.

“Os outros” a que se refere aponta para a formulação de um sentido empírico das relações entre política e sociedade vividas e apontadas pelo autor. O modo como isso se tornará um discurso contínuo dará ao longo de nossa trajetória suportes para traçar um perfil dos textos analisados.

4.1.2. Os assassinos da esperança³²



A seguinte crônica datada do dia 12 de março de 2002 é iniciada da seguinte maneira: “Logo que voltei da Europa, onde passei dez anos, sem um tostão, e fui trabalhar no velho Pasquim escrevi esta frase: ‘É estarrecedor, perdemos a capacidade de nos estarrecer’.” Em seguida, após expor pouco mais que uma dezena de mazelas que assolavam a sociedade àquela época, o autor sentencia: “Escrevi essa frase estarrecedora em 1978 e tinha então 38 anos e tinha – como toda a nossa patota – ESPERANÇA”.

Quando escreve a palavra esperança em letras maiúsculas reforça a ideia de mudança e de um país que seria remontado sobre os pilares da justiça social. A ironia também é uma marca notória no discurso analisado quando Fausto remonta a história da democracia no Brasil. “Logo, os militares deixariam o planalto, teríamos eleições diretas e – quem sabe? – homens dignos e valentes como Fernando Henrique Cardoso assumiriam o poder”. A posição ocupada pelo discurso – contrária a política e a ideologia seguida por FHC – também pode ser observada quando aborda outros nomes que ocuparam o poder.

“[...] Sarney – nenhum dia de governo nos seus cinco anos de corrupção – pisoteou a esperança, mas logo teríamos eleições diretas”. A esperança é o sentimento que permeia essa crônica e a apresentação de fatos que se relacionam no âmbito da política.

A posição do discurso político apresentado por Fausto segue uma lógica única e contrária a alguns nomes que vão aparecer repetidamente ao longo do trabalho. “Antes de ser defenestrado pelos doctors Frankenstein que o criaram, Collor amordaçou e torturou a esperança”. Collor é mais um dos personagens que será sempre lembrado.

³² WOLFF, F. Os assassinos da esperança. *O Pasquim* 21, p.31, 12 mar. 2002.

O que é importante e merece ser destacado em toda essa exposição sobre a história recente é delinear um período que justificasse o momento político vivido e para isso não poupou elogios a um presidente pouco lembrado.

Com um homem ingênuo e provinciano tivemos por um curto período o melhor dos governos possíveis. Estou falando de Itamar Franco que, porém, se dedicou ao hobby de criar cobras dentro de casa e entre elas a mais venenosa chamava-se Fernando Henrique Cardoso.

A oposição a FHC e a aparente repulsa ao seu governo e aos demais candidatos que concorreriam à eleição dentro de alguns meses começa a se mostrar cada vez mais forte antecipando uma posição que viria a favorecer dentro do discurso ideológico de Fausto o então candidato do Partido dos Trabalhadores, contudo não sem antes demarcar sua opinião sobre os partidos vigentes. “Com as exceções que podem ser contadas nos dedos, é tudo uma corja só. Num país com muitos partidos (mas em verdade sem um único partido sério) estamos nos preparando para as novas eleições”.

Com o instinto em promover, ainda que de uma maneira utópica, o bem estar social a partir de um ponto de vista específico que era o seu, o autor se direciona aos leitores no intuito de antecipar uma resposta que já está formulada na própria pergunta com a finalidade de demonstrar qual seria a verdadeira “solução” para o país em termos político-ideológico.

A pergunta que lhes faço, leitores, é a seguinte: existe algum partido de esquerda, algum partido que veja no povo o seu soberano e o fim que lhe dá significado? Se existem partidos de esquerda (vá lá: PPS, PSB, PCdoB, PT, PDT e mais o Movimento Sem Terra) por que não se unem sob uma única bandeira socialista neste momento em que os cachorros grandes estão brigando, e disputam as eleições?

A sugestão apontada mais uma vez de forma irônica demarcada principalmente pelo termo “vá lá” ao questionar a existência de partidos de esquerda é dada para que possa sustentar a sua opinião acerca dos partidos existentes no Brasil.

É clara a desconfiança com relação às agremiações políticas existentes, entretanto essas dúvidas vão se afunilando e virando certezas ao aproximar das eleições como veremos adiante nas crônicas seguintes. A crônica em questão, porém, termina com uma pergunta, mais uma vez direcionada ao leitor e também antecipando uma ideia de resposta.

Ao perguntar “Tem salvação?” com letras garrafais e em vermelho, aponta mais uma vez para a ideia do comunismo, ainda que de forma sutil, e para a possibilidade de haver um futuro governo em que o povo seja o fim e não o meio que justifique os seus [o do governo] atos enquanto ocupa a esfera política.

4.1.3. A terra prometida³³

Datada do dia 09 de abril de 2002, a crônica seguinte trata de diversos assuntos que se relacionam e que vão desde os antigos filmes produzidos em Hollywood – comenta sobre ‘As Vinhas da Ira’³⁴ – até um relato sobre sua estada no Nordeste Brasileiro nos anos 1950, quando era repórter da Manchete³⁵ do qual destaca o fato de uma senhora ter oferecido sua filha para ele, pois não acreditava que ela viveria se permanecesse naquelas condições.

Ao expor essas duas imagens que soam distantes, mas que tratam do mesmo assunto, ou seja, as mazelas vividas por quem depende do campo para viver, o autor

³³ WOLFF, F. A terra prometida. **O Pasquim** 21, p.22, 9 abr. 2002.

³⁴ O filme dirigido por John Ford, com roteiro baseado no livro homônimo de John Steinbeck, relata a história de uma família pobre do estado de Oklahoma, que durante a Grande Depressão de 1929 se vê obrigada a abandonar as terras que ocupava rumo à Califórnia devido à chegada do progresso e de um novo regime de propriedade que tornava obsoleto o trabalho manual de aragem e plantio da terra.

³⁵ Revista brasileira criada por Adolpho Bloch e publicada semanalmente no período de 1952 a 2000 pela Bloch Editores.

introduz o discurso que também vai permear a sua fala em toda a análise que se seguirá nos próximos capítulos: a Reforma Agrária.

Ao abordar o tema, aponta para aquele que a promoveria, mas que até o momento não havia tocado no assunto e dispara.

No Brasil nos estarrecemos quando um bando de integrantes do MST invade o ‘símbolo nacional’, que é a fazenda dos filhos de Fernando Henrique, este monarca e patético que nunca passou fome, que nunca sofreu uma humilhação, que sempre teve tudo de mão beijada e passou a vida mentindo.



O MST naquele início de década representava a voz de uma parcela de brasileiros que lutavam pelo direito a terra e que se faziam silenciadas pelos grandes latifundiários e, principalmente, pelo governo. Ao invadir a fazenda da família do presidente, o movimento conhecido nacionalmente, mas com pouca visibilidade, se tornou amplamente notório em todo o Brasil e trouxe à tona a questão da Reforma Agrária.

Para sustentar a sua posição diante do fato ocorrido, Fausto usa da literatura para justificar o ocorrido e alimentar sua maneira de encarar a política e suas vicissitudes. “A literatura mundial está cheia de exemplos de andarilhos esfomeados que entram em castelos. Até Branca de Neve³⁶ que afinal de contas era princesa, não hesitou em invadir a casa dos sete anões para comer e descansar.”

Com a invasão do MST, começam as especulações acerca do fato e o discurso continua com a mesma posição autor e, na condição de expectador, analisa o ocorrido.

³⁶ Branca de Neve é um conto de fadas originário da tradição oral alemã que foi compilado pelos Irmãos Grimm.

“Logo também, o bravo e corajoso Jungmann³⁷ tenta comprometer o PT, alegando planos de campanha eleitoral.” E segue:

Apanhado de surpresa, o próprio PT fez críticas severas aos membros do Movimento Sem Terra. Nós brasileiros sofremos há séculos uma lavagem cerebral tão constante e violenta que nos esquecemos que as grandes propriedades são roubos em sua maioria; que fazenda dos príncipes foi comprada com o sangue, o suor, a fome, o trabalho dos operários e camponeses.

O discurso tem uma posição ideológica muito fortemente demarcada, fato que se torna característica da fala do autor. A seguir, remonta as possibilidades a partir das condições de produção e em uma espécie de ‘morde e assopra’ aconselha Lula a tomar certas atitudes se baseando no fato de o PT ter com o MST similaridades ideológicas.

No momento em que os algozes do povo (PSDB e PFL) se engalfinham é absurdo que o Partido dos Trabalhadores tente ser bombeiro a fim de conquistar os conservadores. A parte pensante da classe média, hoje em dia, vota na esquerda. A não pensante, imbecilizada ou de má fé, jamais deixará de votar na direita. Vou votar em Lula mas acho que neste momento ele precisa garantir o voto dos inconformados em vez de buscar os que jamais receberá.

Aqui o autor anuncia pela primeira vez a sua intenção de voto e como já está bem definida a sua posição com relação ao governo de FHC, vamos verificar neste capítulo que, de acordo com os textos analisados, a posição da fala de Fausto permanece intercalando entre a que admira Lula e as ideologias de esquerda e a que despreza FHC e toda a política dita de direita.

Remetendo ao título da crônica, que diz sem dizer e que causa um silenciamento até o momento final no qual é revelada a intenção do MST, o autor se posiciona a favor do ocorrido e mais uma vez demarca sua posição com relação a FHC.

³⁷ Raul Jungmann foi ministro do Desenvolvimento Agrário no governo FHC.

O Movimento Sem Terra é legítimo e está certo em invadir e pressionar. [...] Confesso que o governo de Fernando Henrique Cardoso me causa nojo e horror. (...) FHC quer ver a barbárie pois quando ela ocorrer – ele bem sabe – já estará há muito tempo no inferno. Afinal de contas, o que quer José Rainha³⁸? Respondo: quer a mesma coisa que Moisés³⁹ ao fugir com seu povo do Egito: a terra prometida.

Ao fazer a pergunta sobre o que queria o líder dos sem terra, o discurso remete a outro discurso bastante conhecido e de cunho religioso. Com isso, tenta, de certa forma, mitificar o movimento tentando fazer com que seus atos fossem compreendidos pela opinião pública.

4.1.4. Malditas coincidências!⁴⁰



Na edição de número 14 de O Pasquim 21, datada de 21 de maio de 2002, Fausto inicia falando de forma irônica sobre as possíveis coincidências e apontando para as mínimas chances de acontecerem. A descrença nos poderes constituídos também é outra marca do seu discurso que é produzido a partir da posição de jornalista de esquerda, comunista e que se demonstra preocupado com o futuro. “Décadas de jornalismo ensinaram-me que, pelo menos em política, não existem coincidências.”

Recorda que há mais de trinta anos no mesmo dia em que o mundo estava com a atenção voltada para os

³⁸ José Rainha foi um dos líderes do MST.

³⁹ Moisés foi um líder religioso, legislador e profeta a quem a autoria da Torá é tradicionalmente atribuída. É considerado o profeta mais importante do Judaísmo, e igualmente reconhecido pelo Cristianismo e Islamismo. Libertou o povo judeu da escravidão no Antigo Egito, depois o guiou pelo deserto em busca da terra prometida, resultando na famosa passagem em que Moisés abre o Mar Vermelho.

⁴⁰ WOLFF, F. Malditas coincidências. **O Pasquim** 21, p.22, 21 mai. 2002.

astronautas da Apollo⁴¹ 5 que faziam testes do foguete Saturno IB, os americanos invadiam o Camboja. Lembra que quando a CIA⁴² apresentava baixo faturamento na indústria armamentista, dois aviões explodiram as torres do World Trade Center. Rememora que tanto no Brasil quanto no Chile ambos presidentes eleitos democraticamente (Allende⁴³ e Jango⁴⁴) foram depostos e mortos misteriosamente.

A seguir fala da época da campanha das Diretas Já e que, apesar de todo esforço, o povo teve que engolir as indiretas. “Tancredo, um homem bom e honesto tentou ser palatável aos americanos. Mas não foi o bastante e ‘coincidentemente’ acabou morrendo no Hospital das Clínicas de Brasília.”

Chega mais uma vez ao ponto crítico máximo de seu discurso que é a posição contrária a Sarney. “Coincidentemente seu vice é um homem de direita medíocre, mas confiável, José Sarney, que inicia o período de ditaduras brancas que continuamos sofrendo.”

“Ditaduras brancas” é também um termo recorrente em sua fala e sempre que citado evidencia a “ditadura negra”, ou seja, o período militar. E continua delineando seu discurso acerca da política nacional:

[...] o Pentágono não tem um homem confiável para ganhar e não quer saber de Lula, nem de Ulisses e nem de Brizola. ‘Coincidentemente’, com o apoio da Rede Globo, surge o valente Caçador de Marajás, mais tarde conhecido como cocainista anal, Fernando Collor de Mello. ‘Coincidentemente’ é impichado quando decide roubar mais que a quadrilha que o criou.

⁴¹ O Projeto Apollo foi um conjunto de missões espaciais coordenadas pela Nasa (Agência Espacial dos Estados Unidos) entre 1961 e 1972 com o objetivo de colocar o homem na Lua. O projeto culminou com o pouso da Apollo 11 no solo lunar em 20 de julho de 1969.

⁴² Central Intelligence Agency ou Agência Central de Inteligência é uma agência de inteligência civil do governo dos Estados Unidos responsável por investigar e fornecer informações de segurança nacional.

⁴³ Salvador Allende Gossens foi um médico e político marxista. Fundador do Partido Socialista governou o Chile no período de 1970 a 1973.

⁴⁴ João Belchior Marques Goulart, conhecido popularmente como Jango, foi o 24º presidente do Brasil no período de 1961 a 1964.

O discurso de Fausto recorta a história do Brasil a todo o momento numa tentativa de que nada seja esquecido. E mais uma vez dispara sobre o seu desafeto Fernando Henrique e os seus oito anos de governo do qual faz uma breve análise: “Se fez alguma coisa além de cumprir a promessa aos gringos foi levar a classe média para as favelas e os favelados para o crime”.

A posição discursiva do autor continua enfatizando que:

[...] muitas ‘coincidências’ ocorreram sob a batuta do homem mais vaidoso do mundo (só perde para Madonna⁴⁵ e Michael Jackson⁴⁶ que, aliás, não são homens) (...) O Brasil inteiro sabia que algumas centenas de camponeses do Movimento Sem Terra estavam acampados em Buritis (MG) perto da fazenda (vá lá!) dos filhos do presidente. (...) ‘Coincidentemente’ no dia em que os camponeses foram à fazenda não havia um guarda tomando conta.

Com isso cria uma cena favorável a Lula e completa:

[...] no momento, os grandes jornais, rádios e canais de TV informam com destaque que Lula pode ser presidente no primeiro turno e pode mesmo e não há nada que o desabone e na minha opinião é o melhor candidato. Não se enganem, porém, leitores: a grande imprensa, sócia do poder, quer assustar os incautos. Muitas ‘coincidências’ ainda surgirão nos próximos meses para queimar Lula e os outros.

Todas as coincidências apresentadas pelo autor são apoiadas na ideia de que, na verdade, não existem coincidências e que tudo já estaria programado seguindo as condições de produção apresentadas.

⁴⁵ Madonna é uma cantora americana reconhecida mundialmente e dona de sucessos como Like a Virgin, Papa don't Preach e Like a Prayer.

⁴⁶ Michael Jackson foi um famoso cantor americano e emplacou diversos sucessos nas paradas mundiais como Beat It, Billie Jean e Thriller.

4.1.5. Como dói a proteção ambiental de FHC!⁴⁷



O acinte acerca da política e da pessoa de FHC é demonstrado na crônica do dia 23 de julho de 2002 de uma maneira ideologicamente agressiva. Fausto discorre sobre uma palestra que diz ter assistido em um dos “três mil canais da NET⁴⁸” e que teria sido ministrada por Fernando Henrique Cardoso. O presidente falava para uma platéia que, segundo o autor, “quando a câmera focalizou foi fácil ver que o auditório estava literalmente de saco cheio”.

A demarcação política do discurso do autor é demonstrada frequentemente, como é possível observar, e totalmente contrária a FHC. Essa contrariedade é evidenciada a cada afirmação que faz sobre Fernando Henrique, como por exemplo: “A situação absurda era a seguinte: ele fingia dizer a verdade sabendo que ninguém acreditava nele e a platéia fingia acreditar nele sabendo que ele sabia disso”.

A cada vez que o autor afirma ser contrário ao presidente FHC abre um espaço para o que ainda não disse sobre Lula, ou seja, o não dizer a respeito do candidato do PT é também uma forma de dizer pelo silenciamento.

Sobre a palestra diz que:

FHC falava da importância da ecologia e do meio ambiente, que defenderia na sua próxima viagem à África do Sul. Dizia que a cultura em relação à questão havia mudado e que era preciso martelar isso nos ouvidos das pessoas para que elas tomassem consciência. Eu, entretanto, ouvi outro discurso mais ou menos assim: ‘Em oito anos de desgoverno e subserviência aos interesses das grandes transnacionais, conclui com êxito o trabalho iniciado

⁴⁷ WOLFF, F. Como dói a proteção ambiental de FHC! *O Pasquim* 21, p.23, 23 jul. 2002.

⁴⁸ A NET é uma empresa que oferece serviços como televisão por assinatura, internet banda larga e telefonia.

pela ditadura em 1964. Imbecilizei o povo tão completamente que ele já nem de futebol entende. Maltratei tanto a classe média que ela está mais interessada em arranjar um emprego do que em política'. Era isso que eu ouvia sair dos lábios milongueiros deste homem ferido de nauseabunda vaidade.

Ao dizer que o que ouvia do palestrante eram outras palavras e ao produzir uma fala que julga ser o pensamento de FHC, Fausto evidencia por uma imagem construída a partir de uma condição de produção idealizada uma pessoa que consta da sua memória discursiva com a qual não apresenta nenhuma afinidade.

Em seguida, comenta que, por meio de Decretos e Medidas Provisórias o presidente desmontou a legislação ambiental, fechou a Sudam⁴⁹ e a Sudene⁵⁰ ao invés de colocar na cadeia os responsáveis pela verba desviada.

Aponta também para o acidente na Petrobrás com a plataforma⁵¹ de extração de petróleo e especula que se tratava de uma tentativa de desmoralizar a estatal. Aqui fica clara a razão pela qual o autor é taxativo, ou seja, mais uma vez sem dizer ele ligou o nome de FHC a desmoralização de um órgão público enfatizando a mensagem conhecida de que antes de tornar qualquer coisa privada é preciso sucatear os seus serviços.

De acordo com Fausto,

no momento, FHC protege o meio ambiente lutando para que os Estados Unidos obtenham permissão para usar a base de lançamentos espaciais de Alcântara, no Maranhão. É tão subserviente com os poderosos quanto é arrogante com os humildes, o nosso FHC.

⁴⁹ A Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia é uma autarquia do governo federal criada com a finalidade de promover o desenvolvimento da região amazônica. O órgão foi fechado em 2001 por FHC devido a denúncias de corrupção e reaberto em 2003 pelo presidente Lula.

⁵⁰ A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste era uma autarquia que tinha o intuito de encontrar soluções que permitissem a progressiva diminuição das desigualdades verificadas entre as regiões geoeconômicas do Brasil. O órgão foi extinto devido a denúncias de corrupção em 2001 por Fernando Henrique Cardoso.

⁵¹ A P-36 era a maior plataforma de produção de petróleo no mundo antes de seu afundamento em março de 2001. Pertencia a Petrobras e produzia 84 mil barris de petróleo por dia.

Por fim, acrescenta as qualidades que vê em FHC. “O homem mente, é chato, vaidoso, perigoso e pode enlouquecer a qualquer momento. Ainda não disse mas deve achar que aumentou o preço da gasolina e do gás de cozinha para combater a poluição.”

Nos dois últimos parágrafos a crítica evidencia uma tentativa de desmoralização do governo, pois as eleições se aproximavam e a batalha presidencial tomava proporções enormes como veremos nos próximos textos.

4.1.6. Cadeia para FHC!⁵²



Dando continuidade a tentativa de desconstrução do discurso de Fernando Henrique, a crônica no jornal de número 25 tem esse título que remete a ordem verbal de autoridade que determina a prisão de alguém. Entre outros assuntos, o autor apresenta os fatos da política ocorridos na semana do dia 06 de agosto de 2002 e, sobretudo, do fato de o acordo entre Brasil e EUA acerca da base de Alcântara não parecer justo.

Nesse momento, ainda que de modo ameno, começa a perceber certa incoerência no discurso daquele que será o seu candidato. “Leio nos jornais que Lula concorda em 90% com a FIESP⁵³. O que quer dizer isso? – me pergunto. Se é para concordar com os patrões que pagam salário mínimo para operários mortos de fome, para que um PT?”

As críticas a FHC vão se tornando mais fortes ao passo em que vão se aproximando as eleições, fato que pode ser percebido nas falas de Fausto. “Eu não chamaria Fernando Henrique Cardoso de traidor porque desconfio sinceramente de que ele

⁵² WOLFF, F. Cadeia para FHC! *O Pasquim* 21, p.22, 6 ago. 2002.

⁵³ A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo é a principal entidade de representação das indústrias do estado.

nunca foi outra coisa”. Ou ainda: “não, eu não chamaria apenas de traidor, mas de traidor criminoso que espera cumprir a missão que lhe foi confiada até o fim do mandato”.

O autor coloca em xeque até mesmo a carreira acadêmica do presidente ao dizer que:

[...] se a Sorbonne homenageou FHC nos anos 70, não pode homenageá-lo hoje em dia, pois trata-se de duas pessoas diversas. Seria a mesma coisa que Cambridge dar o título de doutor honoris causa a Marx quando ele escreveu o Manifesto Comunista e voltar a dar-lhe posteriormente, caso ele houvesse dito alguns anos depois ‘Esqueçam tudo o que escrevi até agora!

Nesse caso há uma observação interessante a ser feita, pois Fausto aponta para as condições de produção de um discurso talvez não se atentando para o fato. Quando escreveu os textos com os quais foi homenageado pela Sorbonne, FHC era um militante político e as condições de produção eram outras se comparadas as de quando supostamente teria dito: “Esqueçam tudo que escrevi!”⁵⁴.

Com isso, podemos perceber a continuidade no discurso de Fausto no que diz respeito ao seu posicionamento ideológico independente das condições de produção apresentadas.

Acerca do acordo de Alcântara sentenciamos:

É claro que estamos no Brasil e ninguém botará nem Fernando Henrique nem Ronaldo Sardenberg⁵⁵ e nem Celso Lafer⁵⁶ na cadeia. Mas como ainda não nos emudeceram completamente, podemos começar perguntando aos candidatos à Presidência, ao Senado e a Câmara, o que pretendem fazer?

⁵⁴ No programa Roda Viva da TV Cultura do dia 21/7/1994, Fernando Henrique disse a seguinte frase: "A gente escreveu tanta coisa, então é cobrado sempre pelo que escreveu". Interpretada e amplamente difundida, a frase foi convertida em "Esqueçam tudo o que escrevi".

⁵⁵ Foi ministro da Ciência e Tecnologia no governo FHC e responsável por assinar um acordo com o governo dos Estados Unidos para uso do centro de lançamento de Alcântara, subtraindo soberania brasileira sobre uma parte do Brasil.

⁵⁶ Liderou ao lado do presidente Fernando Henrique Cardoso a delegação brasileira à Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 10, que aconteceu na África do Sul.

Agora o autor antecipa uma resposta à pergunta dirigida aos candidatos as eleições que se aproximam, ou seja, cria a imagem de que algo precisa ser feito e que de preferência haja punição. “Cadeia para os traidores da pátria, caso esse vocábulo – pátria – ainda tenha, como espero, algum significado em nossos corações.”

4.1.7. País dos trouxas: vende-se, aluga-se, arrenda-se com ou sem povo!⁵⁷



Datado de 27 de agosto de 2002, o próximo texto está na edição de número 28 do jornal. Nele, o autor inicia expondo a relação entre artistas e governo e aponta para a falta de apoio cultural em todas as esferas governamentais. Compara os grandes empresários americanos do passado com os brasileiros afirmando que os primeiros se diferenciavam por serem patriotas e por investirem em cultura.

Mais uma vez, discorre sobre o presidente e o encontro que teve com os candidatos a sua vaga no Planalto. “Os candidatos a presidência foram recebidos pelo rei, pois é isso que FHC se julga, para se posicionarem sobre o novo empréstimo de 30 milhões do FMI. Tudo jogo para o que ainda resta da plateia pensante.”

Continua dizendo que a dívida contraída no tempo da ditadura não deveria ser paga e que os EUA somente forçam mais empréstimos devido a garantia que tem, ou seja, a Amazônia. Àquela época, era discutida a veracidade do fato de os alunos americanos aprenderem na escola que a floresta brasileira pertencia aos EUA.

Mais abaixo declara seu voto demarcando a sua posição:

⁵⁷ WOLFF, F. O país dos trouxas: vende-se, aluga-se, arrenda-se com ou sem povo! **O Pasquim** 21, p.21, 27 ago. 2002.

Já disse que vou votar em Lula, mas não posso deixar de ficar constrangido ao vê-lo ter de agradar aos bandidos (mesmo calando) para garantir os votos dessas facções. Não o culpo, mas fica registrado o constrangimento.

E finaliza o raciocínio:

Abro os principais jornais do país e vejo que alguns colunistas que admiro consideram o presidente FHC um homem decente. Que sprit de corps⁵⁸ é esse que atinge a classe média que considera decente um homem apenas porque ele sabe francês, veste-se elegantemente e não sai por ai dizendo palavrões?

A julgar pelo título esta crônica demarca mais uma vez a posição ideológica do discurso analisado. FHC e Lula são os personagens principais de toda essa trajetória discursiva e, neste momento, de acordo com as condições de produção apresentadas, parece ser favorável a Lula.

4.1.8. O menino e seu herói⁵⁹

Neste texto Fausto conta um pouco da sua história pessoal e de sua adolescência, do início de sua carreira e de quando tomou contato com o trabalho de Leonel Brizola⁶⁰ a partir de uma entrevista que realizou quando ainda iniciante na carreira de jornalismo. A partir daquele momento passou a considerar o entrevistado o maior estadista vivo de todo o Brasil, outro fato que poderá ser evidenciado no discurso do autor é justamente essa admiração pelo político gaúcho.

⁵⁸ O autor se refere ao espírito comum existente nos membros de um grupo por acreditar no seu entusiasmo e devoção.

⁵⁹ WOLFF, F. O menino e seu herói. **O Pasquim** 21, p.22, 10 set. 2002.



Descreve a sua volta ao Brasil no período da Abertura (1984) depois de ter passado dez anos no exterior e do entusiasmo que sentiu com os CIEPS⁶¹ do Darcy Ribeiro⁶². Aponta para o fato de terem roubado o PTB de Brizola e de quando fundaram o PDT, um partido que era para ser pequeno mas que com o tempo ficou inchado demais.

Esse momento do texto é importante perceber que o autor foi construindo um caminho para que pudesse chegar ao seu ponto constante, ou seja, FHC.

Quando Roberto Marinho⁶³ e um computador apaixonado resolveram dar de presente as eleições para Moreira Franco⁶⁴ em 82, viajei até São Paulo para denunciar a fraude num programa de TV do falecido Ferreira Neto⁶⁵, ocasião em que tive um pega no ar com o senador 'socialista' Fernando Henrique Cardoso, que jamais me enganou.

Ao reafirmar que FHC jamais o enganou ele se posiciona a partir das condições de produção constituídas para explicar o seu voto e declarar novamente o seu apoio a Lula.

⁶¹ Os Centros Integrados de Educação Pública era um projeto educacional de autoria do antropólogo Darcy Ribeiro que o considerava "uma revolução na educação pública do País". Implantado inicialmente no estado do Rio de Janeiro, ao longo dos dois governos de Leonel Brizola, tinha como objetivo oferecer ensino público de qualidade, em período integral, aos alunos da rede estadual.

⁶² Darcy Ribeiro foi um antropólogo brasileiro conhecido por seus estudos acerca dos índios e da educação no país.

⁶³ Roberto Marinho foi um jornalista e empresário brasileiro. Presidiu as Organizações Globo de 1925 até a sua morte em 2003.

⁶⁴ Wellington Moreira Franco foi governador do Rio de Janeiro de 1987 a 1991. Em 2007, se tornou vice-presidente do Fundos de Governo e Loterias da Caixa Econômica Federal, cargo que ocupou até 2010. Atualmente ocupa o cargo de ministro-chefe da Secretaria de Aviação Civil da Presidência da República.

⁶⁵ Joaquim Antônio Ferreira Netto trabalhou na Folha da Tarde como colunista e em inúmeras emissoras de televisão nas décadas de 1970, 1980 e 1990, onde apresentava um programa de debates, ora semanal ora diário, que levava o seu nome. Ferreira Netto morreu em São Paulo, aos 64 anos, em agosto de 2002, por falência múltipla dos órgãos.

Por que é que comecei mesmo essa longa história? Ah, foi pra dizer a Brizola que votarei nele e que acho que ele será um grande senador. Nossos caminhos, porém se separaram na hora de votar para presidência. [...] Sei que Brizola foi o homem público mais caluniado pela imprensa brasileira mas ele não é um partido, ele precisa ouvir e ler de vez em quando. Já não sou mais aquele guri, repórter em Porto Alegre, que achava todos os seus atos certos. Estou muito velho para andar no mesmo palanque que Antonio Carlos Magalhães⁶⁶, Bornhausen⁶⁷, Collor, Jader Barbalho⁶⁸, Roberto Jefferson⁶⁹ e tantas outras pessoas que tão mal fizeram ao nosso tão pobre povo. Meu voto à presidência, como, aliás, tive a oportunidade de declarar na reunião na casa do grande Oscar Nienmeyer⁷⁰, é do LULA.

Mais uma vez o discurso aponta para uma intenção de voto e essa intenção é explícita ao candidato Lula.

4.1.9. É preciso restaurar a vergonha ou o ventre livre⁷¹

Na crônica datada de 17 de setembro de 2002, o autor inicia falando da colonização dos portugueses, ingleses, franceses e finalmente dos americanos. Ao apontar para essas “colonizações”, o discurso de Fausto vem ao encontro de sua ideologia amplamente explicitada no trabalho e de encontro a toda e qualquer forma de poder que possa tirar a soberania do povo.

⁶⁶ ACM, como era conhecido, exerceu por três mandatos o governo da Bahia.

⁶⁷ Jorge Konder Bornhausen foi governador de Santa Catarina na década de 1980.

⁶⁸ Jader Barbalho foi governador no Pará por dois mandatos.

⁶⁹ Roberto Jefferson atuou por mais de vinte anos como deputado brasileiro e foi através dele que o chamado escândalo do mensalão adquiriu maiores dimensões. Condenado a mais de dez anos de reclusão em regime fechado por corrupção recebeu o benefício da delação premiada, reduzindo em 1/3 a pena que será cumprida em regime semi-aberto.

⁷⁰ Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho foi um importante arquiteto brasileiro, considerado uma das figuras-chave no desenvolvimento da arquitetura moderna. Escolhido por Juscelino Kubitschek para ser o responsável pelos projetos dos edifícios na construção de Brasília se tornou popular em todo o mundo. Niemeyer morreu em dezembro de 2012, aos 103 anos, deixando um legado para a arquitetura mundial.

⁷¹ WOLFF, F. É preciso restaurar a vergonha ou o ventre livre **O Pasquim** 21, p.23, 17 set. 2002.



Enfatiza que a OMC⁷² naquele ano informou que o brasileiro é o operário mais ajuizado e menos rebelde do mundo, ao contrário do dito imaginário que diz ser desonesto, preguiçoso, moleque, vigarista e irresponsável. Isso de dizer que a OMC disse sobre o brasileiro é um artifício que Fausto usa para, mais uma vez, discorrer sobre o assunto que analisamos em todo esse contexto.

Nos primeiros quatro anos de loucura, Fernando Henrique Cardoso vendeu a Vale, a CSN, a Telebrás, as ferrovias, as rodovias, acabou com a saúde e a educação, além de chamar os aposentados de vagabundos. Qualquer outro povo teria posto esse homem na cadeia ou no manicômio, mas tão alienada estava a classe média (que faz a cabeça da maioria), tão amedrontada estava com qualquer possibilidade de socialismo que, em vez de puni-lo, o reelegeu no primeiro turno. Satisfeito com o masoquismo popular comprovado nas urnas, ele foi mais longe: acabou com o Banco do Brasil, a Amazônia, a telefonia, a energia, o décimo terceiro salário e para as vítimas deu a inflação, o trabalho escravo, a prostituição infantil e o dengue.

Ao apontar as privatizações realizadas por FHC ao longo de seu mandato, enfatiza a crítica e o fato de que devido a esse tipo de governante que “os donos do mundo e seus lacaios” ditam as regras em países como o Brasil.

Felizmente, ainda não conseguiram imbecilizar a humanidade inteira, pois fosse assim, seria o suicídio coletivo. Neste momento, em todo mundo existem pessoas de bem, lutando contra todas as máfias. Recentemente tentaram canonizar Fernando Henrique Cardoso por ter obtido 30 bilhões do FMI quando o Uruguai não conseguiu 2. Esse dinheiro porém, não irá para escolas, hospitais, reforma agrária e nem para micro-empresas, como não foram os 250 bilhões anteriores. Esse dinheiro é o pagamento para a

⁷² Organização Mundial do Comércio é um órgão que visa supervisionar e alargar o comércio internacional. A OMC surgiu oficialmente em 1 de janeiro de 1995.

exploração internacional da Amazônia, a começar por um parque no Amapá, que ninguém viu e nem sabe onde fica.

Relembra nesse momento o discurso⁷³ de Cristovão Buarque⁷⁴ ocorrido em novembro de 2000, em uma Universidade nos Estados Unidos quando um jovem o questionou sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia dizendo que esperava a resposta de um humanista e não de um brasileiro.

Ao falar do empréstimo do FMI, da exploração do território brasileiro e, sobretudo, transcrever o texto de Cristovão Buarque, o discurso se sustenta em si próprio e

⁷³ De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso. Como humanista, sentindo risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, posso imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a Humanidade. Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço. Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado. Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação. Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas à França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um país. Não faz muito, um milionário japonês, decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado. Durante este encontro, as Nações Unidas estão realizando o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram dificuldades em comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu acho que Nova York, como sede das Nações Unidas, deve ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveriam pertencer ao mundo inteiro. Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil. Nos seus debates, os atuais candidatos à presidência dos EUA têm defendido a ideia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida. Começamos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha possibilidade de ir à escola. Internacionalizemos as crianças tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro. Ainda mais do que merece a Amazônia. Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da Humanidade, eles não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar; que morram quando deveriam viver. Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa.

⁷⁴ Atualmente é senador pelo Distrito Federal. Foi Ministro da Educação entre os anos de 2003 e 2004, no primeiro mandato de Lula, por quem foi demitido no início de 2004 via telefone.

na continuidade discursiva do autor. As imagens que se formam socialmente evidenciam e demarcam a todo o momento a sua posição ideológica.

4.1.10. A vida como ela é⁷⁵



Na edição de número 33, datada de 01 outubro de 2002, portanto faltando cinco dias para as eleições, o autor trava uma conversa em que é colocada em dúvida a existência de Deus. As indagações variam entre as possibilidades de Ele ter sido criado pelo homem, ou vice-versa, tudo em um diálogo informal entre dois médicos, Vladimir e Estragon⁷⁶, que haviam acabado de tentar salvar uma jovem cancerosa. A crônica termina com a morte de ambos: Vladimir é morto com um tiro fatal ao pegar a mulher na cama com o irmão mais novo e Estragon morto em um acidente em que jogou o carro a 120 quilômetros por hora contra uma árvore.

Colocando sua posição diante da existência de Deus, o autor faz questão de enfatizar que: “Em ambos os fatos não houve interferência divina.” Não falando, ou seja, silenciando acerca do assunto “eleição” de maneira direta está intensificando um desejo que pode se tornar realidade com ou sem intervenção divina: a vitória de Lula nas urnas dentro de alguns dias.

Mas é no Post-Scriptum que mais uma vez deixa clara sua posição com relação ao cenário político. “PS aos leitores: estou cansado de bater em político, ladrão, vagabundo e sem vergonha. Daí a história que contei. Na próxima edição, já teremos votado. Eu vou votar no Lula para presidente.”

⁷⁵ WOLFF, F. A vida como ela é. *O Pasquim* 21, p.23, 1 out. 2002.

⁷⁶ Personagens da peça “Esperando Godot” de Samuel Beckett.

4.1.11. Olha o Brasil aí, minha gente!⁷⁷



Nesta primeira edição pós-eleições, Fausto fala sobre suas angústias aos 14 anos e do emprego que tinha de auxiliar de escritório em uma metalúrgica de Porto Alegre.

Era um menino louro de quase um metro e noventa, morava em um bairro operário, tinha um sobrenome alemão quilométrico que ninguém conseguia soletrar, meus conhecidos eram todos pobres e trabalhadores. Meu apelido era alemão. Era excêntrico por tudo que já disse e porque gostava de ler. O mais incrível nisso tudo é que eu me considerava BRASILEIRO.

Ao retomar sua história, Fausto novamente enfatiza a sua condição de brasileiro, principalmente ao colocar em caixa alta essa condição, retomando sentidos intrínsecos no imaginário de quem o lê, remete às condições de produção que o fizeram ser quem era descrevendo sobre sua necessidade de conhecimento e a rotina do pai que era barbeiro.

Porém, desta vez é provocativo: “Mal sabia eu que, entre os pobres, eu era o mais privilegiado que os pobres nordestinos, que morriam de seca, e menos pobres que os pobres do futuro, que já nasceriam devendo ao FMI”.

O que o tenha diferenciado, queremos acreditar, talvez, tenha sido as condições de produção na qual estava inserido ainda na adolescência, fator que ficaria cravado em seu discurso para sempre.

A proximidade com jornalistas comunistas e a leitura de, Proudhon⁷⁸, Marx⁷⁹, Bakunin⁸⁰, Alberto Pasqualini⁸¹, fez-me

⁷⁷ WOLFF, F. Olha o Brasil aí, minha gente! **O Pasquim** 21, p.20, 8 out. 2002.

compreender que o que dá objetivo à vida humana, não é a riqueza e a exploração, mas a cultura e a dignidade, a nossa capacidade de amar, de ser cordial e solidário. É isso mesmo: não consegui entender como um país rico não podia dar aos seus filhos mais fracos o indispensável para a vida digna: moradia, educação, saúde, transporte e emprego.

Ainda recordando a juventude e de modo que comparando com os dias atuais revela:

Desde aquela época que sonho (e luto) em ver na presidência da república um brasileiro. Sonhei com Prestes, com Jango e com Brizola. Os cruéis mauricinhos da política como FHC, Ciro, Serra, podem virar a vida deles de cabeça para baixo e verificarão que Getúlio, Jango, Prestes morreram com menos dinheiro do que tinham ao entrarem na vida pública. Brizola está na mesma situação. Infelizmente, o Pentágono, a CIA, os militares e classe dominante 'brasileira' não quiseram que meu sonho se realizasse. Tive que deixar o Brasil em 68. Ao voltar em 78, falaram-me do Fernando Henrique e do Lula. O primeiro, qualquer um podia ver que era um tartufo enganador, um cabo Anselmo⁸². Para o segundo, farei um parágrafo, por necessitar de uma introdução explicativa.

Quando diz que vai fazer um parágrafo para falar de Lula, mais uma vez demonstra sua postura ideológica naquele momento. Vale lembrar que haviam se passado apenas quatro dias da vitória de Lula no primeiro turno e, com certeza, o que tinha a dizer poderia influenciar os eleitores indecisos para o segundo turno.

⁷⁸ Pierre-Joseph Proudhon foi membro do Parlamento Francês. É considerado um dos mais influentes teóricos e escritores do anarquismo.

⁷⁹ Karl Heinrich Marx foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna. Atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista.

⁸⁰ Mikhail Aleksandrovitch Bakunin foi um teórico político russo reconhecido também como um dos principais expoentes do anarquismo em meados do século XIX.

⁸¹ Alberto Pasqualini atuava como advogado, professor, sociólogo e político brasileiro. Ideólogo e doutrinador trabalhista foi senador da república pelo PTB e suas ideias foram incorporadas ao programa partidário do PDT.

⁸² José Anselmo dos Santos, conhecido na história recente do Brasil por cabo Anselmo, é um ex-militar brasileiro e líder durante o protesto de marinheiros, evento que desencadeou a crise do término do governo de João Goulart, em 1964, através de um golpe de estado, dando início da ditadura militar brasileira.

Quando me deparei com o fenômeno Lula pensei comigo mesmo: os mauricinhos da *soi disant*⁸³ esquerda arranjaram um operário para purgar seus pecados, assim como certos banqueiros vão a bordeis para serem açoitados. Queria ver Brizola na presidência e cheguei a concordar com ele que o PT era a esquerda que a direita gosta, ou a UDN moralista de tamancos. O discurso de Lula não tinha coerência ideológica para mim e me parecia extremamente moralista no pior sentido. Além disso, queria ver Brizola, meu herói desde a adolescência no planalto. Brizola, embora incorruptível e coerente ideologicamente, acabou por apoiar traidores que praticamente acabaram com o partido que deveria ser antes de tudo socialista. Como já disse aqui algumas semanas atrás, nossos caminhos se separam quando ele resolveu apoiar um mauricinho da juventude arenista e neoliberal. Felizmente, Brizola voltou atrás e nas últimas semanas de campanha, pediu votos para Lula. Votei em Lula contra Collor e contra Fernando Henrique. Enquanto acompanhava o desenvolvimento e o aburguesamento do partido. **O trabalho de Tarso Genro e Olivio Dutra, no Rio Grande do Sul, fizeram-me repensar minhas opiniões. Analisei as vidas de José Genoino (vem do lumpen), José Dirceu, Mercadante, Paim, Heloisa Helena, Dutra, Chico Alencar, Jacques Vagner, Paulo Delgado, Suplicy e alguns outros líderes do PT e nada vi que os desabonasse**⁸⁴. Podem ter mais dinheiro agora do que quando começaram a militância o que é natural, pois recebem bons salários pagos por nós. Parecem-me todas pessoas dignas, honestas, capazes e patriotas, sendo que muitas delas arriscaram a vida lutando contra a ditadura.

As opiniões expostas e arraigadas no discurso de Fausto remetem as condições de produção daquele período e de acordo com o apresentado até aquele momento todos os citados que destacamos em negrito, sem exceção, aparentavam um comportamento político plausível. Porém, pouco tempo depois a maioria deles estaria envolvida em um grande esquema de corrupção conhecido como Mensalão.

⁸³ Termo francês, adjetivo de dois gêneros e de dois números: que se intitula; que se diz.

⁸⁴ Grifo meu.

Com relação a Lula, justifica a sua vitória no primeiro turno graças a sua postura que ao longo de tantas disputas foi se adequando ao que o povo estava disposto a aprovar.

Lula aprendeu e mudou intelectualmente sem ter mudado seu caráter, a sua dignidade e seus ideais, não cometeu erros amadores das campanhas passadas e entendeu que quando se lida com raposas temos de ser mais espertos que elas. Nenhum dos quatro candidatos falou em reforma agrária, a diferença é que eu sei que Lula vai promovê-la. Todos falaram em desatrelar nossa economia do FMI, a diferença é que sei que Lula falava sério. Como não acreditar e aplaudir a perseverança desse ex-metalúrgico e o gigantesco esforço que teve que fazer para chegar onde chegou sem maiores concessões?

Ao dizer que sabe que Lula irá promover a Reforma Agrária e que falava sério quando disse que iria desatrelar a economia brasileira do FMI, deposita no ex-metalúrgico uma confiança exacerbada e seu discurso aponta para um ideal criado a partir da imagem que constrói acerca do passado sobre o futuro presidente.

Entretanto, faz um mea-culpa e apresenta as dificuldades que Lula viria a enfrentar assim que vencesse Serra no próximo dia 27.

Por outro lado, só peço a esquerda, agora, que não tentem fazer com Lula o que fez com Jango, exigindo o impossível – naquele momento – e empurrando-o para as baionetas militares. Lembrem-se do que uma falsa esquerda, grande parte do MIR⁸⁵, aprontou para Allende no Chile. As reformas virão gradualmente e, se me deixarem continuar escrevendo, estarei aqui para elogiar os acertos e criticar os erros. Primeiro vamos dar comida, casa, educação, saúde, transporte e emprego para os brasileiros. Não há porque duvidar disso, pois meu sonho se concretizou: temos um BRASILEIRO na presidência da república.

⁸⁵ Movimiento de Izquierda Revolucionaria do Chile.

Ao destacar a palavra ‘brasileiro’ evidencia uma imagem criada por antecipação do viria a ser o futuro governo baseado na história de vida de Lula e que, por isso, haveria esperança de que um país mais promissor.

4.1.12. Nós é que bebemos e eles que ficam tontos!⁸⁶



Faltando dez dias para o segundo turno das eleições, o autor expõe mais um pouco sobre sua vida e sobre sua profissão de jornalista, dos bens que não possui devido ao fato de não ter se rendido ao mercado editorial. Em seguida, discorre sobre um jornalista do qual acompanha o trabalho e julga ter certa competência no que fala, contudo diz que parece escrever do alto do Olimpo, sendo incapaz, porém, de sentir a realidade.

Critica os que não demonstram o lado que estão e ficam em cima do muro. “Em meus 48 anos de jornalismo profissional jamais fui um jornalista imparcial. Sempre estive do lado do mais fraco, do humilhado, do caluniado, do ofendido.”

Podemos perceber que a posição ideológica mais uma vez está demarcada na afirmação acima. Na sequência, discorre sobre Paulo Francis⁸⁷ de quem era amigo e continuou sendo mesmo depois que o jornalista passou para a direita. Diz ainda que os seus textos continuaram maravilhosos depois do ocorrido, pois havia um homem por trás da palavra.

Aponta para as sutilezas do capitalismo e a influência que teve sobre o jornalismo no que diz respeito ao “furo” que faz com que os jornalistas briguem entre si

⁸⁶ WOLFF, F. Nós é que bebemos e eles que ficam tontos! *O Pasquim* 21, p.23, 15 out. 2002.

⁸⁷ Paulo Francis foi um grande jornalista, crítico de teatro e escritor brasileiro contemporâneo de Fausto Wolff e dos demais pertencentes ao Pasquim.

para dar mais dinheiro ao dono do jornal. “Tentei explicar aos colegas mais velhos que deveríamos repassar nossas informações e o resto dependeria de quem as escrevesse melhor.”

Entre os jornalistas que buscam o furo em troca da audiência cita o caso de Tim Lopes⁸⁸, mas logo volta ao jornalista o qual mantém o nome em segredo até o final. “Outro dia escreveu um artigo sobre a hipocrisia de FFHHCC tão bom que decidi elogiá-lo aqui do meu canto.”

A duplicidade nas iniciais de Fernando Henrique Cardoso pode remeter a memória de que fora presidente por dois mandatos. Continua acerca do cronista misterioso dizendo que recentemente escreveu um artigo sobre Lula destacando o fato de o presidente ter tomado um copo de Romanée-Conti⁸⁹, que custa em média seis mil reais, e que ganhou do publicitário da campanha Duda Mendonça⁹⁰. Diz que já tomou também e que está cansado de ouvir coisas do tipo. “Durante boa parte da minha vida ouvi este comentário idiota: ‘Comunista, mas bebe uísque’. Esses imbecis queriam que eu, além de pobre, biscateiro quase sempre desempregado, lutando contra o poder, ainda devia me punir tomando ‘caninha-da-roça’.”

Não se conforma com a maneira que a crítica foi colocada.

Foi para seus leitores que ele falou; foi para eles, que votarão no próximo dia 27, que ele tentou associar Lula a Maluf⁹¹ e Pitta⁹² (que gostam de Romaneé Conti) e usou como exemplo positivo um

⁸⁸ Tim Lopes atuou como repórter e produtor da Rede Globo. O jornalista desapareceu no dia 2 de junho de 2002 após realizar diversas matérias investigativas em favelas do Rio de Janeiro. Fragmentos de ossos foram encontrados no dia 5 de julho em um cemitério clandestino.

⁸⁹ O Romanée-Conti é um vinho francês produzido em Vosne-Romanée, na Côte de Nuits, Leste da França. Ele é classificado como "Grand Cru" e é considerado o maior vinho da Borgonha e um dos melhores da França, reverenciado por enólogos e enófilos de todo o mundo.

⁹⁰ Duda Mendonça é um dos mais importantes publicitários brasileiros. Ficou conhecido no cenário nacional por comandar campanhas políticas vitoriosas em diversas eleições. Seu trabalho nas eleições presidenciais de 2002, quando da vitória de Lula, foi alvo de muitos elogios entre os profissionais da área.

⁹¹ Paulo Salim Maluf é um político brasileiro e já exerceu diversos cargos públicos no Brasil.

⁹² Celso Roberto Pitta do Nascimento além de economista foi prefeito de São Paulo de 1997 a 2001. A vitória de Pitta se deu principalmente em razão do apoio de pessoas muito importantes e que tinham grande carisma popular entre os quais, Paulo Maluf.

louco genocida como Lyndon Johnson⁹³, riquíssimo petroleiro e dono de um império jornalístico.

Por fim revela o nome do jornalista e manda um recado a Lula:

O jornalista em questão, cujas iniciais são ELIO GASPARI⁹⁴, era um jornalista medíocre no bom sentido. Ao achar que Lula não pode ser presidente porque bebeu um copo de vinho caro, transformou-se num jornalista medíocre no mau sentido; aquele sentido que conduz a ética e a credibilidade para o esgoto. PS: Caro Lula, quando você vencer as eleições, pois a maioria dos brasileiros não é tão idiota como pensa o Elio Gaspari, não esqueça de comemorar com feijão, arroz, dois ovos e uma cachacinha em lata.

4.1.13. Tome nota, por favor, senhor presidente!⁹⁵



Esta crônica é direcionada ao presidente Lula e traça diferenças entre os dois presidentes (FHC e Lula). É também a primeira depois da vitória de Lula. Datada de 12 de dezembro de 2002, a edição de número 39 de O Pasquim é a última desta primeira fase de análises que ficou dividida da seguinte maneira: um ano antes das eleições, ou seja, o ano de 2002 durante o último ano do governo FHC, e pouco mais de um ano depois, durante o início do governo Lula.

Agora é dado início aos textos direcionados para o presidente através das crônicas e em especial este que fala sobre as possíveis direções que Lula deveria tomar. Com

⁹³ Lyndon Baines Johnson foi o 36º presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1963 a 1969.

⁹⁴ Elio Gaspari atua como jornalista e escritor além de colunista do jornal Folha de S. Paulo. É autor da série de livros intitulados: A Ditadura Envergonhada, volume 1. A Ditadura Escancarada, volume 2. A Ditadura Derrotada, volume 3. A Ditadura Encurralada, volume 4.

⁹⁵ WOLFF, F. Tome nota, por favor, senhor presidente! **O Pasquim** 21, p.22, 12 nov. 2002.

isso, Fausto cria um leque de expectativas acerca do novo governo fato que com o passar do tempo, como vamos perceber, vai se dispersando.

Espero que Lula não esteja zangado com o fato de tanta gente estar palpitando no seu governo. Isso é muito natural, pois pela primeira vez na nossa pobre História o povo se sente parte do governo; identifica-se com ele e o seu presidente.

E as críticas a FHC continuam, pois ainda tem mais alguns dias de governo até que entregue a faixa a seu sucessor.

FHC – que a grande imprensa vê como o melhor presidente que o Brasil já teve apenas porque vai devolver a bola – não mentiu ao dizer que não era difícil governar o país. Realmente não é quando o Executivo, o Legislativo, o Judiciário, a Imprensa e o Capital Privado têm à frente patriotas e homens de bem; gente que está mais interessada com o bem do país do que em encher de dinheiro os bolsos dos tetranetos. Para um governo corrupto e entreguista como foi o de FHC foi muito difícil governar o Brasil. Para Lula – caso a esquerda burra não cobre milagres e a direita criminosa não pratique atos de terrorismo – não será difícil governar o Brasil.

No que diz respeito à questão econômica do país o novo presidente também recebe alguns conselhos. “O que Lula precisa manter na cabeça é que toda a política econômica realizada no Brasil foi entreguista e corrupta. Basta ver como é pobre a nossa economia e como estão ricos os economistas.”

E remete ao passado de colonização e dominação dos EUA:

O importante para o novo governo é saber que os Sete Grandes – e principalmente, o maior deles, os Estados Unidos – só tem uma coisa na cabeça: explorar países como o Brasil, acabar com sua cultura e identidade. Para eles somos que nem barata: quanto mais matarem mais aparecerão. São racistas e nos consideram cucarachas inconfiáveis, traiçoeiros e preguiçosos. Precisamos trabalhar mais para ganhar sempre menos.

Exemplifica com duas pequenas histórias as mazelas do capitalismo. A primeira discorre sobre uma senhora que fazia empadas e as vendia com muito sucesso até que um representante do FMI sugeriu que colocasse menos recheio para lucrar mais. A outra fala de um índio que vendia cestos e os fazia artesanalmente quando um americano se interessou em comprar mais de uma unidade, mas ao contrário da lógica capitalista a cada um que queria a mais, maior era o preço unitário devido à noção que o índio tinha de bem estar, ou seja, aumentando a produção teria menos tempo para ocupar com a família e desfrutar os prazeres da vida.

Estes exemplos de como o capitalismo age estão impregnados no discurso de Fausto, que os usa para que Lula possa corromper tal sistema. “Espero que Lula se lembre dessas histórias quando for negociar com o FMI e não esqueça de dizer ao homem que nossa dívida externa no tempo de João Goulart era 5% do que devemos hoje.”

Fala da relação possível entre Brasil e FMI, pós-Lula e antecipa uma posição hipoteticamente tomada pelo presidente. “Será bom que Lula explique que sabe muito bem que o presidente até o fim do ano apenas fingia ser presidente.” E completa: “Vai ser bonito ouvir Lula dizer: - Sinto muito, mister, mas a boca acabou.”

Comenta sobre a americanização do Brasil e a classe dominante que imbeciliza o resto da sociedade com seus desejos de consumo, além de ditar as regras.

Da classe média para baixo ninguém apita, ninguém sabe nada sobre o resto do mundo, vacas amestradas querem ter seus desejos satisfeitos, o que se resume numa casa, num automóvel, numa televisão, cerveja.

Expõe a seguir as qualidades dos EUA como forma de alerta para o novo presidente:

Seria bom que Lula lembrasse ainda que os Estados Unidos possui a maior população carcerária do mundo, composta em sua grande

maioria de negros e latinos, o maior número de drogados do mundo, a maior rede de prostituição de pedofilia do mundo além de ser o país mais armado do mundo.

Por comparação, diz sem dizer que o melhor caminho seria o rompimento com os americanos e deixa o discurso em aberto para novos episódios:

“Quando for conversar com nossos exploradores, espero que o presidente Lula se lembre: se a classe dominante americana trata assim seus cidadãos, como tratará os cidadãos de países como o Brasil que se auto-escravizam através de empréstimos feitos por governantes corruptos? Era o que eu tinha a dizer por enquanto.”

4.2. Segunda parte: Mentira. Foi tanta mentira que você contou!⁹⁶

4.2.1. Nem tudo que brilha é ouro ou balança que cai!⁹⁷



Na primeira crônica da segunda parte deste capítulo, o autor inicia falando sobre o que escreveu na semana anterior na qual usou a ironia para não comentar os acontecimentos políticos e ao contrário do que imaginava não recebeu e-mails com reclamações. “A ironia difere do sarcasmo por ser poética e eventualmente metafórica.”

Segue discorrendo que fez a crônica assim para ressaltar que “uma dor de dentes nossa nos aborrece mais do que a morte de dez milhões de pessoas em Ruanda.” Demonstra com vários exemplos que vão de Hitler e os nazistas “que matavam cerca de cinco milhões de judeus,

⁹⁶ Título da crônica de Fausto Wolff publicada no dia 12 de junho de 2004 na edição de número 115 de O Pasquim 21.

⁹⁷ WOLFF, F. Nem tudo que brilha é ouro ou balança que cai! O Pasquim 21, p.22, 10 dez. 2002.

comunistas, ciganos, homossexuais e retardados mentais” ao genocídio praticado pelos americanos com os índios e os brasileiros. “A impressão que tenho é a de que quanto mais progredimos cientificamente mais egoístas e gananciosos nos tornamos.”

Fausto tenta dar um sentido para o porquê de o homem ter sufocado o ser em função do ter através da *Aria da capo*, de Edna Saint Vicent Milay⁹⁸ – obra que revela ter produzido – e questiona o sistema que considera o lucro como significado maior da vida humana.

O salário mínimo (40% da população brasileira sobrevive com menos) é legal, mas é um crime. A previdência social para a qual todos pagamos é legal mas seu serviço é criminoso. Homens como Sarney, Barbalho e Antonio Carlos Magalhães, que são donos de uma oitava parte das terras brasileiras podem ser chamados de senadores mas em verdade são criminosos. Por outro lado a prostituição e o roubo são crimes e entretanto a televisão os incentiva ininterruptamente.

Pondera que o Brasil não chegou a essa situação de um dia para o outro e lembrou as nomenclaturas que, segundo o autor, foram responsáveis para que esse caminho fosse trilhado com todos os “absolutismos, feudalismo, industrialismo, capitalismo e outros eufemismos para definir a minoria que nos governa”.

No Brasil, particularmente, quando o povo começou a pensar em 1964, os Estados Unidos nos impuseram uma ditadura militar. Somente quando os americanos e seus capachos chegaram à conclusão de que o povo estava suficientemente imbecilizado – sem esporte, sem imprensa, sem arte, sem cultura – é que permitiram eleições diretas e operaram Tancredo no Hospital de Base.

Aponta para o fato da cultura imposta pelos países dominantes e para a falta de discernimento dos poucos que poderiam “expulsar a minoria que oprime”.

⁹⁸ Premiada poeta lírica e dramaturga americana. Vencedora do Prêmio Pulitzer na categoria Poesia ficou muito conhecida por seu estilo de vida boêmio e inúmeros casos amorosos.

Errado não é o povo querer casa, comida, saúde, transporte, educação, emprego e dignidade. Erro e criminoso (nosso presidente FHC é um homem riquíssimo) é uma minoria ter isso tudo de mão-beijada e não abrir mão de nada; ao contrário, errado é querer que o homem se contente com esse destino e castigá-lo caso se revolte.

Discorre sobre o caso do apedrejamento da nigeriana Amina Lawal⁹⁹ por ter tido um filho fora do casamento. “O pecado tem a ver com religião e o crime com o estado.” Afirma que o motivo do caso ter ficado famoso no mundo inteiro é devido ser interessante para os EUA na guerra contra os muçulmanos e que textos religiosos não podem ser entendidos literalmente, pois se assim fosse já teria coberto o planeta de sangue.

E termina:

Enfim, o admirável mundo novo chegou a um ponto de progresso onde Bush pode ver qualquer pessoa em solo americano fazendo pipi sem que ela perceba. Tudo isso como desculpa de combate ao terrorismo e sob os aplausos de americanos ‘patriotas’ imbecis que, afinal de contas, vêem na televisão as mesmas porcarias que nós. O que Bush não sabe é que enquanto ele espia os ‘terroristas’ os donos da informação o espiam. Vários impérios do mal dentro do império do mal. Sai dessa Lula, expulsa os vendilhões do templo e – apenas uma sugestão – convida o Brizola para ministro da Educação e dê a ele carta branca e condições para distribuir Cieps pelo Brasil inteiro. Nenhuma criança na rua, todas estudando em tempo integral com três refeições diárias e mais cuidados médicos. É assim que se faz cidadãos para uma democracia. Os recursos estão aí mesmo: debaixo da terra que é nossa e dentro do bolso dos banqueiros, dos latifundiários, dos industriais, dos canalhas em geral.

4.2.2. Tua estrela solitária nos conduz!¹⁰⁰

Este texto é datado do dia 14 de janeiro de 2003 e, portanto, o presidente Lula já havia assumido e dava os primeiros passos à frente da presidência. Dividida em tópicos e

⁹⁹ Símbolo da luta pelos direitos da mulher sua história corre o mundo via internet. Sentenciada por um decreto islâmico foi condenada à pena de morte por apedrejamento em razão de ter um filho sem estar casada.

¹⁰⁰ WOLFF, F. Tua estrela solitária nos conduz! **O Pasquim** 21, p.21, 14 jan. 2003.



com o título escrito ao centro da página sobre uma estrela, o autor escreve uma crônica-carta dirigida ao presidente Lula. O título da crônica faz referência ao hino do Botafogo escrito pelo compositor Lamartine Babo.

Meu presidente e irmãozinho Lula. Presidente porque me orgulha tê-lo como presidente e irmãozinho porque sou mais velho e perdi meus dois irmãos. Irmãozinho ainda porque ambos viemos do proletariado e levamos todas as porradas que podíamos levar quer no corpo, quer no espírito. O Brasil até hoje não teve um presidente brasileiro ou pobre. És o primeiro.

Da maneira como inicia pode ser percebida uma intenção de proximidade do discurso analisado com o presidente em tom ligeiramente emocional e, sobretudo, intencional. A história da vida pessoal de FW também está sempre reaparecendo em seu discurso.

Os tópicos estão em negrito demarcando a intenção de cada um deles como se fossem (e são) parte de um mesmo raciocínio que não pudesse deixar de ser destacado. O primeiro – **Escrevo-te esta carta** – explica os porquês de escrever na segunda e terceira pessoas do singular por saber que Lula era um de seus leitores desde os anos 1970 e porque também lutou nas trincheiras do jornalismo por um mundo melhor.

“Você quer ser um bom presidente. Querer ser um bom presidente é fundamental. Os que te antecederam nem podiam ser bons presidentes, pois estavam comprometidos com Washington e as grandes corporações transnacionais.”

Em seguida, – **Quando FHC** – discorre sobre o ex-presidente, seu desafeto desde há muito tempo.

Quando FHC, esta triste caricatura de nauseabunda vaidade, disse que era fácil governar o país, nos tratou como palhações da mesma

forma como quando disse que ‘deveríamos esquecer tudo o que ele escrevera até então’. Achava que a TV Globo já havia nos imbecilizado suficientemente e que nada lhe seria cobrado. O povo lhe deu a resposta e você foi eleito com a maior votação já vista neste Continente. Para ele – FHC – nunca foi fácil governar o país, pois era um fantoche. Para você será difícil, terrível, angustiante, solitário, mas será mais fácil porque você quer ser bom presidente de todos os brasileiros. Você quer mudar as coisas.

Em – **Durante as ditaduras** – fala sobre as ditaduras oficiais e não oficiais que o Brasil sofreu, do modelo de economia e dos direitos previstos na constituição, além da maneira que acredita que o Estado teria de tratar cada brasileiro.

No trecho – **Me perdoe** – discorre sobre o Fome Zero¹⁰¹ e cita países europeus que conseguem fazer com que seus cidadãos desfrutem do bem estar social sem programas políticos de assistência.

Perdoe-me, portanto, meu irmãozinho, mas projetos como ‘Fome Zero’ soam aos meus cansados ouvidos como promessas de palanque ou embromação. Um ser humano – seja ele um negrinho desdentado do Piauí, seja o Papa ou a Rainha da Inglaterra – tem as mesmas necessidades básicas e um cérebro com o mesmo potencial.

Discorre um pouco mais profundamente sobre o programa em – **Fome Zero** – questionando o funcionamento:

E como será esta Fome Zero, já que não poderemos contar com a colaboração dos criadores de fome? Por quantos dias comerão com o dinheiro dos caças da Aeronáutica? A fome, a violência, o crime, a prostituição, a miséria, a humilhação são apenas o efeito. A causa é a canalhada rica que jamais fez nada por este país, pois nem brasileira se considera.

¹⁰¹ Fome Zero foi um programa do governo federal brasileiro criado em 2003 em substituição ao Programa Comunidade Solidária e que não deu certo sendo extinto pouco tempo depois. No entanto, foi substituído pelo programa de assistência social intitulado Bolsa Família.

E continua em – **Foi por isso** – onde revela ter ficado com o pé atrás com a nomeação de Henrique Meirelles¹⁰², com o discurso de Palocci¹⁰³ enaltecendo Malan¹⁰⁴ e Armínio¹⁰⁵, e da dívida externa contraída por “governos militares e ditaduras brancas”.

No item – **Também vi** – Aponta para a nomeação também de Roberto Rodrigues¹⁰⁶ na Agricultura e outros milionários para outros cargos no seu governo.

Em seguida sentenciar:

Eu quero, meu irmão Lula, e você também, que o povo se mantenha ao seu lado. Para isso – para acabar gradativamente com a miséria e a violência – peça ao Critovam Buarque para retomar o plano dos CIEPS: toda criança brasileira entra na escola às sete da manhã, toma lanche, estuda, almoça, pratica exercícios, aprende quem é, onde está e para onde vai, janta, toma banho e vai para casa. Quem não tiver casa, mora no próprio CIEP.

O discurso do autor parece reconhecer as dificuldades de se governar, contudo pede: “Por favor, irmãozinho Lula, me perdoa. Sei que é fácil escrever o que estou escrevendo. Sei que na prática a teoria é outra”.

No próximo tópico questiona se o presidente acredita em suas palavras, pois o povo quer crer que não foi enganado.

¹⁰² Executivo do setor financeiro e ex-presidente do Banco Central do Brasil entre 2003 e 2011. Em 2002 foi candidato pelo PSDB a deputado federal por Goiás, tendo sido o mais votado do Estado, mas não chegou a ocupar a cadeira legislativa, pois aceitou o cargo oferecido pelo governo Lula para atuar como presidente do Banco Central.

¹⁰³ Antonio Palocci Filho é membro do Partido dos Trabalhadores e nacionalmente conhecido por ter ocupado o cargo de ministro da Fazenda no governo Lula no período de 2003 a 2006, quando foi substituído pelo então presidente do BNDES, Guido Mantega.

¹⁰⁴ Malan trabalhou para o governo de Fernando Collor de Mello como negociador responsável pela reestruturação da dívida externa brasileira e foi Ministro da Fazenda durante os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso.

¹⁰⁵ Arminio Fraga Neto é economista brasileiro e atuou como presidente do Banco Central do Brasil de 1999 a 2003 durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

¹⁰⁶ João Roberto Rodrigues foi secretário de agricultura do Estado de São Paulo no segundo período de governo de Ademar de Barros (1963-1966) e vice-governador de Estado no segundo mandato de Laudo Natel (1971-1975).

E agora, chegamos à parte mais importante da minha carta, meu caro Lula – a que trata de caráter esperança. A tua eleição não foi normal – não foi comprada – e é isso que dá grandeza e confiabilidade às tuas palavras: ‘A esperança venceu o medo’. Eu acredito nas tuas palavras. O povo – que não erra e quando erra é porque foi enganado pelo poder que se apresentou em fantasia de rica prostituta – acreditou nas tuas palavras. O problema é o seguinte: você acredita nelas? Toda a tua equipe acredita nelas? Não creio: há hienas entre os bravos cavalos selvagens.

Satiriza a ideia de guerra e apresenta uma sugestão de que as Forças Armadas sejam como escolas para que os jovens aprendam sobre agricultura, pesca e mecânica. No seguinte tópico – **O caminho espinhoso** – fala sobre os membros do legislativo e que o representante público deveria, antes de tudo, ser patriota e não receber mais do que dez salários mínimos. “Ninguém tem direito de representar o povo e se enriquecer à custa deste mesmo povo.”

Por fim, em – **Não vai ser fácil** – Fala sobre a difícil tarefa de Lula, mas lembra que o povo está do seu lado e se for preciso basta denunciar os que não cumprirem as leis. E como bom marxista mais uma vez questiona a existência de Deus.

Não tema os ladrões vítimas da fome, pois eles não existiriam sem os grandes ladrões de casaca. Sei disso, meu irmão Lula, porque já os vi como deuses. Eram educados, usavam os talheres certos, tinham a gravata da moda e suas mulheres cheiravam bem. Aos poucos fui descobrindo: eles não são deuses, ninguém é Deus. Deus, se existe, não quer ouvir falar em caridade, mas em generosidade, desapego, coragem e cordialidade.

Ao mesmo tempo em que coloca em dúvida a existência de Deus, aconselha:

Por favor meu irmãozinho Lula: guia-te pelos dez mandamentos – sem os deuses – e principalmente por um que não foi escrito por Deus, mas num pub em Londres: ‘Dê a cada um segundo a sua

possibilidade; a cada um, segundo a sua necessidade.’¹⁰⁷
Respeitosamente, seu irmão mais velho. FW

E finaliza:

PS – Nós aqui d’OPASQUIM21 receberíamos de bom grado qualquer anúncio do governo – pois é impossível sobreviver apenas com a venda avulsa. Não queremos nenhum favor. Apenas programe para nós os mesmos anúncios programados para a grande imprensa.

4.2.3. A fome e o papel das forças armadas¹⁰⁸



Inicia falando sobre os convites que tem recebido para falar em diversas universidades e sobre o espanto que as pessoas ficam ao saber que cobra um determinado valor para que isso aconteça. Justifica que é o seu trabalho e com ele paga as contas do mês.

“Tenho recebido convites de várias universidades para falar do que batizei de ‘Revolução Democrática’, que foi a eleição de Lula, muito mais representativa, por exemplo, do que a eleição de Bush, que foi flagrantemente roubada.”

Fala do respeito que tem com os leitores e do comprometimento de responder todas as cartas enviadas ao jornal, além da felicidade que sente ao ver que as faculdades

de jornalismo estejam dispostas a ter pessoas como ele falando sobre a realidade dos fatos.

¹⁰⁷ Frase de Karl Marx.

¹⁰⁸ WOLFF, F. A fome e o papel das forças armadas. **O Pasquim** 21, p.21, 21 jan. 2003.

Em seguida discorre mais uma vez sobre as Forças Armadas, os altos salários e a supervalorização que é dada aos militares cujos governos fizeram, em sua opinião, tão pouco para o Brasil, aumentando a dívida externa e se aventurando em Usinas Nucleares e na Transamazônica, colaborando para a corrupção. “A coisa chegou a tal ponto que Sarney, Collor e FHC acharam que a corrupção era a regra e a honestidade, a exceção.”

Aponta para o fato de os militares terem ficado quietos “quando FHC vendeu quase todo o país”, mas ressalta que haviam muitos militares honestos, contudo a maioria se portou como criminosos. “Com a vitória de Lula creio que os militares poderão voltar a exhibir suas fardas orgulhosamente e fazer as pazes com seu patrão: o povo.”

Cita exemplos de países que tiveram revolução pelo voto e convida as Forças Armadas a arregaçar as mangas e lutar a favor do povo. Defende o aumento para os assalariados e pede para o governo não dar vexame. “Uma das razões pelas quais Lula ganhou as eleições foi o lento mas irresistível sangramento a que FHC condenou a classe média e o funcionalismo público em geral no cumprimento de ordens neoliberais.”

Discorre sobre a função das Forças Armadas e palpita que a instituição deveria ajudar a combater a fome como proposto em um projeto (SAEPE)¹⁰⁹ apresentado ao congresso nacional em 1956 e aconselha Lula a fazer o mesmo quando explicar o que vem a ser o Fome Zero.

E finaliza mais uma vez com discurso dirigido ao presidente de maneira íntima o tratando como “irmãozinho”: “Ora, muito mais do que naquela época, quase 50 anos atrás, o inimigo nº 1 do Brasil continua sendo a fome. Lula, te passei a bola. Agora é com você, irmãozinho”.

¹⁰⁹ Projeto de lei número 451.1956 proposto por Estevão Taurino de Rezende que criava o Serviço Agropecuário do Exército no intuito de acabar com a fome no Brasil.

4.2.4. LULA confia no povo!¹¹⁰



A crônica a seguir é datada do dia 11 de fevereiro de 2003, portanto pouco mais de um mês de governo com o PT à frente. Fausto fala da barganha política que pode ser praticada pelo PT e põe em cheque os meios que pode usar para governar realizando acordos com o Senado, a Câmara e as prefeituras do Brasil. “Tratou-se de uma revolução democrática pelo voto. Espero que o PT aja revolucionariamente e, por enquanto, raras exceções, vejo-o agindo compadrescamente”.

O discurso do autor vai produzindo novas imagens segundo as mudanças de contextos e, ao passo em que vão saindo as nomeações e os acordos, as condições de produção vão influenciando sua escrita e o seu discurso.

“O PT está no poder, mas será que ele é o poder? Não creio, pois não vem agindo como tal”.

Percebe que o PT para governar tem se aproximado de figuras petrificadas da política brasileira e que não vê rejeição de ninguém no partido quanto a isso.

Ora, é preciso que haja uma esquerda à esquerda do PT como na Itália havia o Partido Socialista di Unità Proletaria à esquerda do Partido Comunista para evitar que ele se aproximasse muito do centro.

Ainda que acredite ser necessário fazer acordos, lembra que o PT precisa deixar claro que está no poder.

¹¹⁰ WOLFF, F. LULA confia no povo! **O Pasquim** 21, p.21, 11 fev. 2003.

Creio em Lula de todo o coração, pois construiu seu próprio destino à custa de porradas no corpo e na alma, mas creio também que está na hora de parar de tirar fotos e dar autógrafos e reunir seu ministério e mais o primeiro escalão e lembrá-los de que foi eleito pelo povo e só ao povo deve satisfações.

Segue falando sobre o funcionalismo público e o emprego de parentes no governo, critica ainda as máximas incutidas na cabeça dos brasileiros como ‘o país afunda se o salário mínimo aumentar’ ou ‘não adianta fazer reforma agrária, pois eles não tem condições de plantar’, dentre outras e dispara: “Sempre vi o PT como um partido revolucionário. Um partido revolucionário possui espírito crítico e o espírito crítico duvida do clichê.”

E agora começa a notar alguma coisa estranha no poder constituído.

O que me impressiona é que o PT – um partido revolucionário e consequentemente independente e crítico – possa acreditar nessas canalhices; na humanização de Sarney, ACM, Arruda, Barbalho, para citar criminosos mais notórios.

Sugere a Lula que todos do primeiro escalão e seus familiares declarem seus bens na tevê e sempre que o eleitor exigir e se caso o pressionarem por isso: “Faça como Fidel e Mao, meu caro Lula: se estiverem te pressionando, vá para a rádio, vá para a TV. O povo que te elegeu confiou em ti. Está na hora de você mostrar que confia nele”.

4.2.5. Esperança que vence medo pode vencer o me(rca)do¹¹¹

Inicia criticando a maneira de Palocci conduzir a sua pasta, ou seja, de maneira neoliberal e discorre sobre os países que optaram por uma economia mais favorável aos menos favorecidos. “Sempre fui comunista e não preciso explicar ao PT que não foi o comunismo que deu errado e não deu errado porque jamais foi praticado.”

¹¹¹ WOLFF, F. Esperança que vence medo pode vencer o me(rca)do. **O Pasquim** 21, p.21, 18 fev. 2003.



Fala do governo Bush que usa a economia do seu país para criar armas de guerra contra países que não são aliados e espalhar sangue pelo mundo.

E é com este país que nos mantém colônia desde a República até os oito gloriosos anos de FHC que nosso governo quer negociar? [...] Fora de brincadeira, se os Estados Unidos, os Sete Grandes e o FMI estão contentes com o desempenho do governo Lula, alguém enlouqueceu ou alguém está querendo se suicidar. [...] Quero um PT unido e forte mas à esquerda e não a serviço dos grandes organismos internacionais.

Ao passo em que as condições de produção começam a mudar o discurso de Fausto também de modo que as críticas a maneira de governar do PT vão se acentuando.

Um dos ministros precisa lembrar a Lula e a Palocci que pega muito mal no ouvido dos eleitores frases como 'O futuro a Deus pertence'. O que é isso? O bispo Macedo¹¹², além de roubar dos pobres ingênuos, tem tanta influência assim? Será que o governo Lula acredita num capitalismo 'bom' ao qual transnacionais como a Nestlé vão dar uma mãozinha?

Acredita ser a hora e a vez de mudar o Brasil e que para isso é preciso que Lula e o PT se posicionem contra seus algozes e promovam a justiça social. "Não pensem que perdi as esperanças. Estou com o PT, torço pelo PT e reservo-me o direito de criticá-lo sempre que achar que estou certo e de reconhecer o erro quando estiver errado."

E termina:

PS2: Terça-feira passada tive a honra de dar a aula inaugural do curso de comunicação da Universidade de Minas Gerais, às 9h30m.

¹¹² Edir Macedo Bezerra é fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário da Rede Record de Televisão.

Para isso tive de acordar às cinco da manhã, mas valeu a pena. Castanheira, o professor Leovegildo e os mais de 100 jovens alunos e leitores d'OPASQUIM21 reanimaram minhas esperanças graças à sua lucidez e espírito crítico. Lula lá.

4.2.6. Os quatro cavaleiros do apocalipse¹¹³



Inicia criticando os cronistas que falam de um Brasil que na verdade não contempla a realidade e que alguém precisa dizer que não há democracia no Brasil e em nenhum lugar do mundo. Uma das maiores críticas de Fausto ao sistema capitalista começa a ser apontada novamente em seus textos. Critica a classe média que fica do lado da burguesia para não perder o seu lugar na pirâmide social. Aponta para o lucro que gerou a queda das torres gêmeas, a guerra do Iraque, do Afeganistão e para o fato de que os EUA seriam os maiores responsáveis pelas mazelas do mundo. Entra no tema Brasil falando dos baixos salários e dos planos de saúde.

No Brasil o emprego é tratado como uma bênção. Sujeito está empregado, não importa quanto ganhe, acertou na loteria. Mesmo empregado, o brasileiro é um infeliz. Pergunte ao bancário que passou 20 anos atrás de um caixa, ao ascensorista que passou 30 anos dentro de um elevador, ao porteiro que passou 25 anos dentro de uma gaiola? Viveram? Conheceram suas famílias? Divertiram-se? O trabalho deveria dar prazer e sustento ao homem e a sua família.

Na sequência aponta novamente para o PT e a notória mudança do partido e de tudo aquilo que pregou e viveu durante a sua trajetória.

¹¹³ WOLFF, F. Os quatro cavaleiros do apocalipse. **O Pasquim** 21, p.24, 29 abr. 2003.

O PT parecia o exército de Átila em direção a Roma. No caminho, porém, os soldados entraram na casa de um patrício para tomar um cafezinho, casaram com a filha de outro patrício, tornaram-se sócios de outro, passaram a torcer pelo mesmo time e quando chegaram a Roma já eram romanos convictos. O PT quando chegou a Brasília já era neoliberal desde criancinha. **Eu me iludi.** Um dos dias mais felizes da minha vida foi o dia da vitória de Lula. Escrevi um comovido artigo aqui mesmo nesta página, lembram? Hoje faço um desafio a Lula e ao PT. Se seu coração é sincero, se vocês não mudaram, porque o presidente não vem à televisão e diz: ‘Aumentamos as alíquotas, demos um aumento ridículo aos aposentados, aumentamos o tempo de trabalho, estamos fazendo cortes na área social do orçamento porque assinamos um contrato com Washington, como o fez Fernando Henrique, só que esquecemos de avisar a vocês. Por isso temos um ex-presidente do BankBoston no Banco Central, por isso vamos privatizar o Banco Central e por isso vamos aceitar uma base especial americana em Alcântara, Maranhão, sem ao menos perguntar o que eles farão em segredo dentro do ‘nosso’ território. O que vocês acham? Vamos deixar que nos estuprem? Devo cumprir a promessa que fiz a eles ou a promessa que fiz a vocês?’ Mas Lula não diz nada, aliás, diz sim, a mesma coisa que o melífluo e cínico FHC dizia: ‘Esqueçam tudo o que eu disse’.

Por fim, fala da hipocrisia americana e do embargo a Cuba e da demonização com que construíram a imagem de Trotsky e países comunistas. Ao afirmar ter sido iludido e retomar o texto escrito quando da vitória de Lula, o discurso toma outro rumo e, a partir dos acontecimentos acerca do governo, as mudanças de contextos vão se evidenciando criando aos poucos um discurso contrário, porém coerente, pois se mostra contrário aos fatos políticos e não a si próprio. Nesse momento, podemos perceber que há indícios explícitos do político ideal construído em seu discurso a partir de diversas imagens, conforme veremos no capítulo seguinte.

4.2.7. O Lula ainda está lá?¹¹⁴



Inicia falando sobre a possibilidade de concordar com as subvenções a filmes nacionais que tratam de questões sociais, conforme sugerido àquela época por Yakof Sarkovas¹¹⁵, caso houvesse ocorrido uma revolução após a posse de Lula, pois segundo o autor não existe texto sem conteúdo e fosse como fosse um governo revolucionário requereria um cinema revolucionário e não de “carinhas bonitas que fazem”. Entretanto, “ocorre que o governo, infelizmente, já disse a que veio. Veio para obedecer às ordens do FMI, que quer uma Previdência confiável, um mínimo de leis sociais que beneficiem o trabalhador e o máximo de privatizações e negociações”.

Critica os ministérios que com suas atitudes em nada se parecem com os que têm ideologias de esquerda – exceto o da Cultura – e o Fome Zero, que se mostrou apenas mais um programa assistencialista. Ataca a educação que não tem capacidade de formar humanistas preocupados com a vida, mas que aposta em formar cidadãos somente para o subemprego. Novamente remontando a sua própria história, conta de sua experiência na escola quando garoto e das vantagens de se estudar em uma escola pública naquela época.

Discorre sobre o povo brasileiro que, por essência, não é violento, mas que perdeu sua identidade cultural.

Antes da ditadura oficial, eu costumava ir aos botequins apenas para ouvir o povo falar e aprender com ele. Trinta anos de ditadura, Sarney, Collor, Fernando Henrique e mais a TV Globo, é natural

¹¹⁴ WOLFF, F. O Lula ainda está lá? *O Pasquim* 21, p.24, 13 jul. 2003.

¹¹⁵ Especialista em patrocínio empresarial foi convidado em fevereiro de 2003 para dar consultoria para a Secretaria de Comunicação e Gestão Estratégica da Presidência.

que se alienasse e perdesse a identidade cultural e se transformasse como todos num filho do medo e da ignorância.

Enfatiza o fato de que com a ignorância do povo o Brasil foi se destacando no que diz respeito à violência.

E não precisava ser assim. Ao fim do seu primeiro mandato em 1986, Brizola e Darcy Ribeiro, auxiliados pelo talento de Niemeyer, haviam erguido 200 Cieps, o que significava 100 mil crianças pobres fora das ruas das sete da manhã às sete da noite, com três refeições, banho, médico, dentista, esportes e integração cultural.

E termina: “PS – Meu caro Lula, você já ouviu falar em Karl Marx, em Friedrich Engels¹¹⁶ ou pelo menos em Luiz Carlos Prestes¹¹⁷? Ô, Lula, fala Lula. Não estou te ouvindo Lula. Lula!!!”

Da esperança, do incentivo, da campanha realizada através de seus textos, o que restou no fim desta crônica foi uma ausência de resposta proposital, pois Lula não vinha agindo da maneira como esperado e prometido. Os textos começam a tomar outra direção que vai de encontro as atitudes do governo.

4.2.8. A vida abominável do homem honrado!¹¹⁸

Inicia mais uma vez remetendo a sua vida pessoal para, assim, delinear o discurso mesmo, lembrando os ensinamentos do pai, um barbeiro rude que alertou para a honradez e princípios éticos desde cedo. Acredita que as palavras do pai o tenham levado para o jornalismo, profissão que sempre o fez agir com gana pela verdade em detrimento a realidade imposta.

¹¹⁶ Friedrich Engels foi um teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo. É co-autor de diversas obras com Marx, sendo que a mais conhecida é o Manifesto Comunista.

¹¹⁷ Luís Carlos Prestes dedicou sua vida a política e atuou como secretário geral do Partido Comunista Brasileiro. Foi também companheiro de Olga Benário, morta na Alemanha, na câmara de gás, pelos nazistas.

¹¹⁸ WOLFF, F. A vida abominável do homem honrado! **O Pasquim** 21, p.23, 5 ago. 2003.



Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando as escrevi acreditava que fossem verdades. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam uns poucos. Isso deveu-se ao quixotismo temerário da juventude. Mas não traí meu pai em momento algum.

Enumera, em seguida, as notícias dadas pelos jornais e questiona o porquê de serem dadas sem nenhum comentário sequer.

Os políticos, os juízes, os governantes, os empresários, os banqueiros, os latifundiários roubam mudam de partido, mentem e os jornais tratam isso tudo como se fizesse parte de um contexto absolutamente normal chamado política. Mas (eventualmente, como agora, caros estudantes de jornalismo, pode-se começar uma frase com mas e se vocês derem muita bola para os manuais de redação vão acabar bobos como eles) acreditem, nem sempre foi assim.

Fala sobre os corruptos que segundo ele sempre existiram, mas que os de antes ainda tinham um pouco de vergonha.

Quando, porém, ao fim dos oito anos de delinquência de FHC, mentiroso e traidor, passou-se a rir da honra, enlamear a ética, elogiar a mentira, estávamos desesperados e tínhamos certeza de que a hora dos homens de bem havia chegado com a eleição de Lula e seus rapazes do PT, todos de esquerda, todos sedentos pela justiça social, ansiosos para colocar nossa pátria no alto patamar que ela merece.

Republica – talvez para demonstrar coerência – parte da crônica publicada no dia 08 de outubro de 2002 intitulada “Olha o Brasil ai gente!” em que enaltece o vencedor do primeiro turno e solta: “Lula, entretanto, age como um homem que tem compromissos

com a direita e não com o povo que o elegeu. O que acham que o povo sul-africano faria com Mandela¹¹⁹ se ele logo depois de eleito mantivesse o Apartheid?”¹²⁰.

Sobre as atitudes do governo Lula dispara:

Acreditávamos que ele e seus ministros quisessem realmente botar os ladrões da cadeia, desprivatizar o que foi privatizado, fazer a reforma agrária, mas o que vemos agora é um governo subserviente ao Consenso de Washington e obediente ao FMI. (...) Isso ainda é possível, pois a maioria do povo continua ao lado do operário. O que se pede ao operário é que não se afaste do povo.

E finaliza com PS:

Caro Lula, sei que Lenin¹²¹ saiu de moda no PT, mas guarda esta frase dele que a valente Heloísa Helena¹²² deve ter no coração: ‘O homem inteligente é aquele que comete pequenos erros ao longo de sua vida, mas é capaz de reconhecê-lo, aprender com eles e assim evitar os grandes erros’.

4.2.9. O inferno é na esquina!¹²³

Fala sobre o 7 de setembro pouco animado e com pouco patriotismo e interesse por parte dos participantes. “Longe do povo, Lula bocejava, longe de Lula, Maurício

¹¹⁹ Nelson Mandela é considerado o mais importante líder na luta contra o Apartheid. Após passar 27 anos na prisão, foi eleito presidente nas primeiras eleições multirraciais da África do Sul. Devido a sua luta por igualdade recebeu em 1993 o Prêmio Nobel da Paz.

¹²⁰ Foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da grande maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.

¹²¹ Vladimir Ilitch Lenin foi um revolucionário e chefe de Estado russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Russa de 1917, e líder do Partido Comunista. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo.

¹²² Heloísa Helena foi eleita senadora de Alagoas em 1998 com a maior votação daquela eleição. Discordou de políticas do PT realizadas no primeiro mandato do presidente Lula e em 2003 foi expulsa da legenda. No ano seguinte, foi uma das pessoas que fundaram o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

¹²³ WOLFF, F. O inferno é na esquina! **O Pasquim** 21, p.25, 13 set. 2003.

Corrêa¹²⁴ bocejava e bocejava também o vice José Alencar¹²⁵, do PL¹²⁶, à esquerda de Lula.”

Mais uma vez remete ao dia da vitória de Lula e de suas expectativas.



Quando Lula se elegeu vivi um dos dias mais felizes da minha vida. Acreditei que ao mudar seu discurso socialista-incendiário ele atraía a classe média que, por sua vez, fizera a cabeça do povo que ainda conseguia pensar.

Ao falar da mudança de discurso do presidente fica evidente a mudança também das condições de produção.

Pensei honestamente que no dia 7 de setembro estaria festejando a anulação da dívida com o FMI, que foi paga há muito tempo, mesmo porque foi contraída pelos usurpadores do poder colocados no poder pelos americanos. Pensei que no dia 7 de setembro estaria festejando a inauguração de Centros Integrados de Educação Popular [CIEP] por todo o Brasil, com crianças estudando, se alimentando, cuidando da saúde física e mental das 6 da manhã às 18 horas. Pensei que estaria festejando a reforma agrária promovida com o dinheiro dos sonegadores (de 1954 pra cá já saíram ilegalmente do país mais de 400 bilhões de dólares) e a reestatização das estatais roubadas do povo. Sonhava, é claro, com a prisão de corruptos e corruptores, mas isso eu não escrevi, pois ficaria para um segundo tempo. Afinal de contas, o PT vinha se preparando para assumir o poder com os mesmos homens desde 1990 e a vitória esmagadora de Lula lhe permitia tomar atitudes socializantes, dar os primeiros passos para acabar com a miséria, o

¹²⁴ Maurício José Corrêa era advogado. Eleito presidente do STF em 2003 atuou até maio de 2004 quando foi aposentado pelo limite de idade para permanência no cargo.

¹²⁵ José Alencar constituiu sua primeira empresa aos 18 anos, uma loja chamada a Queimadeira. Em 1967 fundou a Companhia de Tecidos Norte de Minas (Coteminas), empresa do ramo têxtil que teve grande êxito. Foi senador pelo estado de Minas Gerais de 1999 a 2002 e vice-presidente da República na chapa do candidato do PT conseguindo a reeleição em 2006.

¹²⁶ Criado em 1985 o Partido Liberal (PL) permaneceu com esse nome até a fusão com o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) em 2006. Em seguida, com a morte de Enéas Carneiro, surge uma nova sigla o Partido da República (PR), que passa a manter o número eleitoral do PL (22).

analfabetismo, a fome, o desemprego, a prostituição infantil, o trabalho escravo, o nepotismo, o loteamento político e o entreguismo que age através das transnacionais que do Brasil só querem subsídios, mão-de-obra barata e leis que favoreçam o escoamento de capital. E se alguém fizesse cara feia, o nosso Lula iria para a televisão (uma concessão governamental) e pediria o apoio do povo que o elegeu. É isso mesmo, pessoal, dia 7 de setembro, eu queria estar na avenida cantando, estandarte na mão, para anunciar: 'Já podeis da pátria, filhos, ver contente a mãe gentil, já raiou a liberdade no horizonte do Brasil'. Se o PT tinha algum plano de governo era o da obediência ao FMI, o mesmo plano iniciado com tanta tenacidade e levado a cabo com êxito por Fernando Henrique Cardoso, o maior delinquente que este país já conheceu... até agora.

Quando diz até agora significa que há uma imagem criada a partir da sua fala que pode trazer à tona um “novo delinquente”, ou seja, Lula. “É preciso tirar o chapéu para o poder. Ele não nos decepciona: corrompe sempre. A peça é sempre a mesma e o diretor, o grande capital, é sempre o mesmo.”

Mais uma vez toca no assunto do programa de erradicação da fome do governo e critica o fato de ter havido uma excursão com todos os ministros nos lugares mais pobres do Brasil para que pudessem ver de perto a pobreza. “Comecei a desconfiar com aquele negócio do programa Fome Zero. Aquele subdrama mexicano de levar ministros para conhecer a fome.”

Comenta ainda as notícias em que aparece Lula como protagonista desdizendo o discurso que o criou como pessoa pública, inclusive a afirmação de que nunca foi esquerdista e que ficava bravo quando o chamavam assim. E finaliza:

PS: Muito bem, meu caro Lula, você ainda não disse para esquecer tudo o que você declarou nos últimos 30 anos. Você não fez nada pelos pobres e tudo pelos ricos, você pede fé. Está certo, eu continuo tendo fé, mas que estou me achando meio idiota, ah lá isso estou!

Ao dizer que Lula ainda não disse para ‘esquecer tudo o que disse nos últimos trinta anos’, o discurso remete a FHC que, como exposto anteriormente, teria dito essa frase pouco depois de assumir o governo.

4.2.10. Cronaca familiare¹²⁷



Como está sendo possível observar o discurso de Fausto Wolff transita entre os fatos cotidianos e sua vida pessoal em uma espécie de colcha de retalhos. Nesta crônica¹²⁸ fala sobre seu irmão Urbano que era a pessoa que mais amava e que o ajudou e incentivou em tudo o que fez na vida. Novamente demonstra coerência ideológica e diz que o irmão era um homem de caráter que acreditava no sistema capitalista ainda que este o tenha transformado em uma pessoa que trabalhava longas horas sem descanso ou lazer.

Não acredita que foi o câncer que o matou, mas sim a dor que sentiu por um acidente em que estava envolvido e que uma criança morreu. A maneira como descreve faz acreditar que sentia orgulho de Fausto apesar de não compreender algumas coisas.

Pobre Urbano: tinha orgulho do irmão mais moço, o jornalista mais estigmatizado do Brasil. Mas isso eu não lhe contei pois ele não entenderia como um homem que lutou tanto para escrever bem, não podia trabalhar nos grandes jornais e nas grandes redes de TV.

¹²⁷ WOLFF, F. Cronaca familiare! **O Pasquim** 21, p.19, 17 out. 2003.

¹²⁸ Título de um filme ítalo/francês de 1962 dirigido por Valerio Zurlini que narra a história de dois irmãos criados separados que se reencontram esporadicamente quando adultos e que o mais velho passa a cuidar do mais novo, que se encontra frágil e doente.

Fala também do irmão mais velho, Osvino que se formou advogado com muita luta com mais de 40 anos e que morreu aos 47, também de câncer. Discorre sobre o casamento da sobrinha, filha de sua irmã Sara, que aconteceria em breve e que não poderia comparecer por falta de dinheiro. Em seguida, expõe de forma sucinta como foi a vida de homens que fizeram tanto pela humanidade (Shakespeare¹²⁹, Cervantes¹³⁰, Marx, entre outros) e que morreram pobres.

E foi pensando na morte que cheguei à conclusão de que em momento algum da humanidade a vida foi tão desvalorizada. Jamais a humanidade se apresentou como se apresenta hoje: como uma patética meretriz, cheia de lantejoulas, rindo o riso fácil dos mercadores.

Compara as mortes causadas por atitudes governamentais às do cinema e atenta para a nossa capacidade de nos comovermos com a segunda parecendo a primeira ser apenas ficção e apresenta o que ocorre com os brasileiros desde 1964:

Tratadas como ratos as crianças que sobrevivem e reagem, depois de cristalizadas na mendicância, na miséria e na marginalidade, quando não são assassinadas, são presas em cubículos onde são exploradas, sodomizadas, torturadas e finalmente mortas. O ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República, sr. José Dirceu¹³¹, sabe disso pois declarou isso em alto e bom som. Passou, entretanto, a impressão de que não tem nada a ver com a situação; quem deve tratar desses problemas é a ONU, uma instituição a serviços dos nossos algozes, os Estados Unidos.

Aponta para o filme Cidade de Deus e para a cena do menino que mata antes mesmo de intuir em sua mente ainda em formação o que é a morte e diz que o Brasil e,

¹²⁹ Poeta e dramaturgo inglês. Autor de, entre outros, O Mercador de Veneza.

¹³⁰ Romancista, dramaturgo e poeta. Autor de, entre outros, Dom Quixote.

¹³¹ Foi líder estudantil entre 1965 e 1968. Com a redemocratização do Brasil, em 1980, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores. Em 2003 assumiu o cargo de Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República, onde permaneceu até 2005, quando foi acusado de ser o mentor do Escândalo do Mensalão. Dirceu teve seu mandato cassado ainda em 2005. Em 12 de novembro de 2012 foi condenado pelo Supremo Tribunal Federal à pena de dez anos e dez meses de prisão pelos crimes de corrupção ativa e formação de quadrilha.

principalmente, os EUA estão fazendo isso com as crianças, pois governam a partir de uma perigosa combinação: o poder e a ganância.

E finaliza:

Lula e o PT – mas principalmente Lula, por ser um filho do proletariado como eu e a maioria dos seres humanos – eram minha última esperança. Lula, embora trilhando o mesmo caminho do grande delinquente, do campeão mundial da vaidade, Fernando Henrique Cardoso, quer que tenhamos fé. Não sou um homem religioso e sei que não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. Meu negócio é acabar com os senhores.

4.2.11. Volta ao lar¹³²



Mais uma vez remonta sua história para poder relacionar com o panorama político e, para isso, fala da morte da mãe, aos 93 anos, que havia ocorrido há dez dias da publicação da crônica e que, por isso, ele e a mulher foram para o enterro – ele com uma passagem doada pelo O Pasquim 21 e ela com uma comprada a prestação pelo cartão de crédito – e de como foi o encontro com a cidade em que foi criado.

Sinto Porto Alegre nas vísceras porque vivi na cidade dos cinco aos quase 19 anos. Em Porto Alegre me alfabetizei,

¹³² WOLFF, F. Volta ao lar. **O Pasquim** 21, p.21, 29 nov. 2003.

tornei-me adolescente, tive meu primeiro emprego em jornal com companheiros fundamentais, como Glênio Peres¹³³, Flávio Tavares¹³⁴, Carlos Bastos¹³⁵, Ibsen Pinheiro¹³⁶, Erno Schneider¹³⁷, Lauro Schirmer¹³⁸ (espero quer fiques bom logo, companheiro) e Léo Schlafman¹³⁹. Em Porto Alegre, escrevi nos muros ‘O petróleo é nosso’, tive as primeiras namoradas e frequentei os primeiros puteiros onde as moças que se ‘perdiam’ na vida, se bem me lembro, era muito gentis mas não faziam coisas que, mais tarde vim a aprender, faziam as senhoras da alta sociedade.

Descreve que ao chegar passou por lugares em que já havia passado e que estavam guardados na memória.

Minha família é grande e, graças a minha irmã, seu marido e minhas duas cunhadas, se mantém unida e, com exceção de minhas duas filhas (uma estava em Paris e outra em Nova York) e dois sobrinhos que moram na Califórnia e em Londres, estavam todos presentes. O Cemitério Luterano, com muitas árvores e gramados, não nos oprime com esmagadora presença da morte como ocorre no São João Batista. A alegria de rever toda a família, da qual sou o capo desde a morte dos meus dois irmãos mais velhos, foi maior do que a tristeza pela morte da minha mãe, afinal de contas anunciada por ela mesma há muitos anos.

¹³³ Glênio Peres trabalhou no Diário de Notícias e n’O Estado do Rio Grande – já extintos. Colaborou com O Pasquim e com a revista Cadernos do Terceiro Mundo.

¹³⁴ Ex-militante da esquerda partidária da luta armada foi um dos presos políticos trocados pelo embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick à época da ditadura militar brasileira. É professor aposentado da UnB e articulista dominical do jornal Zero Hora, além de co-autor do filme O dia que durou 21 anos (2013).

¹³⁵ Dedicado militante do jornalismo, da política e do esporte, é reconhecido por nunca se deixar levar, como jornalista, por suas ações políticas e esportivas.

¹³⁶ Ibsen Pinheiro é jornalista e advogado. Foi vereador da cidade de Porto Alegre e deputado estadual e deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Em 1986 foi eleito deputado constituinte e, de 1991 a 1992, foi o presidente da Câmara Federal, tendo conduzido o processo de impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello.

¹³⁷ Ganador da edição do Prêmio Esso de 1962 com a fotografia ‘Qual é o Rumo’, publicada no Jornal do Brasil, onde mostra o ex-presidente Jânio Quadros com as pernas tortas. A premiação projetou o fotógrafo que viria a ser um dos mais importantes do setor no jornalismo brasileiro.

¹³⁸ Atuou como chefe do telejornalismo da TV Gaúcha, dirigiu a redação de Zero Hora de 1970 a 1990, ano que assumiu a coordenação editorial do Grupo RBS até se aposentar. Mesmo aposentado, continuou a dar assessoria a projetos culturais da empresa até a sua morte em 2009.

¹³⁹ Jornalista, crítico e ensaísta. Autor de ‘A verdade e a mentira’ traduziu textos de Beckett, Pirandello e García Márquez.

Ainda traça um paralelo entre sua vida e a política mesmo na hora da morte da mãe.

Finalmente, minha família sempre votou no PDT ou no PT. Até mesmo minha mãe, já com mais de 90, fez questão de votar no Lula. Todos de classe média e de esquerda, a nova geração com título superior e tudo. Pediram-me que não batesse tão forte no Lula. Meu filho Henrique¹⁴⁰ disse: ‘Ainda não perdi as esperanças’. Está dado o recado, Lula. Se é a direita que está te pressionando, vai à televisão e diz o que está acontecendo, mas para com esse deslumbramento idiota que em nada te difere do grande delinquente FHC.

De maneira lindamente poética o autor finaliza:

PS: Não sei honestamente porque resolvi escrever o que vocês leram. Talvez ache que jornalismo é mais do que dizer que o dólar subiu, que o dólar baixou, que aumentou a criminalidade e que vão privatizar outra estatal. Certas dores e alegrias são comuns a todos os seres humanos e eventualmente devem ser compartilhadas por quem pode fazê-lo. Acho.

4.2.12. Brecht, Silva e Backes¹⁴¹

A crônica a seguir é datada do dia 14 de fevereiro de 2004, portanto publicada a pouco mais de um ano do governo Lula, trata sobre as coisas que o presidente petista poderia ter feito desde que assumiu, mas que ao invés disso até aquele momento “continuava cumprindo as ordens do FMI”. “Desde que assumiu o presidente Lula vem dizendo que não pode fazer o que quer mas faz o que pode. Foi eleito por uma esmagadora maioria de votos: o povo o queria e a classe média, temendo virar povo, também.”

¹⁴⁰ Henrique Wolffenbuttel é filho de seu irmão Urbano.

¹⁴¹ WOLFF, F. Brecht, Silva e Backes. **O Pasquim** 21, p.21, 14 fev. 2004.



De esperançoso e compreensivo o discurso agora começa a atacar o presidente da mesma maneira que fazia com o ex-presidente.

Mais subserviente que FHC, Lula conseguiu aumentar o desemprego, diminuir o PIB e a renda per capita. O que mais pode? Taxar os inativos, aumentar os impostos, cristalizar o CPMF, diminuir a cesta básica, dar as costas para a questão social.

Cria uma situação cheia de hipóteses contrariadas e mais uma vez ironiza:

O que Lula gostaria de fazer? A reforma agrária? Não pode. O que Lula gostaria de fazer? Dar força aos sindicatos? Não pode. O que Lula gostaria de fazer? Dar prioridade à educação, à saúde, ao transporte, à moradia? Não pode. Acabar com o trabalho escravo, com a prostituição infantil? Não pode. Acabar com as mordomias de deputados e senadores que além dos 25 mil reais que recebem por mês ainda gastam – este é apenas um dos itens – em combustível todos os meses entre 10 e 15 mil reais e empregam centenas de familiares? Não pode. Moralizar os planos de saúde? Não pode. O que Lula pode? Pode pedir que tenhamos fé. Pode prometer 41 mil postos para futuros servidores públicos e dizer que quer um Estado forte ao mesmo tempo em que incentiva a privatização dos setores mais importantes da economia nacional. Ah, sim, houve outra coisa que Lula pode fazer: obrigar os turistas americanos que aqui chegam a ter as mãos lambuzadas enquanto são entretidos por belas passistas de escola de samba. Pessoalmente quero que os americanos se danem mas não creio que nenhum desses turistas digitalizados no aeroporto tenha vindo para cá a fim de explodir o edifício Avenida Central. Sim, Lula pode fazer uma cortina de fumaça para não vermos o que ele prometeu fazer e não fez.

Discorre novamente sobre o motivo de Lula ter vencido. “O povo acreditou, o povo se identificou com Lula, um foragido da seca, pois o povo está enlouquecendo. Além

de lhe roubarem fisicamente, roubaram sua cultura e sua capacidade de raciocinar criticamente.”

Fala sobre o livro “A arte do Combate” de Marcello Backes¹⁴² sobre a literatura alemã no qual o autor:

[...] alonga-se um pouco mais sobre uma das dez personalidades que mais influenciaram o século 20 na minha opinião, o dramaturgo Bertolt Brecht, com raras exceções assassinado no Brasil por falta de compreensão do seu método, que chamava de werffremdungseffekt ou efeito de estranhamento: como ver o que há de singular no lugar-comum. Para facilitar a compreensão do leitor, em vez de usar ‘Teatro Dramático’ e ‘Teatro Épico’ (o de Brecht) usarei BB e PT (mas poderia ser qualquer outro partido brasileiro pois são todos iguais): PT envolve o povo numa trama e BB o transforma em observador ativo; PT exaure a atividade, BB estimula a atividade; PT permite sentimento, BB arranca decisões; PT proporciona emoções, BB proporciona noções; PT enreda o povo na ação, BB o coloca face a uma ação; PT submete o povo a sugestões, BB o submete a argumentos; PT respeita sensações, BB impele à consciência; PT pressupõe o homem um ser conhecido, BB vê no homem objeto de indagações; PT vê o homem imutável, BB o vê mutável e modificador; PT vê o homem como dado fixo, BB como processo; para o PT o pensamento determina a existência, para o BB a existência social determina o pensamento; no PT predomina o sentimento (como o de Lula emocionando-se com a flagelada que só tinha um colchão e deu-o para a vizinha grávida), em BB predomina a razão.

Ao comparar o teatro de Brecht ao modo de governar do PT, demarca sua “nova” posição – mas ainda a mesma de sempre – porém com as condições de produção se desenhando outras. Fausto discorre sobre a tradução que Backes faz em seu livro de um conto didático de Brecht chamado *Se os tubarões fossem homens*¹⁴³.

¹⁴² Backes foi supervisor da edição das obras de Marx e Engels e é colaborador de diversos jornais e revistas.

¹⁴³ - Se os tubarões fossem homens eles seriam gentis com os peixes pequenos? – perguntou a filha da caseira ao sr. Keuner.

- Com certeza – disse ele. - Mandariam construir caixas para os peixes usarem com todo tipo de alimento vegetal e animal. Renovariam a água e adotariam as providências sanitárias cabíveis. Se um peixinho se

Não tenho certeza, mas acho que este conto foi escrito antes da ascensão de Hitler. Já imaginaram se os alemães o houvessem preferido a *Mein Kampf*¹⁴⁴? Mas não estamos na Alemanha, não temos Brechet e sabemos apenas que Lula quer fazer coisas boas e não o deixam. A pergunta que não quer calar é: quem não deixa? Por que ele não denuncia esses canalhas que não o deixam fazer coisas boas para nós, peixinhos? Por que não pode ou por que não quer?

A dúvida deixada com a pergunta acima demonstra a força da posição de Fausto.

4.2.13. Mentira. Foi tanta mentira que você contou!¹⁴⁵

Inicia falando de algumas mentiras que ouviu durante a vida e do modo como reage a elas. “Depois de muitos porres e porradas cheguei à conclusão de que só aceito um tipo de mentira: a gentil. Aquela que não terá consequências no lugar da verdade inútil que feriria uma ou mais pessoas que amamos.”

Traça um paralelo entre mentira e política.

ferisse tratariam do seu machucado para ele não morrer antes do tempo. Para que não ficassem tristes os tubarões lhes dariam festas aquáticas porque os peixes alegres tem melhor gosto. Nas grande caixas haveria escolas onde os peixinhos aprenderiam a nadar diretamente para a goela dos tubarões. A aula principal seria sobre formação moral. Os peixinhos aprenderiam que é belo sacrificar-se para os tubarões que velam pelo futuro dos novos peixinhos. Os peixinhos só teriam futuro se obedecessem. Primeiro os peixinhos não poderiam ser ignóbeis, materialistas ou marxistas. Deveriam denunciar aos tubarões qualquer colega que tivesse tais inclinações. Se os tubarões fossem homens guerreariam entre si e as guerras seriam conduzidas pelos próprios peixinhos. Ensinaríamos que eles eram muito superiores aos peixinhos de outros tubarões. Os peixinhos, como todos sabem, são mudos e calam nas mais diversas línguas. Cada peixinho que matasse mais peixinhos da outra língua muda ganharia medalhas e seria herói. Haveria também arte. Nas telas as goelas dos tubarões seriam pintados como parques de diversão e nos teatros mostrariam valorosos peixinhos nadando diretamente para dentro dos tubarões. A música seria tão encantadora que os peixinhos em êxtase entrariam em bandos para as gargantas dos tubarões. A religião ensinaria que só no estômago do tubarão é que a vida começa de verdade. Os tubarões acabariam com a igualdade entre peixinhos. Uns mandariam nos outros de acordo com seus cargos. Os maiores podiam até comer os menores pois mais gordos estariam quando fossem comidos pelos tubarões. Só assim haveria civilização no mar se os tubarões fossem homens.”

¹⁴⁴ *Mein Kampf* é o título do livro de dois volumes de autoria de Adolf Hitler no qual expressa ideias anti-semitas adotadas pelo partido nazista.

¹⁴⁵ WOLFF, F. Mentira. Foi tanta mentira que você contou! **O Pasquim** 21, p.15, 12 jun. 2004.



A mentira e a política são irmãs siamesas. A mentira confunde-se com a pele dos políticos. No fim dos anos 60, princípio dos 70, um bando de intelectuais burgueses com complexo de culpa decidiu que o trabalhador Lula não tinha defeitos e tudo o que ele fazia era bonito. Àquela altura já deveríamos ter desconfiado que esses intelectuais eram burros. Lula chegou ao governo despreparado e rodeado de incompetentes cuja única bandeira era a de demonstrar mais fidelidade a Washington do que o grande burlador FHC. Lula comete erros sobre erros, mais por incompetência brega do que má fé, e todos confundem isso com sofisticação: tanto o Fome Zero, a ridícula reforma do Torto, como o avião com banheira, de 70 milhões de dólares. Um escárnio. Seu erro principal, como o de Collor, foi mentir logo no primeiro ano de governo.

E daquele sonho que teve início ainda no último ano de FHC começa a projetar no futuro um passado recente.

Por enquanto Lula só mentiu e terá de continuar mentindo. Isso o eleitorado, por mais alienado que seja, não perdoará. FHC só começou a mentir no atacado a partir do primeiro dia do seu segundo mandato. Waldomiro¹⁴⁶, como varíola, deixou marcas na alma – logo aparecerão na cara – de muita gente. Estão aí, ao lado de Lula, moços de boa família como ACM, Sarney, Barbalho e Roberto Jefferson que não me deixam mentir mas aplaudem as mentiras do governo.

Fala sobre as mentiras de Reagan¹⁴⁷, que antes de ser presidente atuava como ator, e conjectura que um país que votou em Reagan tranquilamente votaria em

¹⁴⁶ Waldomiro Diniz é ex-assessor da Casa Civil e ganhou notoriedade em 2004 após a divulgação de uma gravação feita pelo bicheiro Carlinhos Cachoeira, que deu início a primeira crise ética e política do governo Lula. A divulgação das imagens enfraqueceu a posição do então ministro José Dirceu no governo e o fato deu início ao caso do Mensalão.

¹⁴⁷ Ronald Wilson Reagan trabalhou como ator em diversos filmes. Foi governador da Califórnia e presidente dos Estados Unidos.

Schwarzenegger¹⁴⁸. Outrossim, no Brasil, porque não votaria na Xuxa¹⁴⁹ o eleitor que vota em Rosinha¹⁵⁰, conjectura. Compara Reagan, considerado pelo eleitor americano o presidente que mais bem discursava, a Lula. Fala sobre as eleições de Bush que foram fraudulentas e da relação com Chalabi¹⁵¹. Continua enumerando as barbáries americanas e os gastos excessivos em armamento para propagar a guerra pelo mundo em busca de poder.

Depois de todas as colocações manda um recado a Lula:

PS: Meu caro Lula, é por causa deste país, por causa da falsa dívida que insistes em pagar com o sangue do nosso povo trabalhador, que o Brasil está na situação em que está. Aprenda com os erros de Bush e não minta mais. Ainda há tempo para desatrelarmos a nossa economia dos nossos algozes. Ainda há tempo para se fazer uma revolução popular.

Mesmo descrente naquilo que um dia chamou de “revolução democrática” o discurso de Fausto parece retomar a vontade de que Lula fizesse a tão sonhada e esperada mudança. Essa edição de O Pasquim 21 foi a de número 115 e o hebdomadário duraria apenas mais cinco edições chegando ao fim de uma trajetória que marcou uma fase histórica tanto para o Brasil quanto para o jornal.

Fausto continuaria a expor seus argumentos através de seus textos coerentes e afiados no Jornal do Brasil até o dia de sua morte, em 2009, porém essa é outra história que remete a outras condições de produção.

¹⁴⁸ Arnold Schwarzenegger atuou como fisiculturista e ator. Foi também governador do estado da Califórnia.

¹⁴⁹ Apresentadora de programa infantil.

¹⁵⁰ Esposa do político Anthony Garotinho. Foi a primeira mulher a ser eleita governadora do estado do Rio de Janeiro.

¹⁵¹ Ahmed Chalabi é um dirigente político iraquiano nascido no seio de uma família rica de banqueiros. Com a deposição de Saddam Hussein do poder após a intervenção militar norte-americana no Iraque em 2003, Ahmed Chalabi foi insistentemente falado com um dos mais prováveis sucessores do ditador.

5. A CONSTRUÇÃO DO POLÍTICO IDEAL

5.1. Primeira parte

*O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.*¹⁵²

Retomando as formações imaginárias, neste capítulo partimos em busca do político ideal, que se evidencia no discurso de Fausto Wolff através das imagens constituídas ao longo das crônicas que vimos no capítulo anterior, porém agora serão analisados os recortes que demonstram que muito mais do que apontar erros e acertos no que diz respeito aos mandatos dos referidos presidentes que representavam o Brasil nos dois períodos destacados, o discurso vem impregnado de uma tentativa, ainda que de forma inconsciente, de construir um modelo de político ideal que, como vamos observar, tem um pouco de cada um dos referidos, seja no silêncio do não dito ou nas constantes repetições.

Para dar início as análises, destacamos as imagens reveladas nos dois trechos seguintes da crônica intitulada “Prefiro os outros!”, que se encontra como as demais resumidas no capítulo anterior e que seguem na íntegra nos anexos.

Na afirmação “Sou marxista” sucedida pela sentença “(...) se o mundo não quiser se suicidar terá que marchar inevitavelmente para o socialismo...” podemos verificar uma posição contrária ao capitalismo, logo, ao se dizer comunista traz o não dizer “Não sou capitalista”, ou seja, essa seria uma das qualidades que podemos demarcar na construção do político ideal presente no discurso.

Ao se opor ao capitalismo, por extensão, o discurso se aproxima do discurso de Lula se distanciando, assim, do de FHC, pois como é de conhecimento de todos que Lula

¹⁵² (PÊCHEUX, 1997, p.82)

veio do lumpen ao passo que FHC é um intelectual da classe média, portanto mais próximo das regras do capitalismo.

Ainda nessa crônica podemos observar que outros fatores evidenciam no discurso uma posição contrária a qualquer forma de poder que subjugué ou se sobreponha aos direitos das pessoas. “De modo que vai acontecer o que sempre aconteceu: o dr. Coiso (o capital internacional) decidirá em Washington qual o melhor candidato”.

Ao dizer que “o capital internacional” vai decidir o vencedor das eleições, o discurso retoma a ideia de subserviência dos países pobres aos ricos e a luta de classes, teoria presente entre as bandeiras do comunismo.

Na sequência, observamos: “Votarei no candidato mais à esquerda mesmo que ele, depois de ganhar, permaneça nesta posição por uns quinze, vinte minutos”. O discurso aponta que há um efeito pre-construído inscrito na memória discursiva, ou seja, em uma formação discursiva golpista ou da ditadura militar que interpreta toda política da esquerda como ameaça a ordem e aos interesses da pátria e que, portanto, um governo à esquerda deve ser derrubado e substituído.

Há também o fato de que nem sempre somente a vontade do candidato em se manter coerente aos seus ideais é o suficiente. Com isso, percebemos que a formação discursiva vai sendo evidenciada devido às posições ideológicas colocadas em jogo durante a produção das frases.

No texto seguinte intitulado “Os assassinos da esperança” temos: “A pergunta que lhes faço, leitores, é a seguinte: existe algum partido de esquerda, algum partido que veja no povo o seu soberano e o fim que lhe dá significado? Se existem partidos de esquerda (vá lá: PPS, PSB, PCdoB, PT, PDT e mais o Movimento Sem Terra) por que não se unem sob uma única bandeira socialista neste momento em que os cachorros grandes estão brigando, e disputam as eleições?”.

Novamente vem à tona a ideia de esquerda e dos diversos partidos que a representa no Brasil. É possível perceber que há no discurso uma entrelinha idealista que visa um objetivo maior que pudesse dar início a uma fusão da esquerda e, assim, o povo ser

representado. A palavra esquerda pode significar dois processos históricos, ou seja: a “esquerda unida” que representaria o povo contra a direita e a “esquerda dividida” que se enfraqueceria em busca de planos de poder deixando o povo de lado.

Em “A terra prometida”, temos o trecho: “(...) Fernando Henrique, este monarca e patético que nunca passou fome, que nunca sofreu uma humilhação, que sempre teve tudo de mão beijada e passou a vida mentindo”. Aqui temos as palavras “monarca” (afirmada como propriedade presente em FHC), “fome” e “humilhação” (negadas como propriedades nunca presentes) que desqualificam FHC, uma vez que o discurso aponta a fome e a humilhação como qualidades para ser um bom governante.

Também temos a palavra monarquia que em oposição ao comunismo, traz a memória de sentidos associada a um regime autoritário uma vez que o povo não teria nele a oportunidade de escolher um representante através de eleições. Essas “não escolhas” do regime monárquico remetem as de FHC e as decisões que toma diante do governo.

Do mesmo modo, quando diz “nunca passou fome” e “nunca sofreu humilhação” o discurso aponta para a ideia do proletariado e a transfere como qualidade, sem dizer no plano discursivo – para o candidato opositor, Lula. O político ideal vai assim se desenhando nas regularidades do discurso enunciado da posição ocupada por Fausto Wolff.

O próximo trecho recortado é da crônica intitulada “Malditas coincidências” e ainda no sentido de desqualificação do então presidente Fernando Henrique Cardoso, o discurso retoma a ideia de subserviência aos mais poderosos e aponta para o fato de que FHC não teria feito outra coisa senão mentir e cumprir o trato com os EUA. “Se fez alguma coisa além de cumprir a promessa aos gringos foi levar a classe média para as favelas e os favelados para o crime.” Com a afirmação “classe média para as favelas” o discurso traz a noção de pouca preocupação com os menos favorecidos, atitude comum do capitalismo que visa exclusivamente o lucro, ao contrário do que está implícito nos dizeres e não dizeres do discurso: o comunismo como ideologia para o político ideal.

Seguindo nessa exposição de qualidades e defeitos que remontam o político ideal, continuamos as análises na crônica “Como dói a proteção ambiental de FHC!” que agora evidencia outras qualidades necessárias para o bom político. “(...) É tão subserviente com os poderosos quanto é arrogante com os humildes, o nosso FHC.” Aqui, nos sintagmas “subserviente com os ricos” e “arrogante com os pobres”, novamente qualidades e defeitos aparecem no discurso demarcando as posições ideológicas que vem construindo uma nova imagem.

Em seguida, aponta para outras características que desqualificam FHC e constrói qualidades do político ideal: “O homem mente, é chato, vaidoso, perigoso e pode enlouquecer a qualquer momento...” Sendo assim, seria necessário ser sincero, divertido, humilde, inofensivo e, acima de tudo, que mantivesse a lucidez.

No texto seguinte, “Cadeia para FHC!”, do mesmo modo em que desqualifica as atitudes de FHC criando qualidades que, ora aponta para Lula e ora para um político que existe somente em seus ideais, o discurso se posiciona contra algumas atitudes do petista. “Leio nos jornais que Lula concorda em 90% com a FIESP. O que quer dizer isso? – me pergunto. Se é para concordar com os patrões que pagam salário mínimo para operários mortos de fome, para que um PT?”

Concordar com os patrões não é prioridade do político ideal, pois de acordo com a lógica comunista, são todos algozes dos empregados. Ao questionar o partido de Lula, que deveria estar do lado dos empregados, retoma a ideia da esquerda exposta anteriormente que, uma vez dividida, precisaria unir forças com ideologias distintas para chegar ao poder e sentencia: “Cadeia para os traidores da pátria, caso esse vocábulo – pátria – ainda tenha, como espero, algum significado em nossos corações.” Aqui fica evidente também que o político ideal teria que ser, antes de tudo, um patriota. A ideia de pátria é bastante forte para idealistas e aqui o discurso deixa transparecer mais esse atributo que haveria de ter o candidato-político idealizado.

Na crônica “O país dos trouxas: vende-se, aluga-se, arrenda-se com ou sem povo!” há o excerto: “Já disse que vou votar em Lula, mas não posso deixar de ficar

constrangido ao vê-lo ter de agradecer aos bandidos (mesmo calando) para garantir os votos dessas facções. Não o culpo, mas fica registrado o constrangimento.” Agradar aos bandidos, ainda que calado, é uma atitude que o discurso aponta como incorreto e o contrário a isso, ou seja, agradecer aos honestos seria o perfeito. Outra vez a soma de forças faz parte da formação discursiva e o fato de ter que “agradar aos bandidos” é justamente para ganhar força e votos.

Ainda dentro das concessões necessárias para chegar ao poder, na crônica seguinte “O menino e seu herói” sentencia: “Estou muito velho para andar no mesmo palanque que Antônio Carlos Magalhães, Bornhausen, Collor, Jader Barbalho, Roberto Jefferson e tantas outras pessoas que tão mal fizeram ao nosso tão pobre povo.” Ao citar esses nomes e as alianças que FHC construiu em seu governo aponta sem apontar para um governo que não faria alianças e continuaria intacto aos seus ideais. Portanto, a imagem para o político ideal seria manter seus ideais intactos.

Outros fatos presentes no discurso são as privatizações como veremos a seguir no fragmento da crônica “É preciso restaurar a vergonha ou o ventre livre”. Fica clara a posição contrária. “Nos primeiros quatro anos de loucura, Fernando Henrique Cardoso vendeu a Vale, a CSN, a Telebrás, as ferrovias, as rodovias, acabou com a saúde e a educação, além de chamar os aposentados de vagabundos.” Além de investir em educação e valorizar os aposentados, o discurso aponta como imagem ideal para o político que irá ocupar o lugar de presidente para o fato de o Estado atuar como soberano e detentor de todos os bens e recursos para a promoção do bem estar da população. Ou seja, novamente um discurso que se organiza em torno dos sentidos atribuídos à noção de comunismo.

Na crônica “A vida como ela é” o discurso retoma a preferência pela esquerda em um Post-Scriptum. “PS aos leitores: estou cansado de bater em político, ladrão, vagabundo e sem vergonha. Daí a história que contei. Na próxima edição, já teremos votado. Eu vou votar no Lula para presidente.” Até o momento a construção do político ideal pende mais para o lado do candidato Lula do que para o do presidente-candidato FHC.

Ao desmembrar suas (as de FHC e Lula) ideologias e declarar a sua, o discurso de Fausto Wolff vai evidenciando as características do político idealizado.

Retomando a ideia de pátria e nacionalismo, na crônica “Olha o Brasil aí gente” aponta: “Desde aquela época que sonho (e luto) em ver na presidência da república um brasileiro. Sonhei com Prestes, com Jango e com Brizola. Os cruéis mauricinhos da política como FHC, Ciro, Serra, podem virar a vida deles de cabeça para baixo e verificarão que Getúlio, Jango, Prestes morreram com menos dinheiro do que tinham ao entrarem na vida pública. Brizola está na mesma situação.” Ao dizer que sonha com um brasileiro na presidência remete a todos os presidentes que o Brasil já teve e que, por algum motivo, não seriam brasileiros. O discurso produz imagens que se inserem na memória discursiva de outros presidentes que, por sua vez, não trabalharam em prol das benesses com as quais o país poderia ter sido contemplado.

Os presidenciáveis citados na crônica de Fausto Wolff como exemplo desejável são descritos idealistas de esquerda, sendo que um deles – Prestes – foi secretário-geral do Partido Comunista no Brasil.

Outros fatores que evidenciam as características do político ideal no discurso analisado são as atitudes que, de acordo com esse discurso, Lula, supostamente, tomaria uma vez que ganhasse as eleições. “Nenhum dos quatro candidatos falou em reforma agrária, a diferença é que eu sei que Lula vai promovê-la. Todos falaram em desatrelar nossa economia do FMI, a diferença é que sei que Lula falava sério.”

O autor das crônicas deposita uma confiança exacerbada nas promessas de campanha do então candidato Lula e, agora, as formações discursivas apontam para atos que somente um político de esquerda tomaria. O político ideal precisaria fazer então a reforma agrária e ser independente ao que diz respeito a recursos monetários de países capitalistas.

Novamente um PS na crônica “Nós é que bebemos e eles que ficam tontos” servirá como esteio para as análises que seguem. Neste, a ironia se faz presente no discurso para defender o presidente Lula que teria tomado uma taça de Romanné Conti, um vinho

muito caro. “PS: Caro Lula, quando você vencer as eleições, pois a maioria dos brasileiros não é tão idiota como pensa o Elio Gaspari, não esqueça de comemorar com feijão, arroz, dois ovos e uma cachacinha em lata.” Comemorar com “feijão”, “arroz”, “ovos” e “cachacinha” demonstraria humildade por parte do candidato ou desprendimento ao luxo excessivo, outro fator que podemos apontar para a construção do político ideal que se inscreve no discurso.

No último texto da primeira fase intitulado “Tome nota senhor presidente!” novamente é remontado o sonho de o Brasil ter um presidente brasileiro e de que Lula seria o primeiro a ocupar o cargo com esse epíteto. “Espero que Lula não esteja zangado com o fato de tanta gente estar palpitando no seu governo. Isso é muito natural, pois pela primeira vez na nossa pobre História o povo se sente parte do governo; identifica-se com ele e o seu presidente.”

Aponta ainda para a ideia de corrupção no qual estaria atrelado o governo de FHC, que além de não representar nenhuma qualidade que pudesse acrescentar na construção do político ideal, a não ser pelo contrário como podemos observar no exemplo a seguir: “Para um governo corrupto e entreguista como foi o de FHC foi muito difícil governar o Brasil. Para Lula – caso a esquerda burra não cobre milagres e a direita criminosa não pratique atos de terrorismo – não será difícil governar o Brasil.”

Duas palavras apontam para o discurso contrário que representa o político ideal no discurso analisado: corrupto e entreguista. O governo do político idealizado no discurso de Fausto Wolff seria o contrário do exposto. Da mesma forma, se a esquerda não fosse dividida e se tornasse uma só não haveria opositores da “esquerda burra”. Conquanto, “a direita criminosa” a que se refere remete novamente a memória discursiva da ditadura que praticou inúmeros crimes.

O que vimos até aqui é uma tentativa de desqualificação dos atos e do governo de FHC nas entrelinhas do discurso inseridas nas imagens que se apresentam, em oposição a qualificação de Lula como representante oposto, porém acima de tudo, o que percebemos

é sim a construção de uma terceira via que vai se evidenciando e tomando forma na construção de imagem do político ideal.

5.2. Segunda parte

Já na segunda parte dos textos que compreendem os anos de 2003 e 2004 algumas pistas são encontradas no discurso de Fausto Wolff acerca do seu descontentamento com aquele que foi, aparentemente o mais próximo de seu ideal enquanto político. Por um lado há a construção discursiva da imagem do político ideal, a partir de uma série de propriedades afirmadas como positivas ou necessárias e da negação de outras que são colocadas por oposição como indesejáveis e atribuídas à imagem do mau político.

No trecho a seguir da crônica “Nem tudo que brilha é ouro ou balança que cai” temos: “Sai dessa Lula, expulsa os vendilhões do templo.” A construção “vendilhões do templo” remete a narrativa presente nos quatro evangelhos do Novo Testamento cujos vendedores são expulsos por Jesus. A imagem produzida remonta a ideia de Lula como sendo um messias, porém com a não expulsão dos “vendilhões”, o agora presidente evidencia os primeiros sinais de que não era o político ideal do discurso, que como veremos se inscreve na linha tênue que difere e iguala FHC e Lula.

A seguir em “Tua estrela solitária nos conduz” aparece novamente a noção de presidente brasileiro. “O Brasil até hoje não teve um presidente brasileiro ou pobre. És o primeiro.” Outra vez a ideia de brasileiro e pobre, imagens marcantes e constantes no discurso. Seguido de “Querer ser um bom presidente é fundamental.” Aqui fica marcada a vontade como sendo uma qualidade a mais para o bom candidato e ter vontade de ser um bom político já seria uma alternativa para conseguir ser bom.

O bom político como estamos observando nas regularidades que analisamos nas crônicas, é produzido a partir de processos discursivos que o configura. “(...) Você quer mudar as coisas.” Por esse motivo, dirigido a Lula, o discurso remete a memória discursiva

da mudança, seguida por “Ninguém tem direito de representar o povo e se enriquecer a custa deste mesmo povo.” A imagem constituída é a de que o político ideal teria que ser honesto além de trazer inovações em detrimento ao que havia no governo FHC.

Em “A fome e o papel das forças armadas” observamos mais pistas que ajudam a descrever os traços de imagem do político ideal. “Uma das razões pelas quais Lula ganhou as eleições foi o lento mas irresistível sangramento a que FHC condenou a classe média e o funcionalismo público em geral no cumprimento de ordens neoliberais.” Posicionado contra o neoliberalismo, o discurso ratifica mais uma vez a imagem comunista, contrária a qualquer forma de capitalismo. Assim o discurso se desenha, como desde o princípio, dentro de uma formação discursiva na qual a imagem do bom político e a imagem do mau político são produzidas a partir de uma posição sujeito que retoma os sentidos do discurso comunista, posição ocupada por Fausto Wolff enquanto autor das crônicas.

A seguir em “Lula confia no povo!” traz novamente a ideia de revolução, presente na ideologia comunista. “(...) Espero que o PT aja revolucionariamente e, por enquanto, raras exceções, vejo-o agindo compadrescamente.” Com isso, é possível acrescentar mais essa qualidade (a revolução) no rol daquelas que tem que ter o político ideal a partir dos efeitos de sentido presentes no discurso.

A tendência para a esquerda é outro fator que pode ser encontrado. Algo que não FHC enquanto governo projetando assim a expectativa em Lula, porém depois que passa a governar o país o ideal vai se transformando em algo que se inscreve no campo do equivoco. No texto “Esperança que vence o medo pode vencer o me(rca)do” temos: “[...] Quero um PT unido e forte mas à esquerda e não a serviço dos grandes organismos internacionais.”

Depois em “Os quatro cavaleiros do apocalipse” a construção “eu me iludi” traz a noção de engano e tudo que o discurso demonstrava depositado em Lula cai por terra. A ideia de neoliberalismo coloca ambos os governos no mesmo patamar e abre margens ainda

mais largas acerca da construção do político ideal. “O PT quando chegou a Brasília já era neoliberal desde criancinha. Eu me iludi.”

Como vimos, o discurso passeia entre a euforia de se ter um “brasileiro” no poder e esse mesmo “brasileiro” depois de vencer as eleições tender mais para o centro, decepcionando assim o ideal comunista. Porém, as imagens não mudam o que muda é a atribuição da imagem de político ideal ao sujeito político Lula.

Em “O Lula ainda está lá” temos: “(...) ocorre que o governo, infelizmente, já disse a que veio. Veio para obedecer às ordens do FMI, que quer uma Previdência confiável, um mínimo de leis sociais que beneficiem o trabalhador e o máximo de privatizações e negociações.” Observamos neste trecho que “ordens do FMI” e “privatizações” são palavras já usadas anteriormente, porém antes se referiam a FHC. Agora, porém, se referindo a Lula observamos que o discurso continua o mesmo, ou seja, contrário não a FHC ou a Lula, mas sim ao sistema de governo que ambos optaram por seguir. Assim sendo, o ideal político aqui exposto no discurso de Fausto Wolff oferece margens cada vez mais concretas acerca da construção do político ideal.

Agora, no fragmento retirado da crônica “A vida abominável do homem honrado”, o discurso aponta para um jogo de hipóteses com as palavras “mentiras”, “traições” e “delinquência” de FHC, novamente apontando para a “esperança” que remete a posse do governo Lula e seus “rapazes todos de esquerda”. Observe que a palavra “pátria” também se repete nesse trecho enfatizando o objeto referido. “Quando, porém, ao fim dos oito anos de delinquência de FHC, mentiroso e traidor, passou-se a rir da honra, enlamear a ética, elogiar a mentira, estávamos desesperados e tínhamos certeza de que a hora dos homens de bem havia chegado com a eleição de Lula e seus rapazes do PT, todos de esquerda, todos sedentos pela justiça social, ansiosos para colocar nossa pátria no alto patamar que ela merece.”

Na sequência, uma demonstração de decepção que fica marcada pelas palavras acerca do governo de FHC e a esperança (que foi o grande mote da campanha de Lula) com seu sucessor. “Acreditávamos que ele e seus ministros quisessem realmente botar os

ladrões da cadeia, desprivatizar o que foi privatizado, fazer a reforma agrária, mas o que vemos agora é um governo subserviente ao Consenso de Washington e obediente ao FMI.”

Ao trazer novamente palavras como “desprivatizar”, “reforma agrária” e “subserviência” coloca por terra toda a confiança depositada no agora presidente. Sendo assim, o discurso começa a fechar a ideia de político ideal com qualidades que faltavam em FHC e, pareciam presentes em Lula, mas que em um segundo momento, faltou também no presidente petista ficando, portanto, como exposto aqui, no plano das imagens.

Na crônica “O inferno é na esquina” o discurso persiste: “(...) a vitória esmagadora de Lula lhe permitia tomar atitudes socializantes, dar os primeiros passos para acabar com a miséria, o analfabetismo, a fome, o desemprego, a prostituição infantil, o trabalho escravo, o nepotismo, o loteamento político e o entreguismo que age através das transnacionais que do Brasil só querem subsídios, mão-de-obra barata e leis que favoreçam o escoamento de capital.” Quando constrói o termo “atitudes socializantes” traz de novo a imagem do comunismo que com sua cartilha poderia “acabar com a miséria, o analfabetismo”, entre outros fatores que retomam e remontam o discurso que vem sendo aqui descrito.

Fato ocorrido também na sequência: “Se o PT tinha algum plano de governo era o da obediência ao FMI, o mesmo plano iniciado com tanta tenacidade e levado a cabo com êxito por Fernando Henrique Cardoso, o maior delinquente que este país já conheceu... até agora.” Novamente a obediência ao FMI e a subserviência ao capital aparece e, pela primeira vez, a comparação dos governos FHC e Lula, surge de modo que os coloca em pé de igualdade tanto em suas ideias quanto em seus ideais. Portanto, cabe ressaltar que o discurso ainda aponta para o político ideal, o que demonstra uma continuidade discursiva.

No trecho retirado de “Cronaca familiare” aponta para o “filho do proletariado”. A palavra “proletário” remete ao comunismo, uma vez que foi muito difundida em seu Manifesto escrito por Karl Marx. “Lula e o PT – mas principalmente Lula, por ser um filho do proletariado como eu e a maioria dos seres humanos – eram minha última esperança. Lula, embora trilhando o mesmo caminho do grande delinquente, do campeão mundial da

vaidade, Fernando Henrique Cardoso, quer que tenhamos fé. Não sou um homem religioso e sei que não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo.” Outra vez, a imagem da pobreza também retoma o discurso e, por fim, ao igualar os governos, faz menção a outro texto bíblico encontrado no evangelho de Mateus.

Em “Volta ao lar” podemos identificar mais um momento de igualdade, porém desta vez em uma tentativa de desqualificar Lula. “(...) mas para com esse deslumbramento idiota que em nada te difere do grande delinquente FHC.” Essa desqualificação segue em “Brecht, Silva e Backes” e passa a ser enumerada a cada gesto de Lula. “Mais subserviente que FHC, Lula conseguiu aumentar o desemprego, diminuir o PIB e a renda per capita.”

Aqui o discurso aponta Lula como um político pior que FHC, pois ao invés de acabar com as mazelas da sociedade as promoveu com maior intensidade. O político ideal, do discurso, teria que terminar de uma vez por todas com o sofrimento do povo.

No último texto intitulado “Mentira. Foi tanta mentira que você contou!” o discurso fecha em uma oposição a ambos os presidentes e deixa vir à tona o político ideal. “Lula chegou ao governo despreparado e rodeado de incompetentes cuja única bandeira era a de demonstrar mais fidelidade a Washington do que o grande burlador FHC.” Outra vez o discurso desqualifica as atitudes de Lula, contudo apontando agora para fatores importantes como a sua subserviência que agora superava a de FHC.

“Por enquanto Lula só mentiu e terá de continuar mentindo. Isso o eleitorado, por mais alienado que seja, não perdoará.” A mentira como forma de manter o poder seria a única alternativa de Lula e, com isso, o discurso produz imagens sobre verdade nos silêncios e intervalos dos dizeres.

“PS: Meu caro Lula, é por causa deste país, por causa da falsa dívida que insistes em pagar com o sangue do nosso povo trabalhador, que o Brasil está na situação em que está. Aprenda com os erros de Bush e não minta mais. Ainda há tempo para desatrelarmos a nossa economia dos nossos alçozes. Ainda há tempo para se fazer uma revolução popular.”

Novamente a ideia de dívida e de revolução, como se separando tanto a economia quanto as decisões das dos EUA fosse possível surgir o político ideal. Com isso, é possível destacar, na tabela a seguir, as imagens que remetem às características que pertencem ao político ideal inscritas no discurso de Fausto Wolff.

Características produzidas através de imagens acerca do político ideal
Ser marxista
Ser socialista
Ser de esquerda
Promover a união partidos
Ter passado fome
Ser subserviente aos pobres
Ser sincero
Ser divertido
Ser humilde
Ser inofensivo
Ser lúcido
Ser patriota
Não fazer alianças partidárias
Ser brasileiro
Promover a reforma agrária
Desatrelar a economia do FMI
Ser pobre
Ser honesto
Promover a revolução
Dizer somente a verdade

Ou seja, o político ideal de Fausto Wolff teria que ter as características evidenciadas através das formações imaginárias conforme destacadas acima. Porém, contrário a isso, tanto o presidente-candidato FHC quanto o candidato-presidente Lula não teriam essas qualidades e, portanto, podemos perceber que o político ideal se inscreve somente no discurso e não para além dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observamos ao longo de nosso trabalho as crônicas de Fausto Wolff demarcam um momento histórico para o Brasil. Como dito anteriormente era a primeira vez que um governante vindo do proletariado chegava à presidência e, junto com a sua trajetória, emanava uma carga de esperança e positividade com relação ao futuro governo. Em detrimento a essa esperança atribuída à chegada de Lula ao Planalto existia também o descontentamento com o governo FHC, que entrava no seu oitavo ano quando do início das análises.

O que vimos através da análise de discurso é que, no período recortado para concretizar o trabalho, o discurso de Fausto Wolff produz imagens que constatamos e pontuamos a partir de um dispositivo teórico criado especificamente para compreender a produção de sentidos.

Desde a organização do corpus – uma vez que partimos das crônicas publicadas em um jornal alternativo como o Pasquim 21, que nasceu em uma época na qual o mundo passava por significativas transformações e que trazia de sua primeira versão (O Pasquim) o teor revolucionário – vimos o discurso sendo remetido a uma memória discursiva que, por definição, é aquilo que fala antes em outro lugar.

Da mesma forma, por se tratar de um exímio cronista, que participou da história de ambos os jornais colaborando com seus textos (definidos no trabalho como crônicas) vimos que o discurso de Fausto Wolff n'O Pasquim 21 se inscreve em uma memória discursiva comunista e, depois de uma breve revisão bibliográfica no capítulo de AD: Introdução às Análises, demarcamos as condições de produção em que o discurso foi instaurado para chegar a conclusão parcial de que as formações imaginárias oferecem pistas para a construção do político ideal.

O político ideal constituído no discurso de Fausto Wolff foi sendo construído a partir de imagens projetadas que o cronista tinha, em primeira instância, do lugar do presidente, bem como da imagem do presidente FHC e do candidato a presidente Lula. O

que pudemos observar através dessas análises é que o discurso desenhou uma imagem composta por algumas qualidades que o político ideal teria que ter para ocupar esse “lugar ideal”.

Até o período das eleições era possível ver essas qualidades no candidato Lula. Conforme foram sendo projetadas as imagens do presidente FHC e do candidato Lula através da formação discursiva, ora para qualificar Lula ora para desqualificar FHC, e, mais a frente, para desqualificar a imagem de Lula presidente, fomos percebendo emergir do discurso uma terceira via.

A imagem do político ideal foi sendo evidenciada em um jogo de imagens destacadas no decorrer das análises e, com isso, podemos finalizar constatando que o político ideal constituído no discurso de Fausto Wolff teria que contar com todas as características que foram destacadas durante a trajetória que acabamos de percorrer.

Muito além de FHC e de Lula, o político ideal revelado naquele contexto, naquelas condições de produção, a partir daquelas formações imaginárias, acatando a memória discursiva e, de acordo com o acontecimento discursivo, seria algo entre o necessário e o real e que está presente em todo o discurso analisado de Fausto Wolff.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana. **O PASQUIM e O Pasquim 21: práticas discursivas jornalísticas de resistência**. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução Joaquim José de Moura Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O frívolo cronista**. In: Boca de luar. Rio de Janeiro: Record, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAGA, José L. **O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

BUARQUE, Chico. Vai Passar. Intérprete: Chico Buarque. In: **Chico ao vivo**. [S.I.]: BMG, p.1999. 2 CD. Faixa 13.

CÂNDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: — [et alii]. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARDOSO, TOM. **Fígado de Jaguar**. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/39/figado-de-jaguar>. Acesso: 08 jul. 2013.

CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. Coqueiro Verde. Intérprete: Erasmo Carlos. In: **Erasmo Carlos e os Tremendões**. [S.I.]: RGE, p1970. 1 CD. Faixa 7.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

CONY, Carlos Heitor. A crônica como gênero e como antijornalismo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 out. 1998. Opinião. p.A-2.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: Ufscar, 2009.

COUTINHO, Eduardo F. **A crônica de Rubem Braga: os trópicos em palimpsesto**. [Goiânia]: Revista Signótica, v.18, n.1, 2006, p.43.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: _____. (Org.). **A literatura no Brasil**. 5.ed., São Paulo: Global, 1999, v.6, p.117-142.

DIAS, Ângela Maria. **Pasquim-1980/1990: as vicissitudes de um nanico na década da comunicação mega-empresarial**. Comunicação & política, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos/Cebela, Volume VII, n.3 (Nova série), p.159-196, set-dez 2000.

ENCONTRO marcado com a arte. Rio de Janeiro: TV Educativa, 1998. 1 videocassete.

FAZENDO MÉDIA. Fausto Wolff. Disponível em <http://www.fazendomedia.com/novas/entrevista150206.htm>. Acesso em: 20 jul. 2013.

FERNANDES, MILLÔR. Independência, é? Vocês me matam de rir. In: AUGUSTO, Sérgio; Jaguar (Org.). **O Pasquim Antologia Vol.1**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006. 17 p.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 25p.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; et PÊCHEUX, Michel. **A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso**. Disponível em: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php. Acesso em 15 de novembro de 2012.

KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. **Política e jornalismo na imprensa alternativa**. [Florianópolis]: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, v.3, n.1, 2006, p.65.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy et ORLANDI, Eni P. (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2010.

LAMPOGLIA, Francis et ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e arquivo no discurso jornalístico: a anistia em revista**. [Brasília]: Cadernos de Linguagem e Sociedade, v.12, n.1, 2011, p.30.

MAGRÃO, Sérgio et SÁ, Luiz Carlos. Caçador de mim. Intérprete: Milton Nascimento. In: **Caçador de mim**. [S.I.]: Philips, p.1981. 1CD. Faixa 6.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária, Prosa - II**. São Paulo: Cultrix, 1967.

OLIVEIRA, Aline Cristina de. **Crônica: um gênero menor? Indagações acerca do texto lítero-jornalístico**. Disponível em:

<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/alinecristina.pdf>. Acesso em 10outubro de 2014.

O PASQUIM - A subversão do humor. Direção: Roberto Stefanelli. Brasília: TV Câmara, 2004.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2013.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Discurso e argumentação: um observatório do político**. Fórum Linguístico, Florianópolis, n.1 (73-81), jul-dez. 1998.

_____. **Discurso e Texto: formação e circulação de sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. In: Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

PÊCHEUX, Michel. **A análise automática do discurso**. In: ADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

_____. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Cad. Est. Ling., Campinas, (19): 7-24, jul/dez, 1990.

_____. **O que é um autor**. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

_____. **Semântica e discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

PESSOA, Fernando. Lisbon Revisited. In: **Ficções de Interlúdio**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. 165p.

QUEIROZ, Ana Cristina de Barros. **O Pasquim: Um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação.** Disponível em: <http://www.historiaperspectivas.inhis.ufu.br/viewarticle.php?id=137>. Acesso em 20 de agosto de 2011.

RESENDE, Beatriz. **Em caso de desespero, não trabalhem. A política nas crônicas de Machado de Assis.** In: CÂNDIDO, Antonio [et al]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

VERÁS, Sára W. **Fausto Wolff: Lembranças.** Disponível em: <http://goo.gl/w2Po8k>. Acesso em: 10 jul. 2013.

WOLFF, F. Prefiro os Outros! **O Pasquim 21**, p.5, 5 mar. 2002.

_____. Os assassinos da esperança. **O Pasquim 21**, p.31, 12 mar. 2002.

_____. A terra prometida. **O Pasquim 21**, p.22, 9 abr. 2002.

_____. Malditas coincidências. **O Pasquim 21**, p.22, 21 mai. 2002.

_____. Como dói a proteção ambiental de FHC! **O Pasquim 21**, p.23, 23 jul. 2002.

_____. Cadeia para FHC! **O Pasquim 21**, p.22, 6 ago. 2002.

_____. País dos trouxas: vende-se, aluga-se, arrenda-se com ou sem povo! **O Pasquim 21**, p.21, 27 ago. 2002.

_____. O menino e seu herói. **O Pasquim 21**, p.22, 10 set. 2002.

_____. É preciso restaurar a vergonha ou o ventre livre **O Pasquim 21**, p.23, 17 set. 2002.

_____. A vida como ela é. **O Pasquim 21**, p.23, 1 out. 2002.

_____. Olha o Brasil aí, minha gente! **O Pasquim 21**, p.20, 8 out. 2002.

_____. Nós é que bebemos e eles que ficam tontos! **O Pasquim 21**, p.23, 15 out. 2002.

_____. Tome nota, por favor, senhor presidente! **O Pasquim 21**, p.22, 12 nov. 2002.

_____. Nem tudo que brilha é ouro ou balança que cai! **O Pasquim 21**, p.22, 10 dez. 2002.

_____. Tua estrela solitária nos conduz! **O Pasquim 21**, p.21, 14 jan. 2003.

_____. A fome e o papel das forças armadas. **O Pasquim 21**, p.21, 21 jan. 2003.

_____. LULA confia no povo! **O Pasquim 21**, p.21, 11 fev. 2003.

_____. Esperança que vence medo pode vencer o me(rca)do. **O Pasquim 21**, p.21, 18 fev. 2003.

_____. Os quatro cavaleiros do apocalipse. **O Pasquim 21**, p.24, 29 abr. 2003.

_____. O Lula ainda está lá? **O Pasquim 21**, p.24, 13 jul. 2003.

_____. A vida abominável do homem honrado! **O Pasquim 21**, p.23, 5 ago. 2003.

_____. O inferno é na esquina! **O Pasquim 21**, p.25, 13 set. 2003.

_____. Cronaca familiare! **O Pasquim 21**, p.19, 17 out. 2003.

_____. Volta ao lar. **O Pasquim 21**, p.21, 29 nov. 2003.

_____. Brecht, Silva e Backes. **O Pasquim 21**, p.21, 14 fev. 2004.

_____. Mentira. Foi tanta mentira que você contou! **O Pasquim 21**, p.15, 12 jun. 2004.

ZOPPI FONTANA, Mónica Graciela. **Autoria, Efeito-Leitor e Gêneros do Discurso.** Função-Autor e Efeito-Leitor/ Autoria e Função-Autor. Campinas, SP: UNICAMP/REDEFOR, 2012. Material digital para o Curso de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural LABJOR/UNICAMP.

ANEXOS

Fausto Wolff

PREFIRO OS OUTROS!

Sou marxista.

Acho de coração que se o mundo não quiser se suicidar terá de marchar inevitavelmente para o socialismo; terá de adaptar o humanismo da Filosofia marxista, que vê no homem um fim e não um objeto, às condições sociais, econômicas, culturais e geográficas de cada país. Apesar das grandes reformas de engenharia social na China e na Rússia, isso ainda não aconteceu. Poderia ter acontecido em Cuba, não fossem tão grandes as exigências da então URSS e o cruel boicote americano.

Estou convicto

de que o homem nasceu para ser livre e feliz. Se conquistar a liberdade poderá usar todo o seu potencial para a arte, a cultura, a cordialidade e o amor. Difícilmente um homem assim se deixará seduzir pelo infantilismo doentio do poder. Acredito ainda que tanto o nazismo como o neoliberalismo são filhos do capitalismo. No caso brasileiro, tenho a impressão de que a estrada que conduziria ao neoliberalismo e à globalização apresentados como paradigmas começou a ser aberta em 1945 e teve breves interrupções de 50 a 54 e de 61 a 64, mas isso é assunto para outro artigo. Zbigniew Brzezinski, homem todo poderoso do governo Carter, disse em seu livro *The Technetronic Society* (de 68, notem!!!): "Rumamos para uma combinação do apoio de milhões de cidadãos não-coordenados, ao alcance de personalidades magnéticas e atraentes que exploram eficazmente as mais avançadas técnicas de comunicação para manipular as emoções e controlar a razão". Isso vem acontecen-

do hoje nos Estados Unidos e nos países avançados. No Brasil a coisa é muito pior: um pesadelo entre a tecnologia e a miséria.

Jornalista pobre

e homem de esquerda, olho-me no espelho e me pergunto aos quase 62 anos sem bens materiais a declarar: em quem vou votar? Não sei. No Partido Neoliberal Socialista ou no Partido Imperialista Democrático? A verdade é que nossas agremiações partidárias causam nojo e vergonha. O TSE resolveu verticalizar as próximas eleições. Mas o que isso muda se não mudam os homens e os partidos?

Não concordei com

Henfil quando ele disse que o povo não sabia votar. Sempre achei que o povo estava certo. Afinal, não fora ele que movera os palanques por todo o Brasil por ocasião da campanha das "Diretas Já?". Nos palanques, os políticos falavam balau – até mesmo os de oposição – para o povo não ouvir que tramavam as indiretas que o Tancredo levou para entregar ao SARNY!!! Será que o povo errou, depois de vinte e cinco anos de ditadura global, ao votar no Collor, psicopata e ladrão? Pois não era o mais bonito? Não tinha a voz grave dos galãs de novela? Sua mulher não era uma Jacqueline Kennedy das caatingas? Não fez a melhor campanha? Não recebeu o dinheiro da burguesia brasileira, o americano e o multinacional? O pessoal votou no boa printa que jurou acabar com os marajás assim como votou em Moreira Franco que jurara acabar com a criminalidade em seis meses no Rio de Janeiro.

Depois veio o FHC.

Que povo, roubado na sua cultura, condenado à ignorância e estratificado no crime e na miséria, não votaria nele? As multinacionais o queriam, os bancos o queriam, a grande imprensa o queria e todos chamavam "el gran burlador" de salvador da pátria. Por que o povo faminto não deveria acreditar? Comecei a levar a sério a afirmação de Henfil quando houve o repeteco. Definitivamente, a hipócrita classe média brasileira transferiu o seu mau caráter para o povo. Sem povo, sem políticos e sem imprensa; entre a hipocrisia e a mentira, entre o roubo e a levandade, estou confuso.

O Brasil

é um país, quase um continente, rico demais e com gente trouxa demais para que o poder transnacional permita qualquer candidato (sempre que ele existir) comprometido com o sofrimento nacional, possa ganhar as eleições. O capital internacional (cerca de mil empresas e bancos) gastou muito tempo e dinheiro para que as coisas chegassem aonde estão. Não podem permitir um jogo honesto. De modo que vai acontecer o que sempre aconteceu: o dr. Coiso (o capital internacional) decidirá com Washington qual o melhor candidato. O mensageiro de Washington pedirá a opinião do dr. Roberto (caso ele ainda palpite, pois embora os diretores da empresa estejam todos riquíssimos, ela estaria na bancarota) e confirmará um nome. O candidato será chamado a um papo em lugar não sabido. As regras do jogo – privatização, ausência de juros, congelamento dos salários, livre interferência na política interna, sindicatos de mentir-

nha, livre remessa de lucros – lhe serão informadas. Caso concorde, será o nosso próximo presidente. Caso faça algumas exigências, chamarão o próximo da lista. O povo votará naquele que melhor se apresentar na TV – se possível na Casa dos Artistas, no Big Brother, no Faustão e no Silvio Santos – e tudo recomeçará novamente. Só que pior. Caso – milagres podem acontecer – o candidato escolhido pelo sistema perca, as eleições serão fraudadas. Se isso aconteceu nos Estados Unidos, por que não aconteceria aqui?

A bela atriz

e grande dama Fernanda Montenegro teria dito uma vez que para o Brasil era um luxo ter Fernando Henrique Cardoso como presidente. Hoje deve estar arrependida, mas ainda assim concordo com ela. Fernando Henrique Cardoso, este valioso genocida que há muito tempo deveria ter sido examinado por uma equipe de psiquiatras, é um luxo ao qual o Brasil não poderia ter se dado. Mas já se deu ao luxo de Collor, de Sarney, da ditadura, do Jânio, do Juscelino (bela alma que ao criar Brasília criou o último prego no caixão do transporte ferroviário e fluvial) e do Dutra. FHC foi apenas um luxo a mais, mas foi fatal.

Claro que votarei.

Votarei no candidato mais à esquerda mesmo que ele, depois de ganhar, permaneça nesta posição por um quinze, vinte minutos. Tudo que seu Coiso mandar. Há criminosos que dão certo e criminosos que não dão certo. Os primeiros estão no planoalto. Os outros na cadeia. Prefiro os outros.



Fausto Wolff

OS ASSASSINIOS DA ESPERANÇA

Logo, que voltei da Europa, onde passei dez anos, sem um tostão, e fui trabalhar no velho Pasquim escrevi esta frase:

"É ESTARRECEDOR. PERDEMOS A CAPACIDADE DE NOS ESTARRECEER"

O que é estarrecedor? Um executivo militar imposto pelo Pentágono? Crianças morrendo de fome? Professoras desdentadas? Velhos sendo assassinados em asilos? Crianças se prostituindo? Imprensa autocensurada? Justiça corrupta? Centenas de milhares de pobres na cadeia sendo torturados e seviciados? Um salário mínimo que não paga a ração mensal de um cachorro de madame? Hospitais que parecem açougues? Corrupção em todos os níveis? Latifundiários nacionais e estrangeiros donos de metade das terras do país e camponeses morrendo de fome com uma enxada na mão? Universidades grátis para os ricos e péssimas universidades pagas para os pobres? 50 milhões de analfabetos e 25 milhões de semi-analfabetos? Escolham aí. Algumas pessoas, como na bela música de Chico Buarque, andavam falando de lado e olhando para o chão. A grande maioria, porém, lá levando a vida como se tudo o que listei acima aleatoriamente fosse absolutamente normal.

Escrevi a frase estarrecida em 1978 e tinha então 38 anos e tinha - como toda a nossa patota -

ESPERANÇA

Logo, os militares deixariam o planalto, teríamos eleições diretas e - quem sabe? - homens dignos e valentes como Fernando Henrique Cardoso assumiram o poder. Estamos em 2002. Multiplicamos por dez o que aconteceu em 1978 e temos uma péssima idéia do HORROR que vivemos hoje. Depois do assassinato de Tancredi (jamais foi um estadista, mas não era ladrão e aprendeu um pouco de nacionalismo com Getúlio) fomos forçados a engolir Sarney - para quem tanto fazia ser vice de Maluf ou por dez o que aconteceu em 1978 e temos uma péssima idéia do HORROR que vivemos hoje.

"SOU PEQUENO DEMAIS PARA O CARGO EM QUE ESTOU SENDO INVESTIDO"

Sarney - nenhum dia de governo nos seus cinco anos de corrupção - pilotou a esperança, mas logo teríamos eleições diretas. E vieram as eleições diretas e venceu o candidato dos ricos, o candidato de Washington: o picopata que confiscou as contas bancárias e causou o suicídio de centenas de pessoas que como não eram importantes foram ignoradas pela mídia. O PT jamais se livrará desta mácula: estava com a eleição ganha (um dez mil milhões que só aconteceu a cada cem anos) quando por temor de que Collor revelasse o fato de ter comprado um aparelho de som para uma suposta namorada, perdeu um debate que Brizola certamente não perderia.

Antes de ser defenestrado pelos doctors Frankenstein que o criaram, Collor amordaçou e torturou a esperança. Com um homem ingênuo e provinciano tivemos por um curto período o melhor dos governos possíveis. Estou falando de Itamar Franco que, porém, dedicou-se ao hobby de criar cobras dentro de casa e entre elas a mais venenosa chamava-se Fernando Henrique Cardoso. Este homem - para mim, um cabo Arnelas de laço de ouro os tempos de Paris - cumpriu fielmente as ordens de Washington: vendeu o país e matou a Esperança.

Até que ponto Itamar foi responsável pela resistível ascensão do nosso Arthur Uf é matéria para ser estudada.

Com as exceções que podem ser contadas nos dedos, é tudo uma corja só. Num país com muitos partidos (mas em verdade sem um único partido sério) estamos nos preparando para novas eleições. Sarney (PMDB) luta com FHC (PSDB) a favor da filha Roseana (PT) e governador do estado mais miserável do Brasil, FHC, aparentemente quer eleger seu companheiro de exílio dourado José Serra, que apolou as hienas dos planos de seguro-saúde e não gastou um tostão para prevenir o dengue. Ciro Gomes terá de explicar sua ligação com o lasso Jereissatti, o homem que transformou o Ceará no paraíso dos milionários e no inferno dos pobres. Temes, é claro, a quem, porém, está decidido para ligar-se a partidos perto do centro. Que partidos perto do centro, cara-pálida? Brizola, um homem honesto e o político mais traído do Brasil, tem um dedo na mão e só sabe monologar. Já se uniu a tantos traidores e agora, como vítima de Nemesis inenarrável, está ao lado do PTB que lhe roubaram. Se alguém falar de Marx dentro do PPS (já pode ser pláida) ouvirá em uníssono "Vira esta boca pra lá". A pergunta que lhes faço, leitores, é a seguinte: existe algum partido de esquerda, algum partido que veja no povo o seu soberano e o fim que lhe dá significado? Se existem partidos de esquerda (já lá: PPS, PSB, PCóB, PT, PFL e mais o Movimento Sem Terra) por que não se unem sob uma única bandeira socialista neste momento em que os cachorros grandes estão brigando, e disputam as eleições?

Juscelino Kubitschek, um homem de bem, é em grande parte responsável pelo ESTARRECEDOR em que se transformou o país. Ao criar Brasília, criou também uma espécie de Ilha de Circe onde os homens se transformam em porcos. Filhos de deputados e senadores rivais estudam nas mesmas escolas; mulheres de parlamentares rivais são amigas e comparecem às mesmas festas. As grandes batalhas na TV são para nós, os trouxas, os palhaços. Estão todos poderes de ricos e riquíssimos sabendo explicar a fonte desse dinheiro na Justiça. Se tivéssemos Justiça,

Outro dia, dando uma palestra numa faculdade, um estudante de jornalismo me perguntou:

- Mas esta gente não tem vergonha de sair à rua?

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder. Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Outro dia vi um filme inglês. Num pub, um policial olz ao outro:

- Nossos ícones, nossos modelos são valdossos, vazios, cruéis, corruptos e prepotentes. Somos policiais e deveríamos estar protegendo o povo contra esta gente. E que fazemos? Defendemos a caninha e botamos nosso gente na cadeia.

E isso se passou na Inglaterra. Imaginem o diálogo de dois políticos brasileiros:

- Talvez, se a capital ainda fosse o Rio de Janeiro, onde, dificilmente poderiam se esconder.

- Talvez, caso não andassem só entre eles e entre eles ser apanhado com alguns milhões na gaveta de um escritório, como aconteceu com Murad é mero acidente de percurso. O corporativismo está aí mesmo para identificar as vítimas com a presidência de alguma autarquia ou com inimigo Barbalho que, como ele, renunciou ao cargo mas não às aposentadorias?

Lado B

sérgio augustO

EDITORA RECORD R\$ 35,00

Anúncio comemorativo:
A PRIMEIRA EDIÇÃO ESGOTOU!

CRÔNICA

Fausto Wolff

TERRA PROMETIDA

Quando os Estados Unidos ainda não haviam se apropriado do mundo e decidido que qualquer ato humano só tem sentido se der lucro financeiro, os produtores de Hollywood se davam ao luxo de produzir filmes cujo propósito além de artístico era o de intervir na realidade e modificá-la positivamente. Fitas para fazer pensar e não imbecilizar como ocorre hoje. Desses filmes, talvez o mais importante e o que mais conheceu o mundo foi *As Vinhas do Ira*, adaptação de Nunnally Johnson da romance de John Steinbeck, dirigida por John Ford, produção de 1940. A ação se passa em 1930, na época da depressão e conta a história da miserável odisseia de um bando de pequenos fazendeiros do Sul e suas famílias.

Por culpa dos bancos, das secas e da falta de dinheiro para máquinas agrícolas, eles vendem suas terras por qualquer preço e decidem ir para a Califórnia onde, haviam sido informados, pagavam muito bem aos colhedores de laranjas. A Califórnia não era nenhum Eldorado, muitos agricultores, principalmente crianças, morrem de fome, são enganados por escroques, assassinados e presos pela polícia. O salário de um dia de trabalho de um homem colhendo frutas não é suficiente para pagar uma refeição e a esposa de um camponês mata a sua filha dando-lhe a leite que seria para o filho que nasceu morto.

Corte para o Nordeste brasileiro, fim dos anos 50. No interior do Piauí, repórter da *Revista*, encontra, num caseiro, uma mulher e duas crianças mortas de fome. Alguns metros adiante, na terra seca, estava o chefe da família, morto com uma enxada na mão. Alguns meses depois, no interior do Ceará, encontrou numa estrada uma mulher velha de seus 30 anos com três crianças. Uma menina, barrigudinha de impaldismo, de seus três anos, pulava nos meus braços. A mãe me disse na ocasião: "Quer levar meus? Aqui está não vai virar". Um filme, produto de um tempo de ficção, como o mundo às lágrimas. A realidade não conhece ninguém. Nossa unha encravada é mais importante que o massacre de alegres e palestinos. No Brasil não estamos quando um bando de litigantes do MST invade o "símbolo nacional", que é a fazenda dos filhos de Fernando Henrique, este monarca e patético que nunca passou fome, que nunca sofreu uma humilhação, que sempre teve tudo de mão beijada e passou a vida mentindo. Seu filho de camponeses e seu que sofreram até serem obrigados a deixar alguns acres de terra seca num lugar chamado Burtis, no Rio, e buscar o refúgio no Eldorado que para eles era a cidade grande. Mas note que tergiverso e aproveito para fazer um parágrafo.

Embora na mente e ao custo de incontáveis vidas humanas, os norte-americanos fizeram sua reforma agrária e só se aventuraram na indústria depois de terem a certeza de que sua agricultura era suficiente para alimentar toda a Nação. No Brasil, o presidente que quis dar dignidade ao Trabalhador e defender seus direitos - Getúlio Vargas -, foi forçado ao suicídio; o único presidente que pretendia a reforma agrária - João Goulart, fazendeiro - foi destituído à

força do seu campo por um golpe de Estado e morreu no exílio em circunstâncias não bem esclarecidas. Manoeco Vargas era filho de Getúlio, fazendeiro mesmo como o pai. Foi um excelente prefeito de Porto Alegre e suicidou-se há alguns anos por causa de dívidas financeiras.

Todos nós, urbanitários de classe média, sabemos o quanto é angustiante esperar por algo a que temos direito, nos foi prometido - emprego, salário, promoção - e não cumprido ou salgado. Muita gente já matou ou já se suicidou à espera de uma justiça - principalmente a do trabalho - que não chega nunca. Imaginem a honra e amarga espera dos camponeses brasileiros. As 80 famílias da região de Burtis, MG, vêm esperando assentamento há dois anos. O governo, através do seu mentiroso ministro Raul Jungman faz promessas na frente dos repórteres para não cumprilas assim que eles viram as costas. Foram dezenas de reuniões, negociações e juras não cumpridas. Desesperados, os camponeses decidem ir até a fazenda dos príncipes

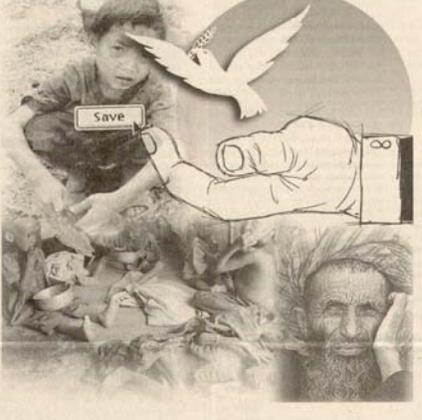
nacional". Até parece que usaram o Livro estrelado como papel higiênico. Diante de uma adaga repleta de garrafas de champagne, uísque escocês, conhaque francês, vodca russa e cachaca para os milionários, o que fizeram esses criminosos subumanos? Fizeram o que qualquer criança faria se se visse na oficina de Papai Noel. Tomaram um porre, é claro, dançaram, telefonaram e - ofensa máxima - ficaram até pipi e cocô num dos muitos banheiros de mármore. Fizeram um dia de diversão - um único dia, meu Deus do Céu - de grande alegria na vida deles. Foram à casa do rei para pressionar e não para invadir. Mas estranhamente, não havia guardas no castelo e estranhamente também logo apareceu o Exército e logo o ministro da Justiça Aloysio Nunes (segundo Natalian Sebão, um homem que já foi croto mas que encontrou o caminho do bem e tornou-se ex-croto) betou à imprensa

o santuário do símbolo pátrio, a maioria foi escortada e 18 seres humanos foram martirizados no chão como animais perigosos, cobras ou jacarés. A imprensa fotografou tudo e os litigantes duas pessoas que entendiam de reforma agrária - Maria de Oliveira, do Itacá, e Genécio da Silva, desembargador e ouvidor agrário) pediram demissão no ato, horrorizados com a falta de palavra do governo. Apanhados de surpresa, o próprio PT fez críticas severas aos membros do Movimento Sem-Terra. Nós brasileiros sofrimos há séculos uma linguagem central tão constante e violenta que nos esqueçamos que as grandes propriedades são roubos em sua maioria; que fazenda dos príncipes foi comprada com o sangue, o suor, a fome, o trabalho dos operários e dos camponeses.

Pergunto aos escandalizados: queriam que homens, mulheres e crianças rudes que da árvore da vida só receberam os frutos mais podres, seres humanos enganados, ludibriados, famintos e sedentos de justiça se comportassem como secretários "do Itamaraty"? Algo como "Seria casada demais provar um pouco desse conhaque que custa apenas cinco salários mínimos"? Ou "Seria ato de lesa-majestade utilizar o banheiro do príncipe para fazer pipi"? Será que foi assim que se comportou o povo enquanto marchava sobre o Palácio dos Tulários cantando a *Martelada*? Eram bem educados, os revolucionários franceses? Demoliram a tirania a golpe de bróchos?

Semana passada, em São Paulo, durante a bela festa d'OPASQUIM21 no restaurante Walter Mancini, disse ao senador Supply que o PT havia se precipitado. No momento em que os alegres do povo (PSDB e PFL) se enganavam é absurdo que o Partido dos Trabalhadores tente ser bom-bem a fim de conquistar os conservadores. A parte pensante da classe-média, hoje em dia, vota na esquerda. A não pensante, imbecilizada ou de má fé, jamais deixará de votar na direita. Vou votar em Lula mas acho que neste momento ele precisa garantir o voto dos inconformados em vez de focar os que jamais votaram. O Movimento Sem-Terra é legítimo e está certo em invadir e pressionar. Não será com ademanes diplomáticos que começaremos a Câmara e o Senado (dois terços têm propriedades agrárias, algumas verdadeiras ministeiras europeias) a fazer a reforma agrária. Ser tolerante com os intolerantes é burrice.

Confesso que o governo de Fernando Henrique Cardoso me dása raiva e horror. Nada espero dele: se quisesse mesmo fazer a reforma agrária em vez de proteger criminosos de colarinho branco (bem educados conhecedores de vinhos) e financiar a TV Globo, a coisa toda seria muito simples. Bastaria pegar a lista com os nomes dos maiores latifundiários improdutivos do país e comprar-lhes as terras de acordo com o valor que declaram no imposto fiscal e territorial. Acreditem, seria barato. Mas não, ao contrário do MST, que quer organizar os pobres e combinar os ideais camponeses com um governo popular, FHC quer ser a barbárie pois quando ela ocorrer - ele bem sabe - já estará há muito tempo no inferno. Afinal de contas, o que quer "José" Rabinha? Responde: quer a mesma coisa que Moisés ao fugir com seu povo do Egito: a terra prometida.



cardões (presente do papel e da manáb?) reivindicar seus direitos e a encontram desarmada. Resolvem cometer a CRIME MAIOR da nossa sociedade capitalista.

A literatura mundial está cheia de exemplos de anarquistas esfolhados que entram em castelos. Até Branca de Neve que afinal de contas era princesa, não hesitou em invadir a casa dos sete anões para comer e descansar. Pois os camponeses (veja-se só, nem telefonaram para pedir licença aos líderes) "maçucaram" o "símbolo

que 'crimes' devem ser combatidos pela Justiça federal. Pressão não é crime rapaz, principalmente quando vem de baixo para cima! Logo também, o bravo e corajoso Jungman tenta comprometer o PT, alegando planos de campanha eleitoral. Logo ele que é candidato à presidência e não deve dizer uma bobagem dessas, pois a falta legitimidade.

Mas como bem sabemos, no Brasil os crimes não ficam impunes. Ingenuos, os camponeses acreditaram que não seriam presos. Assim que dei-

FROM BRASÍLIA WITH LOVE

SERRARIA PLANALTO

CORTAMOS CABEÇAS
SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE
ATENDIMENTO 24 HORAS

Anita Borges

Notoriamente ilegal, a campanha eleitoral segue seu curso em todo o País. E já fica claro que dois fatores serão dominantes para a definição dos resultados, lá na frente: a Abin e o dindim. A Abin é a Agência Brasileira de Inteligência, criada por FHC no primeiro dia do seu primeiro governo. E já está sendo chamada de Atin, que significa "Agência Tucana de Inteligência". O dindim, por sua vez, até agora só foi encontrado no cofre da empresa dos Sarneys. Mas José Serra, por exemplo, não aceitou o desafio da Roseana de dizer com que dinheiro ele anda fisingado apoios por aí, do Caburai ao Chuí.

DESINTELIGÊNCIA
A Abin, ou Atin, dá poleiro a grande parte dos ex-SNI - o serviço criado pelos militares 74 dias após o golpe, em 1964. Experiência, pelo menos, não falta.

Mas essa gente não sabia da invasão da Lunus, pela Federal, a da Córrego da Ponte, pelo MST.

TITOREIO
Mas uma de pefeísta versus tucanos. É do deputado Rodrigo Maia (PFL/RJ), filho do prefeito carioca. Na véspera do feriado da Semana Santa, ele interpeleu o presidente da Câmara, deputado Aécio Neves (PSDB/MG). Ele quer saber por que a TV Câmara anda veiculando peças publicitárias do governo FHC. Pela lei, não pode. Pela ética, é feio. E Aécio terá que se explicar formalmente.

AGRADOS
A interpretação é de advogados dos partidos que contestam, no Supremo, a decisão do TSE de verticalização das eleições. A nova

decisão do TSE, que afrouxou as coligações nos estados, é um agrado a todos. Primeiro, reduz o impeto dos que eram contra a medida, já que diminui as amarras locais. Segundo, porque acaba favorecendo aquele que já era o mais beneficiado pela decisão, o tucano José Serra.

Se o PFL sair de camarão, sem ter nem apolar candidato à Presidência, Serra terá bons apoios pefeílistas em vários estados importantes.

INVASÕES
Os terrenos do Lago Sul, Lago Norte e outras áreas nobres de Brasília têm, ao fundo, uma terra correspondente, denominada "área verde". Essas áreas são públicas, mas todos seus felizes proprietários as cercam com muros, grade e arames, para seu lazer privado.

O interessante é que as pesquisas revelam que grande parte dessa gente é contra o MST.

CASALTO

Fausto Wolff

Malditas Coincidências!

Eventualmente, um sujeito pode marcar um encontro com uma mulher para o dia seguinte na casa dela, em pleno carnaval carioca. Este mesmo sujeito pode pegar um taxi e mandá-lo para a casa da mulher. Finalmente, pode ser que entre os milhares de taxis do Rio de Janeiro, o sujeito apanhe exatamente aquele cujo motorista era o marido da mulher infiel. Pode, mas é difícil. Assim como é difícil o sujeito resolver se matar, jogar-se do décimo andar do prédio e cair sobre um outro sujeito que estava muito feliz da sua vida e matá-lo. Pode, mas é difícil.

Confesso que só acredito numa coincidência: a de contagem em física e que detecta dois eventos cósmicos que ocorrem simultaneamente. Na vida dos homens, elas podem até ocorrer mas de um modo geral não servem para nada e não mudam grande coisa. O sujeito nascido em Braz de Pina vai ao Japão e lá encontra sua primeira namorada que não via há cinquenta anos embora ambos continuem morando no mesmo bairro. A possibilidade desse encontro afetar suas vidas e a vida das pessoas próximas a eles é infinitesimal. Apenas uma coincidência.

Décadas de jornalismo ensinaram-me que, pelo menos em política, não existem coincidências. Mais de 30 anos atrás, a atenção de todo o mundo estava voltada para a sorte dos astronautas da Apolo (já não sei se cinco ou seis) que corriam o risco de não retornarem a terra. Neste mesmo dia, os americanos invadiram o Camboja. Mais recentemente, a CIA estava desmoralizada, não recebia verbas do Congresso há muito tempo e seus agentes eram considerados assassinos a serviço do governo americano. O mundo estava em relativa paz e a indústria armamentista não estava lucrando o que costumava lucrar (contia falca com o tráfico de drogas e a religião). De repente, não mais que de repente, dois aviões explodem as torres do World Trade Center há dúvidas sobre a existência do avião que teria caído sobre o Pentágono) e o Congresso libera verbas altíssimas para a CIA e a indústria bélica passa à frente do tráfico de drogas em matéria de lucro. 'Coincidentemente' Israel decide invadir a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. Prestigiado pelo mundo e 'pressionado' por Washington, depois de acabar praticamente com a Autoridade Nacional Palestina, Sharon decide que discutirá a criação de um Estado palestino com Arafat. Ele é o homem forte de Israel, que se usa para a CIA e para as pressões americanas mas 'coincidentemente' o seu partido, o Likud, vota contra as negociações e ele, coladinho, é obrigado a se curvar às decisões do partido que domina. O curral virá poolde de divá num passe de mágica.

Tanto no Brasil como posteriormente no Chile, dois presidentes eleitos democraticamente pelo povo, são pressionados a fazer reformas que assustam a embastada classe média. No Brasil tivemos o cabo Anselmo e no Chile parte do MIR que promovia greves cada vez mais violentas. No Chile mataram Allende com o beneplácito de Washington. No Brasil derrubaram Jango (que morreu alguns anos depois em circunstâncias misteriosas) exatamente na época em que flávios de guerra americanos 'coincidentemente' realizavam manobras perto das nossas águas territoriais.

Na época das ditetas-já fomos obrigados a engolir as indietas. O Departamento de Estado teve de reconhecer que o povo estava realmente de saco cheio com a ditadura militar. Tancredo, um homem bom e honesto (seu sobrinho Akcio tem mais dinheiro do que o velho conseguiu amilhar durante uma longa vida política) tentou ser palatável aos americanos. Mas não o foi o bastante e 'coincidentemente' acabou morrendo no Hospital das Clínicas de Brasília. 'Coincidentemente', seu vice é um homem de direita mediocre mas confiável, José Sarney, que inicia o ciclo de ditaduras brancas que continuamos sofrendo. O dono do Maranhão acaba seu mandato (conseguiu cinco anos graças à nossa elástica Constituição) e o Pentágono não tem um homem confiável para ganhar e não quer saber nem de Lula, nem de Ulisses e nem de Brizola. 'Coincidentemente', com todo o apoio da Rede Globo, surge o valente capador de mangas, mais tarde conhecido como cacalinta anal, Fernando Collor de Mello. 'Coincidentemente' é impichado quando decide roubar mais do que a quadrilha que o criou. 'Coincidentemente', também, PC Farias é assassinado.

No fim do segundo governo Brizola a ganetada da favela se reúne e decide fazer arrastões em Ipanema. 'Coincidentemente', uma hora antes dos arrastões, o TV Globo já estava com suas câmeras, gruas, aparelhos de áudio, repórteres e comentaristas, na praia de Ipanema aguardando o princípio do espetáculo. Lembram-se que o candidato de Brizola perdeu? Hoje, Benedicto no governo, mais uma vez, o Rio de Janeiro é palco de arrastões, luta de quadrilhas e até bombas contra secretarias.

Foi mais ou menos nessa época que compreendi o significado da expressão de McLuhan, o "meio é a mensagem". Amigos dinamarqueses haviam vindo me visitar na época do carnaval. Insistiram em ir a um baile no Scala pois, segundo viram na TV em Copenhague, dava

multa mulher pelada. Mulheres peladas que, assim deduzi, elas pretendiam tentar comer depois do baile. Chegamos ao Scala e para nossa decepção havia meia dúzia de gatos pingados dançando no salão e umas quatro câmeras de TV ocupavam o resto do espaço. Sobre uma mesa, cinco mulheres se revezavam para mostrar peitos e bumbuns para as câmeras. Em verdade, a TV não havia ido cobrir o baile. O baile é que aconteceu por causa da TV. Quem estava vendo a coisa de casa pensava "Que bacana!!"

Embara, como diz Millôr Fernandes, isso não se possa dizer com palavras, Chico Caruso numa edição do Globo da semana passada, provou que uma imagem pode valer mais que mil palavras. Sintetizou os oito anos de ditadura branca de Fernando Henrique Cardoso. Apresentou-o com plumas, paetês e um véu difamou de várias cores e metros sobre um feijub em movimento, como ocorreu no filme australiano sobre travestis, Priscilla, o Rainha do Deserto. Durante seus dois mandatos cumpriu apenas uma promessa: a que fez ao Consenso de Washington de vender o Brasil e comprar-se às ordens do FMI e das grandes transnacionais. Das promessas que fez ao povo (lembram-se daqueles cinco dedinhos bem manicurados que ele mostrava na TV) sobre emprego, educação, transporte, saúde, moradia, não cumpriu nenhuma. Nunca o Brasil esteve tão faminto, tão desempregado, tão doente, tão parado, tão sem teto. Se fez alguma coisa além de cumprir a promessa aos gringos foi levar a classe média para as favelas e os favelados para o crime.

Muitas 'coincidências' ocorreram sob a batuta do homem mais valioso do mundo (só perde para Madonna e Michael Jackson que, aliás não são homens) mas me limitarei a algumas. O Brasil infelizmente sabia que algumas centenas de camponeses do Movimento Sem Terra estavam acampados em Buritis (MG) perto da fazenda (vã lá!) dos filhos do presidente. O governo inteiro sabia que uma invasão era iminente. 'Coincidentemente' no dia em que os camponeses foram à fazenda, não havia um guarda tomando conta. Invadida a propriedade e realizado o forró, forças do Exército deslocaram-se para lá e um ministro apressou-se em pôr a culpa no PT. Entraram bem, pois o povo não acreditou.

Pouco tempo depois 'coincidentemente' a Polícia Federal entrou no escritório da ex-candidata do PFL, Roseana Sarney e descobriu quase dois milhões de reais mal lavados. 'Coincidentemente', o autor da arapagem era um publicitário ligado à cúpula do PSDB. Em seguida - surpresa das surpresas - outro ministro de FHC informa que o diretor da campanha de Serra encarregado de lavar o dinheiro da campanha de FHC em 94,

Ricardo Sérgio, teria tentado extorquir alguns milhões de dólares de Steinbruch, o homem que comprou a Vale. O Dioppe de Serra que já era baixo, despenca.

Finalmente, depois de quase oito anos de governo, Fernando Henrique anuncia medida demagógica e que mereceria sério restudo para poder ser levada a sério: 20% dos funcionários públicos federais terão de ser negros. Houve época em que os mulatos (como Machado de Assis e Nelson Carneiro) se diziam brancos. "Com essa medida" - disse-me uma amiga branca de cabelos bem crespos que há alguns meses conseguiu um emprego público federal, tenho passado em vários concursos sem jamais ser chamada - "vou declarar em meus documentos que sou negra." Esta medida destremelhada serviu apenas para diminuir o impacto de outra que viria dois dias depois: "Para cobrir prejuízo da não-votação do CPMF, Fernando Henrique corta um bilhão do Fundo de Pobreza." Pobres de qualquer cor, dias-se de passagem.

O candidato de Fernando Henrique e do PSDB, José Serra, vai mal. O próprio presidente já declarou "Está difícil a candidatura do Serra". Ora, se você não entenderam, eu vou explicar claramente. Quem está por trás da invasão da fazenda? Quem está por trás da arapagem no escritório de Murat? Quem está por trás da denúncia contra Ricardo Sérgio? O senhor que já foi um rapaz de esquerda mas que 'coincidentemente' sempre teve boa vida no exílio; que 'coincidentemente', recebeu aposentadoria de professor aos 39 anos, que 'coincidentemente' deixou de ser marxista, socialista para ser neoliberal e sócio do PFL. Acertou quem disse FHC. A fazenda não era dele? Não é ele o chefe da Polícia Federal que descobriu o dinheiro sujo da Roseana? Não trabalhou para ele o Ricardo Sérgio? E Ricardo Sérgio não foi denunciado por um ministro dele?

A classe média precisa tomar vergonha e entender que seu inimigo não está à esquerda, coisa que a este altura as próprias Forças Armadas já descobriam. No momento, os grandes jornais, rádios e canais de TV informam com destaque que Lula pode ser presidente no primeiro turno e pode mesmo e não há nada que o desabone e na minha opinião é o melhor candidato. Não se enganem, por favor, leitores: a grande imprensa, sócia do poder, quer assustar os incautos. Muitas 'coincidências' ainda surgirão nos próximos meses para queimar Lula e os outros. Por quê? Porque o autor das coincidências, o WPII dos Grandes Livros Azeiteiro, FH do Vouso C., como diz o cronista social, Nataniel Jeblo, quer eternizar-se no trono. Muito cuidado com as malditas 'coincidências' que os jornalões e a TV passarão a noticiar de agora em diante. Qualquer descuido pode ser fatal.

VALE A PENA VER DE NOVO ENTREVISTA CARLOS LESSA

Na entrevista publicada no número 13 deste jornal, o reitor da UFRJ, professor Carlos Lessa, foi brilhante e dela retiramos um pequeno trecho que deve ser lido e releido, sempre, pois recia com brilho, e adaptado aos dias de hoje, Sérgio Buarque, Mario Pedrosa e Darci Ribeiro, entre outros. Leia e anote:

Caco - O que você está dizendo me lembra as palavras do nosso entrevistado da semana passada, D. Mauro Morelino. Ele dizia que o Brasil é solução para os problemas do mundo, porque tem em abundância água, ar e alimento. **Lessa** - É mais do que isso: nós temos um povo antropofago. Além de racionalista, eu sou neopopulista e democrata radical. Eu confesso a vocês que eu não gosto elite brasileira, mas sou apaixonado pelo povo brasileiro, que é sobrevivente e absolutamente criativo. O povo brasileiro é tolerante, digere qualquer coisa. Eu me encontro com a elite do Brasil cambal. "Nós comê". O quê? "Qualquer coisa". O brasileiro comendo é um canibal e ao mesmo tempo um cidadão-mundo, a nova Roma. Quando alguém vai grum restaurante a quilo e mistura sashimi com tahirim, com arroz, com feijão, e põe salada e fofu, eu percebo claramente isso. Qualquer brasileiro age assim, e nenhum outro povo do mundo faz isso. Sashimi com farinha é formidável! E esse prato loquico é feito pelo executivo que vai comer na praça de alimentação do Rio

Sul. Nós engolimos qualquer coisa, não somos respeitosos de nada. Tudo pra nós vai pro papo. O povo brasileiro é dispersado o melhor ativo que temos. Os melhores momentos da nossa inteligência se deram quando ela olhou o povo. Sérgio Buarque, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior, Villa Lobos, Darcy. Se eu pudesse mobilizar a universidade brasileira, eu a mobilizaria para olhar o povo brasileiro.

[Por coincidência, o Fantástico do dia 5 de maio apresentou uma interessante reportagem sobre a mistura que o povo brasileiro faz ao comer. O gancho da matéria era o livro Cozinha de Pobre, do falcionista Lídio Maranhão, que lista 183 receitas inusitadas, criadas pelos cozinheiros e cozinheiras populares do Brasil. Um rapaz, atrevido a um prato cheio num balcão de boteguim, dizia: "Cuscuz, feijão, leite e banana amassado. Já uma tacinha arreitada!" E o outro do livro sintetizou seu pensamento e respeito: "Comer, pra esse pessoal, é uma festa, é uma alegria!" A reportagem do Fantástico torna-se, assim, uma inesperada ilustração bem humorada da hipótese antropofágica que Carlos Lessa apresenta nesta entrevista.]

Lessa - Eu fico absolutamente deslumbrado com o que o povo faz. Você vai às favelas e encontra um monte de famílias uniparentais onde a mãe tem dez filhos e um adotado. Adoção nas comunidades pobres é automática. Faltou a mãe, alguém adota. Na classe média, isso é um esforço brutal. O nosso povo adota imediatamente. Olhando o povo você aprende coisas admiráveis.



CLASSIC

Fausto Wolff

COMO DÓI A PROTEÇÃO AMBIENTAL DE FHC!

Semana passada surpreendi, num dos três mil canais da NET, Fernando Henrique dando uma palestra para um pequeno auditório, provavelmente no próprio palácio. Quando a câmera se aproximou, ressaltando seus cabelos arreganhos e seus lábios dançantes, bateo-me a certeza de que aquele homem mentia pelo prazer da mentira. Não vai nisso nenhum insulto aos mitômanos patológicos que mentam sem se darem conta do que estão fazendo. O presidente do Brasil e office boy dos Estados Unidos extraí prazer da mentira. Extrai prazer da sua impudência. Pinóquio, o Barão de Münchhausen e até mesmo o pastorzinho que mentia para chamar a atenção, nos divertiam. Fernando Henrique Cardoso, porém, é chato, de uma chatura titânica. Sabe que as pessoas não acreditam nele mas sabe também que as pessoas não podem fazer nada e isso quase o leva ao orgasmo. Quando a câmera focalizou a platéia, foi fácil ver que o auditório estava literalmente de saco cheio. Enquanto uns cruzavam e desruzavam as pernas, outros olhavam para um ponto imaginário na distância e muitos usavam os joelhos como tambor de seus dedos impacientes. Os que percebiam que estavam sendo focalizados tratavam de voltar imediatamente a atenção para o palestrante. Minhas palavras poderiam ilustrar a afirmação de Sacha Guitry, de que uma das mentiras mais interessantes é a de fazer crer que acreditamos naqueles que nos mentam. Nesta palestra de Fernando Henrique isso certamente não aconteceu. A situação absurda era a seguinte: ele fingia dizer a verdade sabendo que ninguém acreditava nele e a platéia fingia acreditar nele sabendo que ele disso sabia. Uma comédia de equívocos previamente ensaiada. Nelson Sargento é que sabia das coisas: "Nosso amor é tão bonito. Ela finge que me ama e eu finjo que acredito".

BO e CR

FHC falava da importância da ecologia e do meio ambiente, que defenderia na sua próxima viagem à África do Sul. Dizia que a cultura em relação à questão havia mudado e que era preciso martelar isso nos ouvidos das pessoas para que elas tomassem consciência. Eu, entretanto, ouvi outro discurso mais ou menos assim: "Em oito anos de desgoverno e subserviência aos interesses das grandes transnacionais, concluí com êxito o trabalho iniciado pela ditadura em 1964. Imbecilizei o povo tão completamente que ele já nem de futebol entende. Maltratei tanto a classe média que ela está mais interessada em arranjar um emprego do que em política." Era isso o que eu ouvia sair dos lábios milongueiros deste homem ferido de naufragada verdade. Por um instante doloroso, dei-me conta de que estava vendo um homem que dizia "Cumpro o que prometi. Vendi o

Brasil". Se essa promessa foi feita em 64 ou em 84 talvez a História nos conte daqui a cinqüenta anos quando ninguém poderá fazer mais nada.

BO e CR

Como, ao contrário da infeliz platéia, eu não era obrigado a ficar ouvindo mentiras naquele estilo fernandês "olhem como sou simples na minha genialidade", desliguei a TV mas resolvi conferir o que o "gran burlador" fez em oito anos em matéria de proteção ao meio ambiente. Em verdade, fez alguma coisa. Por meio de decretos e medidas provisórias (que tanto combateu na época do Sarney e Collor mas acabou editando até agora 5.491 contra 209 do maranhense e do alagoano), ele desmontou a legislação ambiental existente no País. Com isso debilitou a proteção às florestas e ao cerrado, o que aumentou enormemente o desmatamento, as queimadas e a exploração descontrolada de madeiras no Amazonas.

O rombo causado pelos festival de fraudes transamazônicas na Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia, a Sudam, no período de 94 a 99, ultrapassou os dois bilhões de reais. Graças a isso, o ex-presidente do Senado, Jader Barbalho, teve de renunciar ao seu mandato. Mas este homem, que é um dos maiores ladrões do Brasil, logo estará de volta e nesta campanha eleitoral pede votos para Serra. Se pedisse para Ciro, seria a mesma coisa. O importante, em termos de meio ambiente, é que em vez de colocar os culpados na cadeia, FHC preferiu extinguir o órgão desempregando motoristas, contínuos, faxineiras que não tinham nada a ver com o peixe podre. Além, quando se descobriu que a Sudeam emitia notas fiscais frias para comprovar recursos de mais de 1 bilhão e 400 mil reais jamais

aplicados na região. FHC fez a mesma coisa: fechou o órgão e os bandidos continuam em liberdade.

BO e CR

Na tentativa de vender a Petrobrás e desmoralizá-la, FHC pouco se importou com a série de acidentes ambientais provocados pela estatal na sua gestão e que viraram notícia na imprensa mundial. Entre eles: vazamentos de óleo na Baía da Guanabara (certamente para alegria da fauna marinha) e no Rio Iguaçu, no Paraná. Uma das maiores plataformas de petróleo, a P-36, afundou na Baía de Campos causando a morte de 11 trabalhadores. Isso para não falar dos acidentes de trabalho na companhia de exploração petrolífera que mataram centenas de empregados. Como os seres humanos, por enquanto, não correm riscos imediatos de extinção, FHC não tomou nenhuma providência.

BO e CR

Se considerarmos como proteção ambiental a proteção a qualquer tipo de vida, o governo Fernando Henrique contribuiu na proteção ao aedes aegypti, o mosquito transmissor do dengue. O ex-ministro da Saúde, senador José Serra, companheiro de exílio e cruzante de FHC, demitiu 6 mil mata-mosquitos contratados para eliminar os focos da praga. Se considerarmos proteção ambiental a proteção às agências de publicidade e aos meios de comunicação, podemos dizer que o Ministério da Saúde de FHC gastou apenas em 2001 mais de 82 milhões de reais em propaganda e apenas três milhões em campanhas educativas de combate à dengue. Oficialmente, somente o Rio de Janeiro registrou 207.521 casos de dengue e 63 mortes. Como a maioria dos casos e

das mortes não foram notificados podemos triplicar esses números.

BO e CR

Quem parece não entender os esforços de FHC na proteção do meio ambiente é a Anistia Internacional, que não se conforma com o massacre de Eldorado, quando 19 sem-terra foram assassinados pela Polícia Militar. Graças aos crimes das polícias Civil e Militar, dos esquadrões da morte, a entidade denunciou o governo FHC por violação de direitos humanos. Declaram, textualmente, os investigadores da Anistia: "O Brasil é um país onde as práticas generalizadas de tortura e maus tratos prevalecem nas prisões".

BO e CR

À esta altura, o leitor estará se perguntando: "Mas Fernando Henrique fez nada pela ecologia?" Fez, digo eu. Mandou fazer uma festa em Porto Seguro, na Bahia, pelo aniversário de 500 anos da descoberta do Brasil. Nesta festa de custos os olhos das caras de vocês, organizada pelo ministro La Graca (PFL do Paraná), o navio, réplica da caravela, afundou. A diversão, entretanto, não ficou só nisso. Índios e sem-terra apunharam a polícia porque queriam participar do forró que era for all menos para eles. Nem tudo, porém, foi fiavel e houve gente que lucrou com o aniversário do Salveindó: Paulo Henrique Cardoso, o filho do rei. Focou um pouco mais rico graças ao superfaturamento da construção do estande brasileiro na Feira de Hanover em 2000.

BO e CR

No momento, FHC protege o meio ambiente lutando para que os Estados Unidos obtenham permissão para usar a base de lançamentos espaciais de Alcântara, no Maranhão. É tão subserviente com os poderosos quanto é arrogante com os humildes, o nosso FHC. Aceitou as condições dos americanos de que suas áreas de depósito material serão interditadas para as autoridades brasileiras. Além disso, apesar do "favorzinho", os brasileiros não terão acesso às novas tecnologias e só poderão se relacionar, nesta área, com os países indicados pelos americanos.

BO e CR

O homem mente, é chato, vaidoso, perigoso e pode enlouquecer a qualquer momento. Ainda não disse mas deve achar que aumentou o preço da gasolina e do gás de cozinha para combater a poluição. O candidato dele à presidência da República é José Serra mas podem chamá-lo de Ciro Gomes. Como diria a Serra o nefando cronista social Nataniel Jobas: "Sorry, Joe, it's only business". Quem tralou todo um povo (menos o Eduardo Jorge que poderia botá-lo na cadeia) por que não trairia o próprio partido?



FAUSTO WOLFF

CADEIA PARA FHC!

Pergunto-me se vocês, como eu, também não se sentiram incômodos dentro desta roupa de palhaço, se como eu, línguas escorrendo, também não tentam apagar do rosto este sorriso patético, estes olhos enermes que tudo veem. Pergunto-me se, como eu, tentam gritar apenas para descontrolar - horrível pesadelo - que lhes estranham as cordas vocais. Nesta época de eleições, principalmente, a pergunta que tenho é a de que os partidos políticos e seus candidatos aplicam-me uma injecção paralisante. Conscientemente, vejo-os estalhando as minhas vísceras, enrijando na minha alma, estrangulando meu coração, sem que eu possa reagir. Esses açouqueiros, enquanto exercem a sua função sinistra, ignoram minha dor e sofrimento; contam placas entre si, o que temo a coisa toda mais absurda.

SC • CR

Lêo nos jornais que Ciro Gomes jura a Fernando Henrique que não promoverá mais a bruxaria no seu governo. O que quer dizer isso? - me pergunto - jura matar as bruxas estilo na sua campanha. Lêo nos jornais que Lula concordou em 90% com a Fim. O que quer dizer isso? - me pergunto. Se é para concordar com os catóicos que pagam salário mínimo para operários mortos de fome, para que um PT, lêo nos jornais que Fernando vai pedir mais doações para os pobres, os desiludidos, os órfãos, os paralisados, os cegos à espera de um milagre. Finalmente, lêo nos jornais que Serra pode vencer, pois tem mais tempo na TV. Para quê? Para explicar que teve de matar os caracóis de dengue porque o dinheiro da saúde estava destinado a comprar telefones?

SC • CR

Essa gente deve se divertir muito conosco. O que eles não dizem, pois ainda não têm certeza da nossa real loucura, alienação e subserviência, é o seguinte: "Política é para nós. Política é para profissionais - não se misture nisso. Vocês não entendem as regras do jogo. O papel de vocês é votar e tanto faz votarem num candidato ou outro, pois se nós não somos exatamente iguais somos muito parecidos. Não acreditam? Pois então, digam onde está a esquerda, a direita e o centro, suas tumbas. Onde estão os ladrões e os honestos? Botamos tudo num liquidificador e está cada vez mais difícil distinguir os machucados dos bandidos, não é mesmo? Não importa em quem vocês votarem, pois ganhando ou perdendo o nosso partido, estando ele no governo ou não, nós os políticos estaremos no Executivo, no Legislativo e no Judiciário. Oposição ou governo, não mudamos nunca. Somos essencialmente os mesmos e é claro que só insultamos uns aos outros porque essas foram as falas que recebemos. Eventualmente, entra algum novato, mas é sempre mulher, filho, sobrinho, neto, primo, cunhado de algum dos nossos. Preferíamos que Lula não ganhasse, pois o

partido tem alguns elementos incogníveis e o PT é ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mas mesmo que ele vença, tudo mudará substancialmente, pois temos o dinheiro, os demais partidos e temos a maioria, o Colégio.

SC • CR

Se pode haver algo ainda mais incrível que isso é o fato de os jornais publicarem qualquer ridículo que essa gente fala e a tratarem como se fosse coisa séria, digna de estudos. Se amanhã denunciarmos o que eles dizem hoje, eles simplesmente desmentirão e tudo ficará na mesma. Enquanto houver um povo alienado não falarão leões, lobos, hienas, abutres, urubus para disputar-lhe a carcaça.

SC • CR

Ele não chamaria Fernando Henrique Cardoso de traidor porque desconhece o significado do que ele temia foi outra coisa. Um adolescente ou um jovem inaturo pode mudar radicalmente de opinião sobre a administração de toda uma conjuntura caótica mas não um filósofo, um sociólogo, um professor sordobão. O assassino de Trotsky, Ramón Mercader, não esperou mais de 11 anos para assassiná-lo! Fernando Henrique esperou a ditadura passar para dar prosseguimento ao seu trabalho e, indo além, vendendo o País, o que não estava absolutamente nos planos de Golbery.

SC • CR

Não, eu não o chamaria apenas de traidor, mas de traidor criminoso, que espera cumprir a missão que lhe foi confiada até o fim do mandato. Os ladrões de Washington estão satisfeitos com a ação de Fernando Henrique. Satisfeitos com a traição mas enojados com o traidor, pois todo traidor faz mal à vista, como já camaram de dizer Cervantes, Shakespeare e Molière. "Mas ele recebe tantos títulos de doutor honoris causa!" dirá algum ingenuo. Óia, todo presidente de qualquer governo recebe esses títulos; até mesmo o Sanyes tem uma gaveta cheia deles. Ainda assim, há alguma coisa profundamente errada nisso tudo: se a Sorbonne homenageou FHC nos anos 70, não pode homenageá-lo hoje em dia, pois trata-se de duas pessoas diversas. Seria a mesma coisa que Cambridge dar um título de doutor honoris causa a Marx quando ele escreveu o Manifesto Comunista e voltar a dar-lhe posteriormente, caso ele houvesse dito alguns anos depois "Esqueçam tudo o que escrevi até agora".

SC • CR

Felizmente, o sistema ainda não conseguiu alienar o país inteiro e uma dessas pessoas que não se detêm enganar é Maria Barboza Villas Boas, brasileira, casada, engenheiro-químico, residente no Rio de Janeiro. Através de advogado, requereu ao Ministro do Supremo Tribunal Militar a declaração de inconstitucionalidade com liminar de efeito suspensivo do

Acordo de Salvaguardas Tecnológicas celebrado entre o governo brasileiro e o norte-americano e assinado no dia 8 de agosto de 2000 pelo ministro brasileiro (1). Ronaldo Sardenberg, da Ciência e Tecnologia, e por Anthony S. Harrington, embaixador dos Estados Unidos no Brasil. Este acordo:

1. Dá de presente aos Estados Unidos a Base do Centro de Lançamentos de Alcântara, no Maranhão, ao lado da Amazônia, já praticamente ocupada graças ao monitoramento de vigilância da Raytheon americana. Um foguete, por exemplo, lançado da Base de Alcântara consome 1% menos combustível para ser colocado em órbita do que um lançado do Cabo Canaveral.

2. O governo brasileiro sancionou com a criação de áreas restritas (as dimensões não estão especificadas) dentro do Centro de Lançamentos de Alcântara.

3. O governo brasileiro não poderá ter acesso às áreas restritas e deverá prevenir qualquer acesso por parte de autoridades brasileiras. O acesso será controlado permanentemente e unicamente por pessoas autorizadas pelo governo norte-americano.

4. Em qualquer atividade de lançamento o controle total é dos Estados Unidos. O controle - 24 horas por dia - ao acesso às áreas restritas será feito por agentes americanos que terão crachás fabricados nos Estados Unidos.

5. As autoridades americanas terão livre acesso a todo o centro à qualquer hora, e a migração do governo brasileiro garante esse livre acesso norte-americano sem interrupção.

6. Qualquer veículo de lançamento, espaçonaves, satélites, equipamentos, dados técnicos transportados para ou a partir do Brasil e acondicionados propriamente em contêineres lacrados, não podem ser abertos para inspeção enquanto estiverem em território brasileiro. Mas - vejam só! - o governo americano fornecerá as autoridades brasileiras uma relação do conteúdo dos contêineres lacrados. Os contêineres são como Deus. Não podemos vê-los mas temos de acreditar na sua palavra.

7. O governo brasileiro não pode permitir o acesso de qualquer brasileiro às áreas restritas ou às áreas de preparação para lançamentos de veículos em qualquer hipótese.

SC • CR

Diante deste acordo, o que fez Maria Barboza Villas Boas? Fez o que faz Maria Barboza Villas Boas: fez o que o Ministério Público Militar da União fez a acordo atentava contra a soberania nacional. Requereu, portanto, abertura de Inquérito Policial Militar a fim de apurar responsabilidade dos que participaram do crime - e isso é importantíssimo, leitores -

de tentativa contra a soberania nacional previsto no artigo 142 do Código Penal Militar. O crime é o seguinte: submeter o território nacional ou parte dele à soberania de país estrangeiro. A pena é de 15 a 20 anos de prisão para os cabeças e de dez a 15 anos de prisão para os demais agentes. O Ministério Público Militar respondeu a Villas Boas que seria o caso de enviar a denúncia à Câmara para que ela autorizasse o processo criminal contra o presidente e os ministros, nos termos do inciso I da Constituição Federal.

SC • CR

É claro que o posicionamento da Justiça Militar não interrompeu o processo de homologação desta vergonha na Câmara. Villas Boas, portanto, requereu ao Ministério Público Federal, no Rio de Janeiro, que intercedesse judicialmente, se necessário, para que o processo de homologação fosse suscitado enquanto perdurassem dúvidas quanto ao seu caráter criminoso. Não dignaram-se a responder. No dia 4 de março de 2002, Villas Boas recebeu carta da Procuradoria da Justiça Militar informando que haviam arquivado a sua "representação". Villas Boas fez nova tentativa de provocar o Ministério Público a fim de que ele defendesse a ordem jurídica estipulada pelo artigo 127 da Constituição para impedir que o crime se transformasse em ordem jurídica. Até o momento, autoridades jurídicas civis e militares não deram sinal de que pretendem fazer alguma coisa. Diante disso, Villas Boas, valendo-se do direito de exercer diretamente o poder - que lhe é dado pelo parágrafo único do artigo 1º da Constituição, decidiu substituir o Ministério Público e propor ao Ministro do Superior Tribunal Militar a ação declaratória de inconstitucionalidade.

SC • CR

As coisas estão neste pé. Eventualmente lio algum jornalista dizendo que o acordo de Alcântara é criminoso como se estivesse usando uma figura de retórica. Na verdade, ele é criminoso literalmente. Um crime tão grave que, de acordo com a Constituição Militar, se fosse praticado em tempo de guerra poderia levar os autores ao pelotão de fuzilamento. Em tempo de paz a pena é maior do que a aplicada ao homicídio culposo. É claro que estamos no Brasil e ninguém botará nem Fernando Henrique nem Ronaldo Sardenberg e nem Celso Lafer na cadeia. Mas como ainda não nos encaixaram completamente, podemos começar perguntando aos candidatos à Presidência, ao Senado e à Câmara, o que pretendem fazer?

P.S.: Quero deixar bem claro que, ao contrário de Niven, cômico de política um palhaço nos proclamos entendido dela, estamos preparados com um samurai para evitar que ela nos ataque pelas costas. Cadeia para os traidores da pátria, caso esse vocabulário - pátria - ainda tenha, como sempre, algum significado em nossos corações.



Prosa para a empregada:
- Marfide, você já limpou todas as latas da casa?
- Não, patroa. Faltam as pubeiras e os anéis da senhora!

A jovem mamãe comenta com a amiga que foi visita-lá:
- Meu filho não é lindo?
- Parece com o pai - diz a amiga.
É a mamãe, preocupada:
- Você acha? Tomara que o meu marido não perceba.

O espermatozide perdido pergunta pro outro:
- Companheiro... o útero tá longe?
- Calma... você tá na garganta ainda!

Dois amigos comentam:
- Cé viu? O Agenor se matou...
- Pois é... coitado. Que será que passou pela cabeça dele?
- Com certeza, foi uma bala.

As duas bichas, um passando de carro por uma quintada, quando viram umas bananas grandes, grossas. Pararam imediatamente o carro. Uma desce e compra três bananas. E quando volta, a outra diz:

SACO DE RISADAS

Lá na Rua Major Setúbal tem uma mulher toda fina de esquadro: um ombro para um lado, outro pro outro, um braço pra frente, outro pra trás, uma perna mais curta do que a outra. Vem passando dois caras e um deles comenta:
- Tô com uma fome. Zé... Tô com vontade de comer uma torta!
- Óhã eu aqui, olha eu aqui - grita a mulher.

O espermatozide perdido pergunta pro outro:
- Companheiro... o útero tá longe?
- Calma... você tá na garganta ainda!

Dois amigos comentam:
- Cé viu? O Agenor se matou...
- Pois é... coitado. Que será que passou pela cabeça dele?
- Com certeza, foi uma bala.

As duas bichas, um passando de carro por uma quintada, quando viram umas bananas grandes, grossas. Pararam imediatamente o carro. Uma desce e compra três bananas. E quando volta, a outra diz:

- Nossa, benzoca, por que você comprou três? Nós somos só duas!
- Uma é pra gente comer, bobal!

Na festa de aniversário, o pianista toca "Saudades do Matão". Um senhor ao lado se detinha em lágrimas. E o pianista pergunta:
- O senhor é da cidade de Matão?
- Não! Sou professor de piano!

Na noite de negócios, a judia segura no canote do marido e fala:
- Ai, Samuel, ai... Pôe tudo, pôe tudo... Pôe tudo no meu nome!

A garota pergunta à outra:
- Qual a diferença entre um homem leão, um morno e um automóvel?
- É lei.
- Sei lá... eu nunca estive embaixo de um automóvel!

O bêbado vê uma freira no ponto de ônibus, vai até lá e encosta nela de porrada. Quando a coitada cal, ele exclama:
- Pô, esperava muito mais de você, hein, Batman!



O português e o brasileiro estavam dentro de um elevador, quando, de repente, o brasileiro tapou o nariz com uma mão e se abanando com a outra, diz:
- Foi você, não foi, Joaquim?
É o português:
- Mas é claro! Ou tu pensas que nasci com este cheiro?

Naquela baile de réveillon, os dois galãs da cidade olhavam as mulheres e comentavam:
- Ó, cara... eu vou te confessar uma coisa. Tirando minha mãe e minha irmã, eu já comi todas as mulheres que não agüentam baile! É o outro, sem deixar por menos:
- Puta que pariu! Então, se somar nós dois, já comemos todas!

ASQUIP

Fausto Wolff

PAÍS DE TROUXAS: VEDE-SE, ALUGA-SE, ARRENA-SE COM UO SEM POVO!

Quando os artistas precisam se apoiar diante dos homens de negócios para conseguir dinheiro a fim de apresentarem suas obras é porque o artista transformou-se num burlesco e a própria obra de arte numa "bafofa", numa paródia do que poderia ter sido. Se o Brasil tivesse tido algum governo decente desde o tempo de Jango, o artista - cinema, teatro, artes plásticas, música - teria suas obras bancadas pelo governo. Afinal de contas, quando se aspropriações - pagamos mais impostos que qualquer outro país do mundo e ninguém sabe para onde este dinheiro vai. Seria justo que um pouco fosse destinado à obra de arte que humaniza e enriquece o nosso espírito. E mesmo assim esses recursos retornariam ao governo através de ingressos, espetáculos e exposições para estudantes, operários, etc.

SC SC

A verdade, entretanto, é outra: criou-se até uma profissão - a dos captadores de recursos junto às indústrias e aos bancos. Estes, eventualmente, obtendo a escritura do alto (para o homem-negócio qualquer outra atividade que não tenha no lucro sua razão de ser é considerada no mínimo ridícula) consentem em dar alguns milgãs sem pedir nada, pois este dinheiro será descontado dos impostos. Ainda assim, eles não arriscam: só põe dinheiro em empreitadas artísticas que normalmente dão lucro e jamais em algo experimental, mais ou menos o que seja um número maior de atores ou músicos. Qualquer autor de teatro que quiser ver sua peça encenada terá de reduzir o número de personagens ao máximo de três.

SC SC

Mellini, Getty, Ford, Morgan, Vanderbilt, Rockefeller não eram fomes passíveis de cheiro mas eram agradáveis. A América tomara os milionários e eles retribuíam construindo museus, teatros, escolas, hospitais, universidades e isso tornou-se uma tradição que perdura até hoje. Uma competente sociedade entre capital privado e Estado no qual todos saem ganhando e até mesmo "patrimônio" - público, arte e artista. A diferença entre o homem de negócios brasileiro de hoje e os grandes "barões" das "finanças americanas do passado, é que os últimos eram pacíficos e queriam o melhor para o seu país. Os nossos são testas-de-ferro de multinacionais e há muito tempo não têm pátria, pois já esqueceram o que isso significa. Dona Uli Sufra, uma das mulheres mais ricas do mundo e brasileira, ainda não construiu uma pacielinha de cinco por cinco metros quadrados.

SC SC

Não algum tempo ouvi entendido uma palestina de um economista sobre arte e captação de recursos na ABL. Enquanto ouvia sem prestar atenção fiz uma aposta consigo mesmo de que conseguiria, caso tivesse de escrever o texto, reduzir a história dos primeiros cinco mil e quinhentos anos da humanidade pensante a algumas linhas. Cinco mil anos atrás os egípcios já haviam criado um calendário

regulado pelo sol e pela lua! 360 dias, 12 meses de 30 dias cada um. Ao mesmo tempo surgiram as primeiras cidades na Mesopotâmia. Mil anos depois acabava o período paleolítico na costa do Mediterrâneo. Os sumérios se instalavam no território onde construíram a cidade de Babilônia. Até o ano 2000 a.C., a influência dos babilônios torna-se predominante na região do Mediterrâneo ocidental. Entre 4000 e 3500 surgiu a escrita suméria feita em retângulos de cerâmica que apresentavam pelo menos 2 mil sinais pictográficos. No sudoeste da Europa e no Egito surgiram os primeiros pictos pintados de branco. A cerâmica multicorrida que originou-se na Rússia atingiu a China. No Egito já se tocava a harpa e a flauta. Os egípcios deram o cobre e posteriormente o ouro e prata. Predominantes no Mediterrâneo são os navios da Grécia. Primeiro ano do calendário judaico: 3760. Exatamente devastam a região da Mesopotâmia...

Eu estava neste ponto quando o orador disse, triunfante: "A arte pode e deve dar lucro. Graças ao Festival foram vendidos mais de 750 mil hambúrgueres... E em seguida - O Neoliberalismo é o paradigma definitivo do nosso tempo. Arrependi-me de não ter traido ovos comigo para poder vingar os povos da Mesopotâmia."

SC SC

Gracias a essa corja sem coração que compõe a classe dominante, nosso País transformouse num país de pedintes. Os candidatos à Presidência foram recebidos pelo rei, pois é isso que FHC se julga, para se posicionarem sobre o novo empréstimo de 30 bilhões do FMI. Tudo jogou para o que ainda resta da plateia pensante. A rigor, essa dívida não deveria ser paga, pois já foi paga há muito tempo. Devíamos ao FMI, à época do golpe militar patrocinado pelo Pentágono, menos de dez por cento deste empréstimo. Se tivéssemos um presidente e não um ator ferido de naufragado vaidade, ele diria: "O grosso da dívida foi contraída depois do golpe por governos, impostos pelos Estados Unidos. Não pagaremos mais um centavo". O que eles fazem? Declararam guerra ao Brasil sob a acusação de que somos terroristas?"

SC SC

O que os candidatos que visitaram a sala do trono esqueceram-se de perguntar ao rei foi: 1) Quem vai pagar essa dívida? 2) Onde está o dinheiro de todas as privatizações? 3) O povo - que paga imposto na fonte e que vai pagar essa dívida! Não perguntaram porque sabem que será com o imposto de trabalhadores que essa loucura será paga e para isso o brasileiro de Cesar, o Mala, já encamou-se de isentar de imposto de renda quem ganha até 300 mil reais quando o projeto de lei estipula 10%. E mesmo que isentem a 3.050, seria um roubo, pois os impostos devem ser pagos por quem lucra e ninguém que ganha três mil reais mensais (menos de mil dólares) pode ter uma vida digna de ser humano quanto mais pagar impostos para nada receber em troca. Já disse que vou votar em Lula mas não posso

deixar de ficar constrangido ao vê-lo ter de agradecer aos bandidos (mesmo calando) para garantir os votos dessas facções. Não o culpo, mas fica regado o constrangimento.

SC SC

Além dos principais jornais do País e vejo que alguns colunistas que admiro consideram o presidente FHC, um homem decente. Que sprit de corps é esse que atinge a classe média que considera decente um homem apenas porque ele sabe francês, veste-se elegantemente e não sai por aí dizendo palavrões? Decente era meu pai, um homem rude, barbeiro, mas que nunca teve um instante a ninguém. Limitou-se a nos dizer "homem não rouba, não mente, não trai". Educou quatro filhos que se tornaram pessoas decentes que nunca tiveram um tostão a ninguém e se divertiam, embora pobres, pagaram. Não educou seus filhos para enriquecerem montando estandes em Hannover nem para serem fazendeiros por lobby numa terra onde os camponeses morrem de fome com uma enxada na mão.

SC SC

Isso talvez se deva ao fato de que eu e meus irmãos - bem como Ciro Gomes, não é mesmo? - fomos educados em grupos escolares e depois em colégios estaduais, pois universidade era um lugar com o qual não sonhávamos. Mas nos tempos de Dutra e Getúlio as professoras eram bem pagas e o ensino elementar de primeira qualidade. De manhã, nós alunos do Grupo Escolar 1º de Maio, em Porto Alegre, nos reuníamos em várias filas no pátio da escola e cantávamos espiquetes o Hino Nacional. O golpe militar e as ditaduras brancas que se seguiram tornaram este nosso povo tão apático, tão ignorante, tão alienado que ele só se lembra que é brasileiro na Copa do Mundo.

SC SC

Não sei nem porque me enfureço com essas coisas. O FMI nem quer que paguemos a dívida, pois tem uma garantia muito sólida: a Amazônia, uma região que é quase metade da Europa se excluirmos os países que compõem a União Soviética. Como, ao contrário do que acontece aqui, cuidam da educação das crianças, já estavam distribuindo livros escolares onde a Amazônia aparece num mapa como Former International Reserve of Amazon Forest. O texto, bastante didático para que as crianças patriotas americanas entendam tudo direito, diz o seguinte: "Desde a metade dos anos oitenta que a mais importante floresta tropical do mundo passou para a responsabilidade dos Estados Unidos e da Organização das Nações Unidas. Seu nome é Fimraf e sua Fundação deveu-se ao fato de o Amazonas estar localizado na América do Sul, uma das mais pobres regiões da terra dominada por países irresponsáveis, cruéis e autoritários. Essa parte de oito países diversos e estranhos entre si, na maioria dos casos verdadeiros reinos de violência, tráfico de drogas, analfabetismo e gente primitiva. A criação da Fimraf foi apoiada por todas as nações

do G23 e tratou-se realmente de uma missão especial do nosso País, uma vez que a posse dessas terras valiosas em países tão primitivos condenaria os pulmões do mundo a serem destruídos em poucos anos. A área possui a maior biodiversidade do planeta com um número inenorme de espécies vegetais e animais. O valor da área é incalculável mas o planeta pode ficar certo de que os Estados Unidos não deixariam os países latino-americanos explorarem e destruir em maior floresta tropical da humanidade. Fimraf é uma espécie de parque internacional com regras muito severas de exploração."

SC SC

"No momento há um bota-boia incrível entre literatas sobre a autoridade da página 77 de um livro de geografia. Mal escrito ele é, além de ser inútil. Por outro lado, existem brasileiros que afirmam terem metido nos Estados Unidos, estudando por esta cartilha para a sexta série. Pode até não ser verdade, mas que faz sentido faz. Não observem a movimentação das forças armadas americanas nos países da região amazônica produtores de cocaína, o patrocínio americano do golpe frustrado contra Chávez, na Venezuela, e isto, but not least, o fato de o governo brasileiro pagar uma empresa americana para monitorar e regiar, de crianças americanas aprender a andar desde cedo - vejamos quem querem tirar o curso do Saddam Hussein, da Bin Laden - e me parece natural que o sistema inofensivo do país natural que pretende invadir brevemente."

SC SC

P.S.: - Quero agradecer aos seguintes leitores que me escreveram para o P21, carta e ou correio eletrônico: Beatriz Nosen (a incongruência da história é que eu não poderia sabê-la, pois o personagem morreu durante o sonho narrado), Amanda Henrique Gross de Araújo (RJ-RJ), Paulo Cortez (Itapecuru-SP), José Roberto Alves Neves Júnior (SP-SP), Alexandre Pereira (SP-SP), Eduardo Ferreira (PA-RJ), Tullio S. Bulcão (Santo André-SP), Paulo Brigueu (Londrina-PR), Maurício Abdalla (Vitória-ES), Regina Capellini (São Vicente-SP), Helena Maria de Souza, (RJ-RJ), Fabiano Morais (RJ-RJ), Fábio André Pflieger (SP-SP), Roberto Danilo Silva de Oliveira (Brasília-DF), José Louber (Uberaba-MG), Sparfaco Massia (RJ-RJ), Marjessa de Castro (Santo André-SP), Fernando Soares Campos (RJ-RJ), Zilda Palmeira (RJ-RJ), José Artur Gonzales, (SP-SP), Tristão Salustiano Botelho (Brasília-DF), Nelson Tangarini (RJ-RJ), Fábio Mourão (RJ-RJ), Fabia Vitiello de Azevedo Cardoso (RJ-RJ), Joel Uhl (RJ-RJ), Artur R. Araújo - a editora de Politécnico e a Alti-Ginega, de São Paulo (Salvador-BA), Elaine Ricardo Bona Moreira (União da Vitória-PR), Casio Freitas (RJ-RJ), Valtair Maradona (RJ-RJ), Manoel Neto (RJ-RJ). Muito obrigado pelo jovem incentivo a este velho jornalista. Por uma questão de espaço nem todas as cartas podem ser publicadas na seção de cartas. Como já dizia o Outro, muito serão os chamados e poucos os escolhidos.

ARI E O BÉBADO



passar o spray, o negócio ainda andava de quatro... O negócio não gostou e perguntou: - Você sabe por que branco tem o corpo inteiro branco e só o cu preto? - Não... - Porque a "tosta" do negócio ainda estava fresca...

É o menininho curioso, desses que perguntam tudo, chegou para mãe e falou: - Mamãe, papai faz cocô na cama? - Que é isso, filhinho? Claro que não! Por que é que você tá perguntando isso? - Porque toda noite escuto a senhora falar pra ele: "Lá vem você com essa merda mole outra vez!"

Deve ser quando o Ari Toledo conta uma bem govinha, mesmo. Vejamos esta. O velhinho, de cabelos brancinhos, chegou lá no céu. Jesus o recebeu de braços abertos, perguntando: - Quem és tu, meu bom velhinho? - E eu estou c-com a memória fraca... quase não me lembro de nada! Só lembro que lá na terra eu fui carpinteiro e tive um filho que ficou famoso! Emocionado, Jesus o abraçou e falou: - Papai! É o velhinho: - Pindiquê!

ar de superioridade: - Escalácia, como é que pode ter Ministério da Marinha num país que não tem mar? O presidente boliviano, após apoiar o queixo, respondeu: - Pelo mesmo motivo que o Brasil tem Ministério da Justiça. Eh, eh, eh!

O bêbado chega no balcão e pede: - Da uma caixa de cerveja! É o balconista: - São!, Antártica ou Brahma? - Ah... tanto faz... É só preu sentar!

O médico falando com o paciente já moribundo: - E por que o senhor quer ser sepultado no mar? É porque minha sogra jura várias vezes que vai dançar sobre meu túmulo!

O velhinho tinha mais de setenta anos e levou uma moça para uma motel. Como não conseguia nada, virou-se pra ela e disse: - Ôlha, benzinho! Eu vou colocar mole, que é pra não te machucar, viu?

Fausto Wolff

O MENINO E SEU HERÓI

Lembro do dia em que deixei de ser criança. Saía da escola, passava o dia inteiro no mata-bubido em árvores para apanhar onquideias. No quintal de casa, amovava-as direitinho num xaxim e lá para o bairro dos Molinhos de Vento, em Porto Alegre, tentava vendê-las nas casas dos ricos. Num palacete, uma menina muito bonita da minha idade — sete, oito anos mais ou menos — aticou o cachorro contra mim. Na fuga, esmaguei as onquideias, estofei um joelho e um lado da cara. Foi vendê-las para os vizinhos que eram pobres e compravam. Aqueles que não podiam comprar as recebiam de graça. Nesse dia aprendi que era um menino pobre e que os ricos ajudavam os ricos e ficavam mais ricos e os pobres ajudavam os pobres e ficavam mais pobres. Aprendi também que teria de brigar muito sem perder a vergonha na cara. Com o dinheiro das onquideias eu comprei a biblioteca do Monteiro Lobato e do Erico Veríssimo e o mil folhas. O resto eu dava para a mãe para ajudar nas despesas de casa. Ainda assim, na véspera do Natal, minha mãe levava mim e a minha irmã mais moça para o Parque de Recreação. Entrávamos numa fila enorme e depois de horas ganhávamos um presente das mãos da professora-dama que eu lembro, lembro, era a mulher do governador Jobim ou do Ernesto Dornelles.

SO • CR

Entri para a adolescência com 12 anos, quando arranjei um emprego de auxiliar de escritório no Laboratório Merck. Trabalhava de dia e estudava à noite. Descobri que tinha de pagar uma quantia em selos para tirar a carteira de trabalho de menor. Como não tinha dinheiro mandaram-me para a delegacia de 4º Distrito apanhar um "Atestado de Pobreza". Um funcionário da delegacia foi até a minha casa e viu que éramos pobres. Ganhei o atestado e tirei a carteira, onde constava em carimbo: "Isento de selos. Atestado de Pobreza".

SO • CR

Fiquei adulto muito cedo e por isso, até hoje, talvez não passe de uma mistura de Peter Pan com Don Quixote. Aos 14 anos era uma espécie de office-boy e ajudante de repórter de polícia no *Diário de Notícias* de Porto Alegre. Cobria as delegacias, anotava direitinho o Livro de Ocorrências e escrevia as pequenas notas policiais. Douso dizer que transformei num bom repórter e passei a viver a vida boêmia dos meus companheiros mais velhos. Um dia, na Delegacia de Furtos me chamaram para uma sala onde o inspetor Babala, um homem de seus quarenta anos, forte, atarracado, que fora lutador de Vale Tudo, torturava algum. Estremecido, vi-o bater num ladrão pé-de-chinelo amarrado numa cadeira. O sangue escorria de seu rosto. Alguns policiais e repórteres olhavam a cara bruta. Um rapazinho novo à vontade e outros me deram a impressão de estarem acostumados com aquela história. Naquela dia, decidi que polícia era polícia e repórter era repórter, como mais tarde decidiria que jornalista era jornalista e poder

era poder. Compreendi também que o homem comum para sentir-se grande precisa fazer parte de alguma coisa grande: um clube, um time, um partido, um governo, pois tem medo da solidão e de pensar com a própria cabeça. Dói a aceitação de qualquer ato da autoridade. No Brasil passamos por quase trinta anos de ditadura oficial mas o único traidor execrado pela mídia foi um rapaz simples, um cantor filho de uma empregada doméstica a quem dessem uma carteira de autoridade. Já o maior traidor de todos, virou presidente da República.

SO • CR

Mais tarde, já na reportagem geral, conheci Ibsen Pinheiro e Flávio Tavares. Passei a escrever também para o *Tribuna Gucho*, *Jornal do Partido Comunista*, e a partir deste momento soube que seria sempre um jornalista parcial, estaria sempre do lado dos mais fracos. Foi nessa época que passei a admirar o trabalho de Leonel Brizola na Prefeitura e posteriormente no Governo do estado e a decerir um livro aludatístico do grande senador Alberto Pasquini chamado *Boas e Sugestas para uma Política Social*. Garoto, com 18 anos, testemunhava as injustiças dos processos contra os humildes e dizia para mim mesmo: "O Brizola vai dar um jeito nisso". Quando encampou a Bond&Share no Rio Grande do Sul passei a admirá-lo ainda mais. Ainda em Porto Alegre fui fazer uma entrevista com ele no Palácio Piratini para a *Manchete*. Não lembro bem do que falamos mas seus filhos pequenos assistiram à nossa conversa e jamais vi um pai tão bondoso e atencioso embora as crianças estivessem perturbando um bocado. Quando fez, sozinho e solitário, a campanha pela legalidade que frustrou o plano dos golpistas que não queriam dar posse a Jango, passei a considerá-lo o maior estadista do Brasil. Votei nele para deputado federal quando transferi-se para o Rio de Janeiro. O resto é História.

SO • CR

Voteli ao Brasil com a abertura e fui esperar o PTB no aeroporto. Vi quando lhe roubaram o PTB e fui praticamente um dos fundadores do PDT para o qual escrevi durante 12 anos programas políticos. Creio que apenas Darcy Ribeiro foi maior entusiasta dos Cleps do que eu. Fundei, com membros do partido, o primeiro jornal socialista desde 64 — o *Tribuna Socialista* — do qual fui editor mas que por falta de interesse do partido teve de fechar. Na ocasião falei para o então governador que, se quisesse disputar as eleições para a Presidência, precisaria ter um órgão de imprensa e sugerir o aluguel da *Última Folia*. Não foi ouvido, pois Brizola tem um defeito capital: não ouve ninguém e quando ouve, ouve as pessoas erradas. O PDT era para ser um pequeno partido com um programa e uma ideologia. Ele acabou por incluí-lo. De tanto ouvir pessoas erradas foi traído e não foram poucos os traidores: Marcello, Cesar Maia, Garotinho, praticamente todo o seu secretariado com exceção de Vivaldo Barbosa,

que juntamente com Miro Teixeira forma o melhor quadro do PDT na Câmara. Infelizmente, Brizola não aprende com seus erros. Quando Roberto Marinho e um computador apunhadou resolveram dar de presente ao eleito para Moreira Franco em 82, viajei até São Paulo para denunciar a fraude no programa de TV do falecido Ferreira Netto, ocasião em que tive um pega no ar com o senador socialista Fernando Henrique Cardoso, que jamais me enganou. No Pasquim eu e Jaguar fizemos a campanha de Brizola e jamais recebemos um agradecimento. Mito! Fernando, que perdeu o emprego na légio por negar-se a retirar o nome de Brizola, que apolava, de um artigo, nunca recebeu um telegrama de agradecimento. Cidinha Campos poderia ter sido eleta prefeita do Rio se houvesse lido o discurso que escrevi para inaugurar seu programa eleitoral dizendo que Collor era um filho de papai que não merecia a nossa bandeira. Brizola pediu que adíssemos o discurso e quando ele foi ao ar Cesar Maia já havia vencido.

SO • CR

Não sei exatamente o dia em que fiquei velho. Devo ter acordado de porre certa manhã e estava velho. Não me dei conta na hora. Aos poucos, o corpo, o espírito, o espelho e, principalmente, as mulheres bonitas e jovens se encarregaram de me informar. Ainda não me acostumei com a condição de velho. Algum já disse que os velhos devem se apunhardar, pois possuídos pelo amor, deixariam de pensar em outras bobagens. Não acredito. Nada como um rabo de sala para fazer você se preocupar ainda mais com a velhice, com a barriga e os oito dentes que faltam na boca, com o diabinho que os ricos públicos e privados roubaram do seu bolso. Pior que ser simplesmente velho é ser velho, jornalista e pobre. Essa mania de ser honesto — não é virtude minha, coisa que meu pai ensinou na minha alma a golpes de cinta — também atrapalha.

SO • CR

Otro troço que dificulta a vida do jornalista velho, pobre e honesto é ter o que escrever. O verbo é ter mesmo. Se não escrevo não pago aluguel; se não pago aluguel, sou despejado como se despeja na pia café impossível de ser requerido. Se isso acontecer, tado pioraria: além de jornalista, velho, alcoólatra, jogador, comunista e decadente (como o cronista social Nataniel Zilber porta de frisar), despejado e reencarnarível. Se a coisa fosse só ter de escrever e ter o que escrever não seria tão grave. O pior é que você tem de escrever bem, cada vez melhor. Hoje melhor do que ontem e pior do que amanhã. "Será que já disse essa gracinha?" "Será que vão gostar dessa história?" Quando você dorme, o inventor dos sonhos dita tudo para você. Texto genial, bem gostado, primo de ritmo. Na mata seguinte, esqueceu tudo e, se lembrasse, provavelmente chegaria à conclusão de que texto de sanho foi feito para ser sonhado e não para ficar preso num papel. Acreditem, irmãos, não é fácil ser bom quando

se está rodeado de cruaques como Zilado. Ali, diz, o Sérgio Augusto, o Santayana e tantos outros mais jovens como o Nani, o Leonado, a Ana, a Angela e, naturalmente, o Paulo Causo

SO • CR

O que é que eu estava dizendo, mesmo? Porra, este é um outro complicaçador falta de memória. Você tem de escrever, tem de escrever bem e tem de escrever bem determinado espaço. Nem mais nem menos. As vezes, tem muito para dizer e pouco espaço. Outras, como hoje, nada para dizer e espaço demais. Vida boa têm os ladrões, safados, sem-vergonha, pusillímenes e naturalmente muito ricos. Entram e saem da vida pública transformada em privada e o pobre do jornalista velho tem de lembrar os nomes desses leprosos morais orgulhosos das próprias piúptulas. E os nomes são tão importantes que você acaba se confundindo: Melio, Cardoso, Neto, Campos, Rezende, Hilclaus, Eduardo, Jorges, Magalhães, Ciro, Serra. Os nomes mais difíceis de guardar são os dos economistas que saem da vice-presidência de uma transnacional qualquer, assumem um ministério, roubam alguns milhões de dólares e pulam fora. Voltam alguns anos depois, pois seu apetite é maior que o do tubarão branco, a máquina de comer mais voraz do mundo que, porém, é mais humano que os economistas pois não têm consciência do mal que faz. Esses infelizes na vida do velho jornalista: "Esse sacana foi o que vendeu a Vale do Rio Doce ou foi aquele que roubou o Banco Central?" Não digo que a profissão, de vez em quando, não me dá algumas satisfações. Editei o livro de Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho, Serra e Ciro falando das respectivas genitoras. Em seguida, porém, vem a certeza de que é tudo de mentirinha; a certeza de que quando a direita briga, quem acaba apanhando é o que restou da esquerda.

SO • CR

Por que é que comecei mesmo esta longa história? Ah, foi para dizer a Brizola que votarei nele e que acho que ele será um grande senador. Nosso caminho, porém, se separaram na hora de votar para a Presidência. Não vou votar num filho de papai que nunca soube o que é uma urna encravada, que teve tudo de mão beijada, que foi fundador do PSD e, quando deputado, votou contra as eleições diretas. Sei que Brizola foi o homem público mais calculado pela imprensa brasileira mas ele não é um partido, ele precisa ouvir e ler de vez em quando. Já não sou mais aquele guil, repórter em Porto Alegre, que achava todos os seus atos certos. Estou muito velho para andar no mesmo palanque que Antonio Carlos Magalhães, Bornhausen, Collor, Jader Barbalho, Roberto Jefferson e tantos outras pessoas que tão mal fizeram ao nosso pobre povo. Meu voto para a Presidência, como, aliás, tive a oportunidade de declarar na reunião na casa do grande Oscar Niemeyer, é do LULA.

ARI LE DO



Diz um deles:
- Quando completei 25 anos de casado, levei minha mulher ao Japão.
- Não diga? — diz o outro — E o que pretende fazer quando chegar aos 50 anos de casado?
- Se ainda estiver vivo, vou lá, buscar ela.

No ônibus lotado, um gazarro grita:
- Metade dos passageiros deste ônibus é tudo viado!!
O motorista, imenso e mal humorado, fria bruscamente, derrubando vários passageiros. Chega próximo do engracado e pergunta com voz ameaçadora:
- Quer me dizer quem é viado aqui?
- Simto muito!, diz o gozador. Com essa freada brusca o senhor misturou todo mundo.

O proprietário de um hotel de praia resolve contratar uma secretária. Sabendo do emprego, uma linda loura decide ir ao hotel, fazer o teste.
O hoteleiro assiste ao teste de dactilografia e diz:
- Muito bem, apenas quatro errinhos! Agora, vamos ver a segunda palavra...

Vou contar pra vocês a mais velha anedota de bêbado do mundo. Quem disse que não se lembra dela, vai ver, estava bêbado quando a contaram pra ele. É assim:
Um bêbado senta-se ao lado de uma mulher bem antipática, olha invocando pra ela, que devolve o olhar com desprezo.
Ai o bêbado diz:
- Caramba, como a senhora é feia!
- E o senhor é um bêbado mal-educado!
- responde a mulher.
E o bêbado:
- É, mas amanhã estarei bom, já a senhora...

Dois amigos conversavam sobre as maravilhas do Oriente.

Dois velhinhos estavam sentados na praça conversando sobre os velhos tempos e diz um deles:
- Lembra quando éramos jovens e fomos passar as férias no Rio de Janeiro?
- Lembro sim — diz o outro.
- Lembra que nós ficávamos na Cinelândia paquerando, e que muitas vezes conseguíamos algumas mulheres?
- E o mais velho responde com olhar triste:
- Claro que me recordo. Só não me lembro pra quê.

No ônibus, um rapaz senta-se ao lado de uma senhora bem calma. Ele ao lado da janela e ela olhando a paisagem. De repente ele começa a mascar chicletes e, então, ela se vira para ele e diz:
- É muito gentil da sua parte querer conversar comigo, mas eu sou completamente surda.

Em Portugal, estavam demolindo um casarão antigo. Era um prédio secular. Derrubam daqui, derrubam de

lá... De repente, cai uma parede e encontram atrás dela um esqueleto com um cinturão e uma fivela de bronze. Se aproximaram mais e leram os dizeres escritos na fivela:
"Manuel Monteiro. Campeão mundial de escondo-esconde — 1886".

O sargento do Exército chegou na zona, escolheu a mais gostosa que encontrou, levou ela pro quarto. Mas, antes de afogar o ganso, perguntou:
- Quanto é que você vai cobrar para passar a noite com minha companhia?
- Tô cobrando cem reais!
- Tudo bem! — diz o sargento, que vai até a janela, bota a cabeça pra fora, faz um gesto com o braço e grita:
- Companhia!!! Pode vir!

O brasileiro, viajando ao lado do amigo português, já cansado depois de oito horas ao volante, pede:
- Joaquim, não acabamos de passar por Itumbiara, faz um favorzinho pra mim! Pega o mapa aí no porta-luvas e vê quanto falta pra chegar em Goiânia. O português desdobra o mapa, examina e responde:
- Mais ou menos... quatro centímetros!

FAUSTO Fausto Wolff

É PRECISO RESTAURAR A VERGONHA OU O VENTRE LIVRE

Criolo que foi no filme *None but the Lonely Heart*, adaptação de um texto de Clifford Odets, quer personagem interpretado por Cary Grant entra numa via-lacrada e ao longe vê um monstro chafurdando numa lata de lixo. Diz ele: "Aprou-me, temeroso, e vi que se tratava de um animal. Com o coração aos pulos cheguei bem perto do local e vi que não se tratava de monstro nem de animal, mas de um homem como eu, feito à imagem e semelhança de Deus, chafurdando como um porco na imundície, na esperança de encontrar um pedaço de pão."

Desde sempre que a meta do poder — que se vingou do fato de não ser imortal maltratando tudo a sua volta — tenta aniquilar o homem. Nunca estivessem tão perto. Hoje ninguém precisa mais angustiar a África e a Índia, Espanha e cristianizar a América Latina que custou tanto sangue e a extinção de tantas culturas. Hoje essa bestialização é feita através dos meios de comunicação. A arte, a cultura, a música, a medicina, arquitetura, engenharia, a física e a economia estão a serviço do mercado, esta coisa cruz que não tem nome e nem forma mas que foi imposta principalmente aos países pobres como um paradigma. Não falta muito para dizerem que quem não acredita no mercado vai para o inferno ou será condenado à fome, à humilhação, ao desemprego aqui mesmo na terra. Os pintores pintam o que quer o mercado, os músicos compõem o que quer o mercado e os sofisticados artistas e sua arte são tratados como papel higiênico e o público como idiotas.

Há 180 anos que comemoramos uma independência que nunca tivemos e estamos cada vez mais longe de alcançar. Primeiro foram os portugueses, depois os ingleses, depois os franceses e finalmente os americanos os nossos alvos. Um mariano que chegasse à terra se perguntaria: "Por que um país tão rico, tão imenso, se deixa escravizar? Por que abre mão da sua cultura em função de fatores externos?" E eu me perguntaria: "Será por culpa do nosso povo? Será que ele é mesmo desonesto, preguiçoso, moleque, vigarista e irresponsável? Não, não creio. Há menos de um mês a Organização Mundial do Comércio informou num boletim que o operário brasileiro é o mais trabalhador, mais eficiente, mais corajoso e menos rebelde do mundo. Se a culpa não é do povo, será dos americanos, italianos, dos alemães, dos ingleses, dos japoneses? Ora, esses povos estiveram envolvidos na II Guerra Mundial e, com exceção dos americanos que lucraram — tiveram suas economias devastadas e entretanto — sem perder uma décima parte das nossas riquezas natu-

rais — mandam e desmandam no 'nosso país', ditam as regras do mercado e nós obedecemos. De quem é a culpa, então? A culpa é dos locais, dos ricos traídos, dos brasileiros com complexo de inferioridade. Dos nossos governos desde 1964, que acabaram com a nossa cultura e como vendê-la, manufaturam abrimos as portas para o capital espaldador.

Nos primeiros quatro anos de loucura, Fernando Henrique Cardoso vendeu a Voz, a CBN, a Televisão, os ferrovias, as rodovias, acabou com a saúde e com a educação além de chamar os aposentados de vagabundos. Qualquer outro povo teria posto este homem na cadeia ou no manicômio mas tão alienado estava a classe média (que faz a cabeça da maioria), tão alienada estava com qualquer possibilidade de socialismo que, em vez de puni-lo, o reelegeram no primeiro turno. Satisfeito com o masoquismo popular comprovado nas urnas, ele fez mais longe: acabou com o Banco do Brasil, a Amazônia, a telefonia, a energia, o 13º salário e para as vítimas deu a inflação, o trabalho escravo, a prostituição infantil e o dengue. Para os alérgicos a impunidade diante de uma Justiça que só vê o que fazem os pequenos.

Por que deveríamos culpar os americanos e os ingleses e o FMI e as grandes transnacionais? Por que não deveriam usar os nossos recursos — nossa classe dominante — se eles lhes oferecem seus serviços de leoa-pátria? Tivemos uma dívida de um bilhão de dólares em 1964, ela subiu para 250 bilhões de dólares e ainda temos de pagar 750 bilhões de dólares de juros. Afinal de contas, o FMI não é brasileiro e deve imaginar que se um povo escolhe líderes para comandá-lo eles não tem nada a ver com isso. E é por isso que as grandes transnacionais chegam aqui com o propósito de "criar empregos" mas ditam a política social e salarial. "Não querem" perguntam eles. "Vamos para Cingapura, a Guatemala, a Argentina e tantos outros países onde não tratam milionários saldados e traídos da pátria." E assim, os donos do mundo e seus locais, que valorizam mais os lucros pessoais do que a responsabilidade social, vão acabando com ele, graças ao egoísmo que gera suas atividades nocivas, ao tráfico transnacional do mundo numa brecha com os aplausos dos meios de comunicação. A política e as profissões liberais, as atividades militares e científicas, vão se viduando e abrindo lugar no país os mais medíocres e os mais servis.

Felizmente ainda não conseguimos imbecilizar a humanidade inteira, pois fosse assim, sugeriria o suicídio coletivo. Neste mo-

mento, em todo mundo, existem pessoas de bem, lutando contra todas as mafias. Recentemente tentamos canibalizar Fernando Henrique Cardoso por ter obtido 30 bilhões do FMI quando o Uruguai não conseguiu dois. Este dinheiro, porém, não foi para escolas, hospitais, reforma agrária nem para microempresas, como não foram os 250 bilhões anticrises. Este dinheiro é o pagamento para a exploração internacional da Amazônia, a começar por um parque no Amapá que ninguém viu e nem sabe onde fica. Uma dessas pessoas de bem que luta contra os assassinos do futuro é Cristovam Buarque de Holanda. Recentemente, ao dar uma palestra em Nova York, alguém lhe perguntou como ele, como humanista, via a internacionalização da Amazônia. Ele respondeu que como brasileiro, apesar do desleixo com que o nosso governo vem tratando o questão, era contra. Como humanista — disse ele — era favorável desde que todas as reservas de petróleo do mundo fossem internacionalizadas, todos os grandes museus — Louvre, Vaticano, Prado, Ciências Naturais de Nova York. Disse ainda que concordaria com a internacionalização da Amazônia, se Nova York, sede da ONU, também fosse internacionalizada, bem como os arsenais das grandes potências, bem como a pobreza e que o dinheiro dessa internacionalização fosse usado para que todas as crianças do mundo tivessem casa, comida, escola e saúde. "Mas — finalizou Cristovam — enquanto isso não acontecer a Amazônia é brasileira." E digo eu: precisamos de campanhas para que quando gritarmos "O Petróleo é Nosso", estaremos dizendo que ele é do povo, pois o povo só lutará — ainda mais agora — por algo cujos benefícios ele sinta na carne e, infelizmente, nossas estatais só são boa vida aos seus executivos, todos riquíssimos como Francisco Goya, para citar apenas um exemplo. Como poderemos convencer o brasileiro que o petróleo é dele se a gasolina sobe, que a energia é dele se as tarifas sobem, que o subsídio é dele se ele jamais viu um gramê de ouro, que a água é dele se ela não chega à sua casa, que o Banco do Brasil é dele se ele jamais lhe emprestou dez centavos?

Entre os brasileiros que lutam contra esta bandalheira, me informa o leitor Jorge Panzato (obrigado por suas palavras) está o professor Luiz Sérgio Coelho de Sampaio, da UFRRJ que propôs entre as opções de prova para seus alunos de Filosofia da ciência um trabalho coletivo elaboração de proposta de emenda constitucional que, aprovada, deveria se tornar cláusula pátria da Constituição, a restauração do VENTRE LIVRE. Todo

brasileiro nascido a partir de 1º de janeiro de 2003 ao atingir maioridade (21 anos) estaria livre. Livre do quê? — perguntará o leitor e eu respondo: livre do juízo de ser obrigado, por toda a existência, a arcar com o pagamento dos juros das dívidas públicas externas e internas que nada o teria beneficiado. Considerando que em janeiro do ano que vem as dívidas estarão num valor de 1,38 trilhões de dólares e a população em volta de 172 milhões de habitantes, todos aqueles que nascerem a partir de 2003, já nascerão com dívida mensal de 1.340 dólares para toda a vida. É preciso notar ainda que o professor Sampaio não levou em consideração alguns detalhes: a) a diminuição do patrimônio nacional transferido para o estrangeiro; b) o aumento dos danos ecológicos e urbanos; c) a deterioração das relações de trocas comerciais; e o mais importante, d) o fato de que a maioria dos ricos não pagará esta conta, pois ou é o próprio credor (aplicações no exterior) ou é sócio desses interesses externos, ou é corrupto mesmo, o que virá a arcametar um aumento ainda maior da carga sobre os mais pobres. Parabéns, professor Sampaio, é bom ver que a universidade voltou a ser formadora de espírito, voltou a humanizar. Por uma questão de espaço, não publico todas as suas considerações mas estou curioso em ver como seus alunos elaborarão a emenda constitucional do VENTRE LIVRE.

Finalmente, para não dizer que não fa-
lei de flores convide todos a cantar a seguinte letra, bem mais realista e verdadeira que a original que me foi enviada pelo dr. RS:

Num posto do Ipiranga às margens plumbadas,
De um Volvo, heróico Brutal retumbante,
O Skid da liberdade em Rider fulgente,
Brilhou no Shell da pátria neste instante.
Se o índio dessa igualdade
Conseguisse conquistar com braço Ford
Em teu selo, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a Microsoft,
O Parmalat, Mastercard, Sharp, Sharp...
Amiz de um garoto italiano, um rádio Philips
De amor e de Lufthansa à terra desce
Intel famoso céu risonho Glomacense,
A imagem do Brodicos respaldesce,
Gillette pela própria natureza,
É belo, Escort, Impávidos, Colosso,
E teu futuro espelha esta Grandennis,
Corpo gelada.
Entre outras mil é Sovinil, Compoq amada,
Do Philco deste Solis é mãe Doril
Coca-Cola-Bom-Bêni.

ARI CLEDO



VENDEDOR — Este papagaló é uma maravilha. Fala vários idiomas. É uma coisa incrível, meu amigo. Olha aqui: se você levantar a patinha direita, ele fala em francês. Se você levantar a patinha esquerda, ele

fala em inglês.
COMPRAADOR — Se eu levantar as duas?
PAPAGAIO — Você cai, não é, seu idiota?
Alta madrugada, na pequena cidade, lá no fundo da farmácia, dorme o farmacêutico. De repente, batem violentamente na porta. Ele espera um pouco, pois sabe que só se for realmente um caso de urgência os frestas vai bater de novo. E não demora dois minutos, mais pancada na porta, cada vez com violência maior. Ele se levanta meio chateado, arrasta-se até a porta. É o bêbado da cidade.
- Já sei — fala o farmacêutico, puto — quer um engov, não é?
- Não senhor! Quero me pesar.

Um holandês, de passagem pelo Rio, ficou a observar dois parafusos aliado o maior duro da obra. Chegou pra eles e cortou os dois pedreiros pra trabalharem na Holanda ganhando dez vezes mais. Os caras toparam

logo. Pegaram o avião e seguiram pra Holanda. Quando passaram sobre o Saar, deu uma pane no motor e fizeram um aterrisagem forçada em pleno deserto. Quando os dois desceram, achando que já tinham chegado ao destino, e deram com aquele mar de areia, um deles exclamou:
- Puta merda. Severino, na hora que o cimento chegar, nós tá fudido.
O cientista louco fez uma descoberta fantástica. Inventou um líquido que era capaz de dar vida a tudo quanto fosse coisa inanimada. Saiu bem cedinho de casa e rumou para a praça central da cidade. Tinha lá, no meio da praça, a famosa estátua esquelética com o herói em cima do cavalo. Naturalmente, o cientista chegou com o seu líquido numa bomba de Ritt e deu a maior borrifada no herói. Espagou um minutinho e, de repente, o herói pulou de cima do cavalo, dando gritos alucinantes. O cientista ficou maravilhado com o efeito do seu invento e ao mesmo tempo assustado com a fúria do herói. É que o herói pulou do cavalo, passou o dedo pela testa — assim como

quem limpa o suor muito antigo — e puxou a espada. Al, o cientista gritou, apavorado:
- O que é que o senhor vai fazer?
E o herói:
- Não vou deixar um Filho da puta dum pombo vivo nesta praça!
O casal estava junto há 80 anos. Um dia foram ao advogado pedir o divórcio. O advogado levou um susto.
- Vocês me desculpem, mas divórcio nesta altura do campeonato, por quê? — perguntou curioso.
- É que estávamos esperando as crianças morrerem.

Mineirinho uma vez abordou uma jovem que estava loquinhá por ele e perguntou, com aquela loquacidade que lhe é peculiar:
- Cumê?
- Tá certo. Mas vai ser onde? Na sua casa ou lá atrás da prefeitura?
- Começou a discutir, num quero mais!

POR UM CONGRESSO DECENTE
PARA SENADOR - SP
ALOÍZIO MERCADANTE
PT - 131

POR UM CONGRESSO DECENTE
PARA SENADOR - RGS
PAULO PAIM
PT - 131

Fausto Wolff

A VIDA COMO ELA É

Para Samuel Rodrigues, in memoriam

Certa vez, no Rio de Janeiro, ouvi uma discussão entre dois médicos – Vladimir e Estragon. Eram cirurgiões e haviam tentado salvar a vida de uma adolescente cancerosa sem sucesso. Saíram do Hospital do Câncer e foram ao Bar Brasil, na esquina de Mem de Sá com Lavradio, na Lapa. Ambos belos seres humanos mas Vladimir, o magro, carregava muita mágoa. Chorava de frustração. Enquanto lavava as mãos no banheiro, dizia para o gordo Estragon, que mijava: – Porra, rapaz, às vezes penso que se Deus existisse, alguém deveria matá-lo. É muita injustiça, muita maldade, muita sacanagem! matá-lo. O gordo deu as três sacudidas de praxe, lavou e enxugou as mãos: – Mas o homem vem tentando matar Deus desde que o criou. – Ah, te peguei – disse o magro e mais jovem. – Você disse “desde que o criou”. Isso significa que para você Deus é uma criação do homem. – O fato de ele ser uma criação não implica na sua não-existência – disse o gordo Estragon. Sentaram-se numa mesa próxima do canto e eu sentei na mesa ao lado. Pediram dois chopes com patê e pão preto. – O que é o que você quis dizer com aquilo? – Aquilo o quê? – Aquela história de que Deus pode existir mesmo sendo uma criação do homem. Quer dizer que Deus pode existir mesmo sendo criação? – perguntou Vladimir – mandando meia tupa para dentro. O gordo pediu um genebra e bebeu-o de uma talagada e depois pediu outro. – Ora, se o homem tem capacidade para criar Deus pelo menos para ele este deus existe. Poderia te dizer isso de outra maneira. – Diz. – É mais fácil para deus criar o homem do que para o homem criar Deus, você não acha? – Você é um gozador. Garçom,

mais dois chopes. Não me importa quem tentou criar quem. Quero saber por que o homem vem tentando matar Deus? – Porque, existindo ou não existindo, ele está dentro do homem e quando um homem chega a ponto de matar outro homem – doença, epidemia, fama, ambição, ganância, ciúme, miséria, peste, prostituição, corrupção, guerra, difamação, assalto, solidão, desprezo e até mesmo incompetência, você escolhe aí, é o Deus que existe no homem que o outro homem quer matar. – Você não passa de um sofista de pé-sujo. – Que pé-sujo, rapaz? – Sofista de botequim. – Ve, quando você explica, eu entendo. O gordo pediu azeitonas e continuou bebendo genebra com cerveja. – De qualquer forma, os sofismas estão aí para serem destruídos. No entanto não vejo sofisma algum quando digo que o que há de bom e de mau no mundo foi criado pelo homem. Deus entrou apenas com o mundo. O homem é quem faz do mundo o que bem entende e aparentemente está tentando destruí-lo. Digamos que Deus nos deu um bellissimo jogo. Como não temos paciência, tentemo e amor para decifrar suas regras, crianças irritadas que somos, preferimos destruí-lo. O nome do jogo é Verdade. Para tentar desvendá-lo o homem criou a Realidade. – Você está de porre? – perguntou Vladimir. – Um pouco, o que é natural, pois estou tomando genebra com chope e você só chope. – E não é irresponsável o cirurgião que enche os corpos? Se o gordo ficou irritado, não demonstrou. – Só vou operar dentro de 48 horas, mas se fosse chamado para operar agora e não houvesse alguém para me substituir, tomaria um café bem forte e tentaria fazer um bom trabalho. – É se o paciente morresse? – É o que venho tentando dizer.

De quem seria a culpa? De Deus, do governo que não dá verbas para a Saúde, do hospital que tem poucos médicos, mal pagos, ou de mim que exagerei na bebida? Eu não botaria Deus no meio. – Você falou que o homem se perde nos labirintos da realidade. Que labirintos? – Sei lá – disse o gordo mandando outro genebra para dentro. – Não sou Deus. – Deixa de sacanagem, Estragon. Quais são os labirintos da realidade? – Imagino que sejam muitos mas os principais são sucesso, dinheiro, poder, beleza, potência, propriedade, por aí. Verdade é que o mundo nos foi dado grátis e a realidade é o que fizemos com ele. Se o homem nasce perfeito como acreditamos, o responsável pela sua deterioração física e moral só pode ser ele. – Ah, é? E os fatores genéticos? E a menina que morreu de leucemia nas nossas mãos? E a Aids? – A leucemia foi transmitida pelos pais ou pelos avós ou pelo primeiro primata da família. O vírus da Aids, o homem, se não inventou num laboratório para acabar com os veados, as prostitutas, os negros, foi buscá-lo nas selvas da África onde provavelmente era mais inofensivo que resfriado. Que Diabo tem Deus a ver com isso? – E os filhos das putas que ganham dinheiro em nome de Deus? Os pastores vigaristas? Os padres pedófilos? – Espere aí. Ganham dinheiro em nome de Deus sem a licença de Deus. Ele não assinou nada em baixo. De qualquer modo esses filhos das putas, como você diz meçam morrer e se não morrem também não é culpa de Deus, mas dos idiotas que os sustentam. – Quer dizer que este teu Deus não tem culpa de nada, gordo? – Devagar com a louça. Estou formulando hipóteses levando em conta a existência de Deus. Pode ser que ele não exista e nesse caso temos de nos transformar em deuses para dar um sentido à vida.

– E como é que vamos fazer isso, Estragon? – Matando os ricos, talvez. Rege-norando os ricos, quem sabe? Eu começaria seguindo os dez mandamentos. – E o que proíbe matar? – A gente adapta. Tem muitas saídas dramáticas e cômicas antes da tragédia se instalar. – Que saídas? – Avisos, sinais, alertas que podemos captar consciente ou inconscientemente a todo instante. Aquelas duas folhas de árvore que estão caindo aí... – Ali onde? – perguntou o magro, virando-se para a porta do bar. – Estão caindo da árvore agora – disse Estragon apontando para onde não havia árvore alguma – e podem ser um sinal para mim que as vi e para você que as viu com meus olhos. – Sinal de quê? – Sinal que devo jogar no bicho no 1, no 2, 11, 12, 21 ou no 22. Ou apostar na dupla 12 no hipódromo. Vamos embora enquanto ainda consigo dirigir. Por insistência do magro, o gordo deixou-o pagar a conta. – Você vem comigo? – perguntou Estragon. – Vou pegar o metrô. – Então até amanhã. Naquela noite o magro surpreendeu a mulher na cama com seu irmão mais jovem. Como se já o esperasse, a mulher lhe deu um tiro no peito com um revólver que guardava sob os lençóis. Os dois dirão à polícia que confundiram o irmão e marido com um gatu-no. Acabaram sendo punidos. No momento em que Vladimir levou o tiro fatal, Estragon decidiu que estava cansado e, na Curva do Calombo, na Lagoa, jogou o carro a 120 quilômetros contra uma árvore. Morreu na hora. Em ambos os fatos não houve interferência divina. **1**

P.S. aos leitores: estou cansado de bater em político, ladrão, vagabundo e sem vergonha. Dai a história que contei. Na próxima edição, já teremos votado. Eu vou votar no Lula pra presidente.

Pedro Paulo Pitto

CÉREBROS ENGRAVADOS

A TV ainda não entendeu a Internet. Carentona, pesada, com a sensibilidade embotada por décadas de programação de baixo nível, jurássica no entendimento do novo que não vem amarrado aos ditames do mercado dirigido por publicitários que usam gravata no cérebro, a TV não tem com ela a menor intimidade. Fica achando que Internet é interatividade e interatividade é fazer aquelas perguntas imbecis aos internautas (desculpa aí o palavrão). A Internet é genial porque junta milhões de pessoas que se comunicam diretamente, sem intermediários, atravessadores, governos ou redes de TV. Cada um diz o que quer, para quem quer ouvir. Toda censura é eliminada, toda ordem judicial da Justiça americana, desmoralizada por alguém na Lapônia. Foi assim durante a Copa do Pentá, quando pintou na Internet aquele site do eu odeio o Golvido Bueno, maior popularidade.

NA WEB: ROSINHA NAOI

Agora, aqui no Rio, outro movimento espontâneo é o grande sucesso da reta final da campanha para o Governo do estado. Começou com um movimento de universitários que amavam o Rio de Janeiro, batizado de Rosinha Naoi, teve suas camisetas, buttons e adesivos para carros disputados a tapa (a favor da frase e da idéia). Cresceu tanto que a garotada, essa sim, craque

EU ODEIO TV

nas possibilidades da Internet, criou o site. Liga agora seu computador, vai lá dar uma olhada e, depois de se divertir muito com a inteligência da turma responsável, entenda como a TV está a gigabites da Internet.

CONTO-DO-VIGÁRIO NA TV

Fica então combinado que a TV se engana com a Internet enquanto – aqui leia-se a TV mundial – engana seu fiel e pobre público com a maior desfaçatez. Estou falando dos shoptimes da vida, esse conto-do-vigário eletrônico. Uma pequena parte é séria, a maioria é enganosa. Fica hoje só num produto que é a carta marcada da vez: aqueles milgatos cintos que emagrecem e tonificam os músculos na base de minichochos elétricos. Do tipo ABTronics ou coisa parecida. O jornalista americano Eric Uninsky, que gosta de passar as madrugadas diante da TV, ficou invocado com a verdadeira utilidade daquelas badalhocas e foi à luta. “Sabia que sua publicidade era enganosa, talvez até ilegal, mas embarquei fundo porque me prometeram resultados sem fazer o menor esforço... Experimentou algumas e descobriu que não funcionavam. A maioria só causou dor, humilhação, não servindo para nada. Um

estudo da Universidade de Wisconsin sobre os Cintos AB concluiu que, “os testes não mostraram qualquer mudança significativa no peso, na porcentagem de gordura ou no aumento do tônus muscular. O estímulo é ineficiente e doloroso”.

Zapeando

➤ Mas esse tipo de estímulo elétrico não é usado, com sucesso, em tratamento sério de reabilitação? Jim Brown, PhD em saúde explica: “ajuda se os músculos estão paralisados por algum acidente. Para qualquer benefício estético, seria preciso passar pelo corpo uma corrente elétrica tão forte que imediatamente tornaria o usuário”.

➤ O FDA (Food and Drug Administration, órgão oficial sério, que controla a indústria de alimentos e farmacêutica nos Estados Unidos) enquanto estuda a regulamentação destes cintos porque tem recebido enorme quantidade de queixas sobre choques elétricos, queimaduras, dores, irritação e ferimentos na pele ligados ao uso dos aparelhos, descobriu que eles interferem em marca-passos, desfibriladores e alguns casos requerem atendimento hospitalar.

➤ Vai ligar agora e encomendar o seu? **1**

Fausto Wolff

OLHA O BRASIL AÍ, MINHA GENTE!

Eu tinha 14 anos e todos os problemas gigantescos que carregam nos ombros e na alma (aquele lugar que dói) os gurus de 14 anos. Trabalhava de auxiliar de escritório numa pequena metalúrgica em Porto Alegre, lugar quase tão triste quanto as indústrias do princípio do século XIX descritas por Dickens. Voltava para casa, tomava um banho e a estudar no Ginásio Dom João Becker, que era do Estado, à noite. Meu pai dizia que eu tinha uma carteira de trabalho assinada e um futuro pela frente. Não conseguia enxergar esse futuro. Era um menino louro, de quase um metro e noventa, morava num bairro operário, tinha um sobrenome alemão quilométrico que ninguém conseguia soletrar, meus conhecidos eram todos pobres e trabalhadores. Meu apelido era Alemão, era um excêntrico por tudo o que já disse e porque gostava de ler. O mais incrível nisso tudo é que eu me considerava BRASILEIRO. O fato de meus antepassados terem emigrado da Alemanha no princípio do século XIX não me passava pela cabeça. Eu era brasileiro e pobre como todas as pessoas que conhecia.

Um dia, meu pai que era barbeiro, ganhou de presente de um freagões, operário, um par de sapatos com sola de pneu que viera com um pequeno defeito de fabricação. Ora, eu estava em fase de crescimento e logo arranjei uma unha encravada. Um dia dei uma tapada numa pedra e a dor foi tão grande que peguei um alicate e arranquei a unha. Mal sabia eu que, entre os pobres, eu era mais privilegiado que os pobres nordestinos que morriam de seca, e menos pobre que os pobres do futuro que já nasciam devendo ao FMI. Afinal, estávamos em 1954 e nem Dutra (apesar de gostar de matéria plástica) e nem Getúlio eram ladrões.

Para mim, os brasileiros eram todos pobres como eu. Pobre não passava manteiga no pão, passava banha, pobre usava roupa até não haver mais lugar para um remendo, todas as roupas que os pobres compravam desbotavam em pouco tempo. Parecia haver coisas feitas especialmente para os pobres, os que andavam de bonde, os que tomavam cachapa, trabalhavam dia e noite para só ter dividida no fim do mês. Eu já tivera minha cota de contato com os ricos quando vendedor de orquídeas; já fora humilhado e ofendido. Sabia que eles se vestiam melhor do que nós, tinham automóveis, viajavam para a Europa, moravam em belas casas, falavam diferente, tinham empregados e empregadas, tinham até clubes onde se reuniam e no qual os pobres eram os faxineiros, gândulas de tênis (como eu), copeiros, garçons, etc. Para mim, porém, essa gente (e incluo aí o Dutra, o Getúlio) não era brasileira. Era rica e os ricos eram assim mesmo.

A unha arrancada teve duas consequências: uma negativa e outra tão positiva que mudou um pouco a minha vida. A negativa, foi a surra que meu pai me deu e a positiva foi a de que meu irmão Urbano apresentou-me ao falecido Glênio Peres (grande jornalista, vindo do proletariado que chegou a ser vice-prefeito de Porto Alegre pelo PDT) que trabalhava no Diário de Notícias onde entrei como contínuo e auxiliar de repórter policial. Vi mais pobreza e mais miséria mas também vi muita solidariedade. Os pobres ajudam os pobres e ficam

mais pobres e os ricos ajudam os ricos e ficam mais ricos. Eu era pobre e brasileiro mas não queria ser como os ricos que nada sabiam sobre o povo brasileiro, o povo que os sustentava e os sustenta. Mas também não queria continuar sendo pobre e explorado. A proximidade com jornalistas comunistas e a leitura de, Proudhon, Marx, Bakunin, Alberto Pasqualini, fez-me compreender que o fim que dá objetivo à vida humana não é a riqueza e a exploração mas a cultura e a dignidade, a nossa capacidade de amar, de ser cordial e solidário. É isso mesmo: não conseguia entender como um país rico não podia dar a seus filhos mais fracos o indispensável para a vida digna: moradia, educação, saúde, transporte e emprego. Para mim, portanto, já naquela época, os ricos, os não-brasileiros, eram caricaturas de seres humanos, pois pessoas que só podem ser felizes vivendo da infelicidade alheia deveriam estar num hospício.

Desde aquela época que sonho (e luto) em ver na presidência da República, um brasileiro. Sonhei com Prestes, com Jango e com Brizola. Os cruéis Mauricinhos da política como FHC, Ciro, Serra, podem virar a vida deles de cabeça para baixo e verificarão que Getúlio, Jango, Prestes morerem com menos dinheiro do que tinham ao entrarem na vida pública. Brizola está na mesma situação. Infelizmente, o Pentágono, a CIA, os militares e a classe dominante "brasileira" não quiseram que meu sonho se realizasse. Tive de deixar o Brasil em 68. Ao voltar em 78, falei-me do Fernando Henrique e do Lula. O primeiro, qualquer um podia ver que era um tartufo enganador, um cabo Anselmo. Para o segundo, farei um parágrafo, pois necessita de uma introdução explicativa.

Desde que comecei a me interessar por política que detectei uma esquerda à margem do movimento operário: todos filhos de industriais, banqueiros, latifundiários, grandes profissionais liberais, generais e todos, naturalmente, universitários. Como o tempo me fez ver, eram apenas rebeldes - não revolucionários - tentando matar a autoridade paterna. Assim que a corda apertou voltavam para seus ninhos, tomavam os lugares dos pais e agiram com a mesma brutalidade. Muitos podem ser vistos assinando colunas nos jornais e outros tantos fazendo papéis de bufões em novelas da Globo. São os que costumam chamar de ex-croto, ou seja gente que já foi crota e, na sede pelo

poder e pelo dinheiro, fez o que fez com o PCB e com o PSB, para dizer pouco. O parágrafo sobre Lula, agora.

Quando me deparei com o fenômeno Lula, pensei comigo mesmo: os mauricinhos da soi disant esquerda arranjaram um operário para punjar seus pecados, assim como certos banqueiros vão a bordéis para serem açoitados. Queria ver Brizola na presidência e cheguei a concordar com ele que o PT era a esquerda que a direita gosta ou a UDN moralista de farnanços. O discurso de Lula não tinha coerência ideológica para mim e me parecia extremamente moralista no pior sentido. Além disso, queria ver Brizola, meu herói desde a adolescência, no Planalto. Brizola, embora incorruptível e coerente ideologicamente, acabou por apoiar traidores que praticamente acabaram com um partido que deveria ser antes de tudo socialista. Como já disse aqui algumas semanas atrás, nossos caminhos se separaram quando ele resolveu apoiar um mauricinho da juventude arenista e neoliberal. Felizmente, Brizola voltou atrás e nas últimas semanas de campanha, pediu votos para Lula. Votei em Lula contra Collor e contra Fernando Henrique enquanto acompanhava o desenvolvimento e o arburguesamento do partido. O trabalho de Tarso Genro e Otávio Dutra, no Rio Grande do Sul fizeram-me repensar minhas opiniões. Analisei as vidas de José Góesino (vem do lumpem), José Dirceu, Mercadante, Faria, Heloisa Helena, Dutra, Chico Alencar, Jacques Wagner, Paulo Delgado, Suplicy e alguns outros líderes do PT e nada vi que os desabonasse. Podem ter mais dinheiro agora do que quando começaram a militância, o que é natural, pois recebem bons salários pagos por nós. Parecem-me todas pessoas dignas, honestas, capazes e patriotas, sendo que muitas delas arriscaram a vida lutando contra a ditadura.

Lula aprendeu e mudou intelectual-mente sem ter mudado o seu caráter, a sua dignidade e os seus ideais. Não cometeu erros amadores das campanhas passadas e entendeu que quando se lida com raposas temos de ser mais espertos do que elas. Nenhum dos quatro candidatos falou em reforma agrária, a diferença é que eu sei que Lula vai promovê-la. Todos falaram em desatrelar nossa economia do FMI, a diferença é que sei que Lula falava sério. Como não acreditar e aplaudir a perseverança deste ex-metalúrgico e o gigantesco esforço que teve de fazer para chegar onde chegou sem maiores neces-

sões? Vivemos num país onde o dinheiro está concentrado nas mãos de um por cento da população. Ora esta gente não precisa ser candidata para ter milhões de votos. Queriam que Lula abdicasse desses votos e morresse novamente na praça? Os demais candidatos despiam-se a si mesmos e mostravam seu verdadeiro caráter quando diziam ao grande capital "Vocês vão ver que o Lula não é paz e amor." Em verdade, estavam dizendo: "Banquem a gente, pois conosco vocês terão paz e amor."

Com exceção de Getúlio e de Jango, nunca tivemos um presidente brasileiro, nunca tivemos um pobre, alguém que teve de pedir emprego, andar de ônibus, sentir a dor de uma unha encravada, na chifre do Executivo. O povo foi imbecilizado pela ditadura, e pela TV Globo, por Sarney, Collor e Fernando Henrique (que nada mais fez senão cumprir ipssit-literis as ordens do Consenso de Washington e vender a Wall do Rio Doce, a empresa mais rentável do país) e a única ideologia da classe média foi sempre a de escapar do proletariado. Pois Fernando Henrique conseguiu fazer um governo tão ruim que a classe média voltou-se para a esquerda enquanto Lula passou a fazer um discurso mais coerente com a realidade. Juntaram-se a fome e a vontade de comer, no bom sentido, é claro.

Sou marxista. Acho de coração que se o mundo não quiser se suicidar, terá de marchar inevitavelmente para o socialismo; terá de adaptar o humanismo da filosofia marxista, que vê no homem um fim e não um objeto, às condições sociais, econômicas, culturais e geográficas de cada país. Apesar das grandes reformas de engenharia social na China e na Rússia, isso ainda não aconteceu. Poderia ter acontecido em Cuba, não fossem tão grandes as exigências da então URSS e o cruel boicote americano. Estou convicto de que o homem nasceu para ser livre e feliz. Se conquistar a liberdade poderá usar todo o seu potencial para a arte, a cultura, a cordialidade e o amor. Difícilmente, um homem assim se deixará seduzir pelo infantilismo doentio do poder.

Por outro lado, só peço à esquerda, agora, que não tente fazer com Lula o que fez com Jango, exigindo o impossível - naquele momento - e empurrando-o para as balonetas militares. Lembrem-se do que uma falsa esquerda, grande parte do MIR, aprontou para Alende no Chile. As reformas virão gradualmente e, se me deixarem continuar escrevendo, estarei aqui para elogiar os acertos e criticar os erros. Primeiro vamos dar comida, casa, educação, saúde, transporte e emprego para os brasileiros. Não há porque duvidar disso, pois meu sonho se concretizou: temos um BRASILEIRO na presidência da República.

PS: Dona Ruth passou oito anos sem dizer ou fazer nada. Sempre séria, como alguém, que está comendo e não gostando. A grande socióloga poderia deixar a cadeirona sem dizer bobagens: "Não li o programa dos outros candidatos mas Serra quer uma social-democracia como ocorre na Escandinávia." Acho que a sra. nunca esteve na Escandinávia. Caso contrário saberia que lá seu marido estaria na cadeia há muito tempo.



Fausto Wolff

NÓS É QUE BEBEMOS E ELES QUE FICAM TONTOS!

Era uma vez um jornalista bastante conhecido. Trabalhava há muitos anos no maior jornal do país como já trabalhara na maior revista do país. Jamais se perguntou porque seus poderosos patrões – em boa parte responsáveis pela corrupção política e pela miséria do povo – o mantinham no emprego muito bem pago, por sinal. Isto se devia ao fato de que apesar da falta de originalidade e brilho, escrevia com correção. Era o que poderíamos chamar de profissional-cóluna do meio. Eles sempre existiram, antes e depois de Gutenberg. Eram os que podiam ser citados e elogiados sem maiores problemas. Por exemplo: "Entre H.G. Wells e Chesterton prefiro Quiller-Couch", pois este último, embora popular, não cometia extremismos e suas opiniões permitiam várias interpretações. Outro exemplo: "Entre Ibsen e Strindberg prefiro a coerência de Pontoppidan." Alguém aí já ouviu falar dele? Pois chegou a ganhar um prêmio Nobel de literatura. Concordar com Pontoppidan era estar do lado seguro e evitava atritos.

Tenho mais idade e mais tempo de jornalismo do que o jornalista de quem lhes falo e do qual a maioria dos leitores gosta sem saber porque. Como não tenho bens materiais a declarar (a não ser meu único bem, que é a minha mulher), tudo leva a crer que o jornalista em questão também tem muito, mas muito mais dinheiro do que eu. Não garanto certeza, mas deve ser proprietário de pelo menos um belo carro; um belo apartamento e uma casa de campo. Nada de desonesto nem recebido por baixo do pano, imagino. Para amearhar o que citei bastaria economizar um pouco do seu salário mensal.

Venho acompanhando seu trabalho há muitos anos e confesso que escrevo seu feijão-com-arroz com razoável competência. Não era uma crise e acreditava na regência do verbo regente. É melhor do que os cronistas de futilidades mas isto também é natural, pois trata-se de um homem sério, o que seria positivo caso não se levasse tão a sério. Ele acredita no sistema, acredita nas regras do jogo, fala a sério dos nossos políticos, sejam eles Arrudas, Távoas, Barbalhos e – aí vai uma grande diferença – um homem digno como Tarso Genro, para dar apenas um exemplo. Trata a política a sério como se fosse normal termos a maior dívida externa do mundo, como se fosse natural termos o menor salário mínimo do mundo. Não deve ignorar que isso se deve em parte à grande imprensa da qual é empregado. Durante todos os seus anos de profissionalismo conviveu com pessoas ricas e poderosas e é natural, portanto, que no meio de um texto qualquer surja de vez em quando elogios a gente que serviu à ditadura, a Sarney, a Collor e FHHCC.

O jornalista em questão quer nos passar a impressão de que está acima das coisas menores da vida e talvez seja por isso que seu texto não nos passe vida. O homem em geral e o jornalista em particular cometem erros. O importante é saber se na hora em que o erro foi cometido, ele acreditava nele; se estava sendo sincero; se tinha a capacidade de dizer "eu errei" publicamente, o que é uma das coisas mais difíceis e angustiantes do mundo. Se o homem não erras-

se e não tivesse a possibilidade de se redimir, a vida seria um tédio único. Em meus 48 anos de jornalismo profissional jamais fui o jornalista imparcial. Sempre estive do lado do mais fraco, do humilhado, do caluniado, do ofendido. Por isso mesmo respeito mais o jornalista que, mesmo equivocando-se eventualmente, dá sua opinião com destemor mas que como dizia Erico Veríssimo, acende um fósforo para iluminar o caminho no momento da escuridão mais intensa. Prefiro o jornalista que era sinceramente do que aquele que se esconde atrás de vocábulos estrúxulos e das boas maneiras, do deixa estar para ver como fica.

Paulo Francis foi um exemplo de jornalista profundamente humano. Fomos amigos e continuamos amigos depois que decidiu passar-se para a direita. Ao fazer isso, Francis transformou-se num personagem e dizia tantas barbaridades, tantos absurdos que devia se perguntar: "Mas será que tem gente que acredita nisso?". Francis encheu o saco de ser pobre e quando passou-se para a direita – Roberto Marinho, Delfim Netto e Roberto Campos em punho – anunciou publicamente. Era, porém, um bom amigo, um homem corajoso e culto, cujos textos liamos com prazer estético e estilístico, mesmo a contragosto. Havia um homem, havia vida atrás de suas palavras.

Em seu singelo romance, *A Comédia Humana*, William Saroyan, filho de pobres emigrantes armênios, conta sem fazer proselitismo que na cidade de Ithaca, havia duas agências de telegrafo rivais. Os mensageiros tinham de chegar à agência central em suas bicicletas. O que chegava primeiro ganhava todos os telegramas – faturando assim para a sua agência – e o que chegava mais tarde ganhava um único telegrama. São as cruéis sutilezas do capitalismo. Desta forma obrigavam os mensageiros a lutar entre si apesar do salário ridículo, quando o normal seria que os telegramas fossem divididos entre os dois.

Bem cada noite esse tipo de exploração no jornalismo através de um fenômeno chamado "furo". Nós, jovens repórteres de polícia, escondíamos informações uns dos outros. Tentei explicar aos colegas mais velhos que deveríamos repassar nossas informações e o resto dependeria de quem as escrevesse melhor.

Resultado: os repórteres lutavam entre si – correndo o perene risco de serem despedidos – para dar mais dinheiro ao dono do jornal. Tim Lopes, meu conterrâneo, de extração proletária, morreu vítima da violência que bestalizou parte da população, mas morreu também porque quis dar um "furo", talvez sem saber que parte daquilo que queria denunciar se deve à organização para a qual trabalhava. Quem me acompanhou até aqui, a esta altura, deve estar pensando: "Mas isso não tem nada a ver com as calças que este artigo veste". Acho que tem mas posso estar enganado. Afinal de contas sou apenas um ser humano com milhões de dúvidas e mínimas certezas. Volto, portanto, ao jornalista que é o personagem central do capítulo desta novela que certamente o grande crítico Artur da Távola não aplaudiria, pois seria um vexame em Camelot.

Não vou cometer a injustiça de comparar meu personagem com Fernando Pedreira ou Olavo de Carvalho. Ele também acha que o Marxismo está morto e enterrado por causa de Stalin, como se uma Filosofia humanista que tem no homem e não no lucro o fim que lhe dá significado, pudesse ser exterminada de uma hora para a outra graças ao onipotente deus do neoliberalismo. Entretanto, perto de Pedreira e Carvalho, é quase um frade trapista. Por isso mesmo jamais comentei sua carreira sem grandes percalços: escreve direitinho, acredita no sistema e quando o político, banqueiro ou industrial já se estrepou por conta própria e está sendo apedrejado pela mídia, também dá sua pancada. Outro dia escrevi um artigo sobre a hipocrisia da FHHCC não bom que decidi elogiar aqui do meu canto. Não o conheço pessoalmente e esperei anos para que escrevesse algo contundente e sincero para elogiar-lo. Em verdade, pensei: "Isso vai ajudá-lo a ser menos 'imparcial'". Fiquei contente de verdade.

Infelizmente, minha alegria durou pouco. Segunda-feira passada, no *Globo*, meu novo herói escreveu um artigo que só não chamo de venenoso porque seria um insulto ao adjetivo. O título era "Lula 2002 toma Romanão Conti 1997". Nele, o jornalista informa que a julgar pelo comportamento de Lula depois do debate da TV *Globo*, ele jogará fora o patrimônio de quase 50 por cento (na minha opinião, bem mais) dos votos que conquistou. E sabem por quê? Porque num restaurante de Ipa-

nema, Duda Mendonça, o marqueteiro de Lula, comemorou a vitória dando de presente ao ex-torneio-mecânico uma garrafa de Romanão Conti que custa seis mil reais e da qual ele teria bebido um copo. Não gosto de marqueteiros e nem de publicitários em geral e Duda tem um patrimônio infinitamente superior ao de Lula. Não me parece, porém, uma extravagância que, depois da mais bela revolução social, pacífica e democrática ocorrida no país, um homem nascido na maior pobreza e que se alçou à condição de candidato vitorioso, quisesse provar o vinho mais famoso do mundo. O jornalista em questão acha que não; que ele deveria ir lá para uma instituição de caridade. Para o jornalista em questão, Lula não pode falar do sofrimento dos pobres e depois tomar um copo de Romanão Conti.

Durante boa parte da minha vida ouvi este comentário idiota: "Comunista, mas bebe usque". Esses imbecis queriam que eu, além de pobre, buscasse quase sempre desempregado, lutando contra o poder, ainda devia me punir tomando "caninha-da-roça". Eu não estaria tão trado se o jornalista em questão houvesse feito a "denúncia" por burrice. Não, burro, ele não é. Sabe que, como Quiller Couch e Pontoppidan, tem centenas de milhares de leitores; gente de classe média, insegura, que graças à ganância, à desonestidade e ao entermeio de FHHCC demonstrou sua preferência pela esquerda paz e amor. Foi para seus leitores que ele falou: foi para eles, que votaram no próximo dia 27, que ele tentou associar Lula a Maluf e Pitta (que gostam de Romanão Conti) e usou como exemplo positivo um louco genocida como Lyndon Johnson, riquíssimo petroleiro e dono de um império jornalístico. O jornalista em questão elogiou Lyndon Johnson por exigir que só se servisse bebidas americanas na Casa Branca a fim de incentivar os vinhedos da Califórnia que prosperam à custa de mão-de-obra clandestina vinda do México. A esta altura, Johnson já estava louco e acordava de madrugada berçando "leite, quero leite".

O que me deixou triste com o artigo "Lula 2002 bebe Romanão Conti 1997" foi a desonestidade e a má fé. Ora, eu que brigo para pagar o aluguel todos os meses, já bebi Romanão Conti uma vez no Le Grand V Four em Paris, da mesma forma que já fui para a cama com condessas e madames que não eram para o meu bico. Esses prazeres, por ironia do acaso, também acontecem com jornalistas pobres. Uma coisa, porém, é certa, o jornalista em questão é fino enólogo, entende de vinhos e principalmente de Romanão Conti, pois deu uma verdadeira aula sobre o assunto em seu artigo. O jornalista em questão, cujas iniciais são ELO GASPARL era um jornalista mediocre no bom sentido. Ao achar que Lula não pode ser presidente porque bebeu um copo de vinho caro, transformou-se num jornalista mediocre no mau sentido; aquele sentido que conduz a ética e a credibilidade para o esgoto.

P.S.: Caro Lula, quando você vencer as eleições, pois a maioria dos brasileiros não é tão idiota como pensa o Elio Gaspari, não esqueça de comemorar com feijão, arroz, dois ovos e uma cachacinha em lata.

BUSH: O VERDADEIRO HOMEM-BOMBA...



Fausto Wolff

TOME NOTA, POR FAVOR, PRESIDENTE!

Espero que Lula não esteja zangado com o fato de tanta gente estar palatando no seu governo. Isso é muito natural, pois pela primeira vez na nossa pobre História o povo se sente parte do governo; identifica-se com ele e o seu presidente. Os presidentes anteriores eram pessoas com as quais a gente comum se sentia como coperlas e garçons na hora do jantar dos patrões. Eu, por exemplo, que nunca pedi nada a presidente algum, já vou pedindo: há mais de dez anos ganhei um processo judicial contra a TV Educativa que transitou em julgamento. Collor e FHC insistiram em não pagar. Já me deveram 300 mil dólares e hoje com a 'estabilidade' do real não me devem mais nem 100 mil dólares. Nossa Justiça é como os nossos planos de saúde. Nestes, quanto mais tempo você paga e mais velho vai ficando, mais aumenta a mensalidade. Na Justiça quanto mais tempo levam para te pagar, menos pagam.



Contei esta história como um exemplo. Eu, jornalista dos meios bem-sucedidos na história da nossa imprensa, sinto-me a vontade em cobrar do presidente Lula uma dívida, pois sei que ele também passou por essas coisas, também já soube como é duro pagar o aluguel no fim do mês ou ter de pedir dinheiro emprestado para pagar o hospital para um familiar, pois houve atraso no pagamento do plano de saúde.



FHC - que a grande imprensa vê como o melhor presidente que o Brasil já teve - apenas porque vai devolver a bola - não mentiu ao dizer que não era difícil governar o país. Realmente não é quando o Executivo, o Legislativo, o Judiciário, a Imprensa e o Capital Privado têm à frente patriotas e homens de bem; gente que está mais interessada com o bem do país do que em encher de dinheiro os bolsos dos tetranetos. Quando um governo corrupto e entreguista como foi o de FHC foi muito difícil governar o Brasil. Para Lula - caso a esquerda burra não cobre milagres e a direita criminosa não pratique atos de terrorismo - não será difícil governar o Brasil.



Que Lula precisa manter na cabeça é que toda a política econômica realizada no Brasil foi entreguista e corrupta. Basta ver como é pobre a nossa economia e como estão ricos os economistas. Esta aí o Lara Resende que não me deixa mentir, pois comprou um par de cavalos de raça por quase 1 milhão de dólares sem nem ter chegado a ministro da Fazenda. Alá, en passant, não seria má a ideia de confiscar os passaportes de todos os economistas que trabalharam para o governo até hoje e ver como ficaram tão ricos em tão pouco tempo. Fez-se e me dou conta de que souha acordado. O importante para o novo governo é saber que os Sete Grandes - e principalmente, o maior deles, os Estados Unidos - só têm uma coisa na cabeça: explorar países como o Brasil, acabar com sua cultura e identidade. Para eles só tem que nem barata: quanto mais matarem mais aparecerão. São racistas e nos consideram cucarachas inconfiáveis, traícozes e preguiçosos. Precisamos trabalhar mais para ganhar sempre menos.



Vou usar duas histórias para ilustrar o que quero dizer. No Hospital Psiquiátrico de Juruaba, em Niterói, deixaram que um louco dos mais calmos vendesse empadas para pacientes, médicos, enfermeiras e visitantes. As empadas eram realmente semacionais e logo acabavam. Um dia surgiu um representante do FMI marginal e perguntou ao louco:

- Por que você não pede à Josefa, que faz tuas empadas, para botar menos recheio? - Por quê? - Porque vocês ganhariam mais dinheiro e eu entraria com o capital. - A Josefa não precisa de mais dinheiro e além disso eu estaria enganando os frequentes. - Então, por que você não pede à Josefa para fazer mais empadas e você cobra mais barato? - Você está louco rapaz. Então vou fazer a Josefa trabalhar ainda mais. Não estou te entendendo. Se eu estou satisfeito, se a Josefa está satisfeita e se os frequentes estão satisfeitos, para que complicar?



Outra história é de B. Traven (o melhor contista que o mundo já conheceu, maior que Maupassant e Gogol, inclusive) e conta a história de um americano que perdeu-se na selva mexicana e descobriu um Índio que fazia os cestinhos mais lindos que ele já viu na vida e cobrava apenas um peso. Aquilo, nos Estados Unidos, valeria pelo menos dez dólares. O americano voltou para casa, reuniu capital e retornou para falar com o Índio. Eis o diálogo: - Quanto é um cestinho? - perguntou o gringo. - Um peso, senhor. - E dois? - Quatro pesos senhor. O americano achou que havia entendido mal - E cinco? - Cinquenta pesos.

Por mais que o gringo tentasse explicar-lhe que o preço deveria diminuir na medida em que a produção aumentava, não conseguia fazer o Índio mudar de ideia. Finalmente, o cesteiro lhe disse: - Se eu vender um cesto por dia a um peso, ainda tenho tempo para me divertir, tomar cachaça, pescar e fazer amor. Se vender dois, será mais difícil, se vender três, terei uma vida triste e se vender cinco não terei tempo para mais nada. - Mas você pode fazer os outros trabalharem para você. - Fétis louco, gringo? Eles me matam. O americano começou a gritar, a vociferar, ameaçar, tremar, a babar, a fazer tal escândalo que tiveram de prendê-lo na esperança de que se acalmasse. Como não se acalmou, deram-lhe tanta mesclina que ele enlouqueceu. Acabou morrendo entre os nativos como o 'bobo da aldeia'. Mais tarde outros americanos, como vocês bem sabem, apareceram por lá e embaixo de pau acabaram por convencer os Índios que o capitalismo não é uma loucura.



Espero que Lula se lembre dessas histórias quando for negociar com o FMI e não esqueça de dizer ao homem que nossa dívida externa no tempo de João Goulart era 5% do que devemos hoje. Espero que também não se esqueça de dizer que foram eles - os americanos e mais o FMI - que derrubaram João Goulart e instalaram uma ditadura militar no Brasil e que, portanto, nosso povo não é responsável pela dívida contraída pelo governo 'deles', de 1964 a 1990, pelo menos. Claro que eles não aceitarão esta verdade mas mais de 50 milhões de votos baixam consideravelmente a crista de qualquer inimigo.



Será bom que Lula explique que sabe muito bem que o presidente até o fim do ano apenas fingia ser presidente. Que sabe que todas as decisões realmente im-

portantes desde os gastos públicos até a criação de empregos, eram ditadas pelo FMI, pela OMC e agências correlatas. Que o presidente, de fato, do nosso país era o Secretário de Tesouro dos Estados Unidos sem precisar sair de Washington. Afinal, uma das primeiras coisas que o FMI fez após a reeleição do sociólogo foi emprestar 41 bilhões de dólares ao Banco Central. Talvez Lula devesse deixar claro que parcela dessa dinheiro que pudesse ter beneficiado a nação já voltou para o bolso do 'pretador'. Valeria perguntar também para quem já não dá de um triúbio e metade da nossa população passa fome. Vai ser bonito ouvir Lula dizer: - Sinto muito, mister, mas a boca acabou.

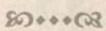


Em História da Americanização do Brasil, Gerald Haines escreve que os Estados Unidos vêm nos usando desde 1945 como uma 'área de testes para métodos modernos e científicos de desenvolvimento industrial, baseados solidamente no capitalismo'. Segundo ele, o experimento foi levado a efeito com a 'melhor das intenções'. É verdade que os investidores estrangeiros se beneficiaram enormemente mas os autores do plano 'acreditavam sinceramente' que o povo também se beneficiaria. O povo brasileiro se beneficiou enquanto o Brasil se tornava o 'queridinho da comunidade comercial mundial entre os países latino-americanos'. Para isso foi necessário uma ditadura militar que levou décadas enquanto o Banco Mundial informava que dois terços da população não tinham alimentação suficiente para se manter fisicamente ativa. Em seu texto, de 1989, Haines descreveu a política econômica para o Brasil como 'altamente bem-sucedida'; 'uma história de sucesso americano'. Este teria sido o 'ano de ouro' aos olhos do mundo dos negócios. No Brasil, os lucros triplicaram em relação a 1980 mas, é claro, os salários, entre os mais baixos do mundo, diminuíram em 20%. Na mesma época, o UN Report of Human Development comparava a situação social e econômica do povo brasileiro a do povo albanês.



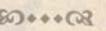
Lula precisa conhecer melhor os Estados Unidos. Rio muito sempre que alguém me diz que eles são um exemplo de democracia. É que embora formalmente estruturado como uma república democrática, o país é dominado por uma elite social e econômica que controla não só a sua riqueza como a maioria das áreas da política estadual e federal. Como os Estados Unidos permitem uma certa mobilidade de classes, estima-se que a classe dominante seja a metade de um por cento da população. A classe dominante, através do controle direto da economia privada e da mídia nacional, domina o Executivo do governo federal e influencia o Senado e a Câmara. Os membros da elite podem eventualmente discordar em matéria política mas trabalham em conjunto para manter suas posições. Num país que tem quase 300 milhões de habitantes, apenas cerca de 125 mil ou ¼ de 1% da população recebe 3,8% da receita bruta do país. Um por cento da Nação recebe entre 20% e 30% dos lucros nacionais e tem mais da metade das ações das grandes companhias e bancos. Essa pequena minoria controla as riquezas e os lucros bem maiores do que realmente possui através de um complicado sistema de fundações e instituições financeiras cujos

conselhos diretores eles dominam. As instituições financeiras possuem 24% de todas as ações americanas.



A classe dominante controla as principais corporações. As corporações, por sua vez, dominam a economia. As 500 principais companhias americanas vendem cerca de 6 trilhões de dólares anuais dos mais diversos bens - do petróleo à bomba atômica. A classe dominante controla as corporações que dirigem o sistema televisivo e a maioria dos grandes jornais, revistas e rádios. E que naturalmente influenciam a população como um todo. As 25 maiores cadeias de jornais (que também possuem canais de televisão, rádio, editores) são donas de metade dos jornais circulares nos Estados Unidos. Não apenas a maioria dos canais são associados às três maiores redes de televisão (ABC, CBS e NBC) como os grandes bancos têm interesses em cada uma delas. Por exemplo, 11 bancos associados controlam 40% da CBS. Só o Chase Manhattan tem 14% da CBS, como tem substanciais interesses na ABC e na RCA, ligada à NBC. Os donos dos jornais e emissores não ditam as notícias, é verdade, mas têm absoluto controle sobre elas. Graças a um acordo entre a grande imprensa e a Casa Branca, a mídia deixou de noticiar a iminente invasão da Baía dos Porcos. Houvesse noticiado, muito provavelmente teria evitado o fiasco.

A classe dirigente não controla diretamente os dois maiores partidos, o Republicano e o Democrata. De qualquer modo, através de campanhas lobistas, contribuições e subornos ocasionais, as grandes corporações influenciam os votos-chaves não só no Senado como na Câmara e nas assembleias estaduais. Mais grave ainda: a classe dominante criou grupos de influência que desenvolvem a política da classe como um todo, incluindo o Comitê de Desenvolvimento Econômico, o Conselho de Relações Exteriores, a Organização Mundial do Comércio, a Comissão Trilateral, Nafta e Alca. Essas organizações, constituídas por superexecutivos e alguns líderes de outros setores, patrocinam conferências, publica jornais, e seus dirigentes encontram-se em particular a qualquer hora com o presidente e os ministros. São eles que informam aos novos presidentes os homens que ficarão em posição-chave na administração federal. Da classe média para baixo ninguém aplica, ninguém sabe nada sobre o resto do mundo, vacas amestradas querem ter seus desejos satisfeitos, o que se resume numa casa, num automóvel, numa televisão, cerveja. São facilmente influenciáveis e gostam disso como prova de afeto a tudo o que for diferente e a vitória dos republicanos no Senado e na Câmara.



Seria bom que Lula lembrasse ainda que os Estados Unidos possui a maior população carcerária do mundo, composta em sua grande maioria de negros e latinos, o maior número de drogados do mundo, a maior rede de prostituição e de pedofilia do mundo além de ser o país mais armado do mundo. Paradoxalmente, os políticos perderam muito do seu poder. Para os verdadeiros donos do negócio - os grandes bancos e transnacionais - não passam de palhaços. Podem até se dar ao luxo de ter um negro como Ministro da Defesa ou uma mulher como Secretária de Segurança da OMI. Esses podem ser queimados a qualquer hora. Estão para o vendedor poder assim como os atores de novela estão para os donos da TV Globo. Quando for conversar com nossos exploradores, espero que o presidente Lula se lembre: se a classe dominante americana trata assim seus cidadãos, como tratará os cidadãos de países como o Brasil que se auto-esquizaram através de empréstimos feitos por governantes corruptos? Era o que eu tinha a dizer por enquanto.



FAUSTO WOLFF

NEM TUDO QUE BRILHA É OURO OU BALANÇA QUE CAÍ!

Semana passada, de mansito, como quem não quer nada, fiz um comentário sobre uma mulher que seria apedrejada em um país da África, cujo nome eu estaria sem caso para procurar, pois o calor estava brabo. Depois disso dei uma verdadeira lição didática sobre o apedrejamento através da História. Em verdade, fiz um teste com os leitores. Fiquei imaginando o número de cartas e e-mails que receberia de leitores trados querendo fazer abajur dos meus países baixos, diante de tanta indiferença. Sou obrigado a confessar que os meus leitores são bem mais inteligentes do que eu imaginava. Por enquanto ainda não levei nenhum puxão de orelhas. A ironia difere do sarcasmo por ser poética e eventualmente metafórica. Já o sarcasmo tem apenas a intenção de ferir e ridicularizar. A ironia requer bom trato como cavalo corredor de 3.200 metros.

A função de quem escreve é comunicar embora a maioria dos nossos jornalistas expressem muito bem sua incapacidade de se expressar. Veríssimo há algumas semanas escreveu sobre isso quando recebeu umas pauladas de alguns fãs que levaram a sério um texto no qual ele ridicularizava os que achavam que Lula não podia tomar um vinho decente de vez em quando. Ponto para os meus leitores, portanto. Com o *laissez-faire* da semana passada quis apenas sublinhar o fato de que uma dor de dentes nossa nos aborrece mais do que a morte de dez milhões de pessoas em Ruanda, como ocorreu há pouco mais de dois anos: que o filho nosso (uma coisa praticamente impossível uma vez que as universidades viraram verdadeiras máquinas caça-niquel) não ter passado no vestibular nos aborrece mais do que o fato do filho do vizinho do décimo andar estar morrendo de Aids. São atitudes absolutamente erradas em relação à vida mas que à força de repetição secular tornaram-se lugares comuns. Brecht já advertia para que tomássemos cuidado com a aparente normalidade do lugar comum.

Antes de falar sobre o drama - que, tenho certeza, não se transformará em tragédia - da jovem mãe solteira Amina Lawak - permitam-me mais algumas reflexões sobre a nossa "humanidade". Os nazistas mataram cerca de cinco milhões de judeus, comunistas, ciganos, homossexuais, retardados mentais mas as *frau Gertrud* e os *herr Karl* não sabiam de nada, pois estavam mais preocupados com os estudos dos filhos. Nós, quando vemos um filme americano, ficamos horrorizados com o fato de o povo saber da matança de índios em favor do progresso e não ter feito nada. Ora, na época do genocídio dos índios norte-americanos, os meios de comunicação eram precários. Pergunto eu: o que nós, brasileiros, estamos fazendo contra o genocídio dos nossos índios? Neste momento algum garimpeiro, alguma multinacional pode estar matando uma tribo inteira com seus hábitos, costumes, religiões e deuses. Quantos desses já morreram impunemente nos últimos vinte anos? Haverá ainda na floresta amazônica algum lugar onde o índio possa se esconder do monstro branco?

A impressão que tenho é a de que quanto mais progredimos cientificamente mais egoístas e gananciosos nos tornamos. Fazão a ganância, que leva filhos a matarem pais,

é o egoísmo parte do caráter humano? Se é assim, ele deve ser mudado, e com urgência, e para isso precisamos compreender e cristalizar dentro de nós a idéia de que todos os homens e mulheres somos pais de todas as crianças do mundo, precisamos exercer no cotidiano os dez mandamentos e um outro que está inserido entre os dez e que só os cegos não enxergam: "de cada um de acordo com sua possibilidade e a cada um de acordo com sua necessidade."

Em sua belíssima peça *Aria do Copo*, Edna Saint Vincent Milay, cuja produção dinamarquesa teve a honra de dirigir há mais de vinte anos (olhem o pecado da vaidade botando a cabeçinha de fora!) nos dá sua versão de como o homem teria sufocado o ser em função do ter. Em tempos imemoriais dois pastores muito amigos viviam numa planície. Embora a terra fosse comum e não houvesse sentido da propriedade, um morava no lado esquerdo e o outro morava no lado direito. Um dia tiveram uma discussão ridícula e deixaram de se falar por um dia. Neste dia, o que morava no lado esquerdo descobriu umas pedras amarelas muito bonitas. Quando o do lado direito pediu sua parte, o da esquerda, disse-lhe que elas estavam do seu lado. Pouco mais tarde, o da direita descobriu água e começou a trocá-la com o outro. Quando o ouro acabou, o da direita exigiu toda a terra em troca da água e o da esquerda passou a trabalhar para o da direita como aconteceu até hoje.

O que nos diz a alegoria de Edna, que chegou a ser amante de Edmond Wilson e, alma frágil e sensível que era, tornou-se alcoólatra e assim morreu? Ela nos diz simplesmente que nem tudo o que é legal é certo e que numa sociedade justa, na qual o homem, e não o lucro, fosse o fim que dá significado à vida humana, muitas coisas hoje consideradas legais seriam consideradas crimes. O salário mínimo (10% da população brasileira sobrevive com menos) é legal mas é um crime. A previdência social para a qual todos pagamos é legal mas seu serviço é criminoso. Homens como Sarney, Barbalho e Antonio Carlos Magalhães, que são donos de uma oitava parte das terras brasileiras podem ser chamados de

senadores mas em verdade são criminosos. Por outro lado a prostituição e o roubo são crimes e entretanto a televisão os incentiva ininterruptamente.

É claro que não chegamos a este inferno de um momento para o outro. Já enfrentamos tiranos, reis, imperadores, absolutismo, feudalismo, industrialismo, capitalismo e outros eufemismos para definir a minoria que nos governa, mas sempre demos um jeito de botar água no chope deles e pelo menos oficialmente a escravidão foi abolida. Entretanto, mais do que nunca, temos a sensação de que não somos donos do nosso destino. E temos essa sensação porque colaboramos com um sistema cruel que nos impede de nos preocuparmos com nenhuma outra coisa além do básico. No Brasil, particularmente, quando o povo começou a pensar em 1964, os Estados Unidos nos impuseram uma ditadura militar. Somente quando os americanos e seus capachos chegaram à conclusão de que o povo estava suficientemente imbecilizado - sem esporte, sem imprensa, sem arte, sem cultura - é que permitiram eleições diretas e operaram Tirocô no Hospital de Base.

Com exceção de alguns países escandinavos, a classe dominante vive um impasse: se continuar impondo sua cultura desumana ao povo ele acabará por se revoltar violentamente como vem ocorrendo. Logo, ignorância=violência=caos. A alternativa seria devolver a cultura ao povo e torná-lo senhor do seu destino, mas neste caso, ele saberia dos seus direitos e deveres e expulsaria a pontapés a minoria que o oprime. Alguém já disse que o povo é uma hidra de mil cabeças e em parte é verdade e sua capacidade de reprodução se deve à falta de educação e de cultura. A verdadeira hidra de Lerna é a classe dominante que encontra sempre maneiras - guerra, tráfico, patriotismo, racismo, religião - de manter o povo alienado. Errado não é o povo querer casa, comida, saúde, transporte, educação, emprego e dignidade. Errado e criminoso (nosso presidente FHC é um homem riquíssimo) é a minoria ter isso tudo de mão beijada e não abrir mão de nada; ao contrário, errado é querer que o homem se contente com esse destino e castigá-

lo caso se revolte. Mas voltemos ao caso da nigeriana Amina Lawak.

É claro que acho um absurdo ela ter sido condenada ao apedrejamento por ter tido um filho fora do casamento. Mesmo sendo muçulmana, o pecado jamais pode ser considerado um crime. O pecado tem a ver com a religião e o crime com o Estado. Dai, a loucura de termos no século 21 países onde a religião tem predominância sobre o Estado, como Nigéria e Israel, onde ainda circuncisam os bebês do sexo masculino, o que pode ser legal mas deveria ser considerado um crime. Depois de sugarem durante centenas de anos os países africanos, os países europeus resolveram dar-lhes uma independência marca fantasia, pois permaneceram com as maiores indústrias. Concederam a independência a esses países como a princesa Isabel concedeu a "liberdade" aos negros no Brasil, largando-os sem calça no meio das ruas. Chefes tribais ignorantes transformaram-se em aiatolás e interpretam o Corão literalmente, ou seja, como alguns leitores do Globo passam batidos pela ironia e pela metáfora. Casos de apedrejamento como este a que Amina foi condenada ocorrem há centenas de anos mas nunca fomos informados, pois isso não interessava às agências ocidentais. As agências soviéticas mentiam para os habitantes dos seus satélites e as agências americanas, alemãs, inglesas, francesas, mentiam para o resto do mundo. Hoje, como interessa aos Estados Unidos demonstrar o barbarismo muçulmano, o drama de Amina não sai da mídia. Ao contrário do que ocorreu com o casal Rosenberg e com Carý Chessman, ela não será executada. Ela é parte do escambo. As autoridades nigerianas querem ser ouvidas e receber algo em troca pela libertação da moça.

A interpretação literal de textos religiosos escritos há milhares de anos já teria coberto boa parte do planeta de sangue caso ele tivesse a capacidade de permanecer na superfície em vez de integrar-se à terra. Um dos sete pecados capitais, por exemplo, é a gula. Por quê? Ora, nas antigüíssimas comunidades rurais, em época de penúria, o guloso queria comer a parte do vizinho. Essas leis religiosas como a ira, a luxúria, a inveja, foram feitas para manter as comunidades em paz, pois uns dependiam dos outros. Em verdade eram leis religiosas socialistas. Não cobrir a mulher do próximo, por quê? Ora, porque isso criaria a desarmonia entre uma sociedade na qual não se podia dispensar o trabalho de ninguém. Ele era coletivo e o bem comum. Interpretar essas leis literalmente, isso sim, é crime.

Erfim, o admirável mundo novo chegou a um ponto de progresso onde Bush pode ver qualquer pessoa em solo americano fazendo pipi sem que ela perceba. Tudo isso como desculpa de combate ao terrorismo e sob os aplausos de americanos "patriotas" imbecis que, afinal de contas, vivem na televisão as memórias porcasas que nós, O que Bush não sabe é que enquanto ele espia os "terroristas" os donos da informação o espiam. Vários impérios do mal dentro do império do mal. Sai dessa Lula, expulsa os ventrílocos do templo e - apenas uma sugestão - convide o Britola para ministro da Educação e dê a ele carta branca e condições para distribuir Cleps pelo Brasil inteiro. Nenhuma criança na rua, todas estudando em tempo integral com três refeições diárias e mais cuidados médicos. E assim que se faz cidadãos para uma democracia. Os recursos estão aí mesmo: debaixo da terra que é nossa e dentro do bolso dos banqueiros, dos latifundiários, dos industriais, dos canalhas em geral.



FAUSTO WOLFF

Revista 01 • 14 • 01 • 2003

Meu presidente e irmãozinho Lula. Presidente porque me orgulha tê-lo como presidente e irmãozinho porque sou mais velho e perdi meus dois irmãos. Irmãozinho ainda porque ambos viemos do proletariado e levamos todas as porradas que podíamos levar quer no corpo, quer no espírito. O Brasil até hoje não teve um presidente brasileiro ou pobre. É o primeiro. Daí a identificação popular e à vontade com que o povo dá palpites no teu governo. Mas convenhamos, é melhor ver nosso povo dando palpite em política do que comendo comida de rato e discutindo o salário do Ronaldo e do Guga enquanto tu vendem porcarias pela televisão.

Escrevo-te esta carta – misturando a segunda e a terceira pessoas do singular, pois é assim que se fala – por dois motivos: 1) porque há muitos anos me disseram que lês os meus escritos, ainda no tempo das primeiras prides no fim dos anos setenta. 2) porque creio que quase quarenta anos de trincheira jornalística na luta contra a tirania de todas as gangues no poder, me dão este direito. Seu segundo discurso – aquele de improviso – me comoveu porque foi sincero. Devemos escrever e falar bem mas isso perderá importância se não for sincero, se não vier do fundo do coração. Esta impressão você me passou, loco quer ser um bom presidente. Quer ser um bom presidente é fundamental. Os que te antecederam nem podiam ser bons presidentes, pois estavam comprometidos com Washington e as grandes corporações transnacionais. Perderam a vergonha, o caráter, a dignidade, roubaram o que puderam, enriqueceram e contam com o nosso desprezo. Reis sem coroa não passam de palhaços sem platéia, em Paris ou no Senado.

Quando FHC, esta triste caricatura de nauseabunda validade, disse que era fácil governar o país, nos tratou como palhaços da mesma forma como quando disse que “devíamos esquecer tudo o que ele escreveu até então”. Achava que a TV Globo já havia nos imbecilizado suficientemente e que nada lhe seria cobrado. O povo lhe dá a resposta e você foi eleito com a maior votação já vista neste Continente. Para ele – FHC – nunca foi fácil governar o país, pois era um fantecho. Para você será difícil, terrível, angustiante, solitário, mas será mais fácil porque você quer ser presidente de todos os brasileiros. Você quer mudar as coisas. Como mudá-las, porém, neste poço de corrupção, miséria e ignorância em que transformaram o nosso país? Você me comove. Me faz lembrar o verso de Lamartine Babo sobre o meu Botafogo: “Tua estrela solitária nos conduziu”.

Durante as ditaduras oficiais e as brancas que sofremos na alma e no estômago, economistas de plantão todos formados pela escola de Chicago e vale o duplo sentido – inventaram um economês que nem eles entendiam e que servia para esconder a própria ignorância como acontece aliás com todos os discursos acadêmicos. De um modo geral a resposta para os grandes problemas são as mais simples e as mais óbvias, aquelas que os poderosos fingem não ver, pois prejudicam seus interesses pessoais. Está na Constituição: somos uma federação que tem por obrigação garantir a dignidade humana que precisa de teto para morar, terra para plantar, educação e cultura para saber dos seus direitos e deveres, hospitais para as suas dores, transporte para se locomover, justiça para poder dormir tranquila e empregos para pagar isso tudo. O Estado brasileiro precisa agir como pai e mãe dos seus filhos. Nem um pai tão severo que um salário mínimo e nem um pai tão irresponsável que crie monstros assassinos como os divulgados pela TV americana e cuja moda está chegando até aqui.

Perdoe-me, portanto, meu irmãozinho, mas projetos como “Fome Zero” soam aos meus cansados ouvidos como promessas de palanque ou embromação. Um ser humano – seja ele um negrinho desdentado do Piauí, seja o papa ou a Rainha da Inglaterra – tem as mesmas necessidades básicas e um cérebro com o mesmo potencial. Todos precisam comer, cagar, sonhar, amar. Não sei se foi Deus que fez este mundo mas quem quer que o tenha feito, certamente não o fez para ver sua obra-prima, o homem – com um cérebro mais sofisticado do que todos os computadores do mundo – ser tratado como um rato. As pessoas não nascem para ser ricas – uma antiga falácia da classe dominante e do sistema capitalista neoliberal que funciona até hoje. Nasceram para ser felizes e não exigem muito, depois de 6 mil anos de “civilização”: um teto, uma escola, um hospital, um ônibus e um emprego que lhe permita isso tudo. Se isso é possível nos países escandinavos, no Canadá, na Europa de um modo geral, por que não seria possível no Brasil? Somos menos humanos do que eles? Nosso cérebro é menor que o deles? Por que operários da Volkswagen da Alemanha vêm passar férias com a família em Copacabana e os operários do ABC não sabem se terão o que comer no dia seguinte?

“Primeiro precisamos colocar de pé o nosso povo e, principalmente, não fomos nós que a assumimos, mas sim os governos militares seguidos das ditaduras brancas e autoritárias de Sarney, Collor e Fernando Henrique. Todas colocadas pelo Pentágono.” O que este rapaz desvirado chamado Bush vai fazer? Declarar guerra ao Brasil? Se assim for, será até divertido para o nosso povo que nunca teve nada mas que sempre soube pelear muito bem – pergunte ao Joel Silveira que esteve com nossos pracinhas na Itália. O maior herói brasileiro que por lá acabou morrendo, aliás, chamava-se sargento Wolff.

Também vi com apreensão Roberto Rodrigues, um dos financiadores da campanha de Serra, na Agricultura. Se estou equivocado, perdoe-me mas creio que agricultura tem a ver com reforma agrária. Não que marçamos os Estados Unidos em tudo, neste caso, poderíamos nos mirar no exemplo deles. Eles só partiram para a aventura industrial depois que verificaram que a agricultura produzia o suficiente para alimentar toda a nação. Creio que se você, Lula, houvesse chamado o Igreja, do MST, para conversar, ele te diria que o problema da terra é simples. Basta ver quem são os donos de terras improdutivas ou falsamente produtivas como a fazenda Três Côrregos, de FHC, e

TUA ESTRELA SOLITÁRIA NOS COUZU!

Fome Zero? Muito bem. Mas como? O dinheiro circulante no Brasil, sem contar as contas no exterior, está nas mãos de 1% da população que odela o povo que a sustenta. Esta gente vai abrir mão dos seus privilégios para melhorar a vida daqueles que eles exploram: para dar condições de defesa às suas vítimas? Acho difícil, meu caro irmãozinho Lula, porque esses ricos enriqueceram. Acham que têm obrigação de garantir o luxo de tetracetos que jamais conhecerão. Estão produzindo seus próprios assassinos. E como será esta Fome Zero, já que não poderemos contar com a colaboração dos criadores de fome? Por quantos dias comerão com o dinheiro dos caças da Aeronáutica? A fome, a violência, o crime, a prostituição, a miséria, a humilhação são apenas o efeito. A causa é a canibalizada que jamais fez nada por este país, pois nem brasileira se considera.

Foi por isso também que fiquei de pé atrás ao saber da nomeação de um trilateralista como Henrique Meirelles, ex-presidente do Bank of Boston, para a presidência do BC e da notícia da quarentena para executivos da área econômica que continuaram recebendo altos salários para bolcortar teu governo. Meirelles mudará? Dirá: “Esqueçam tudo o que fiz ontem? Não gostei do discurso do Palocci endossando dois monstros como Malan e Arminio que sempre se comportaram como capachos de Washington, onde vive Bush, um homem que, como diria Lupicínio Rodrigues, não chega a um pedaço do que podes ser. Na área econômica – não precisa ser hoje – é suficiente dizer: “Não pagaremos a dívida externa por dois motivos:

E agora, chegamos à parte mais importante da minha carta, meu caro Lula – a que trata de caráter e esperança. A tua eleição não foi normal – não foi comprada – e é isso que dá grandeza e confiabilidade às tuas palavras: “A esperança venceu o medo”. Eu acredito nas tuas palavras. O povo – que não era e quando era é porque foi enganado pelo poder que se apresentou em fantasia de rica prostituta – acreditou nas tuas palavras. O problema é o seguinte: você acredita nelas? Toda a tua equipe acredita nelas? Não creio: há fendas entre os bravos cavalos selvagens.

No caso das Forças Armadas, é preciso perguntar: para que servem? Estão com o povo, com a pátria ou com o poder, seja ele qual for? Apesar de 64, creio no patriotismo das Forças Armadas e poderíamos usá-las como escolas de agricultura, pesca, mecânica. O menino convocado no Acre trabalharia com borracha. O convocado no Nordeste, a lidar com plantação de acácia. A Marinha e a Aeronáutica seguiriam o mesmo exemplo: seriam ministérios que criariam cidadãos profissionais. A ideia de guerra é ridícula e sugiro um telefone que respondesse – diante dos miséris das grandes potências – “nos queremos”. Quanto à Justiça, bastaria que fosse justa e eu, no teu lugar, procuraria me aconselhar com os jovens procuradores federais.

O caminho espinhoso é o do Legislativo: seus membros precisam de aulas e normas. Ser representante público não é uma carreira para enriquecer fdp nenhum. Representar o povo é um ato de patriotismo que deve ser bem pago mas precisa ser reformado. O representante público municipal, estadual ou federal deve ser um profissional patriota. Não pode receber mais do que dez salários mínimos, não pode ter auxílio-moradia, não pode empregar parentes, não pode ter avião à sua disposição. O representante público não pode ter outro emprego senão este. Ninguém tem direito de representar o povo e se enriquecer à custa deste mesmo povo.

Não vai ser fácil passar certas leis pelo Senado e pela Câmara, mas lembre-se, as rádios e os estações de TV são concessões do governo e todo canal – inclusive alguns do PT – que aceitou dobrar seu salário no fim do ano passado, deve ser denunciado pela TV. Aos poucos, podemos cercar, irmãozinho, os ladrões verão que as câmaras, as assembleias, o senado são lugar de gente honesta, com vergonha na cara. Não tema os ladrões vítimas da fome, pois eles não existiriam sem os grandes ladrões de casa. Sei disso, meu irmão Lula, porque já os vi como deuses. Eram educados, usavam os talheres certos, tinham a gravata da moda e suas mulheres cheiravam bem. Aos poucos fui desobediendo: elas não são deuses, ninguém é Deus, Deus se existe, não quer ouvir falar em caridade, mas em generosidade, desapego, coragem e cordialidade. E de castigo também. Basta de impunidade! Nada contra o resto do teu ministério, principalmente o bigodudo Olívio Dutra, o Tarso Genro, o Jaques Wagner, Aldo Arantes, o Fernando Gasparian e o Leonel Brizola, os três últimos que ainda não chamaste. Por favor, meu irmãozinho Lula: guila-te pelos dez mandamentos – sem os deuses – e principalmente por um que não foi escrito por Deus, mas num pub em Londres: “De a cada um segundo a sua possibilidade; a cada um, segundo a sua necessidade.”

Respeitosamente, seu irmão mais velho, F.W.

PS – Nós aqui d'OPASUJIM21 observamos de bom grado qualquer anúncio do governo – pois é impossível sobreviver apenas com a venda avulsa. Não queremos nenhum favor. Apenas programa para nós os mesmos anúncios programados para a grande imprensa.

faustowolff@terra.com.br

Fausto Wolff

A FOME E O PAPEL DAS FORÇAS ARMADAS

Tenho recebido convites de várias universidades para falar do que batizei de 'Revolução Democrática', que foi a eleição de Lula, muito mais representativa, por exemplo, do que a eleição de Bush, que foi flagrantemente roubada. As pessoas que me convidam, de um modo geral, depois de me oferecerem transporte e estada, se espantam ao saber que cobro para dar palestras. Explico-lhes que tenho 62 anos, nenhum bem material, que não sou funcionário público, não tenho aposentadoria e vivo exclusivamente do que escrevo. Ainda assim elas não se conformam mas vêm com naturalidade uma dupla caipira receber cachês em qualquer churrascaria do país da mesma forma que não se espantam quando Gilberto Gil, o ministro da Cultura, cobra 120 mil reais da prefeitura de Macaé para fazer um show. Outro dia, cai na asneira de repetir uma história que já havia publicado alguns anos atrás. Dois leitores me queixaram. Entretanto, acham perfeitamente natural ouvir o Caetano cantando *Merino da Rio* pela milionésima vez.

Não estou me queixando dos leitores, absolutamente. Eles são a minha maior preocupação e procuro satisfazê-los dando o máximo de mim. Já disse que um jornal como *O PASQUIM21* precisa tratar seus leitores a pão-de-ló (estão vendo como sou velho?) pois são eles que o mantêm vivo e não os anúncios inexistentes de grandes transacionais tão orgulhosamente exibidos pela grande imprensa. Tenho guardado as cartas dos leitores - que por questão de espaço não podem ser publicadas na seção de cartas - e pretendo respondê-las pelo menos de 45 em 45 dias aqui mesmo. Também gostaria de poder atender aos convites para palestras, pois venho notando que depois de 20 anos de alienação, as faculdades de jornalismo vem formando turmas dispostas a analisar a realidade e a colocar um espírito de missão em seu trabalho mas, por enquanto, simplesmente, não tenho tempo. Quanto aos leitores que necessitam respostas com urgência peço que escrevam seus telefones nos e-mails, pois ainda não consigo dominar esse xucro bicho eletrônico.

Cheguei até aqui para me dar conta que deveria ter deixado os parágrafos anteriores para o fim e entrado direto no assunto que pretendo debater hoje: o novo papel das Forças Armadas. Quando jovem jornalista em Porto Alegre verifiquei que o Instituto de Educação, que formava professoras primárias, e a Escola de Cadetes do Exército ficavam em prédios vizinhos. Creio que milhares de professoras e oficiais apenas formados se casavam, pois não só os militares ganhavam bem como o mesmo acontecia com as professoras. Com o passar dos tempos - quando a classe dominante entendeu a lição americana de que todo consumidor deve ser burro - os salários das professoras foram sendo reduzidos a ponto de se tornarem praticamente simbólicos e naturalmente o ensino elementar decaiu brutalmente. Já o salário dos militares foi aumentando na mesma proporção e ganharam tanto poder que - sempre sob os auspícios do Pentágono - deram um golpe em 1964 porque meia dúzia de 'comunistas' ameaçava a estrutura da sociedade ocidental e cristã.

Ora, uma vez no poder os militares passaram a gostar dele e de 1964 até a eleição-invenção de Collor, fi-

zaram o que bem entenderam. Poderiam ter alfabetizado todo o país e pagado a dívida externa que, à época da queda de Jango, era ridícula. Mas meteram os pés pelas mãos em aventuras grandiloquentes como a Transamazônica e as usinas nucleares e se não roubaram faziam vista grossa para conhecidos corruptos. A coisa chegou a tal ponto que Sarney, Collor e FHC acharam que a corrupção era a regra e a honestidade, a exceção. Os militares sabiam que seus governos eram impopulares. Tanto que antes de 64 era comum ver oficiais orgulhosamente fardados pelas ruas e desde então trocam a roupa civil pela farda nos quartéis. Devo dizer a favor dos militares que, paradoxalmente, embora cumprindo ordens de Washington, eram nacionalistas e não permitiram a privatização das riquezas que pertenciam ao povo embora o povo disso não soubesse. Mas... não chamaram quando FHC vendeu quase todo o país.

Ao longo da minha vida conheci muitos militares honestos, dignos, cultos e patriotas, a começar pelo general Pery Bevilacqua e pelo capitão Sérgio Macaco. O primeiro, cassado pelo AI5, e o segundo cassado por ter evitado uma tragédia de largas proporções que deveria cometer passando a culpa aos 'comunistas'. A grande maioria, porém, comportou-se de modo leviano, criminoso, cruel. Com a vitória de Lula creio que os militares poderão voltar a exibir suas fardas orgulhosamente e fazer as pazes com seu patrão: o povo.

Forças Armadas patrióticas e revolucionárias - a eleição de Lula foi uma revolução pelo voto - tem de ser antes de tudo disciplinadas. Fidel, Mao e Ho Chi Min demonstraram isso com suas vitórias sobre forças armadas fascistas e mercenárias em Cuba, na China e no Vietnã. Hoje temos no poder um governo nacionalista comprometido com a saúde, a educação, a moradia, o emprego e o transporte dos mais desvalidos. Não será fácil pois isso vai de encontro aos interesses dos Estados Unidos, que não querem ver seu curral independente. Para que isso dê certo é necessário que as Forças Armadas arregacem as mangas e entrem nesta luta a favor do povo.

Creio que no Brasil todos os assalariados - com exceção dos executivos das grandes corporações - merecem aumento, inclusive os militares e principalmente as professoras primárias humilhadas na própria feminilidade, sem dinheiro para comprar roupa decente, ir ao dentista ou pagar um cabeleireiro. Uma das razões pelas quais Lula ganhou as eleições foi o lento mas irresistível sangramento a que FHC con-

denou a classe média e o funcionalismo público em geral no cumprimento de ordens neoliberalistas. Creio que dia desses, o presidente deveria reunir o seu ministério e mais todo o primeiro escalão e informar: "Antes de qualquer declaração que possa afetar a vida dos brasileiros, entrem em contato comigo.". Vamos evitar o vexame rapaziada! O ministro da Previdência foi infeliz e Lula voltou atrás. Isso não é bom para a democracia. Faz pensar que as Forças Armadas ameaçam o governo; faz pensar que o governo tem medo das Forças Armadas. E isso é uma coisa muito séria.

Acho que as Forças Armadas - uma vez que não há nenhuma guerra em vista - deveriam trabalhar na campanha contra a fome, assim que Lula explicar direitinho o que quer fazer - e espero que não seja caridade, pois isso seria um insulto ao nosso povo e só deve se lançar mão da caridade em caso de catástrofes que deixam populações ao desabrigo. Durante o governo JK, o general Estevão Taurino de Rezende, já falecido, criou um projeto de lei (451.1956) para acabar com a fome no Brasil, além de fixar o homem no campo. Foi enviado ao Congresso Nacional no dia 5 de setembro de 1956 por JK e foi considerado *inconstitucional* pela Comissão de Justiça da Câmara composta quase que exclusivamente de udenistas e entre eles Carlos Lacerda e Afonso Arinos.

Taurino de Rezende me faz lembrar o coronel inglês desempenhado por Alec Guinness no filme *A Ponte do Rio Kwai* que colocava a honra e a dignidade do Exército acima de tudo, até mesmo do bom senso. Digo isso, pois Taurino depois de abril de 64 foi nomeado chefe da Comissão Geral de Investigações e tornou-se conhecido dois meses depois quando seu filho, Sérgio Rezende, professor de economia e um dos assessores de Celso Furtado, fez um discurso em aula e acabou preso. Taurino, já reformado, foi demitido por seu colega de turma do Colégio Militar, Castello Branco, e caiu no esquecimento. Poucas pessoas estiveram no seu enterro e entre eles o locutor que vos fala. Mas seu projeto patriótico está vivo e o ofereço a Lula.

O projeto chamava-se SEAPE (Serviço Agropecuário do Exército) e segundo as palavras de Taurino "foi criado para melhorar as condições de vida da parte humilde da população e acabaria com o mais angustiante problema do nosso povo - a fome. Desta forma o Exército se engrandeceria, se integraria à nação brasileira sem fugir às suas responsabilidades de defender a pátria, os poderes constitucionais, a lei e a ordem.

Somos um país pobre que não pode se dar ao luxo de ter suas Forças Armadas exclusivamente como elemento de guerra, onerando os cofres da Nação sem produzir para a vida normal do país."

O projeto do general Taurino era e é de uma simplicidade linear. Os recrutados excedentes do Exército (e por que não das outras armas?) seriam recrutados pelo SEAPE, que iniciaria seus trabalhos através do crédito de 1 bilhão de cruzeiros (façam a correção monetária) do Banco do Brasil, que se pagaria por si mesmo. Trabalhando em grandes áreas em volta das metrópoles os soldados do SEAPE, além de alimentar as Forças Armadas, levariam para suas casas um cabedal de conhecimentos que lhes permitiria racionalizar os métodos de cultivar a terra. O crédito em dinheiro que fosse concedido seria devolvido à nação com grandes lucros pois teria fins reprodutivos. Outros campos agrícolas e pecuários seriam criados e desenvolvidos com os recursos obtidos nos primeiros.

Homem engenheiro, não afetado à política dos barões da terra que querem o Exército apenas como elemento repressor, Taurino viajou pelo Brasil inteiro fazendo palestras e escolhendo terras e fazendas do Exército e finalmente apresentou seus planos ao então ministro da Agricultura, Ernesto Dornelles, que entusiasmado apresentou-os ao presidente, que ainda mais entusiasmado apresentou-os ao ministro da Guerra (como se chamava naquele tempo), que se manifestou positivamente. Frase longa, não é mesmo? Mas agora deixemo-la estar para ver como é que fica. Tanto o ministro da Guerra como o da Agricultura garantiram a JK que o SEAPE em pouco tempo resolveria o problema do abastecimento dos centros consumidores e restabeleceria o equilíbrio entre oferta e procura. Além de criar profissionais rurais competentes, o SEAPE evitaria o êxodo rural de graves consequências. Não é mesmo periferia de São Paulo? Não é mesmo, Baixada Fluminense?

Depois de ter a garantia do então ministro da Fazenda (acho que era Tancredo, não tenho certeza) de que a presidência do Banco do Brasil era favorável à iniciativa e emprestaria o dinheiro necessário, JK nomeou uma comissão com representantes dos ministérios da Guerra, Fazenda, Agricultura e do Banco do Brasil para elaborar o projeto. Quinze dias depois ele foi devolvido ao presidente, que o enviou ao Congresso pedindo urgência na sua aprovação. Juscelino queria que o Rio de Janeiro já sentisse os efeitos do SEAPE em princípio de 57.

Resumindo: o líder da maioria, Vieira de Mello, prometeu seu apoio, bem como o então líder da bancada do PTB, Fernando Ferrari, que comprometeu-se a enviar o projeto ao Senado em menos de três meses. Foi quando o deputado Leoberto Leal resolveu enviá-lo à Comissão de Justiça que, apesar do apoio de todos os partidos, dos ministérios, do Banco do Brasil e do presidente, vetou-o por ser *inconstitucional*. Segundo a comissão, o papel do Exército era o de manter a 'ordem interna'. Ora, muito mais do que naquela época, quase 50 anos atrás, o inimigo nº 1 do Brasil continua sendo a fome. Lula, te passei a bola. Agora é com você, irmãozinho.

faustowolff@terra.com.br

Fausto Wolff

LULA confia no povo!

O PT ganhou as eleições porque o acaso reuniu três fatores: 1) o poder espoliativo, concentrador de renda, entreguista, sem vergonha e sem caráter, achou que depois das ditaduras oficiais e brancas, a grande maioria dos brasileiros estava definitivamente imbecilizada; 2) a classe média, cuja única ideologia é não ser empurrada para o proletariado



Trouxe-se de uma revolução democrática pelo voto. Espero que o PT aja revolucionariamente e, por enquanto, raras exceções, vejo-o agindo compadreadamente. Uma revolução não precisa ser armada e nem exigir sangue. No sentido marxista a revolução pode ser definida como a substituição de uma ordem existente por outra historicamente mais progressiva. Ora, um traço fundamental do caráter revolucionário é a independência que leva à liberdade, segundo Fromm. A Independência é o oposto da adoção do poder pelo poder que satisfaz os privilégios de quem está no poder. A liberdade e a Independência só existem MESMO quando através da cultura, o indivíduo pensa, sente e decide por si. Isso só é possível quando este homem atinge uma posição de solidariedade com o mundo exterior que reagirá positivamente à sua honestidade.



O PT está no poder, mas será que ele o poder? Não creio, pois não vem agindo como tal. Não creio porque muitos reacionários que nem votaram em Lula estão sorrindo de satisfação. O grande poder – econômico, dos bancos, das transnacionais e seus capachos, da grande imprensa – está do lado de fora, forçando sua entrada e tentando voltar a reinar. Se nos afastarmos um pouco a ponto de enxergar criticamente, teremos a impressão de que estamos vendo um jogo de crianças. Dizem os derrotados e os aliados de ocasião (em off, naturalmente): "Sabemos que o projeto do governo petista é humano, a favor da vida e da dignidade, mas o sabotaremos no Senado, na Câmara, nas assembleias estaduais e até mesmo nas câmaras municipais se nossos privilégios não forem atendidos." O que responde o PT? Estou pagando para ver. Assim como o homem que vive dos favores de outro homem, é um homem dependente, um partido que barganha com as forças do atraso, é um partido dependente.



A verdade é que José Sarney, em cuja corrupção não houve um só dia de governo, hoje, além de dono do Maranhão, é presidente do Senado. Os lobos voltaram sorridentes, certos de sua impunidade: Antonio Carlos Magalhães, dono da Bahia, Jader Barbalho, dono do Pará e José Roberto Arruda, vítima de um telão eletrônico apunhonado. Terão se regenerado? Um dos representantes do narcotráfico – Pinheiro Landim – talvez venha a ser crucificado. Mas os outros?

No terreno menor, o vice-presidente Alencar, emprega parentes. O ministro dos Transportes, sobre o qual pesam acusações irrefutáveis de enriquecimento ilícito – como todo enriquecimento, aliás – foi elogiado pelo senhor José Dirceu. Quem recebeu críticas do partido através de José Genoino (que talvez agora já saiba porque levou a torta na cara) foi a corajosa senadora Heloísa Helena, que pecou pela independência. Ora, é preciso que haja uma esquerda à esquerda do PT como na Itália havia o Partido Socialista di Unità Proletaria à esquerda do Partido Comunista para evitar que ele se aproximasse muito do centro. Os comunistas fizeram concessões quer na Itália quer na Dinamarca. Berlusconi é presidente italiano e a direita tem maioria no parlamento dinamarquês. Ambos os países apóiam a invasão americana no Iraque.



Não sou nem um ferrabrás utópico e irresponsável e acho que, dentro dos limites da democracia, algumas negociações podem ser feitas com o inimigo desde que o PT se recorde que é ele que está no poder e consequentemente é ele que dita as regras. Se a esquerda perder esta oportunidade, jamais a direita lhe dará outra, pois aprendeu a lição. Como disse Paulo Casuso no último número do P21, Lula fez bonito em Porto Alegre e em Davos, mas o PT não está fazendo bonito, não. Creio em Lula de todo o coração, pois construiu seu próprio destino à custa de porradas no corpo e na alma, mas creio também que está na hora de parar de tirar fotos e dar autógrafos e reunir seu ministério e mais o primeiro escalão e lembrá-los de que foi eleito pelo povo e só ao povo deve satisfações. Embora o Projeto Fome Zero demonstre amor à vida, não acredito nele, pois está sendo negociado com gente que tem apego à vida. Quem tem amor à vida a vive digna e independentemente. Quem tem apego à vida, na verdade, tem medo dela, tem medo que ela acabe de repente antes de ele ter roubado o suficiente. Amor à vida significa que todos tenham uma vida digna. Apego à vida significa: a maioria tem de se sacrificar para que eu possa gozar a vida.



Dois parágrafos acima falei em "terreno menor" referindo-me ao fato de o vice-presidente empregar parentes. Perdoem, eleitores, equivoquei-me: trata-se de um "crime maior" que vem desgraçando este país

desde o tempo em que era colônia oficial. Não existe um problema chamado "funcionalismo público", pois a grande maioria do funcionalismo público realmente serve ao público e imprime um espírito de missão ao seu trabalho quase sempre mal pago. O problema chama-se clientelismo e está tão arraigado na nossa mentalidade escravista que cada vereador, deputado estadual, deputado federal, senador, secretário, ministro e diretor de estatal se sente no direito de trazer para o cargo todos os parentes e amigos. A solução para isso – o PT está cansado de saber – é botar esses quase 50% do funcionalismo para trabalhar. A maioria desistirá, pois "trabalhando não vale a pena". Volto ao leit motif deste artigo.



Sempre vi o PT como um partido revolucionário. Um partido revolucionário possui espírito crítico e o espírito crítico dúvida do clichê. Vou citar alguns: "O país afunda se o salário mínimo aumentar, embora ele não possa satisfazer as necessidades de um cachorro". "Os criminosos não estão na cadeia para terem boa vida". "A justiça trabalhista tarda porque está mal-aparelhada". "Não adianta fazer a reforma agrária, pois eles não têm condições de plantar e logo venderão as terras que ganharam de graça". Essas são mentiras nazistas tão incutidas no inconsciente coletivo que se tornaram axiomas. Não vou discutir uma por uma das questões que levantei e sei que Lula sabe como resolvê-las facilmente.



O que me impressiona é que o PT – um partido revolucionário e consequentemente independente e crítico – possa acreditar nessas canalhices: na humanização de Sarney, ACM, Arruda, Barbalho, para citar os criminosos mais notórios. O que me estarece é que o PT possa acreditar naquilo que lhe é oferecido de graça como o súbtil amor da Nestlé pelos famintos, logo ela que os suga desde o berço. Mas, por outro lado, diz o meu eu clínico, o mundo não acredita que os Estados Unidos paguem de 10 bilhões de dólares (o suficiente para matar a fome do planeta por dez anos) em armamentos para manter a paz no mundo?



Ora, esses canalhas todos, essas aves de rapina, se dizem católicos, protestantes, judeus. Se is-

desencantou-se com o rei da vaidade FHC e sugeriu ao povo sem vontade que votasse contra ele; 3) O PT amenizou seu discurso adaptando-o à realidade que – quando forjada por trapaceiros como ocorre no Brasil desde 1964 – não tem nada a ver com a verdade mas com a mentira, nada a ver com a vida mas com a morte.



Vou me permitir uma sugestão a Lula que provará definitivamente a sua seriedade e empenho a quem ainda duvidar. Todos os ministros e membros do primeiro escalão (Banco do Brasil, Inbra, Petrobras, Banco Central...etc.) devem concordar com a revelação de seus bens materiais (das mulheres, irmãos, filhos e parentes) na televisão e sempre que algum eleitor exigir. Eu, pessoalmente, tenho 48 anos de profissão, 48 anos de oposição e nenhum bem material. Devo escrever muito mal e ser um péssimo jornalista.



Os "realistas" dirão que isso não é possível. É possível sim, pois a esquerda está no poder e as redes de televisão e rádio são concessões governamentais. Faça como Fidel e Mao, meu caro Lula: se estiverem te pressionando, vá para a rádio, vá para a TV, o povo que te elegeu confiou em ti. Está na hora de você mostrar que confia nele.

PS: parabéns ao ministro Cristovam Buarque, que entre o salário de senador (12,720) e o de ministro (8,282) optou pelo último; Parabéns a Olivia Dutra e Ciro Gomes que se recusaram a embolsar pensões adicionais aos seus salários como ministros. Embora isso devesse ser considerada uma coisa normal, no Brasil demonstra espírito revolucionário. Finalmente, parabéns à mais bela cidadezinha do Brasil, Tiradentes, Minas Gerais (6 mil habitantes dos mais gentis) onde as forças públicas e privadas se uniram e vêm realizando um dos mais bonitos festivais de cinema do mundo. Com a cooperação do povo, é claro Last but not least, um beijinho na prefeita de São Paulo, que está em Paris almoçando com seu namorado, mais FHC e dona Ruth, comemorando o projeto Fome Zero. E parabéns a Elio Gaspari que voltou a escrever bem e me passou essas últimas informações, via sua coluna no Globo.

faustowolff@terra.com.br



SE VOCÊ ESTÁ Indo, A GENTE GARANTE ONDE FICAR. ABRA NOSSO SITE, VEJA, APRECIE E ESCOLHA OS MELHORES HOTÉIS E Pousadas DO BRASIL E DO MUNDO! PARA RESERVAR É SIMPLES; SIGA AS INSTRUÇÕES E BOA ESTADA.

www.opasquim21.com.br

FAUSTO WOLFF

ESPERANÇA QUE VENÇA MEDO PODE VENCER O ME(RCA)DO!!!

Parabéns à organização do PT pelo grande número de cartas que tenho recebido pedindo-me mais "realismo", mais paciência. Realista sou e se tive paciência – apesar dos dez anos no exterior – desde 1964, por que não teria um pouco mais? O problema é que mesmo as forças do "governo" FHC que se diziam de esquerda também, pediram durante oito anos que eu deixasse de ser utópico e fosse mais realista ou menos nefelibata como queria o rei da validade. Eles continuam realistas e ricos e o PT corre o risco de sofrer súbito atropelamento de realismo crônico, o que seria mais que uma lástima, uma tragédia, quando vemos a maioria de nomes excelentes e altamente qualificados que compõem o ministério.

Uzbequistão e Azerbaijão têm e muito. Com a desculpa de combater o terrorismo espalham-se pela região muitas bases militares "a fim de proteger o povo do terrorismo islâmico". O mesmo acontece na América Central e com o petróleo da Venezuela e da Colômbia. No caso da América do Sul, a intervenção terá outra desculpa: guerra ao narcotráfico, uma guerra promovida pelo país que mais consome cocaína e heroína no mundo. O globo seria maraviinho e democrata para os Estados Unidos se todos os árabes voltassem a ser colômbias, agora comandados por Israel. A questão é saber quem fará o papel de Israel na América do Sul, Central e México e no Leste Europeu. Ao mesmo tempo em que promove a guerra para garantir soberania indiscutível sobre as reservas de petróleo do planeta, através do general Shephard, o governo americano tem o deslante de dizer "Queriam ou não somos nós que mantemos a paz no mundo". Não tenham dúvidas, se Saddam e Bin Laden não existissem, a CIA os teria inventado. Afinal de contas, graças a eles, os americanos estão se expandindo militarmente pelo mundo, controlando quem entra e quem sai do país e armando dispositivos televisivos para ver o que cada americano está fazendo a qualquer hora do dia ou da noite.

É com este país que nos mantém colônia desde a República até os anos oitenta gloriosos anos de FHC que nos dá o governo quer negociar? Negociar? Ora, Bush já fez seu o velho ditado da John Birch Society, "We are the best, fuck the rest". Fora de brincadeira, se os Estados Unidos, os Sete Grandes e o FMI estão contentes com o desempenho do governo Lula, alguém enlouqueceu ou alguém está querendo se suicidar. Não é possível que gente competente, admirável e honesta como Oliveira Dutra, Tarso Genro, Jacques Wagner, Marina Silva, Celso Amorim, Miro Teixeira, Waldir Pires e tantos outros fiquem de cabeça baixa esperando que Pallocci e Mellores decidam o que fará do país? Quero um PT unido e forte mas à esquerda e não a serviço dos grandes organismos internacionais. Não quero uma divisão dentro do governo. De um lado a hegemonia dos economistas e de outro o resto do ministério sujeito às restrições contábeis e financeiras.

Mas quem é este jornalista – de resto, dos mais desprestigiados na grande imprensa – para dizer ao PT que o capitalismo não é bonzinho e nunca foi bonzinho? Que alguns milhões de dólares dados por um gangster como Soros servirão apenas para expor à caridade pública um povo orgulhoso, corajoso como o nosso que só quer trabalhar e viver com dignidade: casa, comida, educação, transporte, emprego e saúde. O PT está cansado de saber disso, pois por isso lutou desde a sua fundação e na campanha demonstrou o antiquilando com o slogan de Serra: "Continuidade sem Continuidade". Um dos ministros precisa lembrar a Lula e a Pallocci que pegou muito mal no ouvido dos eleitores frases como "O futuro a Deus pertence". O que é isso? O bispo Macedo, além de roubar dos pobres ingênuos, tem tanta influência assim? Será que o governo Lula acredita num capitalismo "bom" ao qual transnacionais como a Nestlé vão dar uma mãozinha? Será que acredita que algum povo pode ser feliz com a canja no peçoço? Será que acredita que pode criar um capitalismo tropical, jeitinho e melá-esquerda? Ou ainda ouviremos falar da terceira via inventada por Blair-Clinton-FHC? Quanto a Blair, será que ninguém ainda notou que seu interesse em invadir o Iraque deve-se ao fato de que pelo menos um terço das reservas de petróleo irá para a British Petroleum?

O que me dói mais é que estamos com a face e o queijo na mão. O PT ganhou as eleições de modo esmagador e o Partido Republicano de Bush, de modo enganador. Não estamos envolvidos nessa guerra e temos a chance de ser finalmente um país independente depois de uma reforma agrária, da reativação e novas construções de Ceps por todo o país, da reforma tributária e previdenciária. Para tanto, porém, temos de enfrentar nosso algozes como uma potência potencialmente econômica e literalmente territorial. Devemos chegar a eles e dizer: "Como disse o companheiro Celso Amorim, só podemos desatrelar o Brasil da miséria através de um projeto nacional de independência social e financeira. A dívida externa (incluindo a dos governos militares impostos por vocês) já foi paga várias vezes. O dinheiro que o FMI e o Bird nos emprestaram foi reciasado em dólares. Queremos tirar das nossas

veias abertas essa máquina de hemodíali-se que é o FMI. Sinto muito, senhores, mas primeiro temos de fazer as reformas, alimentar nosso povo através do trabalho, da educação, do transporte, da casa própria, e isso não é possível se continuarmos escravizados por vocês e só é possível se criarmos condições sociais para acabar com a criminalidade que nasce da miséria e da ignorância. Primeiro temos de botar TODOS os ladrões de colarinho branco na cadeia. Primeiro precisamos fazer o bolo crescer e crescer tanto que nem notaremos as migalhas que pagaremos a vocês. Quero lembrar-lhes que a nossa mais valia é superior a 70% quando em qualquer país capitalista desenvolvido ela não passa de 35% e é por isso que o governo do PARTI-DOS TRABALHADORES vai punir os ganhos fáceis de capital, a agiotagem, vai reformar o sistema financeiro e reduzir a taxa de juros a níveis humanos".

Pergunto-me se essa explicação seria suficiente para a ONU ordenar que lançassem mísseis sobre as nossas cabeças. Por outro lado, às vezes é melhor morrer de míssil do que morrer de fome e vergonha. Uma coisa, porém, é certa: este é o discurso que a maioria parte do PT, toda a esquerda e os eleitores de Lula que nem ouvir. De qualquer forma, como diria o cínico Jebba: "Pelo menos os deputados e senadores que dobram o próprio salário estão satisfeitos". Não pense que perdi as esperanças. Estou com o PT, torço pelo PT e reservo-me o direito de criticá-lo sempre que achar que estou certo e de reconhecer o erro quando estiver errado. Como diz o professor Panazio: "A Esperança que venceu o medo não pode temer o me(rca)do".

PS: Outra dia vi um belo filme (houve época em que se portia do princípio de que um belo filme começava com uma boa história) chamado Running Against Time. Basicamente é a história de um jovem professor depredado pela morte do irmão no início da Guerra do Vietnã. O irmão prometia ao protagonista, então um menino, que voltaria a vê-lo. Já homem, saber das experiências de um físico Nobel Price sobre viagens através do tempo, candidatou-se como cabala. Quer ser colocado no mesmo local em que estava Lee Oswald cinco minutos antes de disparar o fuzil. Impediria o assassinato de Kennedy e voltaria para o seu tempo. Mas as coisas não deram certo e ele conseguiu, através de um anúncio de jornal (que se fosse publicado em 62, estaria no arquivo do professor, algumas em 1990) que o professor armou um documentário sobre os tempos de Johnson e das milhares de mortes de jovens americanos e vietnamitas ocorridos durante o longa guerra. Kennedy está morto mas o professor conseguiu uma audiência com Johnson e lhe mostrou o filme. Johnson limitou-se a queimar o película de 1990 e dizer: "Isto aconteceu porque mantive soldados de mimos. Agora mandarei um milhão". Enfim, não se pode mudar o passado. Mas uma coisa é certa: é possível mudar o futuro. Alguém deveria mostrar urgentemente este filme para George Bush. Por outro lado, não creio que um homem que se prepara para ser o presidente da Confederação Global de Paises se importe com algumas centenas de milhares de mortes a mais ou a menos.

PS2: Terça-feira passada tive o honra de dar a aula inaugural do curso de comunicação da Universidade de Minas Gerais, às 9h30m. Para isso tive de acordar às cinco da manhã, mas valeu a pena. Costanheira, o professor Leovigildo e os mais de 100 jovens alunos e leitoras de OPASQUIM21 reiniciaram minhas esperanças graças à sua lucidez e espírito crítico. Lula lá.

faustowolff@terra.com.br

SE VOCÊ ESTÁ Indo, a GENTE GARANTE ONDE FICAR, ABRA NOSSO SITE, VEJA, APRECIE e ESCOLHA OS MELHORES HOTÉIS e Pousadas DO BRASIL e DO MUNDO! PARA RESERVAR É SIMPLES: SIGA AS INSTRUÇÕES e BOA ESTADA.

WWW.OPASQUIM21.COM.BR

FAUSTO WOLFF

Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse

O cavaleiro que monta o cavalo branco leva um arco e uma coroa, o que monta o cavalo vermelho, empunha uma espada, o fínete do cavalo negro carrega uma balança e, sobre o torcilho claro, cavalga um anão que sorri sardonicamente. Quando estes quatro - a Pestes, a Guerra, a Fome e a Morte - se juntam vindo dos quatro pontos cardeais, o fim está próximo. As fúrias Alecto, Megera e Tisfone delecem sobre as iguarias da mesa de jantares. Depois vem o Exército das Moscas Gordas. Agora, só restam as estrelas distantes que choram por ti, imprudente planeta suicida.



1 Entra ano e sai ano e não canso de me admirar com os cronistas da burguesia ou os vigilantes da democracia. Estão nos principais jornais, rádios e estações de TV do Brasil defendendo o que não existe. É o ser ídota que protege uma existência de mentira. Meus pobres países baixos não agüentam mais tanta hipocrisia. É preciso que alguém diga sem meias palavras: não existe democracia no Brasil, não existe democracia no mundo. O que mais se parecia com um país governado pelo povo era a Dinamarca, onde nenhum deputado podia ganhar mais do que seis vezes o salário mínimo e onde o desemprego era proibido. Depois que entrou para o Mercado Comum Europeu e permitiu a invasão da TV comercial e da TV a cabo permitiu também a entrada do lixo americano chamado cinema, controlado pela máfia. Hoje o pequeno país escandinavo é governado pela direita e bate palmas para Bush. Quando um povo perde sua cultura - e não estou falando de diplomas universitários - estrá dos quais os grandes idiotas costumam se esconder - ele também perde a sua identidade e quem não tem identidade é presa fácil de qualquer poder com mais armas e mais dinheiro.

2 O que temos no mundo hoje em dia é um sistema chamado Aberração e ele dói mais no lombo de alguns países do que no de outros. O sistema aberracionista pode ser definido como uma minoria de ricos (no caso do Brasil, cerca de 1 milhão) que vivem da exploração do trabalho da grande maioria de pobres. Entre a base e o topo da pirâmide, uma classe média cuja única ideologia é agarrar-se ao sacco da minoria para não ter de viver no inferno do proletariado. Isso vale para todos os países do mundo. Quem pode chamar de democracia um país como os Estados Unidos, que possui a maior população carcerária do planeta, composta em mais de 80% de negros e latino-americanos? Quem pode chamar de democracia países racistas como a França, a Inglaterra, a Alemanha ou a Itália, esta última dominada por um fascista com um império televisivo nas mãos? Nas aberracionistas ganha quem tiver mais dinheiro ou quem faz o melhor negócio com o grande capital internacional que trata os demais países - levando-se em consideração seu grau de cultura e riqueza - como puteiros. Os países africanos são puteiros do Mangue, os da América do Sul, da Rua Alice, bem como os da Europa do Leste. Os países europeus e mais a Austrália, Canadá e Japão são puteiros de luxo mas nem por isso menos puteiros. O homem que quiser ser tratado com respeito em qualquer lugar do mundo por causa do seu trabalho e da sua honradez, dentro de alguns anos, será tratado como um louco. A única liberdade considerada será aquela que o sujeito trouxer na carteira e no banco. É claro. Quando os quatro cavaleiros, ainda estiverem longe não haverá mais ladrões, apenas o roubo; e só poderão roubar os mais privilegiados, os mais espertos. Não haverá mais assassínios, apenas mandantes; e os mandantes estarão acima da lei, pois haverá uma única lei, a do dinheiro.

3 Quem julgará as ações de um mundo em decomposição - um mundo infestado pelas moscas como o foi a Argos da antiguidade? A ONU, como vimos, era um grande orquestra para hipocrisia filarmônica e não toca mais nada de importante. Agora que já se passou mais de ano, será que ninguém se pergunta "Quem lucrou com a destruição das torres gêmeas?" O Afeganistão? O Iraque? A CIA sabia com antecedência o que ia acontecer porque planejou o ataque com ou sem Bin Laden. Mais provavelmente com, pois o homem não era sócio dos Bush em companhias petrolíferas do Texas? Afinal de contas, onde anda Bin Laden? Por que não conseguiram prendê-lo? Quais interesses, realmente, defende, uma vez que comunista não é. Imprensa mesmo é segredo para quatro países. O que fez a imprensa democrática internacional

enquanto crianças eram despedaçadas por bombas em Basra e Bagdá? Quando a imprensa e o poder se unem não há mais imprensa, apenas imprensa oficial. A quem serve o governo brasileiro, o atual e todos os posteriores a 1964? Ao povo brasileiro ou ao FMI?

4 Nos tempos da ditadura (a oficial, pois hoje se zeraram a tua conta no banco, leitor, a quem vais te queixar senão ao bispo, que não aceita queixas de ninguém?) disse que o povo em geral é a imprensa em particular se comportavam como se estivessem assistindo a sério uma partida de basquete no pântano. O jogo é impossível, a bola não quica, mas ainda assim inventamos jogadores, juizes, bandeirinhas, técnicos, massagistas e até platéia para uma coisa que não existia. Quem pode viver com um salário mínimo que dá para comprar nove quilos de peixe ou com maços de cigarro? Todos sabemos que isso é impossível mas fingimos que é possível. Quem não enlouquece com a desonestação burocrática dos sistemas privatizados de gás, luz e telefone? Quem pode viver da saúde pública? Será que ninguém se envergonha de viver num país onde o cidadão para não morrer tem de pagar um plano de saúde e que quanto mais velho ficar, mais terá de pagar até desistir?

5 No Brasil o emprego é tratado como uma bênção. Sujeito está empregado, não importa quanto gane, acertou na loteria. Mesmo empregado, o brasileiro é um infeliz. Pergunte ao bancário que passou 20 anos atrás de um caixa, ao ascensionista que passou 30 anos dentro de um elevador, ao porteiro que passou 25 anos dentro de uma gatola? Viveram? Conheceram suas famílias? Divertiram-se? O trabalho deveria dar prazer e sustento ao homem e a sua família. O salário que não cobrisse as necessidades básicas do cidadão deveria ser completado pelo Estado. Aqui, porém, a abençoada classe média não consegue viver do seu salário e ainda paga impostos que lhe são roubados na fonte. Com o que não tem que lhe é retirado da fonte. É claro que poderíamos nos queixar à Justiça, mas os juizes estão sendo caçados pela polícia ou estão concedendo habeas corpus para Lulões ou, finalmente, estão desaperiguados porque podem ser mortos de uma hora para outra.

6 O PT parecia o exército de Atila em direção à Roma. No caminho, porém, os soldados entraram na casa de um patricio para tomar um cafezinho, casaram com a filha de outro patricio, tornaram-se sócios de outro, passaram a torcer pelo mesmo time e quando chegaram a Roma já eram romanos convictos. O PT quando chegou a Brasília já era neoliberal desde criança. Eu me iludi. Um dos dias mais felizes da minha vida foi o dia da vitória de Lula. Escrevi um comovido artigo aqui mesmo nesta página, lembrem? Hoje faço um desafio a Lula e ao PT. Se seu coração é sincero, se vocês não mudaram, porque o presidente não vem à televisão e diz:

7 "Aumentamos as alíquotas, demos um aumento ridículo aos aposentados, aumentamos o tempo de trabalho, estamos fazendo cortes na área social do orçamento porque assinamos um contrato com Washington, como o fez Fernando Henrique, só que esquecemos de avisar a vocês. Por isso temos um ex-presidente do BankBoston no Banco Central, por isso vamos privatizar o Banco Central e por isso vamos aceitar uma base espacial americana em Alcântara, Maranhão, sem ao menos perguntar o que eles farão em segredo dentro do 'nosso' território. O que vocês acham? Vamos deixar que nos estuprem? Devo cumprir a promessa que fiz a eles ou a promessa que fiz a vocês?"

Mas Lula não diz nada, aliás, diz sim, a mesma coisa que o meliluo e clínico FHC dizia: "Esqueçam tudo o que eu disse". Só não diz com essas palavras. Diz: "eram só bravatas". De qualquer modo, como bem o disse Cláudio Rossini recentemente, espero que, agora, recebendo ordens de Washington, Lula entenda o que Brizola queria dizer com "perdas internacionais".

8 Como a imprensa brasileira, a maioria dos nossos intelectuais e políticos dança conforme a música tocada por Washington. Agora que este Egípcio lampiinha-Bush - invadiu o Iraque e numa para a Síria, Jordânia, Jd, Coreia do Norte, era preciso encontrar um vilão. Estava na hora do vilão entrar em cena, e ele entrou: o sanguinário Fidel Castro. Este ditador (o único, pois jamais chamaram qualquer outro de ditador) ouso, em sua terra, sem pedir licença a ninguém, condenar à morte três agentes da CIA que pretendiam seqüestrar um barco de passageiros para Miami e condenar até 25 anos de cadeia duas dezenas de intelectuais e jornalistas. Em princípio sou contra a pena de morte, mas me espanta o espanto dos coleguinhos. Afinal de contas, ele já mandara executar um homem do primeiro escalão, seu amigo, quando soube que mexia com drogas. No Brasil matamos pelo menos três presidentes, alguns senadores, vários deputados, um número enorme de prefeitos e incontáveis jornalistas sem que nada acontecesse, sem que ninguém, com exceção do repórter da Globo (o Tim Lopes), se estivesse. Na Rússia mataram um milhão, more uma criança a cada hora no Brasil e isso não tira o sono dos nossos intelectuais. Afinal de contas, o que queriam que um país que sofre um embargo cruel dos Estados Unidos (e por consequência, de todos que restam pela sua cartilha) fosse? O que queriam que fosse um país que sem petróleo, sem nossos recursos naturais, tem o melhor serviço de saúde pública do mundo ficando ao ver seu sistema comunista ameaçado? Que abrisse as portas aos americanos? Que desse uma medalha aos quinta colunas e aos agentes da CIA? Achavam que Cuba era a casa de Papai Noel no Pólo Norte? Honestamente, às vezes, tenho a impressão de que nossos intelectuais querem iniciar uma campanha chamada Ajude a CIA a transformar a ditadura cubana numa democracia como a do Paraguai. Também pode ser Brasil, Argentina, Bolívia e catetera.

9 Tão hipocrita é a política externa norte-americana desde sempre que em 1943 Hollywood produziu um filme, excelente, por sinal, a pedido do Departamento de Estado. No filme, Walter Huston, pai de John, faz o papel de um diplomata americano que viaja pela União Soviética durante os primeiros anos de Stalin e elogia o sistema socialista. Chega a apresentar os julgamentos sumários de Stalin como legais e absolutamente corretos. Numa bela recepção numa embaixada Stalin confidencia ao diplomata americano que, embora discordem na execução das suas respectivas políticas, na essência ambos os governos só querem o bem do povo. O grande vilão, alem de Hitler, Mussolini e Hiroito, era Trotsky. Este filme mentiroso foi feito para explicar à opinião pública porque os Estados Unidos eram aliados da odiada URSS que desapareceu de circulação com o início da Guerra Fria e só voltou a circular depois de a Rússia ter se transformado num bordel. Os Estados Unidos matam crianças diariamente em Cuba por falta de remédios, pois os laboratórios que ousarem negociar com a ilha sofrem sanções econômicas terríveis e, quando estrangeiros, ficam proibidos de exportar seus produtos para os Estados Unidos.

10 Soube agora que existem duas universidades na ilha de Fidel. Pelo menos têm opção, o que não acontece com muitas crianças pobres do Nordeste que recebem senhores que vêm em vôos fretados da Europa e dos Estados Unidos especialmente para gozarem das delícias da pedofilia oferecidas pelo nosso sistema democrático. Como dizem os irmãos Caruso, tem McDonald's em todo mundo, só na Ilha do Fidel é que não tem.

faustowolff@terra.com.br

PS - Parabéns a Ney Srulovitch pelo belíssimo artigo no O Globo.

Fausto Wolff

O LULA AINDA ESTÁ LÁ?

Se houvesse ocorrido depois da posse de Lula um processo revolucionário governamental em andamento ou até poderia estar de acordo com o sr. Yakov Sarkisov (que não conheço) e aceitar a premissa de que os filmes que tratem de questões sociais tivessem a preferência na ordem das subvenções. É claro que prefiro um filme como *Carandiru* ou *Cidade de Deus* a tentativas de transformar o nada em arte via Beckett ou Andy Warhol. Não existe texto sem contexto e um processo revolucionário comunista que visse no homem e na sua teledicção o fim que lhe dá significado naturalmente teria de contar com um cinema revolucionário. Ocorre que o governo, infelizmente, já disse a que veio. Veio para obedecer às ordens do FMI, que quer uma Previdência confiável, um mínimo de leis sociais que beneficiem o trabalhador e o máximo de privatizações e negociações. Nessas *soi disant* negociações o trabalhador entra com o pescoço e o empregador com a foia. Na melhor das hipóteses, fundo de garantia no bolso, o patrão manda o trabalhador se queimar na Justiça, pois sabe que a Justiça ou está fugindo da polícia, ou está vendendo haberes corporis, ou está fugindo dos latrões. Já estou ouvindo o diálogo de jornalistas no exterior:

— É como vai o Brasil?
— País interessante. Elegeram um governo comprometido com a economia, que é adorado pelos americanos. De esquerda mesmo parece que só tem o Ministério da Cultura.
— Muito bizarro. O governo é neoliberal e o Ministério da Cultura é comunista. Mas alguma coisa?
— Algo chamado Fome Zero que ainda não entendi se é um programa de caridade ou uma campanha de publicidade. Pode ser que o governo queira financiar o Fome Zero com o dinheiro que tirará dos funcionários públicos aposentados que passaram oito anos sem receber aumento. Realmente não há dialética tão elástica que possa resistir a esses absurdos, principalmente se lembrarmos que o presidente da República é aposentado desde os 38 anos de idade.

• Ainda no terreno do cinema brasileiro (o melhor é muito bom embora algumas vezes esqueçam-se de apresentar o áudio ao vídeo, pois carecemos de bons engenheiros de som) sou absolutamente contra as subvenções particulares que são deduzidas integralmente no imposto de renda. Grandes transnacionais posam de Mecenas quando em verdade não estão fazendo nada, uma vez que o dinheiro que aplicam num projeto cultural deixará de ser pago ao governo ou (caso fôssemos um país sério) ao povo. Isso para não falar da propaganda gritis que as empresas "bondosas" recebem em cada nota de jornal que notícia o evento "financiado" quase sempre para os mesmos beneficiários. Quem deve dar apoio financeiro, programático, logístico ao nosso cinema é o governo. Esta é a sua função. A função da empresa pri-

vada é pagar os impostos em dia e não subornar fiscais. Se fôssemos um país sério o que o governo deveria fazer nesse setor seria estabelecer um limite para a entrada de lixo cinematográfico americano que aliena os cidadãos, vulgariza a linguagem e incentiva o crime e a violência. Em contrapartida, bastaria uma penada, o governo poderia assegurar o direito preferencial de acesso do cinema brasileiro no mercado interno e garantir a terceirização da produção televisiva. Depois disso, se algum dia (não perdi totalmente a esperança) o PT voltar às suas origens — vá lá, socialistas — o cinema brasileiro poderá ajudar grandemente na revolução como o fez o neorealismo em relação ao povo italiano. Criei que todos os grandes filmes do neo-realismo — *Palid*, *Roma*, *Cidade Aberta*, *Ladrões de Bicicleta*, *Milagre em Milão* e dezenas de outros — custaram menos que a produção de um novovelo como o *Titanic*. Por outro lado é difícil acreditar num cinema como o nosso, que usa os pésimos atores e atrizes de televisão cuja importância está na carinha bonita. É duro ver um guri, barba por fazer, cheio de trejeitos, dizendo para a câmara:

— Sei lá, cara. A produção foi legal e o diretor genial. O personagem vai crescer dentro da gente e então ocorre o processo... o processo... hm... hm... hm... o processo. Válido, cara, muito válido. Sei lá cara, é o maior barato. E esses debates mentais falam como se fossem semideuses macaqueando outros idiotas americanos que, porém, se preparam para dar uma entrevista e evitar muitas bobagens.

• Excelente o artigo de Sérgio Augusto no último P27 sobre as teorias do professor Neil Postman que, na contramão dos pedagogos moderninhos, afirma que é preciso dizer não às crianças de vez em quando e de que as escolas não deveriam ser apenas um campo de treinamento básico para um emprego futuro. Quer escolas que criem humanistas e não garotos mimados de Wall Street. Infelizmente, Sérgio Augusto não tocou na relação pais-professores, pois sem esse diálogo a escola pode ser traumática, uma cicatriz em brasa que pode nos acompanhar pelo resto da vida. Segundo Postman as crianças devem aprender a se defender e a se integrar nos diversos grupos. Ora, há crianças que não conseguem se integrar: as tímidas, as que falam errado, as que vieram do interior, as muito altas ou as muito baixas, as vítimas de choques culturais ambulantes. Filho de camponesa e barbeiro aprendi a ler sozinho antes dos cinco anos. Impressionado, o diretor do Colégio Batista Ame-

ricano, um dos mais conceituados educandários de Porto Alegre, deu-me uma bolsa de estudos e logo no primeiro ano vi que não estava na minha turma. Os meninos e meninas eram elegantes e meu uniforme de brim vagabundo destoava dos deles. Durante o período natalício fui apresentado a uma coisa chamada Amigo Oculto: Eu teria de comprar um presente para um menino e receberia também um presente. Meu pai, que lutava para sobreviver e sustentar a família, não teve dúvidas: comprou uma caixa de seis lápis de cor. Eu, por minha vez, recebi um brinquedo caríssimo (um patinete, se não me engano) mas o garoto que recebeu os lápis de cor não ficou nada satisfeito. Andou me caçando por todo o colégio chamando-me de pão duro e outro epítetos. Arranjei tantas brigas com alunos e professores que meu pai decidiu tirar-me do colégio das crianças ricas e matriculou-me no Grupo Escolar 1º de Maio, estadual, onde aprendi 90% do que sei até hoje. Eu simplesmente não podia integrar-me num grupo que não era meu, onde era um estranho no ninho. Entre as crianças pobres como eu, a integração foi imediata. Até hoje quando me perguntam sobre as vantagens de colocar uma criança pobre num Santo Inácio ou num São Vicente, respondo: "Melhor pegar um garoto de uma escola cara e colocá-la numa pobre. Enquanto ela aguentar, verá que existe um outro mundo além do dela, o mundo real!"

• Insisto em dizer que o povo brasileiro não é violento, principalmente o carioca que tenta ser gentil, bem educado e está sempre atrás de algum trabalho para fazer alguns trocados. Um exemplo do espírito carioca: um homem negro de seus 40 anos, 40 graus à sombra, no meio de um caminhão de lixo, suando baldes. O caminhão pára e ele dá de cara comigo que recém-tomara um banho e sala de casa. Deu-me um balta sorriso e disse: "Pois é doutor, por que é que eu fui estudar para essa profissão?" Antes da ditadura oficial, eu costumava ir aos botiquins apenas para ouvir o povo falar e aprender com ele. Trinta anos de ditadura, Sarney, Collor, Fernando Henrique e mais a TV Globo, é natural que se alienasse e perdesse a identidade cultural e se transformasse como todos num filho do medo e da ignorância. O povo carioca foi levado ao último canto do desespero, onde não há mais para onde recuar senão para uma cova. O povo carioca foi levado às últimas consequências. Políticos corruptos, industriais corruptores, banqueiros ladrões, donos de planos de saúde cruéis, juizes vendidos e imprensa sócia do poder criaram a violência que testemunhamos. E, infelizmente, trata-se de uma

violência de direita, uma violência não revolucionária que quer o status-quo pois se dá melhor num país onde a lei é uma piada e a Constituição uma coisa como trem da Central: sempre cabe mais um. Tratado como cachorro desde a infância, os mais inteligentes, aqueles que não querem ser flanelinhas, nem pedir esmolas, nem vender laranjas e lenços de papel nos sinais de trânsito, passaram a morder. E a classe média, sem outra ideologia senão a de sobreviver, está estupefata e pede paz. Infelizmente, pede para as pessoas erradas. Deveria pedir paz para Antonio Carlos Magalhães, José Sarney, Malan, Meireles, enfim a todos aqueles que levaram os pobres a delinquir. Esses são os verdadeiros assassinos. Cada vez que os deputados aumentam seus salários estão matando alguém. Cada vez que se arquivava um processo como o dos grampos, está se matando alguém. Cada vez que se diminui a aposentadoria de um trabalhador honrado, está se matando alguém. Toda vez que se permite que os preços subam sem qualquer controle, matam-se famílias inteiras e eu poderia traçar um corredor de sangue que acabaria no Palácio do Planalto ou na sede do Itaipu, que juntamente com o Bradesco e o Banco do Brasil, teve lucros acima de 700% apenas com o aumento do preço dos serviços. Roubo 1000. Fome 1000. E a fome continuará neste patamar enquanto a comida não for cobrada dos que tem dinheiro demais. Tanto que não acaba em nossos bancos e acaba na Suíça, Calimã, Ilhas Jersey, Miami.

• E não precisava ser assim. O fim do seu primeiro mandato em 1986, Brizola e Darcy Ribeiro, auxiliados pelo talento de Niemeg, haviam erguido 200 Cieps, o que significava 100 mil crianças pobres fora das ruas das sete da manhã às sete da noite, com três refeições, banho, médico, dentista, esportes e integração cultural. Mais do que aprender a ler, a escrever, a ter cuidados com o próprio corpo, as crianças aprendiam quem eram, tornavam-se cidadãos, descobriam seus direitos e seus deveres. É claro que num sistema que vê o lucro como o bem supremo, um povo inteligente, crítico, independente, seria o pior que poderia acontecer. Um povo inteligente e informado não compraria suas porcarias, não se deixaria enganar. Então descobriram que os Cieps eram muito caros, que as professoras ganhavam mal, que brizola queria aparecer colocando os prédios à beira das estradas (idiotas, isso foi discutido e os prédios apenas ficavam à beira das estradas pois o acesso era mais fácil para os alunos), que o ensino era péssimo, que os professores criavam comunistas. Isso não é verdade mas não teria sido uma má ideia. E surgiu Moreira Francamente Moreira, o genro de Amaral Peixoto, que por sua vez era genro de Getúlio. O ex-marxista é algo que não passa pela minha cabeça) acabaria com o crime em seis meses. Acabou. Isso sim, com os Cieps, com o turno único, e a violência voltou a crescer. Aquelas crianças às quais negamos os Cieps em 86 hoje estão com mais de 20 anos. Talvez estejam com um revólver na mão. Talvez não.

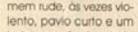
PS — Meu caro Lula, você já ouviu falar em Karl Marx, em Friedrich Engels ou pelo menos em Luiz Carlos Prestes? Ó, Lula, Lula Lula. Não estou te ouvindo Lula. Lula!!!

faustowolff@terra.com.br

FAUSTO Wolff

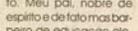
A ESQUERDA APOMINÁVEL DO HOJEM TORRADO!

Algumas palavras estão tão grudadas à minha pele que se confundem com ela e se atma houver é lá na consciência da alma que se nutrem diariamente de energia. Meu pai era torcedor do príncipe de Braunschweig Wolfenbüttel. O príncipe perdeu tudo o que tinha - dinheiro, terra colonos - na Revolução Farroupilha, durante a qual morreu. Seus filhos se dispersaram pelo Rio Grande do Sul. O tio avô do meu pai se deu mal e ele, meu pai, perdeu o molo logo depois de nascer, em 1939, e foi criado, de favor, por parentes. Criou-se como cavalo ucrão; valente e se cavalo tem honra, a dele é o de nunca ter sido montado, de jamais terem conseguido quebrar a sua alma. Era um homem tudo, às vezes violento, pavio curto e um belo coraçãõ. Isso tudo eu contei em meu romance *A Mão Esquerda*, editado pela Bertrand, editora que hoje faz parte da grupo Record, e deve estar entrando para a quarta edição. Foi meu pai que me disse, a seu modo, estas palavras que não me abandonariam mesmo quando eu quisesse, pois fazem parte do meu todo. Assim, como ninguém pode viver sem respirar eu não posso viver sem elas.



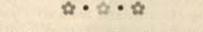
A primeira delas Shakespeare colocou na boca de Mowbray em *Macbarrã*: "Minha honra é minha vida; meu futuro de ambos depende. Será um homem morto se me privarem da honra." Mais tarde leio no prólogo da 1ª parte do *Quijote*, de Cervantes: "A honra pode té-la o pobre mas não o viciado. A pobreza pode anular nobreza mas não obscurecê-la de todo." Cervantes e Shakespeare, o maior romancista e o maior dramaturgo de todos os tempos, moram no mesmo dia e já jamais ouviram falar um do outro. Ambos eram pobres e ambos eram cultíssimos e nobres de espírito. Meu pai, nobre de espírito e de fato mas barbaresco de educação elementar, me falou sobre honra de modo mais tolo quando soube que eu roubara um tibi da banca de jornal. Depois de me dar uma surra, disse: "Homem que é homem não rouba, não mente e não trai. Homem que faz isso pode ter até uma boa vida mas será uma boa vida sem honra e viver sem honra é como estar morto. Trindão, mentindo e roubando você poderá até enriquecer mas todos sabem que você não passa de um mentiroso, de um ladrão e de um traidor."

Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

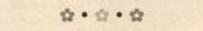


Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

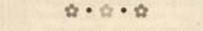


Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

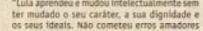


Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

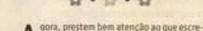


Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

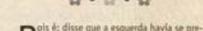


Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

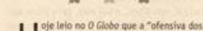
Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.



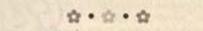
Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.



Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.



Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.



Princípio fazer o que eu vejo, recomendar de modo rudo sutil e na medida em que o tempo passava mais me dava conta de que não poderia viver sem honra. Talvez, além da minha falta de talento para qualquer outra atividade, tenham sido as palavras do meu pai que me conduziram ao jornalismo, a profissão mais bonita do mundo: denunciar a verdade por trás da realidade imposta pelos homens sem honra. Hoje estou com 63 anos e 48 de jornalismo. É claro que escrevi coisas das quais hoje me arrependo mas juro a vocês que quando escrevi acreditava que fossem verdadeiras. Outras vezes escrevi verdades que não precisavam ser ditas pois não beneficiariam a ninguém e prejudicariam a uns poucos. Isso devo ao queridíssimo tenebrário da juventude. Mas não tral me pai em momento algum.

PS: Caro Lula, sei que Lênin saiu de moda no PT, mas quando esta frase dele que o valente Heitor da Silva deve ter no coração, **"O homem inteligente é aquele que comete pequenos erros ao longo de sua vida, mas é capaz de reconhecê-los, aprender com eles e assim evitar os grandes erros"**

INFERNO É NA ESQUERDA!

Foi chocha a festa do nosso Sete de Setembro. Tão chocha quanto o grito original que nos afastava de Portugal mas mantinha os brasileiros como cidadãos de segunda categoria. Longe do povo, Lula bocejava, longe de Lula, Maurício Corrêa bocejava e bocejava também o vice José Alencar, do PT, a esquerda de Lula. Herculio Polini costumava dizer que estudando os detalhes, as peças avulsas, conseguimos ver a totalidade do quadro, ou seja, do crime. O detalhe: na esplanada em Brasília durante a 'Festa' militantes do PT ventavam bandeiras do Brasil com ordens e progresso escrito em azul em vez de verde, como deve ser. Foi distração - concordou - mas uma distração que diz muito sobre o conceito de pátria - aquilo que faz do japonês um japonês e não um coreano. A pátria é composta de pessoas que habitam o mesmo espaço geográfico e refletem uma cultura particular. Ainda bem que não apareceu ninguém com a verdadeira bandeira do Brasil. FHC entre estrelas e listras. Embora usada como desculpa contra um golpe que seria dado por uma dúzia de comunistas (hoje, sabe-se, o número diminuiu), a verdade é que a idéia de pátria caiu de moda desde 1964. Pátria virou o lugar onde está o dinheiro.

Pobrezinha da minha pátria tão bonita e tão maltratada: virou puta, coitadinha; todo mundo quer comê-la, tirar um pedacinho e se alguém se dissar patriota como o José Rainha, presidente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, acaba em presídio de segurança máxima em São Bernardo, ao lado de Ferdinando Beira-Mar, mas sem tratamento cinco estrelas. Minha pátria, o Brasil, virou mulher-dama do FMI. Caiu na zona. Houve um pasteleiro chinês que quis ir para Miami. Foi preso no aeroporto com 30 mil dólares sucos e acabou torturado e morto não para dizer onde havia arranjado o dinheiro, mas por não querer dar o dinheiro aos policiais. Pobre chinês que não tinha um Silveirinha ou um Safra para aconselhá-lo. Voltando ao assunto...

Quando Lula se elegeu vivi um dos dias mais felizes da minha vida. Acreditei que ao mudar seu discurso socialista-incendiário ele atrairia a classe média que, por sua vez, fizera a cabeça do povo que ainda conseguia pensar. Era difícil acreditar que havíamos vencido os ladrões internos e os externos, os senhores do Consenso de Washington, Fiquel de pé tão estáis, com tanto medo de dar colher-de-chá a malandro que escreveu um artigo alertando à nossa esquerda (PT, PcoB, PDT, PSB e, vá lá, PPS) que não fosse com tanta sede ao pote; que não permitisse a presença de falsos radicais que quisessem transformar Brasil em Cuba de uma hora para outra. Lembrei o caso de Allende, que sofreu com a direita infiltrada no MIR, assustou a burguesia, que chamou os marines há muito ancorados no porto. Não, Deus nos livre, eu não queria nada disso. Para a oposição chegar ao poder no Brasil foram necessários 39 anos! Foram muitos os mortos, torturados, desterrados. Tivemos que honrar as memórias de Henfil, Luís Carlos Prestes, Getúlio Vargas, João Amazonas, Lamarcá, Gregório Bezerra e de tantos mártires. Não dariamos bandeira; iríamos organizar nossa democracia com ordem, dentro da lei maior, aquela que diz que todos são iguais perante a lei.

Pensei honestamente que no dia 7 de setembro estaria festejando a anulação da dívida com o FMI, que foi paga há muito tempo, mesmo porque foi contraída pelos usurpadores do poder colocados no poder pelos americanos. Pensei que no dia 7 de setembro estaria festejando a inauguração de Centros Integrados de Educação Popular por todo o Brasil, com crianças estudando, se alimentando, cuidando da saúde física e mental das 6 da manhã às 18 horas. Pensei que estaria festejando a reforma agrária promovida com o dinheiro dos sonegadores (de 1954 pra cá já saíram ilegalmente do país mais de 400 bilhões de dólares) e a reestatização das estatais roubadas ao povo. Sonhava, é cla-

HOMENAGEM ÀS TORRES



ro, com a prisão de corruptos e corruptores, mas isso eu não escrevi, pois ficaria para um segundo tempo. Afinal de contas, o PT vinha se preparando para assumir o poder com os mesmos homens desde 1990 e a vitória esmagadora de Lula lhe permitia tomar atitudes socialistas, dar os primeiros passos para acabar com a miséria, o analfabetismo, a fome, o desemprego, a nepotismo, o loteamento político e o entreguismo que age através das transacionais que do Brasil só querem subsídios, mão-de-obra barata e leis que favoreçam o escoamento de capital. E se alguém fizesse cara feia, o nosso Lula iria para a televisão (uma concessão governamental) e pediria o apoio do povo que o elegeu. É isso mesmo, pessoal, dia 7 de setembro eu queria estar na avenida cantando, estandarte na mão, para anunciar: "Já pedelis da pátria, filhos, ver contente a mãe geneti, já raiou a liberdade no horizonte do Brasil". Se o PT tinha algum plano de governo era o da obediência ao FMI, o mesmo plano iniciado com tanta tenacidade e levado a cabo com brio por Fernando Henrique Cardoso, o maior delinqüente que este país já conheceu... até agora.

A verdade é que com a exceção de raríssimos países - os escandinavos, por exemplo, cuja função primordial

é tratar do bem-estar dos seus cidadãos -, não existe no mundo uma verdadeira oposição, principalmente depois do fim da União Soviética e o sucateamento do Leste Europeu. Trata-se de oposição entre iguais como os partidos Democracia e Republicano nos Estados Unidos. Em verdade, ninguém quer mudar política alguma. Estar no poder significa apenas poder roubar muito mais do que se pode roubar na oposição. Os ricos não brigam entre si e por isso ficam mais ricos. É tudo uma trágica farsa encenada para enganar idiotas como eu e vocês. Nós que estamos desempregados e famintos, nós somos o povo que sustenta essa cambada. Somos os palhaços da platéia. Hoje Alencar reclama da alta dos juros, Lula dá um puxão de orelhas no Corrêa, Greenhalgh diz que vai processar governo, Delfim elogia, Ermirio também. E os jornalistas anotam esses jogos de cena como se significassem alguma coisa.

É preciso tirar o chapéu para o poder. Ele não nos deceptou: corrompe sempre. A peça é sempre a mesma e o diretor, o grande capital, é sempre o mesmo. O que muda é o elenco: de 1964 a 1985 tivemos o western militar. Desmoralizado o western militar, vimos a comédia das indiretas. Não houve um só dia de governo nos cinco anos de corrupção de Sarney, hoje um dos grandes aliados do PT. Em segui-

da, depois daquela até hoje não explicada atuação de Lula (estaria no script?) tivemos o espetáculo surrealista-tóxico-psicopata de Collor e finalmente a burlesca para validade, esibicionismo e fome (nós no papel da fome) cujo roteiro era privatizar tudo e conseguir o milagre de aumentar o custo de vida em milhão por cento com uma inflação de cem por cento. Enquanto isso os jovens burgueses 'revolucionários-esquerdistas' em torno de Lula, o ator principal, iam enriquecendo. Mostrem-me-vossas contas bancárias para que eu possa acreditar em vossos corações limpos. Em Brasília, a filha da maga Circo, que transforma homens em porcos, não viamos deputados de esquerda bebendo nas mesmas mesas que os de direita, mulheres de senadores de esquerda no mesmo cabeleireiro das mulheres dos senadores de direita; os filhos da esquerda amiguinhos dos filhos da direita. A esquerda, o governo do povo, passou a ser um sonho em que nem eles mesmos mais acreditavam. Mas que diabos, é possível ganhar as eleições, basta obedecer o mesmo patrão dos militares, do Sarney, do Collor e do FHC. E assim foi feito.

Comecei a desconfiar com aquele negócio do programa Fome Zero. Aquela subdramática manobra de levar ministros para conhecer a fome. Apresentada a fome aos ministros eles não quiseram mais saber dela. Não que quisessem acabar com ela, mas apenas distanciar-se dela até as próximas eleições. Não tive nem tempo de ficar chocado, pois em seguida veio a reforma da Previdência golpeando os aposentados mas privilegiando os altos salários dos magistrados, que chegaram a entrar em greve (fato inédito no mundo), pois a grana ficou mais alta - e Lula botou o bonê. Depois veio o abaixar as calças para a Aíca, cujo sócio-majoritário são os Estados Unidos - e Lula foi tocar violino. Depois surgiu o orçamento, onde os cortes maiores foram na área social - e Lula olhou a bunda da dançarina do Tchan. Depois veio a reforma tributária que abre ainda mais o portão para os sonegadores mandarem dinheiro para fora do Brasil - e Lula disse que jamais foi de esquerda e fica com raiva de quem o chama de esquerdistas. Depois suspenderam os únicos deputados e senadores do PT que ainda se lembravam do programa político do partido e, com todos os diabos, espero que isso também não faça parte do script: Depois tentaram abafar o escândalo do Banestado - e Lula foi jogar futebol com uma porção de adultos que acham que governo nunca opôs demérgos. Depois o PT tirou da pauta do Congresso o presente de FHC aos americanos, a Base de Alcântara - e Lula deu uma festa de 300 mil dólares na CUT. Depois explodiram a base de Alcântara e a primeira informação foi a de que seria impossível descobrir as causas apesar dos vários navios americanos ancorados na Baía de São Marcos e apesar do inusitado número de turistas americanos para a época do ano. - E Lula deu um beijoinho em dona Maria. Quando filhos e viúvas dos revolucionários do Araguaia quiseram saber onde estavam os corpos sem sepultura, Lula botou um pedaço em cima. E, finalmente, O Globo e todos os homens ricos do país apoiou Lula. Tanto aplaúm que o PMDB - depois de acertar quais os ministérios que receberia e quais os cargos que redistribuiria - voltou ao poder tendo à frente Sarney e Eunício, o genro de Páez de Andrade, o homem que ficou bilionário em 15 anos com a privatização e a terceirização do serviço público. Lula realmente conseguiu um milagre. É a primeira vez desde o fim da II Guerra Mundial que um governo governa sem oposição (ou alguém quer me convencer que o PSDB de FHC e o PFL de ACM não estão como o diabo gostava?) Trata-se do Poder contra o Povo. É isso Lula, lá nave vo, como você diz, tem comandante. A questão é: dove vai lá nove? O inferno é na esquerda.

PS: Muito bem, meu caro Lula, você ainda não disse para esquecer tudo o que você declarou nos últimos 10 anos. Você não fez nada pelos pobres e tudo pelos ricos, você ainda fé. Está certo, eu continuo tendo fé, mas que estou me achando meio idiota, ah lá isso estou!

Fausto Wolff
faustowolff@terra.com.br

CRONACA FAMILIARE (*)

Meu irmão Urbano foi o melhor ser humano que conheci. Foi também a pessoa que mais amei na vida. Era seis anos mais velho do que eu e de profissão vendedor.

Trabalhava para uma multinacional e recebeu todos os prêmios que algum vendedor poderia almejar. Tinha uma mesa em sua casa modesta coberta de estátuas, medalhas e faixas. Apesar disso jamais o convidaram para vir ao Rio de Janeiro, jamais lhe deram um prêmio em espécie. Tal qual o Willy Loman de *A Morte do Caixeiro Viajante*, de Arthur Miller (uma das duas tragédias escritas por um americano; a outra foi *Longa Jornada de um Dia*, por dentro do *Rolfe*, de Eugene O'Neill), envelheceu esperando uma recompensa. Quando achava que seria promovido aparecia um garoto dos Estados Unidos – seu chefe – a quem ele ensinava tudo e que depois de alguns anos voltava à matriz. Meu irmão, que sempre me apoiou em minhas aventuras teatrais e jornalísticas, era um homem simples, um bom pai de família casado com uma professora. Tinha duas filhas, duas do adoçado, depois de mais de vinte e cinco anos de firma, deram-lhe um pé-na-bunda e um relógio folheado a ouro. Isso não o tornou uma pessoa amarga. Partiu para outros empreendimentos que naturalmente fracassaram por fracassarem os empreendimentos de qualquer microempresário honesto. Achava estranho eu ser comunista, pois acreditava no sistema. Acreditava como hoje em dia acreditam, por exemplo, os motoristas de táxi que trabalham 16 horas por dia e se irritam quando vêem um menino fazendo malarbismos com laranjas no meio da rua para ganhar alguns trocados: "trabalhar, esses vagabundos não querem". Como se ter um emprego no Brasil fosse uma questão de querer. No Brasil quem trabalha é escravo e quem não trabalha é miserável ou corrupto. Mas meu irmão Urbano acreditava no sistema como Willy Loman, o vendedor de selas de cavalo, acreditava no *American Way of Life* e morreu quando o filho do dono da firma que ajudou a criar o mandou embora com um relógio folheado a ouro. Meu irmão morreu de câncer aos 61 anos.

Não creio, porém, que tenha sido o câncer o maior agente provocador da sua morte. Certa vez, tentando vender seus produtos pelo interior do Rio Grande do Sul, entrou com seu carrinho numa estrada secundária. Numa curva, um menino de quatro anos soltou-se das mãos dos seus pais camponeses e surgiu a frente do carro do meu irmão e morreu na hora. Os pais do menino o absolveram imediatamente e na delegacia quem mais chorava era o meu irmão. Enquanto viveu mandou dinheiro todos os meses para o casal. A morte deste menino o transformou. Tornou-se um homem calado, taciturno, triste, muito triste. Quando alguém lhe falava no assunto lágrimas brotavam espontaneamente dos seus profundos olhos azuis. Jamais se perdoou por um crime que não cometera. Vivia se perguntando: "que idade teria o menino hoje?", "o que estaria fazendo se eu não tivesse me metido por aquela maldita estrada". Para homens honestos – e existem muitos no Brasil, apesar dos nossos políticos, dos nossos banqueiros, dos nossos latifundiários, dos nossos homens de negócios – a morte é um tabu. E foi assim que vi meu irmão ir definhando – cargas gigantescas de quimioterapia – até tornar-se um velhinho careca de trinta e poucos quilos. Quando não havia mais esperan-

ças sua mulher e filhos decidiram acabar com o tratamento. Sua mulher do qual ele foi o primeiro namorado, disse-me: "Quero ver meu marido bonito como sempre foi no tempo que lhe resta de vida". Ele voltou a engordar e morreu bonito, cercado pela família. Eu que sou um covarde que não suportava dores morais – imagine as físicas – teria gritado, implorado, chorado e talvez até mesmo me suicidado. Ele morreu como viveu: acreditando na vida. Para ele lhe bastaram os filhos, as duas viagens que fez ao Rio de Janeiro e uma à Alemanha – a grande aventura da sua vida – como assistente-técnico do time de handebol da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo. Antes de morrer me disse: "Fui um homem feliz e além disso me realizei vivendo tudo o que você viveu". Pobre Urbano: tinha orgulho de irmão mais moço, o jornalista mais estigmatizado do Brasil. Mas isso eu não lhe contei pois ele não entenderia como um homem que lutou tanto para escrever jornais e nas grandes redes de TV.

Lembrei-me do meu irmão Urbano e do mais velho, Ovídio, que trabalhava de dia e estudava de noite para formar-se advogado e acabou se formando com mais de 40 anos, o único doutor da família depois de muitas gerações. Morreu de câncer aos 47 anos. Lembrei-me porque no dia 1º de novembro vai se casar minha sobrinha, Karina, filha da minha irmã caçula, a Sarinha. A mais jovem foi também a última a casar. São todos meus filhos, como as minhas duas filhas. Não vou poder ir ao casamento porque não tenho dinheiro para a viagem até Lajeado, no interior do Rio Grande do Sul. Pensei muito nisso tudo ontem à noite e custei a dormir apesar das cinco ou seis doses de usque. É chonei. Chorei por meus dois irmãos que se foram, chorei pelo que fizeram do nosso país e chorei principalmente por mim pois, como creio que já escrevi aqui, a vida do homem ignorante e eu sou um homem ignorante, se resume em validade e autoridade. Comecei a pensar na morte e compreendi profundamente a tristeza do Urbano depois do acidente. Matar alguém – mesmo que acidentalmente – transforma o homem para sempre. O homem que mata transgrediu o tabu que ainda se mantém como mais forte da humanidade. Tirar a vida de um homem é tirar a vida de um deus. E senti-se pária como Cain, o marcar na própria testa, dentro do próprio coração, uma marca que dói para sempre; que nos distingue pra sempre dos outros homens. Se o homem não existisse quem poderia criar algo mais maravilhoso capaz de enunciar mais pensamentos num momento que todos os computadores do mundo, capaz de escrever peças como Shakespeare, filosofias humanistas como Marx, romances como Cervantes, esculturas como Rodin, quadros como Van Gogh, poesias como Mário Quintana, sinfonias como Mozart, filmes como John Cassavetes. Esses homens que não cetera ao acaso aproveitaram a vida que lhes foi concedida e a louvaram através da sua arte. Se existe algum deus além do homem, esses que citei certamente quando chegarem

diante dele puderam dizer com orgulho: "Eu fiz a minha parte". E entretanto Shakespeare morreu pobre e quase nada se sabe além disso da sua vida; Cervantes quase morreu na prisão, aliás no mesmo dia em que Shakespeare, embora jamais houvessem sabido da existência um do outro; Marx morreu na mais extrema penúria num quatinho de um balno pobre de Londres; Rodin morreu de frio esmolando ao governo um lugar para morar; Mozart morreu numa vala comum; Van Gogh enlouqueceu e se suicidou; e Mário Quintana morreu pobre num quarto de hotel, despesas pagas por amigos. Por duas vezes esta feia senil de valdades burguesas que é a Academia Brasileira de Letras (onde estão Sarney, Maciel e Paulo Coelho) lhe negou o ingresso. E Quintana, que pouco se importava com as glórias do mundo, queria mesmo era o jeton que os acadêmicos recebem para viver um pouco melhor. Finalmente, Cassavetes morreu jovem e estigmatizado por Hollywood por querer fazer filmes que falavam da vida, do homem e de como é ser homem e estar no mundo. São seres como esses que dão um sentido à vida e não os reis, os generais, os presidentes, os tiranos de um modo geral. Os verdadeiros heróis – como Jesus Cristo, cujo mais belo milagre foi sacrificar-se pelo deus – são loucos depois que estão definitivamente mortos; depois que os canibais têm certeza de que não retornarão.

E foi pensando na morte que cheguei à conclusão de que em momento algum da humanidade a vida foi tão desvalorizada. Jamais a humanidade se apresentou como se apresenta hoje: como uma patética meretriz, chela de lantejoulas, rindo o riso fácil dos mercadores. A maior parte da humanidade hoje em dia não vive para a vida, para o milagre que é a vida, mas vive apenas para evitar a morte. E jamais a morte foi tão vulgarizada. Já mais se matou tanto na História do Mundo. As mortes que mais sentimos, entretanto, as que nos fazem chorar, estão na TV e nas telas dos cinemas e é natural que nos comovam pois as histórias são prisioneiras de um tempo de ficção: em duas horas vivemos a vida dos personagens e nos comovemos com elas. Mas mesmo essas mortes fictícias não mais nos comovem porque nelas – principalmente no cinema americano, esse moedor de carnes e de ilusões – são tratadas como coisas banais. Um palhaço metralha 500 pessoas de uma só vez e depois assopra a metralhadora e esse canalha é o herói dos nossos filhos; esse palhaço – para citar apenas um mas outros virão – é o novo governador da Califórnia. Descrente da política – que mais e mais vai se tornando empregada doméstica do poder econômico – os americanos resolveram eleger um herói de mentira, um produto de marketing, um idiota.

E, entretanto – que entretanto sangrento, meu Deus! –, no Brasil a situação é mil vezes pior. De 1964 para cá permitimos que roubassem

a nossa cultura, a nossa música, o nosso teatro; permitimos que roubassem as nossas estatais, as nossas riquezas, as nossas terras, a nossa identidade. Há mais sentimento de justiça no coração de um menino de cinco anos do que nos corações de todos os juizes do mundo e entretanto nós matamos nossas crianças de fome, de tortura, através do trabalho escravo, da falta de educação, higiene, saúde e até mesmo através da prostituição. Tratadas como ratos as crianças que sobrevivem e reagem, depois de criminalizadas na mendicância, na miséria e na marginalidade, quando não são assassinadas, são presas em cubículos onde são exploradas, sodomizadas, torturadas e finalmente mortas. O ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República, sr. José Dirceu, sabe disso pois declarou isso em alto e bom som. Passou, entretanto, a impressão de que não tem nada a ver com a situação; quem deve tratar desses problemas é a ONU, uma instituição a serviço dos nossos algozes, os Estados Unidos. Não estou querendo dizer com isso que a ONU (e todas as organizações que assim entenderem) não deva investigar o que se passa nos calabouços da justiça, muito pelo contrário. É triste, porém, ver o ponto a que chegamos.

Estive em algumas guerras e ouvi o testemunho de jovens soldados que mataram

outros jovens soldados. Todos me declararam que jamais seriam os mesmos. O que mais me impressionou, entretanto, foi uma cena do filme *Cidade de Deus* (uma extraordinária e reveladora obra de arte como *Carandiru*). Foi a cena em que um menino de menos de dez anos mata várias pessoas com um revólver e o faz se divertindo: como se aquelas pessoas, tal qual latões de cinema, depois de baleadas fossem se levantar e tirar a maquiagem de quetchup. A este ponto chegou a associação do crime organizado de direita com um poder político e econômico cujo única ideologia é a ganância. Crianças pobres matam antes mesmo de intuírem o que é a morte.

A pior combinação, a mais terrível e cruel que possa existir é a do poder com a ignorância. Bush representa esta combinação. Se a classe dominante mundial não se regenerar (não falo em ONGs sem fins lucrativos) e se der conta de que o mundo não pode viver sem uma filosofia humanística (estou falando do marxismo sim e da sua adaptação aos diversos contextos geográficos e sociais), estamos marchando para a barbárie e o suicídio. Desta vez não sobrá uma barata para contar a história da nossa espécie, que pós tanta destruição do ato de existir.

Lula e o PT – mas principalmente Lula, por ser um filho do proletariado como eu e a maioria dos seres humanos – eram minha última esperança. Lula, embora trilhando o mesmo caminho do grande delinqüente, do campeão mundial da valdade, Fernando Henrique Cardoso, quer que tenhamos fé. Não sou um homem religioso e sei que não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. Meu negócio é acabar com os senhores.

Fausto Wolff
faustowolff@terra.com.br

(*) Crônica Familiar. Belo e comovente filme de Valério Zuffini que no Brasil passou com o título de *Dois Destinos*.

Brecht, Silva e Backes

Desde que assumi o presidente Lula vem dizendo que não pôde fazer o que quer mas faz o que pode. Foi eleito por uma esmagadora maioria de votos: o povo o queria e a classe média, temendo virar povo, também. O que ele pode fazer? Por enquanto, cumprir os ordens do FMI a fim de que o Brasil deixe de ser área de risco e as transnacionais aqui possam se instalar recebendo subsídios e isenções fiscais sem serem incomodadas por quaisquer leis trabalhistas. Elas dariam emprego ao nosso povo, um salário ridículo, infame e sem compromissos com os sindicatos, mas já seria alguma coisa. As que estão aqui, como a Eletropaulo e a Telemar, para dar apenas alguns exemplos, vão bem, obrigado. No caso da AES, esta transnacional teve não apenas uma dívida de quase 600 milhões de dólares perdida pelo BNDES como continua mandando na empresa.

As transnacionais com excelente trânsito no governo americano, como os bancos nacionais e estrangeiros, despediram a maioria dos funcionários, não pagam ao governo e mandam nada para fora. Para fora onde? — perguntará o leitor. Para qualquer lugar, pois as transnacionais não têm pátria: chupado todo o sangue dos trabalhadores de um país, mudam-se para o próximo, que cal no mesmo conto. Observem só a Parmalat, propriedade de ladrões. Falta, os gatinhos estão ricos e o governo terá de liberar dezenas de milhões de reais para não faltar leite para a classe média, pois que para quem ganha salário mínimo leite, mesmo cheio de cocô, é um luxo. Lula não disse, mas talvez quisesse salvar a Varig, durante décadas o orgulho nacional brasileiro, mas só pôde sufocá-la com mais impostos. Mais subserviente que FHC, Lula conseguiu aumentar o desemprego, diminuir PIB e a renda per capita. O que mais pôde? Taxar os inativos, aumentar os impostos, cristalizar o CPMF, diminuir a cesta básica, dar as costas para a questão social.

O que mais pôde Lula? Pôde fazer o ministério que bem entendeu e até colocar um banqueiro, ex-presidente de um banco estrangeiro, na direção do Banco Central. Pôde também viajar durante quase quatro meses e fazer discursos incentivando os outros governos a lutarem contra a pobreza, a miséria, a fome e o desemprego. Foi também muito aplaudido. E por que não seria? Qual o louco que convidaria o presidente do Brasil para visitar seu país — França, Índia, Estados Unidos, Espanha, escolhiam ali — para criticá-lo? Também pôde ir a Cuba e poderia ter falado contra o bloqueio americano que tenta assassinar a ilha, mas não o fez. Por quê? Lula também pôde refazer o seu ministério sem explicar, como não explicaria as razões das viagens, as razões dos nomes. Finalmente, Lula tem o apoio de todos os partidos — menos do PDT, que por culpa da não posse de Brasília para escolher seus assessores transformou-se numa agremiaçãozinha sem bola na agulha — e a solidariedade da “oposição”: PFL e PSD. Apesar disso continua dizendo que só pôde fazer o que pôde e não o que gostaria de fazer.

O que Lula gostaria de fazer? A reforma agrária? Não pôde. O que Lula gostaria de fazer? Dar força aos sindicatos? Não pôde. O que Lula gostaria de fazer? Dar prioridade à educação, à saúde, ao transporte, à moradia? Não pôde. Acabar com o trabalho escravo, com a prostituição infantil? Não pôde. Acabar com as mordomias de deputados e senadores que além dos 25 mil reais que recebem por mês ainda gastam — este é apenas um dos itens — em combatarem todos os meses entre 10 a 15 mil reais e empregam centenas de familiares? Não pôde. Moralizar os planos de saúde? Não pôde. O que Lula pô-

de? Pôde pedir que tenhamos fé. Pôde prometer 41 mil postos para futuros servidores públicos e dizer que quer um Estado forte ao mesmo tempo em que incentiva a privatização dos setores mais importantes da economia nacional. Ah, sim, houve outra coisa que Lula pôde fazer: obrigar os turistas americanos que aqui chegam a ter as mãos lambuzadas enquanto são entreteridos por belas passistas de escola de samba. Pessoalmente quero que os americanos se danem mas não creio que nenhum desses turistas digitalizados no aeroporto tenha vindo para cá a fim de explorar o edifício Avenida Central. Sim, Lula pôde fazer uma cortina de fumaça para não vemos o que ele prometeu fazer e não fez.

Um tornado é a fusão de dois ou mais ventos. Ele tem de quinhentos metros a dois quilômetros de largura e vários de altura e viaja a uma velocidade de 400, 500 quilômetros por hora destruindo tudo o que estiver na sua frente. Ano passado, os Estados Unidos foram vítimas de nada menos que seis tornados e morreram três pessoas. No Brasil este ano tivemos fortes chuvas em várias regiões. Eis os dados oficiais da Defesa Civil: 120.592 desabrigados em 405 municípios, 4.825 casas destruídas, 27.630 danificadas, 96 mortos, 112 feridos. É claro que os números são bem maiores pois a Defesa Civil não tem acesso, de um dia para o outro, às regiões mais longínquas e pobres onde não há nem telefonia. Lula esteve em Petrolina (Pernambuco) e Teresina (Piauí) para ver as chuvas de perto. Levou alguns ministros, não se sabe a razão, pois estariam melhor em seus gabinetes fazendo algo de útil à população. Lá, entre os desabrigados que aumentará o número dos sem teto, Lula disse as seguintes frases: “Vocês são vítimas do descaço que historicamente o poder público tem com o povo pobre do nosso país. O poder sempre vai ser escoteado para áreas que alagam e para a beira de um morro que escorrega”; “Não há milagre que num toque de mágica possa resolver”; “Não queremos ensinar o povo que já foi enganado a vida inteira”; “Vamos fazer 6 milhões de casas populares e as populações desabrigadas terão prioridade. Mas não podemos ser irresponsáveis e levantar as casas que caíram no mesmo lugar para que voltem a cair”; “Foi tanta reza que veio chuva demais. É verdade que 117 mil foram brutalmente atingidos mas tem uns 20 milhões que estão felizes diante da perspectiva de plantar e fazer uma colheita tão grande como nunca antes na vida”; “Vocês agora estão vivendo numa piscina”. O povo acredita, o povo se identifica com Lula, um foragido da seca, pois o povo está enlouquecendo. Além de lhe roubarem fisicamente, roubaram sua cultura e sua capacidade de raciocinar criticamente. É claro que Lula não tem culpa das chuvas, como não o tiveram FHC, Collor, Sarney e todos os ditadores militares. A culpa deve ser de Deus, que odeia os pobres. Quem sabe Deus nesta hora esteja reclamando: “Como odeio os pobres? Se fui eu que botei um operário pobre na Presidência!” Os jornais em sua linguagem burguesa anunciaram as emoções do presidente, dos ministros, do povo. Não registaram uma só indignação. Lula disse que tinha 32 milhões de reais e mais 7 milhões para impedir que o dique do Rio Poti delze 220 mil pessoas desabrigadas em Teresina. Juntas Vasconcelos, governador de Pernambuco, disse que a as costas básicas não estavam chegando e haveria multa burocrática para liberar o dinheiro. Ninguém indagou porque não houve burocracia para comprar um avião de 70 milhões de reais. Ninguém perguntou porque aquele povo faminto e desabrigado devia tanto dinheiro ao FMI.

Vou me dar ao luxo de falar sobre literatura — algo aparentemente light mas que na História da Humanidade tem contribuído para a paz e perdido para

a política no sentido de colocar o homem e não o lucro no centro do Universo. Marcello Backes tem 29 anos e nasceu, filho de colonos de descendência alemã, na colônia de Campina das Missões, no Rio Grande do Sul. Com muito esforço concluiu 5 r.us estudos no Brasil e desde 1999 vive em Freiburg ao lado da Floresta Negra, onde está concluindo o doutorado em Literatura Alemã e Romântica com bolsa de estudos fornecidos pelo governo alemão. Um país destruído que consegue se dar a esses luxos? Enviou-me seu livro *A Arte do Combate*. É, sem dúvida, o melhor livro sobre a literatura alemã que já li e se estende da Idade Média de Eschenbach, à reforma e ao barroco de Martinho Lutero e Hans Sachs, ao Iluminismo de Lessing, ao romantismo de Goethe e de Heine, à virada do século de Nietzsche, ao pré-segunda guerra de Kafka e Bertolt Brecht para finalizar com a literatura alemã contemporânea. Backes é um crítico na acepção crítica da palavra, aquele que dissidentemente ajuda o leitor a separar o verdadeiro escritor (que tem um compromisso com a verdade, a indignação e a busca do porquê o homem faz o que faz e do porquê o homem é o que é) do falso profeta. Eu pretendia escrever um ensaio sobre a *Arte do Combate*, mas não creio que um escritor profissional deva criticar outros escritores, pois sabemos como é difícil a nossa vida. Temos bons críticos literários como Martins, Castello, Seffrin, Luiz Horácio, para citar alguns poucos abnegados. O que não temos é um jornalista literário o que temos está mais interessado em formar panelinhas de ajuda mútua e de promover best-sellers internacionais, principalmente americanas que ganham algumas letras. Backes não é um alienado como tantos que conhecem a vida, que sabem tudo sobre o que se passa na Europa e nada do que acontece no Brasil. O ponto alto do seu livro é, aliás, a visão brasileira da literatura alemã e do povo alemão, que é capaz de gerar um Goethe, um Schiller, um Dostoiévski e é capaz de criar condições para um Hitler, mais recentemente para um carnal condenado a oito anos de cadeia porque matara e devorara a vítima a pedido dela. O capitalismo não tem culpa sobre as costas porque — afinal de contas, de uma forma ou outra, descendemos todos de carnívoros. O que me espanta é que mais de 50 pessoas já haviam se oferecido ao carnal através da Internet para serem mortos e devorados. O Inferno de Dante era refresco comparado com o que se passa nestas cabeceiras. Mas voltando a Backes, ele é muito brasileiro e conhece como poucos a nossa literatura. Voltar para ensinar os jornais lhe dá uma oportunidade única que não acredito, pois, como o poder, a imprensa também acredita que quanto mais lêtiota for o leitor melhor consumido ele será.

Em seu livro Backes apresenta e comenta aforismos, poesias, segmentos de contos, romãs, peças e romances que traduziu com maestria. Alongo-se um pouco mais sobre uma das características que mais influenciaram o século 20 na minha opinião, o dramaturgo Bertolt Brecht, com raras exceções assassinado no Brasil por falta de compreensão do seu método, que chamava de *werfendunpeffekt* ou efeito de estranhamento: como ver o que há de singular no lugar-comum. Para facilitar a compreensão do leitor, em vez de usar “Teatro Dramático” e “Teatro Épico” (de Brecht) usarei BB e PT (mas poderia ser qualquer outro partido brasileiro pois são todos iguais): PT envolve o povo numa trama e BB o transforma em observador ativo; PT exure a atividade, BB estimula a atividade; PT permite sentimentos, BB arranca decisões; PT proporciona emoções, BB proporciona noções; PT ensina o povo na ação, BB o coloca face a uma ação; PT submete o povo a sugestões, BB o submete a argumentos; PT respeita sensações, BB impõe a consciência; PT pressupõe o homem

um ser conhecido, BB vê no homem objeto de indagações; PT vê o homem imutável, BB vê mutável e modificador; PT vê o homem como dado fixo, BB como processo; para o PT o pensamento determina a existência, para o BB a existência social determina o pensamento; no PT predomina o sentimento (como o de Lula emocionando-se com a flagelação que só tinha um colchão e deu-o para a vizinha gravida), em BB predomina a razão.

Talvez a coisa fosse outra se em vez de brechtistas e nietzsas de Tv tivéssemos tido teatro, operários e camponeses montando peças didáticas de Brecht devidamente abrasileiradas como tão bem o fazia Vinícius, Mas como disse o Brasil brilhantemente referindo-se aos gatinhos da Parmalat, “não adianta chorar pelo leite derramado”, que leite derramado? Aquelas escolas que o PCB não criou em todas as favelas do Brasil, preferindo mudar seu nome para PPS.

Em seu livro belamente editado pelo Boitempo, Backes traduz de modo primoroso um conto didático do dramaturgo August Strindberg chamado *Se os tubarões fossem homens*, sobre o qual, tenho certeza, os leitores refletirão.

“Se os tubarões fossem homens eles seriam gentis com os peixes pequenos?”, perguntou a filha da caseira ao sr. Keuner. “Com certeza” — disse ele. “Mandar construir caixas para os peixes vazarem com todo tipo de alimento vegetal e animal. Renovar a água e adotar as providências sanitárias cabíveis. Se um peixinho se ferisse trataram do seu machucado para ele não morrer antes do tempo. Para que não ficassem tristes os tubarões lhes dariam festas aquáticas porque os peixes alegres têm melhor gosto. Nas grandes caixas haveria escadas onde os peixinhos aprenderiam a nadar diretamente para a goela dos tubarões. A aula principal seria sobre formação moral. Os peixinhos aprenderiam que é belo sacrificar-se para os tubarões que velam pelo futuro dos novos peixinhos. Os peixinhos só teriam culpa se obedecessem. Primeiro os peixinhos não poderiam ser ingênuos, materialistas ou manistas. Deviam denunciar aos tubarões qualquer colega que tivesse tais inclinações. Se os tubarões fossem homens guerreariam entre si e as guerras seriam conduzidas pelos próprios peixinhos. Ensinariam que eles eram muito superiores aos peixinhos de outros tubarões. Os peixinhos, como todos sabem, são mudos e calam nas mais diversas linguagens. Cada peixinho que matasse mais peixinhos de outra língua morda ganharia medalhas e seria herói. Haveria também arte. Nas telas as goelas dos tubarões seriam pintadas como parques de diversão e nos bastos mostrariam valerosos peixinhos nadando diretamente para dentro dos tubarões. A música seria tão encantadora que os peixinhos em êxtase entrariam em bandos para as gargantas dos tubarões. A religião ensinaria que só no estômago do tubarão é que a vida começa de verdade. Os tubarões acabariam com a igualdade entre peixinhos. Uns mandariam nos outros de acordo com seus cargos. Os maiores podiam até comer os menores pois mais gordos estariam quando fossem comidos pelos tubarões. Só assim haveria civilização no mar se os tubarões fossem homens.”

Não tenho certeza, mas acho que este conto foi escrito antes da ascensão de Hitler. Já imaginaram se os alemães o tivessem preferido a *Mein Kampf*? Mas não estamos na Alemanha, não temos Brecht e sabemos apenas que Lula quer fazer coisas boas e não o deixam. A pergunta que não quer calar é: quem não deixa? Por que ele não denuncia esses canalhas que não o deixam fazer coisas boas para nós, peixinhos? Por que não pode ou por que não quer?

Fausto Wolff
faustowolff@terra.com.br www.Faustowolff.org

Fausto Wolff

faustowolff@terra.com.br www.faustowolff.org

FOI TANTA MEIURA QUE VOCÊ CONTOU!

Depois de muitos porres e pontadas cheguei à conclusão de que só aceito um tipo de mentira: a gentil. Aquela que não terá consequências no lugar da verdade inútil que feria uma ou mais pessoas que amamos. Quando adolescente uma namorada mentiu para mim. Disse-lhe na ocasião: "O que me dói não é a tua mentira mas a certeza de que nunca mais poderei acreditar em ti". Eventualmente, mentiras gentis podem causar embargões. Lembro-me que há muitos anos estava no Libano, acompanhado de jornalistas de várias nacionalidades. Chegamos a um acampamento e o almoço foi servido. Todos comiam com as mãos e os passados à sua boca. Tentei explicar que o garfo não fora inventado para ser instrumento decorativo. Os árabes também estranharam a alegria dos brasileiros pois só comiam daquele jeito em acampamentos. Podiam ser bombardeados a qualquer hora e não queriam preocupar-se com os talheres. Em casa comiam como pessoas civilizadas que eram. Deixo para a imaginação de vocês a cara dos jornalistas que queriam voltar à tábua de Pedra.

A mentira e a política são irmãs siamesas. A mentira confunde-se com a pele dos políticos. No fim dos anos 60, princípio dos 70, um bando de intelectuais burgueses com complexo de culpa decidiu que o trabalhador Lula não tinha defeitos e tudo o que ele fazia era bonito. Aquela altura já deveríamos ter descoberto que esses intelectuais eram burros. Lula chegou ao governo despreparado e rodeado de incompetentes cuja única bandeira era a de demonstrar mais fidelidade a Washington do que o grande bufador FHC. Lula cometeu erros sobre erros, mais por incompetência brega do que má fé, e todos confundem isso com sofisticação: tanto o Fome Zero, a ridícula reforma do Totto como o avião, com banheiro, de 70 milhões de dólares. Um escárnio. Seu erro principal, como o de Collor, foi mentir logo no primeiro ano de governo. Mentiras aguçadas, o presidente tomou tempo e decidiu ser surrealista. O verdadeiro Diário Oficial, o jornal O Globo, publicou recentemente uma entrevista onde saiu-se com palavras dignas de Salvador Dalí: "P. O que acha de o Copom interromper o que está sendo feito? R. "Quando a gente governa a gente faz ou não faz. Achar é para comentarista ou para a oposição". P. O senhor acha exagero o que o Banco Central fez? R. "Acho que o Palácio ignora em balcão os juros. Acho que o Meirelles sonha em baixar os juros. Eu sonho todos os dias em baixar os juros." Surrealismo ou código criptográfico? Todo mundo achou bobetinho.

Por enquanto Lula só mentiu e tentava de continuar mentindo. Isso o eleitorado, por mais alienado que seja, não perdou. FHC só começou a mentir no atacado a partir do primeiro dia do seu segundo mandato. Waldomiro, como variável, deteu marcas na alma – logo apareceu na cara – de muita gente. Estão ali, ao lado de Lula, muitos de boa família como ACM, Sarney, Barbalho e Roberto Jefferson que não me deixam mentir mas aplaudem as mentiras do governo.

Mestres Quinto Dan da mentira, porém, são os americanos. Um grande mentiroso, Ronald Reagan, bateu as botas outro dia e foi ao inferno pois que se não há justiça na Terra deve haver alguma em algum outro lugar. Quando disseram a Jack Warner que Reagan ia ser governador da Califórnia, o produtor achou que se tratava de um filme e respondeu: "Não, Henry Forda para governador e Reagan para o melhor amigo." Não o conheci pessoalmente mas fiz uma entrevista com sua primeira mulher, Jane Wymann, que recebeu um Oscar por Johnny Beardo. Ela me disse: "Passei casada pouco tempo com Ron mas foi o tempo mais longo da minha vida, tamanho o tédio." A melhor lembrança que tenho de Reagan nas telas é da refilmagem de Killers, adaptação de um conto de Hemingway. Quase no fim, John Cassavetes, extraordinário ator e diretor, dá uma bela porrada na cara de Reagan, que em 1980 seria presidente dos Estados Unidos. Um povo que vota em Reagan por que não votaria em Schwarzenegger e quem sabe, Leonardo DiCaprio? Já um povo que vota em Rosinha porque amanhã não votaria na Xuxa?

Como FHC, Reagan mentiu no varejo no primeiro mandato mas exagerou no segundo. Quase bate o recorde de Nixon. Hoje sabe-se que ambos tinham inveja de outro moço de boa família, o Colômbio, que no primeiro mandato conseguiu mentir e roubar muito, mais do que os dois juntos. Reagan era um homem paradoxal. Adorava heróis de guerra mas passou o segundo conflito mundial fazendo filmes de propaganda militar em Hollywood. Nesta época dizia-se liberal mas o FBI não demorou muito a convencê-lo a deixar seus colegas que julgasse comunistas e Reagan botou muitos na lista negra. Como ator era um canastrão, mas até hoje é considerado o presidente que mais bem discursava. Sabia agradar o público fazendo pouco de si mesmo e anunciando medidas órfãs interatendidas com piadas. Dizia-se religioso mas nunca foi visto numa Igreja. Seu calcanhar-de-Aquiles foi o escândalo Irã-Contras descoberto em 1986.

Numa tentativa de liberar reféns americanos no Líbano, Reagan, secretamente, aprovou a venda de armas para o Irã. A revelação misso os esforços da administração no sentido de persuadir seus aliados a não venderem armas para o Irã, então envolvido na longa guerra contra o Iraque. Com o dinheiro (e não foi pouco) recebido do Irã, o governo Reagan, tendo à frente John Pointdexter e o tenente-coronel Oliver North, de extrema-direita, passou a sustentar com armas os sanguinários Contras que queriam derrubar o governo Sandinista. Neste sentido, pela estigúdio temor de que a Nicarágua poderia virar Cuba e levar consigo toda a América Central, Reagan foi responsável pela morte de centenas de milhares de camponeses, homens, mulheres e crianças. Por muito tempo, ele, que chegou a comparar os Contras com "fundadores da Nação", insistiu sem sucesso para que o Congresso liberasse dinheiro para combater o "comunismo" na América Central.

Quem está mais sujo que pau de galinheiro é o baixinho psicopata e atual presidente dos Estados Unidos graças às eleições fraudadas na Flórida, estado que seu irmão Jeb divide com a máfia cubana. Este é tão incompetente em lidar com a im-

prema como Lula (e olhe que ambos têm os grandes grupos de comunicações nas mãos) que, em vez de dizer a Larry Rohter, notário agente da CIA e alcoôlatra, "cachadeiro é você!", transformou uma nota de página interna em manchetes no mundo inteiro. Claro que Bush não teria coragem de fazer o que Lula fez porque na família os que se disparam menos – nas três gerações – são os bebuns. Como Lula, Bush pôs os pés pelas mãos e não tem quem o informe. Odiado por mais de 70% dos eleitores (menos pela guerra em si e mais por ter mentido ao dizer que Hussein escondia armas capazes de explodir os Estados Unidos algumas vezes) Bush acha que será reeleito por sua defesa do território nacional. O vice Cheney (militário e ladrão do dinheiro público) já ameaçou: "Se o presidente não se reeleger, vencerão os terroristas." Bobagem, vai vencer Kerry, um bundão que mesmo se esforçando não conseguirá ser pior do que Bush. Este não deveria se vangloriar de sua política antiterrorista, pois os árabes não fazem outra coisa senão passar a perna no seu staff bélico.

O nome do sujeito que desmoralizou a segurança americana é Ahmad Chalabi. Era o cabeça do "grupo iraquiano dissidente que queria derrubar Saddam Hussein. (Deixei de está, com quem está que não responde agora?) Amado por Rumsfeld e Cheney foi guindado à posição de protetor do Iraque depois da queda de Saddam. E isso apesar de ter uma ficha policial mais extensa que a do nosso Fernandoinho Beira-Mar. Foi condenado por fraude em 32 contas bancárias na Jordânia e condenado in absentia – a 22 anos de prisão. Foi nomeado homem forte apesar de já mais ter pisado no Iraque depois da adolescência; de não ter poder e não ter influência em nenhum país do Oriente Médio. Como, porém, é amado pelos neoliberais conservadores, já está metendo a mão nos dividendos de petróleo num Iraque que controla pouco menos até a hora em que escrevo.

Quando tomou posse em Janeiro de 2001, Bush e sua gangue saíram que invadiriam e ocupariam o Iraque. Esperam as torres caírem e depois de arrasarem o Afeganistão, Chalabi lhes deu o motivo para invadirem a terra de Hussein: as armas de destruição em massa. Nos Estados Unidos, como aqui, Imprensa e Poder se confundem. Chalabi era grande amigo e informante da jornalista Judith Miller do New York Times. Baseada nas informações dele a moça escreveu dezenas de artigos amedrontando os americanos com a explosão de mísseis iraquianos em solo pátrio. Baseados na reputação claudicante (é isso aí mesmo, vem de Claudius, o imperador romano que além de como era capanga) do jornalista, os outros seguiram dona Judith e suas palavras tornaram-se verdades axiomáticas. Foi a heresia do século e foram poucos os jornalistas que não participaram dela. Para os americanos, graças principalmente a Chalabi e Judith, Osama bin Laden e Saddam Hussein eram quase amantes e o Iraque tinha poder bélico para acabar com todo o nosso sistema planetário. Nada foi provado. Chalabi garantiu a Rumsfeld que a invasão e domínio do Iraque seriam pale de dez; que os iraquianos receberiam em abundância como antes de 11. Mil soldados americanos mortos depois, 12 mil soldados americanos feridos depois, 10 mil iraquianos (mulheres, velhos e

crianças inclusive) mortos depois, centenas de bilhões de dólares gastos depois, surgiu, a verdadeira bomba, a bomba para valer. Por que Bush, Rumsfeld, Wolfowitz, Condoleezza Rice, Colin Powell acreditaram no vigarista? Pela razão mais velha no mundo do estelionato: ele lhes disse o que os incautos queriam ouvir e acreditar. Simplesmente trocaram todo o serviço de inteligência americana – CIA principalmente – pelo bom Chalabi. Vou fazer um parágrafo porque, se vocês ainda não sabem, essa é muito boa.

Descobriu-se agora que Chalabi de fato servia aos interesses da segurança nacional do Irã, e o mais singelo nesta sangrenta piada de português é que o Irã, sim, mantém relações operacionais com o terrorismo e tem um vasto programa para o desenvolvimento de armas de destruição em massa. Roupa de mingueira, como quem não quer nada mas se enjando deita, a CIA informa que tem provas irrefutáveis de que Chalabi é agente do governo iraniano, que usava sua intimidade com Bush para fabricar falsas evidências contra Saddam: evidências que os falcozes de Washington engoliam como se fossem pedações de férisão. O pior (ou o melhor dependendo da sua posição política) vem agora. Segundo o veterano repórter do inglês UK Guardian, Julian Bergel, que não é nenhuma dona Judith, a CIA sabe que Chalabi e seu chefe de inteligência, Asas Karim Habib, passaram todos os planos secretos dos Estados Unidos para Teerã, mediante muita grana, à clara. Foi o governo iraniano que passou aos dois malandras as informações que permitiram a criação de um caso de guerra contra o Iraque. Como dit o grande jornalista independente William Rivers Pitt em sua agência de notícias Truthout: "Os iranianos fizeram barba, cabelo e bigode na gente". Ou seja: há anos que o serviço secreto dos aliatos vem manipulando os Estados Unidos através de Chalabi. Larry Johnson, um ex-agente de contra-espionagem, declarou: "Quando a verdade vier à tona, veremos que o Irã pôs em prática uma das mais fantásticas operações de espionagem da História do Mundo. Fez com que os Estados Unidos e a Grã Bretanha, a Espanha, Itália e até Dinamarca acabassem com seu (do Irã) pior inimigo."

O que acontecerá em seguida: 1) os iraquianos vencerão os ame-nhamitas; 2) depois da vitória o país será controlado por um testa-de-ferro dos aliatos; 3) O Irã tem todos os segredos operacionais dos serviços secretos de Washington que envolvem segurança nacional e aos quais apenas um seleto grupo de americanos teve acesso. Enquanto isso, os Estados Unidos gastam bilhões de dólares e perdem milhares de vidas não só de seus soldados mas de seus aliados. América do Norte, riso universal. Para finalizar, existem 130 mil soldados no Iraque, jovens capifras e jovens negros odiados por uma população que pensavam estar salvando. Suas vidas não valem um centil. Para realizar este trabalho, desde que Bush tomou posse, Chalabi ganhou um salário de 340 mil dólares por mês.

PS: Meu caro Lula, é por causa deste país, por causa da falsa dívida que insistes em pagar com o sangue do nosso povo trabalhador, que o Brasil está na situação em que está. Aprenda com os erros de Bush e não minta mais. Ainda há tempo para desatarmos a nossa economia dos nossos algozes. Ainda há tempo para se fazer uma revolução popular.

